

RICKLEY LEANDRO MARQUES

**A CONDIÇÃO MARIEL: memórias subterrâneas da experiência
revolucionária cubana (1959-1990)**

**Brasília-DF
2009**

RICKLEY LEANDRO MARQUES

A CONDIÇÃO MARIEL: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Jaime de Almeida

Brasília- DF

2009

RICKLEY LEANDRO MARQUES

A CONDIÇÃO MARIEL: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Brasília, 06 de abril de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jaime de Almeida – UnB
Presidente

Profa. Dra. Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal
Membro Efetivo

Prof. Dr. Stephen G. Baines
Membro Efetivo

Profa. Dra. Maria T. F. Negrão de Mello- UnB
Membro Efetivo

Profa. Dra. Cléria Botelho da Costa
Membro Efetivo

Prof. Dr. José Walter Nunes
Membro Suplente

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu orientador Jaime de Almeida que sempre acreditou na viabilidade do tema e me ajudou sobre maneira em todo percurso da tese. Não poderia deixar de citar a pós-graduação da UnB e de todos seus representantes: professores, alunos e funcionários, que sempre estiveram prontos para me auxiliar.

Ao CAPES que me auxiliou com o PROCAD e o CNPQ com a bolsa do Doutorado. Ao CECAB, Centro de Estudos do Caribe no Brasil, e a sua fundadora a professora Olga Cabrera que abriu as portas para que os graduandos da UFG ainda nos anos de 1990 pudessem se interessar por temas distintos do tradicional mestrado em histórias agrárias da pós-graduação em história da nossa universidade.

À professora Tereza Negrão pelas sugestões dadas na qualificação da tese.

Ao sociólogo e amigo Rubens Benevides pelos debates e por vários livros que eu ainda hei de lhe devolver!

Ao Senhor Jorge Portilho, da Empresa MGI Tecnogin, no Rio de Janeiro que digitalizou sem custos para mim, o rolo Culture in Cuba (P0909) onde se encontram as revistas Termino, Unveiling Cuba e Mariel de Arte y Literatura produzidas pela Geração Mariel no exílio sendo que os originais desta coleção se encontram na Princeton University Latin American Collection.

Em Cuba, agradeço a algumas pessoas que permaneceram no anonimato, por ter oferecido o acesso à documentação relativa ao fenômeno Mariel.

A meu irmão João Paulo e a Suiane por sempre estarem por perto.

Por fim, agradeço o apoio de minha companheira Isabel Ibarra que me aturou nos momentos em que me perdia na investigação e, posteriormente, na redação da tese. E as minhas meninas, Marina e Beatriz, que mesmo sem auxiliar em nada! Significam tudo!

RESUMO

No presente trabalho, investigamos o grupo de intelectuais e artistas exilados cubanos autodenominados Geração Mariel, que emigrou de Cuba para os Estados Unidos da América em 1980 pelo porto de Mariel. Por meio da análise de documentos, depoimentos, escritos e da literatura produzida pelo grupo, abordamos o projeto identitário da Geração Mariel. Com o desenvolvimento da pesquisa, percebemos que o grupo travava uma batalha por suas memórias na ilha. Nas narrativas da Geração Mariel emergem os atritos causados pela proposta revolucionária cubana de transformar a sua nova geração (a juventude) no **homem novo**. Este era um dos principais objetivos da revolução em seus primeiros anos. Entendemos, também que a Geração Mariel foi antes de tudo uma parcela da juventude cubana, sobretudo havaneira, que não quis ou não pôde se estabelecer na nova configuração social em curso e que, por meio de uma nova ética moral, procurava moldar os futuros revolucionários da ilha. Na primeira parte deste trabalho, procuramos compreender os pressupostos revolucionários para a formação de uma nova sociedade cubana e, sobretudo, para a educação de sua juventude. Na segunda parte, analisamos como a migração Mariel foi representada: seja pela direção política do governo cubano, seja na imprensa do país. A representação feita nos Estados Unidos da América, principalmente pela maioria da comunidade cubana de Miami, também foi analisada. Por fim, observamos as representações de alguns integrantes da Geração Mariel que, a nosso ver, travaram uma batalha, por meio de suas narrativas e memórias, na luta pelo seu reconhecimento social. O combate dos integrantes do grupo com seus compatriotas pela justificativa de suas vidas é o que, em alguns momentos, demarca as diferenças de trajetória, experiências e perspectivas em relação ao futuro da ilha. A condição de *outsiders* em Cuba e no exílio acabou levando-os a se definir como uma nova representação da cubanidade: a Geração Mariel.

Palavras-chave: Geração Mariel; Identidade, Literatura; Revolução Cubana; Juventude; Exílio.

ABSTRACT

Mariel Condition: the underground memories of the Cuban revolutionary experience (1959 – 1990)

In the present work we investigated the group of intellectuals and artists exiled from Cuba, self-called Mariel Generation, which emigrated from Cuba to the United States of America in 1980 through the port of Mariel. After analyzing documents, statements, written material in general, and literature produced by the own group, we approached the identity project of the Mariel Generation. During the research we realized that the group struggled for their memory on the island. The dissensions caused by the Cuban revolutionary proposal to transform its new generation (youth) into the **new man** emerged from the narratives of the Mariel Generation. This was one of the main objectives of the revolution in the first years. We also understood that the Mariel Generation was, above all, a part of the Cuban young generation, mainly from Havana, which did not want or could not establish themselves within the new ongoing social configuration and that, through the means of a new moral ethics, looked for molding the future rebels on the island. In the first part of this study, we tried to understand the revolutionary principles aiming to constitute a new Cuban society and, moreover, to educate their youngsters. In the second part, we analyzed how the Mariel migration was represented in the perspective of both the Cuban political leadership and the Cuban media. The representation carried out in the United States of America, principally by most members of the Cuban community in Miami, was analyzed as well. Finally, we observed the representation of some individuals of the Mariel Generation, who, as far as we are concerned, fought through their narratives and memories to achieve their social recognition. In some moments, the battle the members of this group had to fight against their fellow country people to justify their lives distinguishes the differences in trajectory, experience, and perspective on the future of the island. The fact of being outsiders both in Cuba and in the exile made them define themselves as a new representation of Cuban identity: the Mariel Generation.

Key words: Identity; Literature; Mariel Generation; Cuban Revolution; Youth; Exile.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AINC – Associação Nacional de Industriais de Cuba
AJR – Associação de Jovens Rebeldes
ANAP – Associação Nacional de Pequenos Agricultores
CDR – Comitês de Defesa da Revolução
CIA – Agência Central de Inteligência
CTC – Central de Trabalhadores de Cuba
DRE – Diretório Revolucionário Estudantil
FAR – Forças Armadas Revolucionárias
FEU – Federação Estudantil Universitária
FMC – Federação de Mulheres Cubanas
FOH – Frente Operário Humanista
ICAIC – Instituto Cubano de Arte e Industria Cinematográfica
ISN – Serviços de Imigração e Naturalização
JUCEPLAN – Junta Central de Planificação
MININT – Ministério do Interior de Cuba
OEA – Organização dos Estados Americanos
ONU – Organização das Nações Unidas
ORI – Organizações Revolucionárias Integradas
PCC – Partido Comunista de Cuba
PM – Post - Meridiam
PSP – Partido Socialista Popular
PURS – Partido Unido da Revolução Socialista
UMAP – Unidades Militares de Ajuda à Produção
UNEAC – União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba
UPEC – União de Periodistas e Escritores de Cuba

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| PARTE I - A REVOLUÇÃO CUBANA DE 1959-1979: A FORMAÇÃO DA CONDIÇÃO MARIEL | 22 |
| CAPÍTULO I – A ILHA | 23 |
| 1.1- A revolução cubana, Fidel Castro e a busca de um projeto hegemônico.... | 25 |
| 1.2- A atmosfera social em Cuba e suas ressonâncias no mundo: os principais órgãos da cultura cubana ICAIC e Casa de las Américas | 49 |
| 1.3 – “Palavras aos intelectuais” ou a primeira censura do governo revolucionário:o caso do documentário PM | 53 |
| CAPÍTULO II – O HOMEM NOVO | 62 |
| 2.1- A construção do homem novo em Cuba | 62 |
| 2.2- A escola dos trabalhadores em Cuba | 76 |
| 2.3- A repressão aos homossexuais em Cuba: a nova moral revolucionária | 91 |
| CAPÍTULO III – O SATÉLITE | 104 |
| 3.1- O caso Padilla | 104 |
| 3.2- A adoção do modelo soviético e o Congresso de Educação e Cultura de 1971. | 119 |
| PARTE II – A IDENTIFICAÇÃO DA CONDIÇÃO MARIEL | 131 |
| CAPÍTULO I - O PORTO | 132 |
| Introdução | 132 |

| | |
|--|------------|
| 1.1 – O Mariel como fenômeno | 137 |
| 1.2 – Da invasão da Embaixada do Peru até a abertura do Porto de Mariel: o acirramento nas relações entre Cuba e os EUA | 140 |
| 1.3 – O discurso do governo cubano, as manifestações dos “estabelecidos” e a estigmatização dos marielitos | 152 |
| CAPÍTULO II – A TRAVESSIA | 170 |
| 2.1 - A “recepção” dos marielitos nos EUA | 170 |
| 2.2 – A Geração Mariel e a alternativa Mariel de identidade | 181 |
| 2.3- A revista Mariel de Arte y Literatura e a sua comunidade de leitores | 199 |
| CAPÍTULO III – O NAUFRÁGIO | 211 |
| 3.1 – Al norte del infierno | 212 |
| 3.2- Boarding Home | 227 |
| 3.3 – O Porteiro | 235 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 250 |
| REFERÊNCIAS | 257 |

INTRODUÇÃO

Antes de entrar no objeto de pesquisa propriamente dito é preciso, em minha opinião, discorrer sobre o que levou a um historiador goiano a se aventurar por um tema tão distante de sua realidade. Desta forma considereí razoável uma apresentação dos motivos que me levaram ao tema e posteriormente a construção do objeto.

A presente tese intitulada *A condição Mariel* teve o seu início ainda no final do século passado, não como um projeto de tese ou de pesquisa, mas sim como um estranhamento, quando tomei conhecimento, nos anos 90, da crise política de 1980 em Havana que levou aproximadamente 125.000 cidadãos cubanos a atravessar o estreito da Flórida, criando a rota Mariel - Cayo Hueso, desde Havana até Miami. Não me parecia aceitável que uma migração desse porte, uma das maiores evasões durante a guerra fria, tivesse sido tão pouco analisada e debatida no Brasil, que sempre teve a revolução cubana e a ilha socialista como um instigante objeto de investigação. *A Ilha* de Fernando Morais, por exemplo, havia sido publicada em 1979, um ano antes do Mariel, e se converteu num dos maiores sucessos editoriais daqueles anos. Também o livro *Da Guerrilha ao Socialismo: a revolução cubana* de Florestan Fernandes foi amplamente divulgado e bem recebido pela academia brasileira a partir de 1979.

O intelectual francês Jean Paul Sartre declarou em uma visita ao Brasil ficar surpreso com o interesse dos brasileiros pela revolução cubana. Sartre afirmou que o tema era recorrente em quase todas as palestras e colóquios que teve no Brasil, o que levou a interpretar que o destino da revolução cubana era mais instigante para os brasileiros que o próprio futuro do país. O Brasil, com efeito, não atravessava um momento de grandes expectativas durante aqueles anos, e não se deve esquecer que o destino da ilha caribenha era acompanhado com ansiedade por todas as nações da América Latina naquele momento, período no qual não se questionava, pelo menos não como se faz hoje, a viabilidade do próprio conceito de América Latina em tempos de globalização. Após essa explanação a questão continuava latente. Ora, se a revolução cubana era tão relevante para o Brasil e toda a América Latina, mas por que o fenômeno Mariel havia sido tão pouco explorado? Por que até aquele momento eu mesmo nunca havia me deparado com um debate sobre a crise política cubana que culminou na migração pelo porto de Mariel?

A princípio a resposta me foi dada de forma depreciativa. Não seria o fenômeno Mariel que havia sido pouco explorado e sim o meu alcance sobre o tema é que não era vasto. O que, é claro, não me deixou muito satisfeito e me afastou temporariamente do meu incipiente objeto. Naquele momento passei a me indagar de que maneira eu, um historiador brasileiro que mal falava o “portunhol”, recém formado nos sertões do hemisfério sul, em um local que sequer era banhado pelo mar, poderia acrescentar algo à história da ilha. Contudo, a minha ligação com a Cuba ia um pouco além das restrições geográficas e lingüísticas, pois compartilhava (e ainda compartilho) a minha vida com uma cubana e pertencia há mais tempo ainda ao CECAB (Centro de Estudos do Caribe no Brasil) que procurava se afirmar desde os anos 1990 como uma referência de estudos caribenhos no Brasil, a partir de Goiânia, sob a direção obstinada da intelectual cubana radicada no Brasil Olga Cabrera. Desta forma, as distâncias e as fronteiras foram aos poucos sendo encurtadas, embora jamais superadas completamente, sobretudo, em relação à procura das fontes.

Aos poucos passei a ler a obra do escritor Reinaldo Arenas, um dos principais representantes da autodenominada Geração Mariel, o que acentuou meu interesse pelo tema e me convenceu de que eu não podia deixar de empreender a construção de um projeto sobre o tema. Contava com o incentivo que Isabel, minha companheira cubana, me dava. A Geração Mariel enquanto um grupo de exilados cubanos em busca de uma nova identidade no exílio passou a ser o meu objeto de pesquisa. Procurei observar, a partir das narrativas de seus integrantes, como eles representavam a travessia de Mariel-Havana a Cayo Hueso-Miami, entre a ilha que representava o paraíso da esquerda latino-americana da época e o “monstro” imperialista como afirmava José Martí. Enfim, uma travessia em um mundo dividido pelas representações bipolares da guerra fria. Desta forma procurava compreender o fenômeno Mariel e, sobretudo, analisar a representação que um grupo de escritores, intelectuais e artistas exilados nos Estados Unidos da América, a Geração Mariel, fazia destes episódios.

Após um primeiro levantamento percebi que o tema não havia sido tão bem estudado, como eu havia imaginado a princípio. Em Cuba a historiografia não trabalhava com assuntos pós-revolução de 1959. A defesa desta posição era a de que esses temas seriam muito recentes e não poderiam ser observados historicamente ainda. Desta forma o fenômeno Mariel era quase intocável na ilha. Passei a investigar a historiografia produzida

em Miami onde há vários grupos de pesquisa, principalmente sociológicos, que se dedicam a estudar imigrantes, especialmente, os cubanos. Para minha surpresa, eram poucos os trabalhos sobre o Mariel e os marielitos e, em geral, mantinham um enfoque exclusivamente sócio-econômico. Por fim, era praticamente inexistente naquela época um trabalho historiográfico particularizado sobre o Mariel e ainda mais sobre a Geração Mariel fora do eixo Havana-Miami. Assim, quando surgiu em 1999 um programa de cooperação entre a UEG (instituição à qual eu era integrado) e a UnB para a realização de um mestrado interinstitucional, apresentei o projeto: *Geração Mariel: a construção de uma identidade*, que foi aprovado e teve a orientação da professora Tereza Cristina Kirschner.

A dissertação, mesmo com o apoio irrestrito da professora Tereza Kirschner, esteve mais restrita à construção da alternativa Mariel de identidade. Percebi então que discutir a Geração Mariel por meio de sua alternativa de identidade era restringir muito o objeto, e que seria necessário interligar as suas representações a outros pontos, por meio de uma pesquisa com maior amplitude e profundidade, o que infelizmente não pude na época realizar, até por se tratar de uma dissertação de mestrado.

Após defender a dissertação de mestrado afastei-me alguns anos do meu objeto de estudo. Devo ressaltar que, além das dificuldades empíricas, outras razões me fizeram evitar o tema. Tendo formação de esquerda e sendo oriundo do que hoje eu defino como tradição marxista, passei a ser indagado por colegas pelo fato de trabalhar com um objeto que era espinhoso, um aspecto sombrio da revolução cubana. Na época essa temática era algo quase intocável junto à esquerda brasileira. Ao enviar um artigo a uns amigos que editavam uma revista acadêmica de orientação marxista da “ampla” esquerda ocidental, recebi a delicada resposta de que somente aceitavam artigos marxistas; percebi então que eu havia atravessado uma fronteira que a princípio não tinha como objetivo. Uma outra amiga doutora, acadêmica, e que não era nem um pouco militante, ao fazer uma crítica ao meu trabalho, afirmou quanto ao caráter homossexual da maioria dos integrantes do grupo: “Olha, esse pessoal (não foi bem esse o termo informal por ela utilizado) seria perseguido na década de setenta até em Amsterdã!” Por fim um historiador cubano (que se dedica não sem razão aos séculos XVIII e XIX da ilha), encerrou assim um colóquio entre nós: “Não vou discutir os assuntos internos de Cuba com um estrangeiro”. Digamos que esses diálogos pessoais aqui narrados não eram propriamente encorajadores.

Após três anos, percebi que devia retornar ao meu objeto de pesquisa e preencher as lacunas que havia deixado em minha dissertação de mestrado. Em finais de 2004 me apresentei no programa de seleção de pós-graduação da UnB no qual fui aprovado e passei a ter como orientador o professor Jaime de Almeida que era na época integrante do projeto Procad, do qual eu também fazia parte.

Acredito que todo investigador enquanto constrói e demarca o seu objeto é ao mesmo tempo instigado e provocado por este. Desta forma a delimitação do objeto se entrecruza com os desafios da pesquisa. Feitas essas considerações é hora de discorrer sobre como saí dos contornos da minha dissertação de mestrado e delimitei o objeto da tese, assim como a metodologia, as fontes e os pressupostos teóricos que nortearam este trabalho.

A tese teve como objeto de estudo as múltiplas identidades da autodenominada Geração Mariel. Os integrantes da Geração Mariel percebem, ao chegarem aos Estados Unidos da América, que possuíam experiências e expectativas que os impulsionavam a uma postura crítica em perspectiva dupla: tanto questionam os valores morais da sociedade cubana permeada pelo ideal do “homem novo” instituído pela revolução cubana, quanto os valores morais da comunidade cubana de Miami que procurava manter vivas as tradições anteriores à revolução de 1959, além de ser o principal foco de resistência à política social implantada na ilha desde 1959.

A Geração Mariel foi antes de tudo à tomada de consciência de seus integrantes, ao chegarem aos Estados Unidos da América em 1980, de sua condição marginal e de não estarem inseridos em nenhum dos projetos holísticos nacionais da cubanidade: seja no projeto revolucionário que estava historicamente calcado na luta nacionalista e antiimperialista por uma Cuba Livre, e tampouco na hegemonia da comunidade cubana de Miami com sua defesa da aproximação aos Estados Unidos América e do capitalismo como única forma de desenvolvimento do país, além dos pressupostos morais anteriores a revolução de 1959. Desta forma a condição Mariel é a tomada de consciência dos integrantes da Geração Mariel de sua posição marginal e na sociedade e na cultura cubana.

A tese que aqui apresento, *A condição Mariel*, não significou, portanto, uma mudança de objeto em relação à dissertação *Geração Mariel: a construção de uma identidade* e sim, por uma parte, maior amplitude nas alternativas teórico-metodológicas

para investigá-lo e conseqüentemente melhor compreendê-lo, além de uma ampliação cronológica de seu alcance, ou seja, busquei compreender os atritos durante os mais de vinte anos em que seus personagens viveram na ilha antes de sua evasão pelo porto de Mariel com destino a Miami. Por outra, o acesso a novas fontes enriqueceu e aprofundou o estudo. Desta forma, no doutorado tive antes de tudo que abandonar minha relutância em discorrer sobre a revolução cubana. Percebi, com o apoio do meu orientador, que eu não poderia discorrer sobre *A Condição Mariel* e sua alternativa identitária sem abordar o processo revolucionário na ilha e as representações que seus integrantes elaboraram com relação a tal processo; e, principalmente, o confronto destes protagonistas com as propostas de construção de uma nova sociedade e com os papéis destinados aos jovens, aos intelectuais e artistas e, por fim, aos homossexuais.

Paul Ricoeur aponta em seu livro *Interpretação e ideologias* a impossibilidade de uma visão científica (ou de qualquer percepção) alheia à ideologia. A ideologia é um “fenômeno insuperável da existência social, na medida em que a realidade social possui uma constituição simbólica e comporta uma interpretação, em imagens e representações, do próprio vínculo social” (RICOEUR, 1977, p. 77). Dessa forma, é impossível não ter como pressuposto o papel das ideologias nas sociedades ao longo do tempo, pois é principalmente nelas que encontramos as origens das interpretações sociais. Procurei acompanhar a perspectiva apontada por Ricoeur, mas tomando como pressuposto teórico-metodológico a hermenêutica dos tempos históricos de Koselleck que, por sua vez, tem como objetivo central estudar como as sociedades interpretam-se em cada momento histórico. Na versão histórico-hermenêutica de Koselleck as interpretações são condicionadas, não por um sistema ideológico mecânico, como uma camisa de força teórica, mas sim por um tempo onde o passado, presente e futuro se encontram na junção entre os espaços de experiência (passado) e os horizontes de expectativa (futuro), que se manifestam invariavelmente no presente e interferem na elaboração das visões de mundo de uma determinada época e cultura.

Nas narrativas da Geração Mariel uma questão havia me intrigado: onde começam e onde terminam as relações entre ficção e realidade? Muitas vezes, as obras e os artigos publicados na revista constituem-se como “testemunhos” dos escritores numa busca incansável de sua identidade: narrativas povoadas de solidão, sofrimento que caracteriza

muitos exilados políticos. Umberto Eco, em *Obra Aberta*, afirma que a arte nasce de um contexto histórico, reflete-o e promove sua redefinição. Neste sentido, acredito que o grupo de escritores que estudo aqui teve a intenção de realizar uma redefinição do Mariel e dos acontecimentos vivenciados por essa geração, tanto em Cuba como em Miami. E aqui cabe uma outra questão: até onde esse processo de construção da identidade Mariel perpassa pela crise da modernidade, ou pós-modernidade, que vem deslocando identidades tidas antes como seguras e aglutinadoras, como a nacional, por outras mais restritas, como as de grupos e tribos?

Outra das características que aqui pretendo apresentar é como, na literatura do Mariel e, sobretudo, nas obras aqui analisadas, os sujeitos narrados mostram o desenraizamento e o desconsolo. Neste sentido, PIÑERA (2000, 75) destaca que na literatura desta migração “no hay héroes, quizás podremos encontrar antihéroes, seres comunes y cotidianos desprendidos de todo encumbramiento literario que le pueda deformar”.

Embora se possa detectar, entre os intelectuais e artistas que se afirmaram como Geração Mariel, polarizações interpretativas e de estilo, há várias características em comum que permitem seu reconhecimento como um grupo geracional, visto aqui como um conjunto de pessoas que vivenciaram os mesmos espaços de experiência e horizontes de expectativa. Há um perfil sócio-cultural comum: são formados durante os primeiros anos da revolução cubana, perseguidos e presos entre os anos de 1965 a 1979, saídos pelo porto do Mariel e por fim levantavam, já no exílio, suas vozes inconformadas num mundo que não quer ouvi-los.

A Geração Mariel é vista nesse trabalho enquanto uma comunidade simbólica sustentada por experiências e expectativas comuns. Sendo assim, o grupo estava conectado ainda na ilha, embora só tenha surgido no exílio enquanto Geração Mariel. Nos Estados Unidos da América, muitos de seus futuros representantes puderam se encontrar e/ou reencontrar e passaram assim a lutar, a partir de narrativas semelhantes, extraídas de “suas memórias subterrâneas” – que, como observou Pollack, aguardam um ensejo para poderem emergir –, pela narrativa de suas experiências vividas na ilha, ou seja, de suas memórias e de suas histórias de vida. A forma encontrada pela Geração Mariel para travar a luta pelas suas histórias de vida foi a atividade literária, que a maioria deles não pudera exercer em Cuba.

Em que sentido a Geração Mariel é a consciência crítica de uma condição marginal dentro dos dois principais projetos nacionais existentes na cultura cubana? Será que seus integrantes reivindicavam o direito de construção de sua própria história? Para alcançar algumas dessas “respostas”, trabalhei conceitos como: exílio, identidade, representação, memória, geração, estigma; etc.

O recorte temporal deste estudo abarca de 1959 à 1990 – o ponto inicial se justifica por ser o ano do triunfo da revolução cubana (que é uma referência recorrente nas memórias destes autores para demarcar o início de um novo projeto de sociedade), e o ano final da década de 1990 corresponde ao momento em que vários integrantes da Geração Mariel lançaram suas obras individuais introspectivas, em prolongando os intensos debates sobre a identidade da Geração Mariel que havia sido expostas principalmente em sua revista manifesto: *Revista Mariel de Arte y Literatura* entre 1983 a 1985.

Assim, trabalhei com a memória recolhida nos textos literários da Geração Mariel, na procura de apreender o significado que os fenômenos tiveram para os seus narradores. A questão era aprender como esses protagonistas os interpretam esses fenômenos e explorar também a diversidade das interpretações, diferenças e contradições contidas nas narrativas. Analisarei estas narrativas, não apenas na sua relação com o “estado de coisas” mas também levando em consideração os seus horizontes de expectativas. Segundo Koselleck (1993), é no horizonte de expectativa e no espaço de experiência de cada indivíduo que convergem o terror e os sonhos.

A opção que tomei para a estrutura desta tese foi dividi-la em duas partes. A primeira, que corresponde aos três primeiros capítulos, foi restrita à trajetória da revolução cubana de 1959 a 1979, tomando tal período como o prelúdio da maior crise interna na ilha até então: a invasão da Embaixada do Peru em 1980, que desencadeou no fenômeno Mariel e que, por sua vez, marca o início da segunda parte.

No primeiro capítulo da primeira parte, *A Ilha*, não me propus realizar um panorama da trajetória da revolução cubana, embora este limite seja quase inevitável. Contudo, a principal intenção foi analisar alguns pontos específicos como: a euforia que tomou conta de Cuba em 1959 e que por sua vez levou ao avanço da revolução cubana por meio a uma inegável participação popular que foi fundamental para a sua consolidação; a capacidade estratégica do comando revolucionário para a mobilização da ilha, além da incontestável

liderança de Fidel Castro, que soube aproveitar aquele momento de apoio quase incondicional da sociedade cubana para viabilizar o seu projeto revolucionário. A liderança de Fidel Castro não é apontada aqui na ótica do culto à personalidade, mas sim como a capacidade política de articular o movimento revolucionário e de compreender os desdobramentos da conjuntura internacional, juntamente, é claro, com outros comandantes da revolução. Ainda nesse primeiro capítulo pode-se perceber o início dos conflitos entre parte da juventude, de intelectuais e de homossexuais cubanos com os pressupostos que estavam sendo estabelecidos pelo comando revolucionário, principalmente após 1961 com a consolidação efetiva da revolução socialista. Desta forma tentei debater a proposta de construção do **homem novo** cubano que teve como principal objetivo a formação de uma nova juventude emancipada dos vícios da ideologia burguesa, liberal e imperialista. Na opinião da direção revolucionária cubana, a ideologia burguesa havia contaminado irremediavelmente a maioria dos cidadãos cubanos adultos na ilha.

No segundo capítulo da primeira parte, intitulado *A juventude*, procurei debater os pressupostos metodológicos para a consolidação do projeto do homem novo instituído pela revolução cubana. Nele fica explícito que o principal mecanismo desse projeto revolucionário era transformar a ilha em uma escola do trabalho. Para formar uma juventude revolucionária devia-se educá-la a partir do pressuposto de que o trabalho coletivo e voluntário que na opinião do governo revolucionário seria essencial para a construção de uma sociedade socialista. A tentativa obstinada da direção revolucionária em apagar algumas tradições cubanas e edificar uma nova tradição é o principal objetivo desse segundo capítulo. A tese proposta por Hobsbawm e Ranger, de que as tradições são construídas e que são, antes de tudo, uma invenção humana para justificar um comportamento sócio-cultural, foi uma das principais referências teóricas desse capítulo. Contudo, procuro demonstrar que o projeto de construção de novas tradições na ilha por parte da direção revolucionária se choca com a impossibilidade de se demolir o passado por inteiro e de construir uma nova tradição a partir apenas da obstinada vontade de um governo, por mais forte e popular que este seja. Desta forma, mesmo ao aceitar que toda tradição seja uma invenção humana, não aceito a possibilidade de uma intervenção cirúrgica tão eficaz para uma total reconstrução de valores sócio-culturais. Assim, procuro demonstrar que aos poucos a euforia revolucionária foi cedendo espaço e que a tentativa de

moldar a nova juventude cubana trazia consigo atritos e contradições que foram fundamentais para que se possa compreender a Geração Mariel.

O terceiro e último capítulo da primeira parte, intitulado *O Satélite*, se estende pela década de 1970; nele tento demonstrar o fim da alternativa cubana de socialismo, popularmente conhecido como socialismo com sol, numa clara referência à alegria e ao clima tropical da ilha que em nada lembravam a chamada Cortina de Ferro representada pela União Soviética e leste europeu. A crise econômica enfrentada na ilha após a crise da grande safra do açúcar projetada para 1970 levou o país a uma grande dependência econômica com respeito à União Soviética e com isso a aceitação do modelo socialista soviético como único caminho possível para a nação. A adoção efetiva do modelo soviético acirrou o debate e a repressão na ilha. Em poucos anos várias personagens da intelectualidade cubana passaram a serem repreendidos. Para melhor compreendermos este momento que antecede o fenômeno Mariel, analiso o chamado caso Padilla, de 1971, que teve uma grande repercussão internacional e levou ao rompimento de muitos intelectuais e artistas estrangeiros com a revolução cubana. O governo cubano, por sua vez, entrou em rota de colisão contra todos os intelectuais e artistas cubanos e estrangeiros que passavam a criticá-lo. Um dos referenciais utilizado neste capítulo é o ensaio “Representações do Intelectual” de Edward Said, no qual ele afirma ser o intelectual uma espécie de *outsider* frente ao poder estabelecido. O debate durante os anos de 1970 atingiu parte da juventude cubana, considerada rebelde por não se manter dentro do novo modelo estabelecido. Assim, uma parcela da juventude é duramente repreendida com as leis promulgadas pelo regime cubano.

A segunda parte da tese: “A identificação da condição Mariel” se inicia com o capítulo *O Porto*, no qual descrevo o incidente da invasão da Embaixada do Peru e seus desdobramentos que levaram à massiva emigração pelo porto de Mariel em Havana com destino ao porto de Cayo Hueso em Miami. Nesse capítulo observo a resistência do governo cubano, a partir da análise das imagens e reportagens da época, em aceitar que os refugiados de 1980 fossem qualificados como dissidentes políticos. A alternativa do governo cubano foi desqualificá-los como a escória da sociedade cubana que não se adaptara a um modelo mais justo de sociedade. Observo também como foi descrita e representada na imprensa cubana a relação entre estabelecidos e *outsiders*, ou entre

revolucionários e *gusanos* (vermes). O conceito de estigma é trabalhado durante todo o capítulo, iniciando com as observações de Goffman sobre o tema e centrando-me no trabalho de Norbert Elias e John L. Scotson, *Os estabelecidos e os Outsiders*, no qual, a partir de um estudo sociológico feito em uma pequena comunidade da Inglaterra, eles concluem que o estigma supera fatores ideológicos, religiosos, nacionais, de classes, etc. O processo de estigmatização social, na opinião dos autores, deveria ser estudado como um fenômeno de natureza humana que não pode ser explicado apenas por condicionantes sociais rígidos. Norbert Elias e John L. Scotson afirmam que a comunidade de Winston Parva, nome fictício, era constituída de representantes da mesma nacionalidade, etnia, religião, eram oriundos da mesma classe social, etc. No entanto, estas semelhanças não impediram que o estigma se manifestasse. No caso de Winston Parva, a estigmatização polarizava os antigos moradores (estabelecidos) e os novos (*outsiders*). A tese proposta pelos dois autores é que fatores como a luta de classes, entre outros, seriam relevantes, mas incapazes de determinar os significados do estigma como um fator humano que se manifesta em todas as variadas formas de sociedade conhecidas. Desta forma, passo a ver os que se sentiam adaptados à nova sociedade cubana como estabelecidos, e os que quiseram ou não puderam como *outsiders* da nova sociedade que estava em construção. Numa sociedade comprometida por uma revolução que tinha o objetivo de abolir a luta de classes, que nunca foi alcançado em toda sua amplitude, a luta passou a se manifestar entre os que sentiam-se estabelecidos e contemplados pelos ideais da revolução e os que não pretendiam ou não puderam se adaptar.

No segundo capítulo: *A travessia* procuro demonstrar como o conflito social e de identidade da Geração Mariel enquanto grupo se amplia após a travessia do estreito da Flórida. O confronto com a maioria da comunidade cubana estabelecida em Miami, que rejeitou os refugiados do porto de Mariel, se expressa por meio de estigmas semelhantes àqueles já por eles vivenciados em Cuba. Os sujeitos que haviam sido apontados como lumpen e escória em Cuba passam em Miami a carregar o estigma de marielitos que, por sua vez, tem como principal objetivo diferenciá-los da comunidade de cubanos estabelecida em Miami que era vista como refugiados políticos. A insólita condição de *outsiders* na pátria socialista e no exílio junto à maior potência capitalista leva os representantes da Geração Mariel a tomar consciência de sua condição de isolamento num mundo dividido

pela guerra fria entre os blocos socialista e capitalista, sendo que eles não representavam uma perda para a primeira e tampouco eram bem vindos na segunda. O que leva ao grupo a uma luta pelo reconhecimento social. Adoto aqui o conceito de luta por reconhecimento, proposto pelo sociólogo Axel Honneth, que procurou sistematizar uma gramática moral dos conflitos sociais e que demonstra a importância da luta por reconhecimento social, muitas vezes ignorada pela valorização de outros vetores. A Geração Mariel luta pela sua história de vida na ilha e pelo reconhecimento social no exílio. A partir dessas considerações que estabeleci, a Condição Mariel pode ser vista aqui como propõe Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minhas circunstâncias; ou salvo as minhas circunstâncias ou não salvo a mim mesmo”.

Os integrantes da Geração Mariel passam a editar, com seus próprios recursos, A *Revista Mariel de Arte y Literatura*, publicada a partir de 1983, que se converte – como veremos – numa espécie de manifesto de identidade dos escritores, intelectuais e artistas que compõem o grupo. A literatura foi vista por eles como a única arma de que eles dispunham para enfrentar seus inúmeros adversários. A narrativa vista enquanto redenção.

No terceiro e último capítulo da segunda parte e da própria tese, chamada: *O Naufrágio*, observo que o fim das atividades da *Revista Mariel de arte y Literatura* em 1985 não significou o fim da Geração Mariel enquanto comunidade simbólica. Passo então a analisar três de seus representantes e suas respectivas obras, que refletem suas experiências de vida e expectativas quanto ao futuro. São elas: *Al norte del infierno* de Miguel Correa, *Boarding Home* de Guillermo Rosales e *O Porteiro* de Reinaldo Arenas. Por meio dessas obras procurei demonstrar como o projeto da Geração Mariel esteve demarcado na narrativa da sua diferença com relação à identidade representativa dos cubanos que apoiavam a revolução na ilha e da comunidade cubana, hegemônica, em Miami. O grupo se sentia rejeitado e distante de ambos e se sedimentou na comunhão desse sentimento que era representado por meio da arte e da literatura como um importante ponto aglutinador. Mas nesse último capítulo decidi levantar algumas questões: será que o conflito entre os projetos de sociedade que marca tanto as obras literárias e artísticas da Geração Mariel era uniforme? Será que suas expectativas sobre o grupo e o futuro deste eram tão próximas quanto o eram suas experiências vivenciadas em Cuba e no exílio? Ou o que os unia seria apenas a insólita condição vivenciada na ilha e no exílio? Pode-se falar hoje de Geração Mariel enquanto uma identidade em curso no exílio, ou ela se teria

estagnado com o grupo que a fundou? A partir de tais indagações, inicio esse trabalho que tem como objetivo maior delimitar as circunstâncias de vida dos integrantes da Geração Mariel, buscar em suas memórias e narrativas as condições em meio às quais surgiu o grupo, e desvendar os anseios quanto ao futuro de alguns de seus integrantes submersos no naufrágio de sua época.

Parte I - A revolução cubana de 1959-1979: a formação da condição Mariel



La isla que soñaba con ser continente (1995)

Figura 1- La isla que soñaba con ser continente (Sandra Ramos). Extraída de revista Encuentro de la Cultura Cubana, No. 16/17, primavera/verano de 2000.

Capítulo I – A ilha

A batalha é vencida pelo jogador que enxerga mais longe, isto é, o que pode ver através do movimento do oponente, que pode adivinhar seu plano e se opor a ele, e que, ao atacar, antecipa todos os movimentos defensivos do adversário (-The Game of Wei –Chi).



Imagem 1- **Revolución Triunfante**. 08 de janeiro de 1959. Disponível em: http://www.bohemia.cu/dossiers/política/01-fidel/hist/Fidel_trayect03.html

Há cinquenta anos era escrita uma das páginas mais debatidas da história latino-americana: a revolução cubana de 1959. Neste primeiro capítulo, tentarei descrever os desafios iniciais da revolução cubana de 1959 e a sua luta pela consolidação de sua hegemonia política.

Após a fuga de Fulgencio Batista e a chegada triunfante de Fidel Castro e de seus companheiros a Havana em 08 de janeiro de 1959. Os revolucionários cubanos passam a vivenciar um novo desafio: a construção de uma nova sociedade e, evidentemente, a desconstrução dos alicerces que até então sustentavam o Estado cubano. O que em si não era nenhuma novidade, mas sim um desafio necessário e alcançado por outras revoluções, desde as liberais dos Estados Unidos da América e às revoluções socialistas como a russa e a chinesa, por exemplo. Desta forma o desafio não poderia se restringir ao âmbito

institucional, ou seja, à redefinição das estruturas de poder e das ousadas reformas econômicas e políticas, enfim, a revolução devia ir além edificar uma nova sociedade.

Assim, a revolução cubana trouxe consigo, principalmente depois da queda do governo provisório de Manuel Urrutia e da consolidação efetiva de Fidel Castro no poder em julho de 1959, não só a necessidade de se construir um novo estado que, aliás, só se define como socialista a partir de 1961, mas também um novo modelo de sociedade. As principais reformas estruturais como: a reforma agrária, a desapropriação de bens de capital estrangeiro, a reforma urbana, deveriam na opinião da direção revolucionária estar acompanhada de reformas sócio-culturais. Dentre estas uma se sobressaiu: a educação da população até então analfabeta em sua grande maioria. As conhecidas brigadas pela educação e os seus inegáveis resultados foram vistas por todo mundo como um dos melhores exemplos já realizados contra o analfabetismo.

As conquistas na área da educação, da saúde popular, a reforma agrária, a estatização do capital estrangeiro e os esforços pela transformação do país, eram acompanhados com ansiedade por toda a América Latina. O sonho americanista de independência político-econômica era, enfim realizado na maior ilha do Caribe.

O apoio popular cristalizado nos primeiros anos de embate da revolução se ampliava com as conquistas. A fundação de uma nação independente e socialmente mais justa colocava a ilha, no centro dos debates internacionais. O projeto da revolução cubana em seu início aproximava-se muito mais dos ideais humanistas e americanistas apropriados na tradição independentista latino-americana de San Martín, Simón Bolívar e, principalmente, do cubano José Martí, do que propriamente da teoria política marxista.

A revolução cubana teve a principio um grande leque de apoio; por uma parte estavam os nacionalistas que não simpatizavam com o socialismo, mas que eram contra a ditadura de Batista, a corrupção do país e a interferência dos Estados Unidos da América na política interna de Cuba. E por outra parte, havia vários grupos de esquerda das mais variadas tendências: social-democratas, humanistas, trotskistas, maoístas, pró-soviéticos entre outros que apoiaram a revolução.

Mais tarde o bloqueio econômico norte-americano a Cuba em represália à desapropriação dos bens de seus cidadãos e de empresas norte-americanas, leva ao governo cubano, em pouco tempo, a realizar uma aliança comercial com o bloco comunista liderado

pela União Soviética. A guerra fria entre os blocos comunista e capitalista irá colocar a ilha no centro dos debates, sobretudo devido às poucas milhas que a separam dos Estados Unidos da América. Hoje quando se completam cinquenta anos da revolução cubana muito se debate sobre se esta foi uma decisão acertada e se havia naquele momento alguma possibilidade da revolução cubana sustentar-se sem o apoio soviético. Nesse primeiro capítulo é preciso indagar alguns princípios erguidos pela revolução de 1959 que em nossa opinião estão intrinsecamente relacionados ao projeto de construção de identidade forjado pela autodenominada *Geração Mariel* exilada nos Estados Unidos da América. Acreditamos que compreender a revolução cubana e a consolidação de sua hegemonia política é essencial para se chegar à insólita condição Mariel.

1.1 - A revolução cubana, Fidel Castro e a busca de um projeto hegemônico.

O Exército Rebelde liderado pelo comandante Fidel Castro chegou a Havana no dia oito de janeiro de 1959. A sua marcha até a capital de Cuba se inicia no dia três de janeiro. A demora em chegar ao seu destino, no entanto, não se deveu à resistência da ditadura de Fulgêncio Batista; que havia fugido da ilha às pressas com sua família na madrugada de 1º de janeiro, nem tão pouco dos que o apoiavam e ficaram para negociar a derrota. A razão foi mais inusitada: A marcha a Havana era interrompida por multidões que queriam festejar a coluna e ver pessoalmente o líder Fidel Castro, o que dificultava o seu avanço. O que comprova a popularidade do Exército Rebelde e de seu comandante (C.f. Nuñez Jiménez, 1982).

Ora, o apoio popular ao Exército Rebelde era naquele momento inquestionável. A rádio rebelde - que talvez tenha sido o principal instrumento da guerrilha - era escutada em toda a ilha. A rádio noticiava a vitória da guerrilha e a iminente chegada de Fidel Castro e da sua coluna a Havana. O governo do ditador Batista, por sua vez, estava completamente desgastado. Havia poucos setores da população que ainda o apoiavam em Cuba e é precisamente por isso que a ditadura de Batista se desmoronou sem que houvesse qualquer combate militar na capital do país. Na realidade, nem os Estados Unidos da América ou qualquer outra nação demonstra qualquer resistência à queda do governo Batista em 1959. No *museo de la revolución* em Havana se pode verificar o modesto equipamento militar

com que o Exército Rebelde fez a revolução cubana de 1959. O que corrobora a tese de que o Departamento de Estado dos Estados Unidos da América não avaliou que a queda da ditadura de Batista pela revolução poderia ser uma ameaça relevante aos seus interesses em Cuba, nem tampouco, a posterior ressonância da revolução em toda América Latina e, muito menos, a possibilidade da ilha se tornar um aliado da União Soviética em “seu próprio quintal”.

Os Estados Unidos da América não intervieram naquele momento porque não acreditavam nas possibilidades da revolução cubana e do seu quase desarmado Exército Rebelde vir a se tornar capaz de fazer resistência à sólida política norte-americana na ilha. Ademais eles não viam o líder dos rebeldes, Fidel Castro, como um radical de esquerda, por ele ser filho de grandes proprietários rurais cubanos e por nunca ter, até então, se aproximado do partido comunista cubano (antigo PSP) além de não manter quaisquer relações com a União Soviética e, até por isso, os rebeldes contavam com pouco arsenal bélico durante a guerrilha. O único partido ao qual Fidel Castro havia sido filiado era o Partido Ortodoxo Cubano que era visto como um partido populista moderado como tantos outros na América Latina. Desta forma a inteligência norte-americana acreditava que com diplomacia tudo seria contornado e que não seria assim necessária uma intervenção direta de Washington.

O PSP, Partido Socialista Popular, (sigla que o partido comunista cubano passou a utilizar, segundo seus próprios militantes, devido ao profundo sentimento anticomunista na ilha) não apoiou ao exército rebelde e sua ofensiva insurrecional até 1958, prestes à queda de Fulgêncio Batista e somente quando já havia uma convergência nacional junto à revolução. Nesse sentido, Pérez-Stable (1993, p.124) afirma:

Sin embargo, los comunistas, al igual que la oposición moderada, sólo alentaron la rebelión armada cuando prácticamente no existían otras formas de enfrentamiento a Batista.

Acreditava-se então que a revolução cubana de 1959 era mais um movimento com faceta populista-reformista e que, ao chegar ao poder seria facilmente contornado ou subornado, assim como em tantos outros momentos em Cuba e na América Latina. As rebeliões na América Latina e no Caribe eram encaradas como pequenos “abalos de terra” que ocorriam sistematicamente em um ponto ou outro na região, o governo norte-

americano, utilizou a diplomacia primeiramente, como lhe era de praxe, para conter esses movimentos “sísmicos” tão comuns, contudo previsíveis e contornáveis.

O próprio suceder dos acontecimentos no início de 1959, com a aprovação do Pacto de Caracas pela guerrilha dava a impressão que o governo revolucionário seria moderado e integraria todos os grupos e movimentos que se opunham a Batista. O Pacto de Caracas assinado em 20 de julho de 1958 estabeleceu como estratégia três pontos: o primeiro seria a unidade e luta para derrocar a ditadura de Batista, o segundo criar um governo provisório e em terceiro realizar um programa mínimo que garantisse castigo aos culpados, restabelecesse a paz, a liberdade, o cumprimento dos compromissos internacionais e o progresso econômico da nação.¹ Conjuntamente com a aprovação do Pacto de Caracas foi nomeado o moderado Manuel Urrutia a presidente do Governo Provisório (que inclusive lhe deu amplos poderes para escolher o Primeiro – Ministro e o restante do gabinete) o que levaram aos Estados Unidos da América a acreditar que a revolução de 1959 não era mais que uma convergência cívica contra a ditadura de Fulgêncio Batista. E devido a essas proposições decidiu não intervir diretamente. Mesmo que o governo norte-americano houvesse apoiado a ditadura de Batista, não encontrava necessidade da permanência de um governo tão impopular. Contudo desde os primeiros dias do Governo Provisório podia-se notar que Fidel Castro e o Exército Rebelde não se contentariam com tão pouco como supunham os seus futuros adversários. Fidel Castro não assume o poder que ele e o Exército Rebelde conquistaram. Aceita todas as imposições do Pacto de Caracas, mas mantém o poder militar e passa desde logo a articular uma nova etapa para a revolução:

Fidel Castro não se sentia seguro quanto à lealdade de seu movimento, particularmente com relação ao setor que ele qualificava como a ala burguesa de direita. A principal base de apoio político de Fidel era o Ejército Rebelde, cegamente leal. Porém, o “Ejército Rebelde”, composto basicamente por camponeses em sua maioria analfabetos, não poderia fornecer administradores em nenhum nível, muito menos em nível

¹ Assinaram o Pacto de Caracas em 20 de julho de 1958 os principais líderes dos movimentos, organizações e partidos políticos que existiam em Cuba naquele então: Fidel Castro, Movimiento 26 de Julio; Carlos Prío Socarrás, Organización Auténtica; E. Rodríguez Loeche, Directorio Revolucionario; David Salvador, Orlando Blanco, Pascasio Lineras, Lauro Blanco, José María Aguilera, Angel Cofiño, Unidad Obrera; Manuel A. de Varona, Partido Cubano Revolucionario (A); Lincoln Rodón, Partido Demócrata; José Puente y Omar Fernández, Federación de Estudiantes de la Universidad; capitão Gabino Rodríguez Villaverde, ex-oficial do Exército; Justo Carrillo Hernández, Grupo Montecristi; Angel María Santos Buch, Movimiento de Resistencia Cívica; e doutor José Miró Cardona, coordenador secretário geral. Ver: Pacto de Caracas: 20 de Julio 1958. Disponível em:

<http://newsgroups.derkeiler.com/archive/soc/soc.culture.cuba>. Acesso em: 12 de dezembro de 2008.

ministerial. Por este motivo, Fidel Castro, desde as primeiras semanas em Havana procurou estabelecer contatos e aproximar-se dos comunistas do Partido Socialista Popular. (Máo Júnior, 2007, p. 322).

Desta forma a decisão de não participar e tampouco indicar nomes de seus companheiros para o gabinete ministerial do governo provisório, deixa em evidência que esse não era o governo em que Fidel Castro e o Movimento 26 de Julho apostavam. De fato, acreditamos que ele trabalhava a idéia de construir uma alternativa ao governo de Manuel Urrutia, que não tinha apoio popular, e preparava pacientemente a conjuntura ideal para uma sucessão de poder. Desta forma o governo provisório foi visto apenas como mais uma etapa da consolidação institucional, constitucional e diplomática do processo revolucionário cubano. Enfim, os principais líderes revolucionários: Fidel Castro, Ernesto Che Guevara, Raúl Castro entre outros, preparavam-se e, ao mesmo tempo, construíam as condições necessárias para se estabelecer; de fato a revolução que, para eles estava inacabada e, diferentemente do que pensava a inteligência norte-americana, não se restringiria à queda da ditadura de Fulgêncio Batista.

Sintonizado com o ponto de vista da historiografia comunista próxima ao PSP cubano, Máo Júnior (2007), afiançado na posição de Carlos Rafael Rodríguez (1983), que era um dos principais dirigentes do PSP, a aproximação de Fidel Castro ao PSP devia-se exclusivamente a um único fator: Fidel Castro não tinha quadros para dar prosseguimento à revolução cubana. O que é contraditório. Ora, por um lado havia um Exército exemplar na luta e que mesmo sem o apoio do PSP e da União Soviética, conduziram à derrubada da ditadura de Batista. Mas, ao mesmo tempo, esse exército formado por camponeses analfabetos seria incapaz de assumir a dura vida burocrática ministerial. Já os quadros urbanos do Movimento 26 de Julho seriam todos, segundo o autor, vistos por Fidel Castro como a ala da burguesia de direita do movimento revolucionário². Desta forma, para Máo Júnior (2007), Fidel Castro necessitava de quadros preparados e foi à busca dos militantes do PSP. Ora não há dúvida de que Fidel Castro tenha tido no Exército Rebelde e em seus comandantes: Ernesto Che Guevara, Raúl Castro, Camilo Cienfuegos entre outros, a principal base de apoio dentro do Movimento 26 de Julho e da revolução. Ademais havia de

² Dentro do Movimento 26 de Julho o grupo chamado “Llano” era formado por nacionalistas que defendiam a democracia liberal. Entre os principais líderes estavam: Frank País (assassinado em 30 de julho de 1957), Huber Matos, Pedro Boitel, Carlos Franqui, Armando Hart e René Ramos Latour.

fato a divergência interna dentro do Movimento 26 de Julho: entre o Exército Rebelde da “Sierra Maestra” e os setores urbanos, chamados de “Llano” (planície). Mas a partir daqui é preciso ampliar a análise e não ficar preso a uma suposta falta de quadros.

O principal conflito dentro do Movimento 26 de Julho era tático: guerrilha urbana ou rural; qual seria mais viável para a queda da ditadura Batista. Porém como um todo o Movimento 26 de Julho era “fidelista”, e essa liderança estava acima da disputa interna. Já o PSP foi, a princípio, contra o movimento como um todo e condenava ambas opções: a do campo, que eles acusavam de maoísta, e a urbana que eles viam como golpista. Segundo Mão Júnior após o fracasso da greve de abril, em 1958, se acentuaram as divergências. E diante destas divergências internas, *“a estrutura clandestina do PSP havia se tornado, aos olhos de Fidel, mais confiável do que o setor urbano do Movimento 26 de Julho”* (MÃO JÚNIOR, 2007, p. 323).

Nessa afirmação de Mão Júnior (2007) há, evidentemente, uma tentativa de legitimação histórica e política. Entretanto, o Movimento 26 de Julho surgiu após o fracasso do assalto ao quartel Moncada, liderado por Fidel Castro em 26 de julho de 1953; não seria pelo fracasso da greve geral 1958 que os “Llanos” cairiam em desgraça na visão do líder. Divergências internas havia, e o resultado da greve geral fortaleceu a tese da luta armada no interior de Cuba como a melhor tática, e deu mostras a Fidel Castro de que era preciso ampliar o apoio ao Movimento 26 de Julho nas grandes cidades. Mas isso não significa que o PSP passava a ser tão ou mais importante que o setor urbano do Movimento. Deve-se ressaltar que o PSP, fiel à orientação política do Partido Comunista da União Soviética, acusou os integrantes do grupo que participaram do assalto ao quartel Moncada, sob a liderança de Fidel Castro, de golpistas e aventureiros, além de excluir de suas fileiras os militantes da Juventude Comunista que haviam participado direta ou indiretamente da operação; entre eles inclusive, estava Raúl Castro.³

³ Ver Carta do Comitê Executivo do PSP aos militantes, datada em 30 de agosto de 1953, onde foi denunciado o ataque ao Quartel Moncada em 26 de julho de 1953 como: “una tentativa golpista, una forma desesperada de aventurismo, típica de los círculos burgueses, sin principios y envueltos en un gangsterismo”. In Karol, K.S; Pomerans, A.J. *Guerrillas in Power: the course of the cuban revolution*. New York, Hardcover, Hill & Wang, 1970, p.139.

O PSP foi até o ano de 1958 um ferrenho adversário do Movimento 26 de Julho como um todo, e não somente dos “Llanos”.⁴ Não era admissível para um partido marxista-leninista ortodoxo aceitar um movimento que não se definia ideologicamente e que era sustentado apenas na convergência insurrecional contra uma ditadura. Além disso, o Movimento 26 de Julho teve posições e militantes que eram adversários da hegemonia soviética como alguns maoístas, trotskistas, nacionalistas etc. Fidel Castro, enquanto líder do movimento foi o principal responsável pela recusa do debate ideológico e pela proposta de convergência nacional. A posição de Fidel Castro tinha um objetivo preciso: defender um movimento amplo e evitar que os conflitos ideológicos pudessem causar fissuras internas e para isso se referenciava apenas em José Martí e na tradição da luta nacional-independentista de Cuba. O que não quer dizer que Fidel Castro não defendesse que taticamente a luta armada travada pelo Exército Rebelde em Sierra Maestra era mais eficaz do que as ações nas cidades; no entanto, não deixou de dar apoio aos “Llanos” e sempre cumpriu o papel de líder para sedimentar o grupo.⁵ Outro ponto importante é que após a morte de Frank Pais e do fracasso da greve geral em 1958 os “Llanos” haviam reconhecido a hegemonia da Sierra na luta armada em Cuba e seus principais líderes inclusive se tornaram combatentes e comandantes do Exército Rebelde; aliás, não foram poucos os que acabaram mortos antes do triunfo da revolução. No entanto a militância urbana do Movimento 26 de Julho, sobretudo em Santiago de Cuba e Havana, mantinha a característica de ser composta em sua ampla maioria de anticomunistas e anti-soviéticos e é por isso de fato que eram considerados pelo PSP como a “ala burguesa” do Movimento 26 de Julho.

Fidel Castro, por sua vez, aproveitando o entusiasmo da população cubana e o seu carisma de líder revolucionário, evitava bater-se com quem poderia ser um futuro aliado. Portanto, a aproximação ao PSP e suas organizações significaria atrair mais forças para uma nova etapa da revolução e não obedeceria à necessidade de quadros bem preparados para compor um futuro governo. Tampouco se deveria à desconfiança nos quadros urbanos do Movimento 26 de Julho, embora seja plausível acreditar que Fidel Castro entre outros líderes de Sierra Maestra desconfiassem dos “Llanos”, isso certamente não significaria que

⁴ Ver Löwy, Michael (org.) *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006 (2ª edição ampliada), 585 p.

⁵ Ver Garcia- Pérez, Gladys Marel. *Insurrección y Revolución 1952-1959*. Havana, Unión, 2006.

eles confiassem mais no PSP do que no setor urbano do Movimento 26 de Julho. Enfim, o Exército Rebelde controlava o interior de Cuba, mas precisava de mais suporte em Havana e procurou o PSP entre outros grupos para consolidar a revolução na capital da ilha.

Os principais líderes revolucionários sabiam que deviam obter apoio de todos os setores à esquerda e de quem mais pudesse para a nova fase da revolução. A única forma de poder da qual Fidel Castro acertadamente não abriu mão naquele primeiro momento era o controle absoluto do Exército Rebelde, que ao incorporar o Exército regular se tornara a maior força militar da ilha. O PSP por sua vez tinha pretensões de ocupar cargos burocráticos no futuro governo e isso não era um problema para os líderes revolucionários que haviam desprezado os cargos ministeriais do Governo Provisório.

Nas grandes cidades e em especial em Havana, era impossível evitar o choque ideológico entre o PSP e o Movimento 26 de Julho em meio à luta revolucionária. Eles precisavam travar o debate ideológico e o fizeram com a máxima energia possível, por meio de jornais, nas universidades, nos sindicatos, entre outros fóruns que a vida urbana favorece. Os debates teóricos entre os dois grupos eram muitos: a propósito do humanismo, do socialismo, do futuro de Cuba, da alternativa de guerrilha, etc. Estes debates, em pouco tempo, levaram os militantes do Movimento 26 de Julho e do PSP em Havana a ressentimentos irreconciliáveis. Desta forma, no momento em que Fidel Castro achou conveniente dialogar com o PSP, ele pôde, juntamente com Che Guevara e Raúl Castro – este último, mesmo tendo sido expulso, não escondia sua admiração pelo partido, por seus quadros e pela política do Kremlin – e outros integrantes do Exército Rebelde, ignorar as mágoas do núcleo urbano do movimento. O pragmatismo de Fidel Castro e do marxismo ortodoxo do partido próximo a Moscou, foi o cimento para a consolidação da união entre esses adversários históricos. No entanto, as principais lideranças do grupo urbano do Movimento 26 de Julho como Carlos Franqui e Huber Matos entre outros nunca aceitaram essa aliança⁶.

Assim, desde o início do governo provisório de 1959 os debates entre o Movimento 26 de Julho e o PSP estiveram no centro das lutas internas em curso na revolução. O primeiro palco foi a reorganização sindical da CTC - Central dos Trabalhadores Cubanos - que antes da revolução era controlada pelo chamado grupo Mujalista, liderado por Eusébio

⁶ Cf. Franqui, C. (1981).

Mujal, que colaborou diretamente com a ditadura de Batista. Mujal, juntamente com a maioria da direção do sindicato, foge da ilha com temor da justiça revolucionária. Na reorganização da CTC, o Movimento 26 de Julho garantiu a maioria da executiva, mas não conseguiu impedir a presença do PSP e até mesmo de antigos colaboradores de Eusébio Mujal. A esse respeito, Pérez-Stable (1993, p. 120) pondera que

Los líderes sindicales del Movimiento 26 de Julio tomaron el control del ejecutivo, el PSP asumió muchas de las posiciones en la base y algunos dirigentes mujalistas mantuvieron sus posiciones en diversas secciones locales. Sin embargo, los del Movimiento 26 de Julio eran geralmente más jóvenes y menos experimentados que el resto; también eran menos numerosos y no alcanzaban para cubrir todos los puestos que quedaban, por lo tanto comunistas e mujalistas cubrieron ese vacío.

A principal meta da revolução era a desestruturação da hierarquia mujalista, mas os embates entre o Movimento 26 de Julho e o PSP acabaram por desfocar esse objetivo. A contradição era tão grande que ainda em fevereiro de 1959, o Movimento 26 de Julho aliou-se aos quadros sindicais que pertenciam ao *Directorio Revolucionario Estudiantil* (DRE) na luta contra o PSP e o expulsaram do Comitê Executivo da Central de Trabalhadores Cubanos (CTC). Mas, a experiência dos quadros do PSP, a continuidade dos mujalistas e a impossibilidade numérica do Movimento 26 de Julho de cobrir toda a demanda na base mantêm a luta sindical acesa. A disputa era sectária: o Movimento 26 de Julho pretendia eliminar a influência do PSP no movimento sindical:

Desde el momento en que Fidel Castro proclamo que la ideología de la revolución no era ni capitalista ni socialista, sino “humanista”, los dirigentes sindicales del Movimiento 26 de Julio se hicieron eco de esa declaración (Pérez-Stable, 1993: 128)

Desse modo, Pérez-Stable (1993) esclarece que a facção mais anticomunista do Movimento 26 de Julho formou a Frente Obrero Humanista (FOH). Em contrapartida o PSP fazia duras críticas à direção da CTC por impedir as greves e também por atender constantemente aos pedidos do governo e do Ministério do Trabalho para negociar e evitar as greves. As divergências eram tão declaradas que o jornal *Revolución* ligado ao Movimento 26 de Julio desencadeou uma campanha contra o PSP, na qual mostrava a história de colaboração do partido em vários governos passados em Cuba, inclusive no primeiro governo de Fulgencio Batista no final dos anos 30 e início dos anos 40. A autora ainda relata que no congresso da CTC, em maio de 1959, Fidel Castro pessoalmente pediu

moderação a ambos os lados e que: *“De forma similar, insinuó que la cooperación entre el Movimiento 26 de Julio y el PSP era un elemento fundamental en la lucha contra los enemigos de la revolución”* (Pérez-Stable, 1993: 129). Contudo as partes não chegaram a um acordo, os ânimos e as acusações eram intermináveis. Fidel Castro vinha concentrando cada vez mais o poder em suas mãos e retorna ao congresso para demonstrar sua insatisfação com o sectarismo:

Fue entonces cuando Fidel regresó al congreso y reprendió a los delegados por su comportamiento casi sedicioso; preguntó qué hubiera pasado si los delegados hubieran estado armados y dijo que procedimientos semejantes socavaban la moral de la clase obrera. Afirmó que él también tenía derecho a hablar en nombre del Movimiento 26 de Julio, y que por eso pedía la unidad de los líderes de la CTC (Pérez-Stable, 1993, p. 129).

Mesmo com o apelo de Fidel Castro não houve um acordo amplo e o máximo de costura política alcançado, mesmo com o empenho do próprio Primeiro-Ministro da revolução, foi um comitê executivo sem os quadros do PSP e os membros da facção radical Frente Obrero Humanista, contudo mantida a hegemonia sindical do Movimento 26 de Julho. Os debates entre o PSP e o Movimento 26 Julho continuaram até meados de 1960 quando a ilha se unifica na luta nacionalista contra o imperialismo norte-americano, sem, contudo desaparecer as contradições entre esses ferrenhos adversários. Estas lutas intestinais descontentavam os principais líderes revolucionários Fidel Castro, Ernesto Che Guevara e Raúl Castro entre outros, e levaram-nos a defender a centralização do movimento social e a construção de um partido único em defesa da revolução, como veremos mais adiante.

A pouco mais de um mês de governo provisório o Primeiro-Ministro escolhido pelo presidente Manuel Urrutia, José Miró Cardona, foi demitido. Na Constituição assinada às pressas no dia 7 de fevereiro de 1959 os poderes do cargo de Primeiro – Ministro haviam sido consideravelmente ampliados. Não por coincidência no dia 13 de fevereiro desse mesmo ano, José Miró Cardona caiu. Fidel Castro assume o poder imediatamente e o Presidente Manuel Urrutia é posto em segundo plano. Desta forma Fidel Castro como líder do Movimento 26 de Julho demonstrou porque não se impôs ao tratado de Caracas: ora ele sabia esperar e novamente surpreendia. Após menos de dois meses o governo já estava nas suas mãos o que demonstra que os comandantes do Exército Rebelde sabiam quem de fato detinha o poder na ilha.

O governo dos Estados Unidos da América já em 1959 passa a perceber que as principais lideranças da Sierra: Fidel Castro, Ernesto Che Guevara, Raúl Castro, entre outros, tinham um projeto político bem delineado, e começaram as campanhas internacionais contra Cuba. As imagens dos fuzilamentos, “los paredones” tornam-se o alvo de uma campanha internacional contra o governo cubano. Em Cuba essas mesmas imagens tinham outro significado: eram chamadas de: “Tribunales Revolucionarios”. Os tribunais eram públicos e eram inclusive televisionados. A própria população era quem condenava ou não aos julgados. O tema é controverso:

Ao contrário do que era divulgado, as pessoas não eram pegas a esmo (...) consistia em estabelecer julgamentos públicos de elementos que comprovadamente haviam cometido crimes em larga escala contra a população. Ao se estabelecer os “Tribunais Revolucionários” com seus televisionados julgamentos públicos, a revolução evitou que os populares procedessem a desordenados atos de vingança que poderiam resultar em verdadeiros assassinatos em massa. Partindo do princípio de que se o Estado não administrasse a justiça, o povo a faria com as próprias mãos, a justiça revolucionária, na verdade, impediu um verdadeiro derramamento de sangue (Mao Junior, 2007, p. 324- 325).

Não é de se estranhar que após uma revolução a população exija vingança contra os que cometeram crimes no regime passado. O Estado e o Governo Provisório não tinham como ignorar essa exigência de justiça. Mas a afirmação de que o governo revolucionário não intervinha diretamente nos julgamentos públicos tem sido muito discutida pela historiografia sobre a revolução cubana. De fato, há um julgamento público em que ficou notória a intervenção oficial: foi o julgamento de pilotos da antiga força aérea cubana. Pérez-Stable relata que “Pocos protestaron cuando, por órdenes de Fidel Castro, unos pilotos de la fuerza aérea, que habían quedado absueltos de los crímenes de guerra que se les imputaban, volvieron a ser juzgados y, esta vez, condenados” (1993, p. 118).

Como podemos perceber, o prestígio de Fidel Castro interferiu diretamente no resultado. Naquele momento a ampla maioria da população cubana queria que se fizesse justiça aos anos de ditadura e aos crimes cometidos por Batista e pedia que condenassem a morte seus principais colaboradores. Sobre isso, Carlos Franqui (1981, p.36) testemunha:

Os crimes e as torturas cometidos pelo regime de Batista foram inumeráveis. Mas incluíam a experiência da revolução frustrada de 1930, que traumatizou a nação. Os criminosos do regime de Machado nunca foram levados a julgamento: eles matavam pessoas, com Batista de 1934 a 1939, e novamente com Batista, de 1952 a 1958. O fato de a justiça nunca ter sido feita acarretou um desejo de vingança. (...) Fidel convocou o povo

ao Palácio Nacional. Lá ele perguntou à multidão – inaugurando um estilo que posteriormente chamaria de democracia direta – se achavam que os criminosos de guerra deveriam ser fuzilados. “Ponham eles contra a parede!”, alguns gritaram. Então, um “Sim!” colossal ressoou em resposta à pergunta de Fidel. Uma pesquisa nacional, feita confidencialmente, indicou que 93% dos entrevistados concordavam com as sentenças e as execuções. Eu também concordava.

Dessa forma, o governo cubano, agora chefiado por Fidel Castro, deu à maioria da população cubana a possibilidade de fazer a justiça que ela almejava. Mas o governo não deixou de utilizar esses mecanismos também para eliminar adversários, como foi o caso dos pilotos das Forças Aéreas da ditadura de Batista. É importante não esquecer que embora a revolução tivesse o apoio da ampla maioria dos cubanos, ainda havia opositores, sobretudo nas serras do Escambray⁷.



Mapa 01- Mapa de Cuba. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Escambray>.

⁷ A região do Escambray no centro da ilha teve uma oposição organizada desde inícios de 1960 até 1965. Fidel Castro declarou a 26 de julho de 1965 que não existia mais contra-revolução na Serra do Escambray. Desde o surgimento das guerrilhas no Escambray o governo revolucionário tentou várias táticas para liquidá-las. Em 1960 o governo mobilizou 60.000 milicianos para combater à dissidência. Mas outras estratégias possivelmente surtiram maior efeito: o governo organizou milhares de civis que participaram das campanhas de alfabetização nos anos de 1960 a 1961 com o intuito de levar a revolução aos camponeses do Escambray. O governo cubano denuncia que em 1961 o alfabetizador Conrado Benitez foi morto pelo grupo de Osvaldo Ramirez; nesse mesmo ano são assassinados o alfabetizador Manuel Ascunce Domenech e seu aluno Pedro Lantigua. Em novembro de 1961 o governo revolucionário cria a Lei 988 para sancionar quem apóie o *bandidismo*. Em 1963 o governo cubano determina o desalojamento dos camponeses dessa região. Contudo o último golpe contra os grupos que ainda resistiam nas Serras do Escambray é dado pela Operação Maisinicú, quando o governo infiltrou o agente Alberto Delgado e capturou vários chefes das bandas chamadas contra-revolucionárias. O isolamento da região, a retirada dos camponeses, a derrota em *Playa Girón*, a falta de apoio tanto interna quanto externa terminam liquidando os grupos que ainda sobreviviam nas Serras do Escambray. Ver historiografia cubana sobre o tema: Creso, Francisco Julio: *Bandidismo en el Escambray 1960-1965*. Havana Editorial Ciências Sociales, 1986; Rodriguez Cruz, J. Carlos. *Hombres del Escambray*. Havana, Editorial Capitán San Luis, 1990; Suárez Amador, José. *La lucha contra bandidos en Cuba*. Havana Editorial Letras Cubanas, 1981. Ver historiografia cubano-americana: Encinosa, Enrique C. *Cuba en Guerra*. Historia de la oposición anti-castrista 1959-1993. Miami, Cuban American Studies, 1994.

Portanto o governo revolucionário não podia admitir que os pilotos estivessem livres para se unirem aos contra-revolucionários ou a uma possível invasão estrangeira. No final dos anos cinqüenta, um piloto aéreo com experiência militar poderia ser uma arma relevante para a resistência à revolução. Fidel Castro mais do que ninguém sabia disso.

Em maio de 1959 o governo chefiado pelo Primeiro-Ministro Fidel Castro estabeleceu a tão aguardada reforma agrária. Nela, os camponeses, arrendatários e colonos passam a adquirir gratuitamente o seu espaço de terra. Tratava-se de uma antiga promessa da revolução⁸ que já havia sido realizada pelo Exército Rebelde no “Território Libre de la Sierra Maestra”.⁹ A primeira Lei de Reforma Agrária de Cuba foi promulgada no dia 17 de maio de 1959. A lei era uma medida reformista e popular e estava distante de um ideal socialista ou excessivamente radical. Porém a medida que restringia o direito à posse de terras a 402 hectares (o que não era pouco, levando-se em conta as dimensões da ilha), atingiu os interesses dos grandes proprietários rurais cubanos - que não eram muitos - e, principalmente os interesses das multinacionais norte-americanas. A medida foi muito mal vista pelos Estados Unidos da América que já estavam em conflito com o governo cubano (C.f. Paz, 1997, p. 74).

Com efeito, a reforma agrária de 1959 foi de encontro aos interesses norte-americanos na ilha, dos grandes latifundiários cubanos e de alguns setores da classe média alta que ocupavam cargos estratégicos em multinacionais. Estes rompem imediatamente com a revolução. Contudo, a maioria da população cubana, inclusive uma grande parcela da classe média alta e da burguesia nacional, se mantém firme nas colunas revolucionárias, porque a reforma agrária era uma antiga reivindicação nacional¹⁰ e os interesses das multinacionais, sobretudo as norte-americanas, não eram muito populares naquele momento na ilha. Desta forma a maioria que não foi atingida diretamente pela reforma agrária de 1959 apóia a decisão do governo revolucionário.

A imprensa internacional que cobria com ansiedade a polêmica entre os países esperava a cada dia novas medidas de retaliação por parte de ambos. Fidel Castro fazia-se passar por um líder arrivista, uma espécie de um jogador de pôquer que sempre pagava para

⁸ Fidel Castro prometera em “La historia me absolverá” (1953) distribuir terras aos camponeses.

⁹ Lei Nº 3 do Exército Rebelde de 1958, Ed. Lex, La Habana, 1959.

¹⁰ Desde a Constituição de 1940 em Cuba se prevê a reforma agrária. Ver Paz, Juan Valdés, Procesos agrários em Cuba, 1959-1995. Havana, Editorial Ciencias Sociales, 1997.

ver e que cedo ou tarde perderia tudo. Mas ele não era um irresponsável, embora gostasse de passar essa imagem. A certeza desta irresponsabilidade e de que ele cairia por si mesmo, foi um erro estratégico da inteligência norte-americana. Foi desta forma que no dia de 16 de julho de 1959, as emissoras de rádio e televisão cubanas noticiaram a renúncia de Fidel Castro ao cargo de Primeiro-Ministro. No outro dia Fidel Castro compareceu à televisão cubana para fazer um discurso no qual esclarecia os motivos de sua renúncia. Nele, Fidel Castro acusava o então presidente Manuel Urrutia de impedir a aprovação de leis que fizessem avançar a revolução:

Fidel acusou Urrutia de “fabricar uma ‘lenda comunista’ em Cuba” para continuar defendendo interesses dos Estados Unidos e impedir a consolidação da revolução. Imediatamente, a multidão tomou conta das ruas e começou a exigir a renúncia de Manuel Urrutia que assinou a renúncia antes mesmo que Fidel terminasse o discurso na televisão. (SZULC, 1987, p. 594).

O pedido de renúncia do presidente Manuel Urrutia foi aceito pelo conselho de ministros, que nomeou Osvaldo Dorticós, um renomado advogado que tinha a confiança dos comandantes revolucionários como Presidente provisório. Tudo ocorre de forma tão acelerada que nem parece que haviam se passado apenas seis meses desde a queda de Fulgencio Batista. A revolução cubana antecipou a sociedade midiática do espetáculo. A estratégia de seu comando, aparentemente, é não dar tempo para que os adversários entendam para onde será o seu próximo passo, ou melhor, o seu próximo ataque. A imagem de Fidel Castro como um aventureiro não correspondia; ele não erra porque sabe, juntamente com seus comandantes, qual vai ser a reação dos seus inimigos, da opinião pública interna e externa e das forças conjuntas denominadas por ele “o povo cubano”. Fidel Castro sabia que não teria forças para enfrentar o governo dos Estados Unidos da América e os seus aliados na ilha em outro momento. O futuro tinha que ser construído naquele instante, enquanto havia uma euforia e convergência nacional em torno dele e da revolução. O Primeiro-Ministro cubano era muito mais que um jogador de “pôquer” latino-americano embriagado pelo poder, como pensava a inteligência norte-americana¹¹. Estava

¹¹ De acordo com Louis Pérez Junior, Fidel Castro não era tomado a sério pela CIA. O autor demonstra que o diretor da Agência Central de Inteligência, Allen Dulles expressou numa reunião sobre Cuba em fevereiro de 1959 que “los nuevos funcionarios cubanos tienen que ser tratados más o menos como a niños, tienen que ser dirigidos, más bien que contradecirlos porque si se les contradice, como niños, eran capaces de hacer casi cualquier cosa” (Perez Jr, 2006, p.705-706).

mais próximo de um jogador de xadrez muito à frente dos adversários e que se antecipa ao compreender os próximos movimentos dos seus oponentes.

Inesperadamente para os Estados Unidos da América, a maior parte da classe média alta, e da própria burguesia cubana, mantém o seu apoio ao governo revolucionário:

El 1º de enero de 1960 la AINC felicitó al gobierno revolucionario em ocasión de su primer aniversario, y elogió el programa de industrialización, la honestidad administrativa, la expansión del mercado nacional y las regulaciones del comercio exterior. (...) la promulgación de la reforma agraria renovaba el fervor popular que conmovía al país, mientras Fidel y el Ejército Rebelde se ponían al frente de esa oleada revolucionaria. (Pérez-Stable, 1993, p. 117-118).

Como podemos notar, neste primeiro momento, a revolução cubana não propunha uma luta de classes. A AINC (Asociación Nacional de Industriales de Cuba) parabeniza a revolução pela reforma agrária e pela sua política voltada à industrialização do país. O Ministério do Trabalho mantinha um papel mediador durante as greves por aumentos salariais. Mesmo que os trabalhadores tenham alcançado conquistas inegáveis, não há naquele momento qualquer referência ao socialismo ou a luta de classes por parte do governo cubano ou de Fidel Castro. A revolução procura sustentação junto aos operários, camponeses, pequenos e médios proprietários rurais e junto ao setor produtivo nacional, como os industriais. Ao mesmo tempo, escolhe os adversários: os grandes proprietários rurais, as multinacionais norte-americanas e o governo dos Estados Unidos da América.

Assim, a convergência na ilha em 1960 é em torno de um nacionalismo radical e contra a dependência político-econômica que sempre marcou a história do país. Naquele momento o imperialismo norte-americano e sua política intervencionista em Cuba eram representados pelas multinacionais norte-americanas, pelo apoio do governo dos Estados Unidos da América à ditadura de Batista por vários anos. Os líderes da revolução cubana de 1959 reiteravam em seus discursos que esta revolução não poderia retroceder ao passado. A esse respeito Louis Pérez Jr (2006, p.706-707) salienta que

Las élites cubanas eran las beneficiarias de la hegemonía de los Estados Unidos, pero esto no significaba que estuvieran resignadas y despreocupadas ante esa situación de dependencia. En circunstancias adecuadas, también podrían ser “nacionalistas” un momento, debido a la incertidumbre social y a la inseguridad económica (...) Puede argumentarse, y en realidad existe una amplia evidencia que lo indica, que las medidas adoptadas en los primeros 12 meses tuvieron el consenso de casi todos los cubanos, incluso de los afectados por las reformas.

Dessa maneira, a euforia revolucionária cobria a ilha, não que não houvesse descontentes, mas a maioria da população acreditava que uma “Nova Cuba” nascia e que o passado colonial de dependência devia ser enterrado. A tradição antiimperialista cubana ganhou força com a revolução de 1959 e uma ampla maioria heterogênea em sua essência clamava pelo fim da dominação norte-americana e pelos ideais de “Cuba Libre”. Fidel Castro soube apropriar-se dessa imagem e discursava em público por horas seguidas. A sua imagem jovem, o tom destemido e o seu uniforme verde-oliva eram símbolos da revolução cubana. A expressão “fidelidade” era utilizada com frequência na ilha. Ele era visto como o comandante que levaria a cabo a tão sonhada independência cubana. A tradição ibérica que sempre se ancorava em líderes carismáticos foi muito bem explorada por Fidel Castro e pelos principais líderes da revolução que reafirmavam a todo instante a sua liderança heróica e messiânica.

Já os Estados Unidos da América, nos primeiros meses de 1960, por meio de seu presidente Eisenhower, aprova as primeiras leis de embargo contra Cuba. Eram leis que diplomaticamente pretendiam isolar a economia cubana que era dependente da exportação açucareira. O governo cubano reagiu às medidas e estatizou as empresas de capital estrangeiro, bancos, terras, telefonia, correios, etc., sobretudo as de capital norte-americano, que evidentemente eram a maioria. A política de Eisenhower favoreceu a multiplicação dos discursos ásperos do governo cubano contra a política intervencionista do governo de Washington. O nacionalismo radical sedimentava-se na união contra uma possível intervenção estrangeira.

Em represália às nacionalizações do governo cubano o presidente norte americano Eisenhower decide suspender a cota açucareira dos Estados Unidos da América. A suspensão completa, inclusive do restante daquele ano, aliada ao embargo econômico imposto pelo governo norte-americano, deixava a economia cubana seriamente comprometida. Contudo, naquele momento Cuba já havia se aproximado diplomaticamente da União Soviética, ou melhor, Moscou passou a se interessar pelos estragos que a revolução cubana causava a seu adversário junto à opinião pública internacional e principalmente entre intelectuais e artistas da Europa e da América Latina. O governo soviético declarou publicamente sua solidariedade à revolução cubana e critica a tentativa

de estrangulamento dela por parte do imperialismo dos Estados Unidos da América. Nesse sentido, Franqui (1981, p.78) relata que,

Nos primeiros dias de fevereiro, Anastas Mikoyan, Vice Primeiro-Ministro da União Soviética, veio a Cuba. (...) Um assunto de importância foi a compra de açúcar cubano pela União Soviética e a importação do petróleo russo por Cuba. Todos esses convênios pareciam expressar nossas relações abertas com o mundo inteiro, em vez de “apenas uma parte do mundo”. Todos nós pensamos que era uma boa coisa, uma declaração e afirmação de nossa independência assim como um gesto de boa vontade. Embora os contratos fossem importantes, na época não nos pareciam absolutamente. Uma vez mais, as coisas aconteciam tão rápido que eu não conseguia assimilar o significado de grandes eventos.

Carlos Franqui, um dos principais representantes do Movimento 26 de Julho e editor, na época, do jornal *Revolución*, comprova que a aproximação da União Soviética com Cuba naquele momento era comercial e amistosa, e que não foi vista pela população como uma aproximação política. Os comandantes da revolução não pretendiam definir-la enquanto comunista, pois, isso certamente comprometeria a unidade nacional. Desta forma, a negociação entre os dois países parecia para grande parte da população uma resposta diplomática e comercial ao embargo dos Estados Unidos da América, além de uma importante estratégia política. Franqui (1981, p.79) reitera que,

O resultado foi, como já vimos, que os soviéticos comprariam nosso açúcar e nós compraríamos seu petróleo bruto. Mas ninguém precisaria ser um profeta para deduzir que a Esso e a Shell não aceitariam refinar petróleo. Era assim uma armadilha que funcionaria. Na época, isso parecia uma resposta razoável ao bloqueio econômico americano. (...) Assim, o orgulho imperialista trabalhava a favor de Fidel Castro: se a Esso e a Shell não refinassem o petróleo russo, Cuba estatizaria as refinarias.

Cuba, então, estatizou também as refinarias e mais uma vez encolerizou ao governo dos Estados Unidos da América. Como afirmou Franqui, “as coisas aconteciam muito rápido” e quase ninguém conseguia compreender o que realmente ocorria. Todos pareciam perdidos com exceção de Fidel Castro e do comando político da revolução que se apropriava do crescente sentimento de orgulho nacional a seu favor. Segundo Pérez Jr (2006) os norte-americanos em Cuba viviam experiências diferentes às que tinham antes da revolução. As principais reclamações eram de brigas nas escolas privadas, nas quais sempre haviam estudado estudantes cubanos e norte-americanos de classe média alta e da elite cubana. Havia também confronto de trabalhadores cubanos em multinacionais que depois de anos como bons cumpridores de suas tarefas passaram a ser indisciplinados e

demonstravam um “reservado ressentimento”. Pérez Jr relata a partir de declarações de norte-americanos que vivenciaram esses anos em Cuba:

Rubi Hart Philips, corresponsal del “The New York Times”, informaba en septiembre de 1959 de incidentes en los cuales “Escolares americanos, los cuales hablan el español tan bien como el inglés, no hablan más em inglés en los autobuses por temor a ser insultados.” (...) Milton Guss contaba su experiencia de cuando se encontró con un amigo de muchos años en una demostración antiestadounidense, que llevaba um letrero que decía: “Yanqui Go Home”. “No podia creerlo -escribió Guss- Yo (...) pregunté: Pepe? Que es esto una broma o algo? Pero mi amigo de otros tiempos solo me mostró su dedo del medio y me gritó: Latifundiarío! Yankee imperialista de Wall Street! (2006, 712-713).

O acirramento das relações entre o governo revolucionário cubano e o governo dos Estados Unidos da América leva uma parcela cada vez maior da elite cubana a boicotar o governo revolucionário e, sob o efeito do “terror comunista”, a enviar todas as divisas que pode para o estrangeiro. Varias empresas cubanas fecham as suas portas. Uma grande parte dos industriais que até então apoiavam a revolução ficam contra as medidas de estatização das indústrias e dos bancos norte-americanos. Ademais as reivindicações e conquistas dos operários estavam se tornando insustentáveis para eles.

A partir daí se estabelece uma intensa batalha; por um lado estavam o governo revolucionário cubano e seus aliados, vários setores da população cubana favoráveis à reforma agrária, à nacionalização de multinacionais estrangeiras e à independência político-econômica de Cuba, e no outro lado, havia os chamados contra-revolucionários, em geral representados por setores da classe alta e média cubana, intrinsecamente ligados aos interesses norte-americanos na Ilha e que, por isso, se sentiram prejudicados pelas medidas nacionalistas. O governo revolucionário procurou a articulação de todos os movimentos sociais em defesa da nação. Para tanto, as diferenças tinham que ser deixadas de lado e todos deviam se engajar na resistência aos inimigos da revolução, que evidentemente se materializavam nos “ianques” e em seus aliados internos. A proposta do governo cubano era que somente uma ampla unidade poderia garantir a resistência a uma iminente invasão estrangeira.

O radicalismo nacionalista incentiva a revolução a seguir da mesma forma que foram conduzidos os “juízos” públicos. Vale lembrar que em algumas regiões de Cuba havia ainda a resistência armada contra o governo revolucionário principalmente nas serras

na região de Escambray, que se torna por vários anos o principal foco de combate à revolução, só definitivamente erradicado em 1965.

Nesse momento, as divergências internas, principalmente entre os militantes do PSP e dos militantes urbanos do Movimento 26 de Julho, diminuem e a direção da revolução finalmente consegue uma trégua e uma certa unidade política em Cuba. A iminente invasão estrangeira comove a ilha. Por outro lado as medidas diplomáticas de embargo econômico por parte do governo dos Estados Unidos da América tentam impedir que o governo cubano consiga negociar a compra de armas com outros países e desta forma impedir a resistência cubana. O que chama atenção é que o governo revolucionário assina vários acordos de cooperação comercial com a União Soviética, mas não compra dela um arsenal bélico capaz de enfrentar uma possível invasão norte-americana. O governo cubano não pretendia naquele momento associar a imagem da revolução cubana com o comunismo soviético, provavelmente porque sabia que esse movimento brusco poderia desfazer a unidade interna dos que apoiavam a revolução cubana, por despertar um sentimento anticomunista.

Após muita dificuldade Cuba conseguiu importar um modesto arsenal bélico da Bélgica. Mas ao chegar a Havana em 4 de março de 1960, ocorreu um incidente dentro do cargueiro francês *La Coubre*, uma explosão matou alguns tripulantes e estivadores. Após poucos minutos aconteceu uma nova explosão em que morreu um grande número de soldados, milicianos e bombeiros cubanos que trabalhavam no resgate do primeiro incidente. Segundo o Granma Internacional, “las explosiones resultaron en 76 muertos y más de 200 heridos”.¹²

Um dia após o atentado contra o navio *La Coubre*, 05 de março de 1960, Fidel Castro realizou um dos seus mais emocionados discursos onde acusou à CIA deste ato¹³. Nesse momento o líder da revolução cubana utilizou o sentimento antiimperialista para tecer ainda mais a coesão nacional. A força do nacionalismo radical passou a intimidar a minoria dos que se opunham à revolução, principalmente após o incidente com o “La Coubre”. Entre agosto e setembro de 1960, um grande número de cidadãos cubanos - quase todos pertencentes à elite e à classe média alta cubana – evadiu-se da ilha em direção a

¹² Ver a matéria “Washington mantém silêncio estrito sobre a sabotagem ao navio francês”. www.granmai.cubasi.cu/portugues/2006/marzo/mier15/12lacoubre-p.html.

¹³ Ver discurso de Fidel Castro, 5 de março de 1960, www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960. Apesar das acusações do governo cubano, ainda hoje não se tem provas concretas do envolvimento do governo dos Estados Unidos e da CIA no atentado.

Miami. Essa primeira migração feita após a revolução de 1959 ficou conhecida como a migração histórica de 1960. Além deles, os cidadãos norte-americanos que trabalhavam nas multinacionais e alguns residentes, ao sentirem-se ameaçados decidiram partir. O quase inevitável confronto entre os governos dos Estados Unidos da América e de Cuba levou muitas famílias cubanas a se separarem devido às divergências político-ideológicas:

Puede ser que no se conozca nunca, en toda su dimensión, las tensiones mentales y el estrés psicológico experimentado en muchos miles de hogares. (...) En la medida en que la revolución se radicalizó – recordaba Nicolas Rivero -, alienó a las altas clases en Cuba y me creó a mi personalmente un conflicto psicológico, entre mi identificación ideológica con los propósitos de la Revolución y mis lazos familiares. El mundo venía abajo para familias como la Rivero y se sentían ahora en un terreno extraño. El universo moral se transformó en algo irreconocible e inaceptable, todo se estaba convirtiendo en algo ajeno a lo que ellos habían llamado su hogar: eran extraños en su propia tierra (Pérez Jr, 2006, p.715).

Paralelamente a esses acontecimentos, o governo revolucionário passou a organizar a mobilização popular para a resistência. Milícias civis foram criadas, a população se armou e aguardou o confronto. Podemos afirmar que o ano de 1960 foi o período de construção do novo Estado cubano e é considerado pela historiografia como o momento de ruptura com as estruturas que sustentaram Cuba até aquele momento. No discurso oficial tudo tinha que ser reconstruído. A nação devia ser reinventada e se preparar para os novos desafios que a revolução abraçava. A guerra iminente e o prestígio pessoal do Primeiro Ministro e "Comandante en Jefe de las fuerzas armadas revolucionarias", Fidel Castro, e dos demais líderes revolucionários levaram à criação de instituições que foram importantes para a organização e controle da sociedade civil cubana.

En febrero de 1960, cuando las relaciones con las clases económicas comenzaron a deteriorarse, se creó la Junta Central de Planificación (JUCEPLAN). La Asociación de Jóvenes Rebeldes (AJR) se fundó en marzo y alistó a una juventud plena de energía y entusiasmo. En septiembre de ese mismo año, después de que la Organización de Estados Americanos criticaba duramente a Cuba y pareciera inminente una invasión norteamericana, Fidel Castro creó los Comités de Defensa de la Revolución. (CDR). Otra organización nacida al calor de la revolución social fue la Federación de Mujeres Cubanas, fundada en agosto de 1960. (Pérez Stable, 1993, p. 135).

Como podemos notar, o governo revolucionário dedicou-se durante todo o ano de 1960 à construção de alicerces que ele julgou necessário para o esteio da nova sociedade cubana. A JUCEPLAN, a Asociación de Jóvenes Rebeldes, a Federación de Mujeres

Cubanas, juntamente com o Ejército Rebelde, se tornaram instrumentos eficazes. O governo revolucionário passou a direcioná-los na mobilização, na defesa da revolução e contra uma iminente invasão dos inimigos do norte. Os CDR foram outro importante instrumento para o controle das cidades cubanas e ainda contribuiu para a mobilização popular. Ainda no final de 1960 foram tomadas outras medidas para unificar e ampliar a revolução e a coesão dos seus poderes:

Algunas se reorganizaron y se integraron a la revolución: los pequeños colonos de la Asociación Nacional de Colonos, por ejemplo, formaron la Asociación Nacional de Agricultores Pequeños (ANAP). Al igual que la CTC, la Federación de Estudiantes Universitarios (FEU) cedió su dirección a la revolución después de considerables conflictos. En octubre de 1960, cuando se nacionalizaban las industrias y el comercio, la revolución entró en una nueva etapa: el PSP, el DRE, e incluso pequeños grupos de auténticos ortodoxos, se unieron al Movimiento 26 de Julio y formaron una coalición más flexible que en 1961 se convirtió en las Organizaciones Revolucionarias Integradas (ORI). La política cubana iba asumiendo el perfil de un sistema de partido único y, en ese proceso, el gobierno revolucionario establecía una nueva autoridad. La nueva política era contraria a la tradicional relación entre Cuba y los Estados Unidos, y el gobierno norteamericano quedó profundamente sorprendido ante la osadía revolucionaria (Pérez-Stable, 1993, p.139).

Como foi visto o governo revolucionário utilizou-se do perigo iminente de invasão por parte dos Estados Unidos da América para unificar a resistência em torno de ideais nacionalistas e antiimperialistas. Toda disputa político-ideológica passou a ser vista como um desperdício de força desnecessária. Todo o movimento social passou a estar centralizado pela revolução. A partir de 1961 as Organizaciones Revolucionarias Integradas (ORI) passaram a controlar as disputas entre antigos integrantes de partidos e facções. Assim, a esfera social era agora controlada de cima pra baixo, ou seja, a revolução detém todo o poder político na ilha. O ideal predominante era que a revolução estava em guerra e não poderia dispersar suas forças. O desafio dos cubanos era preparar-se para resistir à invasão estrangeira e defender a revolução e a soberania nacional. E as evidências de perigo, infelizmente, não eram poucas.

No dia três de janeiro de 1961 o presidente dos Estados Unidos da América, Eisenhower, num dos últimos atos de seu governo, rompe oficialmente as relações com Cuba. Desde 1960, como vimos anteriormente, já havia imposto o embargo comercial à ilha. A tensão aumentava a cada dia e, no dia cinco de janeiro de 1961, Conrado Benítez,

um jovem alfabetizador voluntário de 16 anos, foi assassinado nas proximidades das Serras do Escambray, foco da resistência à revolução. Fidel Castro faz um novo discurso no qual culpa novamente a CIA por financiar e dar apoio técnico aos contra-revolucionários e elegeu o ano 1961 como o ano da educação.¹⁴ A comoção nacional devido ao assassinato do jovem cubano leva a milhares de pessoas a entrarem nas brigadas que passaram a ter o nome de Conrado Benítez¹⁵. O sucesso deste empreendimento levou em poucos anos a ilha a livrar-se do analfabetismo, fato sem precedentes na história latino-americana, que elevou o orgulho dos cubanos e conseqüentemente o fortalecimento do apoio popular à revolução. Isso demonstra a incrível capacidade de mobilização na ilha naqueles anos e a sua energia em defesa da revolução e na construção da nova nação cubana em curso.

Podemos, então, afirmar que o apoio da maioria da população à revolução cubana de 1959 nesses primeiros semestres é incontestável. Os cubanos liderados por Fidel Castro, Che Guevara, Raúl Castro entre outros estavam dispostos a tudo na defesa da sua revolução. Na manhã do sábado, dia 15 de abril de 1961, os aeroportos de Santiago e de Havana foram bombardeados. Mas, para surpresa do governo cubano, os bombardeios duraram apenas algumas horas. Segundo Carlos Franqui (1981, p.125), o primeiro objetivo do governo norte-americano era a destruição dos poucos aviões militares cubanos. Contudo estes estavam estrategicamente bem guardados. No enterro das vítimas dos bombardeios Fidel Castro faz um novo discurso no cemitério de Colón em Havana no qual declarou pela primeira vez que a revolução cubana era uma revolução socialista e termina assim:

Compañeros obreros y campesinos de la patria, el ataque de ayer fue el preludio de la agresión de los mercenarios, el ataque de ayer que costó siete vidas heroicas tuvo el propósito de destruir nuestros aviones en tierra mas fracasaron... Viva la clase obrera! Vivan los campesinos! Vivan los humildes! Vivan eternamente los héroes de la patria! Viva la revolución socialista! Viva Cuba Libre! Patria o Muerte! Venceremos! (Castro, 1961a, p. 9).

Após dois anos e pouco mais de três meses Fidel Castro fala pela primeira vez a palavra socialismo. O momento era propício. O capital estrangeiro está completamente

¹⁴ As brigadas de alfabetizadores começaram em 1960 e terminaram oficialmente no dia 22 de dezembro de 1961 quando Fidel Castro declara Cuba “território livre do analfabetismo”.

¹⁵ Segundo dados oficiais, as brigadas Conrado Benítez foram criadas em 1961 e mobilizaram 100 000 jovens entre 10 e 19 anos para alfabetizar. Ver Pérez, Eugenio Suárez. “Campaña de Alfabetización 1961. Una batalla verdaderamente épica”. Disponível em: www.bohemia.cu/2006/12/05/historia/alfabetización.html. Ver também Gott, Richard. *Cuba, uma nova história*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

estatizado. O governo revolucionário já realizou as principais reformas: a reforma agrária, a reforma urbana, as campanhas de alfabetização, as reformas da educação, a estatização do setor de serviços e a maioria das empresas de capital privado cubano haviam fechado as suas portas. Desta forma, quando Fidel Castro emprega pela primeira vez o termo socialismo não faz mais do que confirmar o que já era uma realidade na ilha.

Então, no dia 17 de abril desse mesmo ano ocorre o inevitável. A invasão se inicia em *Playa Girón*, quando um grupo de exilados cubanos treinados, armados e organizados pela CIA, tentam construir uma “cabeça-de-praia”. O plano consistia em apoderar-se da praia e organizar a resistência à revolução. No projeto elaborado pela CIA os descontentes do novo regime socialista se uniriam aos invasores e juntamente com os combatentes armados de Escambray proclamariam Miró Cordonas, ex-ministro do governo provisório, como novo presidente. O governo dos Estados Unidos da América entraria oficialmente em seguida com o apoio imediato ao governo insurrecional contra a revolução, Fidel Castro e suas pretensões socialistas. O plano, como é notório, fracassou. O grupo, embora muito bem treinado e com equipamento militar muito superior ao do Exército Rebelde foi recebido por milhares de cubanos dispostos a morrer na defesa da ilha e contra a invasão estrangeira. A imagem construída por Fidel Castro se materializava na frase “Pátria ou Mortel!” e não foram poucos os cubanos que a encontraram nas setenta e duas horas de combate em *Girón*:

El 17 de abril, cuando John F. Kennedy envió una brigada invasora compuesta por exiliados cubanos con la misión de derrocar a Fidel Castro, su gobierno esperaba un éxito como el que había tenido el golpe de estado que la CIA había preparado contra Jacobo Arbenz en Guatemala siete años antes. Pero, a diferencia de Guatemala, la revolución social en Cuba tenía profundas raíces históricas y contaba con un extraordinario apoyo popular. Los Estados Unidos, por otra parte, nunca dieron el apoyo aéreo que requerían los exiliados para establecer una cabeza de playa (Pérez-Stable, 1993, p.141).

Ao que tudo indica, o que Kennedy, a CIA e tampouco os invasores cubanos não contavam, era com uma grande mobilização popular na ilha contra o ataque. Carlos Franqui (1981, p. 127) assegura que muitos voluntários cubanos foram mortos na batalha contra os invasores. “Esse ataque frontal de homens contra máquinas (tanques inimigos) não tinha nada que ver com guerra de guerrilha”. O Exército Rebelde não sabia como atuar nessas circunstâncias. “O verdadeiro fator a nosso favor em Girón eram as milícias: a coluna de

Amejeiras embarcou numa missão suicida. Foram massacrados, mas alcançaram a praia”. Após mais de 72 horas de combate, e centenas de mortos, em sua maioria milicianos, os invasores fazem um acordo e se entregam. O acordo feito pelo próprio Fidel Castro, que estava na linha de frente da resistência, consistia em que: os invasores entregassem as armas, se tornassem prisioneiros de guerra e assumissem publicamente na rede de televisão cubana que a operação havia sido organizada e financiada pela CIA. Em contrapartida os invasores teriam como garantias: primeiro de não serem executados e após assumirem os seus crimes contra a revolução seriam enviados de volta ao exílio. O acordo era bom para os exilados que, ao perceberem que os Estados Unidos da América não interviriam diretamente na ilha, e que o número de compatriotas dispostos a morrer em sua defesa era interminável, não encontraram alternativa que não fosse a capitulação. A esse respeito, o relato de Franqui é esclarecedor:

Mas a maioria dos prisioneiros, mesmo após terem dito coisas um tanto duras ao próprio Fidel, acabaram aplaudindo-o – pela televisão – numa transmissão vista em todo o mundo. (...) Levando-se em conta que os invasores perderam bem menos homens que nós, se considerarmos que os prisioneiros passaram bem pouco tempo na prisão, ver-se á que Fidel Castro conduziu todo o negócio com uma presença de espírito muito maior do que controlou o resto da Ilha (1981, p.129).

Fidel Castro, ao fazer o acordo, eleva o orgulho nacional. Os cubanos haviam resistido aos ataques dos Estados Unidos da América (os bombardeios do dia 15 e a fracassada invasão em Girón) e, mesmo com um arsenal bélico muito inferior aos navios e tanques “ianques”, conseguiram vencer. A imagem que predominava na ilha era de que ninguém poderia deter a autodeterminação do povo cubano. A multidão saía às ruas para celebrar o acontecimento histórico. A partir de então o dia 20 de abril passa a ser uma data celebrada em Cuba. Fidel Castro e a direção revolucionária souberam explorar cada milímetro da vitória: comprovaram o golpe orquestrado pela CIA, a política de intervenção imperialista dos Estados Unidos da América, e por fim desgastaram a imagem do jovem Presidente Kennedy, recém eleito pelos democratas, com um perfil liberal e moderno.

A vitória em Girón foi um triunfo extraordinário para Cuba e uma derrota para os Estados Unidos e a CIA. Dali em diante, todo potencial contra-revolucionário estava liquidado. A possibilidade de uma guerra longa e perigosa, um governo fantoche que pediria e receberia auxílio (leia-se intervenção) dos Estados Unidos, havia cessado de existir. A “união” imposta do alto pela CIA simplesmente caiu por terra. Miró Cardona, o pretense presidente nomeado, não era mais que um prisioneiro numa base

militar americana bem protegida; mais tarde ele escreveria uma carta aberta na qual explicaria que o auxílio dos poderosos tem seu preço - você tem que se tornar um fantoche. Kennedy havia herdado a operação dos republicanos Eisenhower e Nixon, mas assumiu completa responsabilidade. Foi ele quem deu o sinal verde para o desembarque e o sinal vermelho para qualquer cobertura aérea americana. A falha foi dele; e foi então que começou a guerra entre ele e a CIA (Franqui, 1981, p.129-130).

Assim, a decisão de Kennedy de não dar apoio aéreo foi crucial para a derrota dos invasores em Girón. A questão que deve ser esclarecida é por que Kennedy recusou-se a bombardear a ilha? Ele não havia autorizado bombardeios aos aeroportos cubanos dois dias antes? O que ocorreu nesse ínterim que levou ao presidente norte-americano a arrefecer o seu ímpeto pela guerra? A resposta pode estar guardada nos porões da Guerra Fria. Naqueles dias a União Soviética deve ter exercido uma grande pressão diplomática para impedir a intervenção direta dos Estados Unidos da América em Cuba.

Kennedy, como disse Carlos Franqui (1981), herdou o plano de seus antecessores e neste não constava uma invasão aérea por parte de seu governo, pelo menos, até que a cabeça-de-praia fosse estabelecida juntamente com o novo – mais velho do que nunca – governo provisório. Os bombardeios do dia 15 eram apenas estratégicos. Os aviões estavam pintados com insígnias das “Fuerzas Armadas Revolucionarias” (FAR) e haviam partido da Nicarágua e não dos Estados Unidos da América. Embora o governo norte-americano sustentasse a versão de que não havia participado do ataque, um dos aviões avariados pela bateria antiaérea cubana pousou em Miami, e as fotos divulgadas pela própria imprensa norte-americana demonstraram que as FAR não dispunham daquela versão do B-26 que aterrissara em Miami. O resultado da divulgação dessas imagens foi uma reunião de emergência do Comitê Político da Assembléia Geral da ONU convocada a pedido de Cuba.¹⁶ Desta forma o bombardeio do dia 15 de abril de 1961 já havia deixado Kennedy numa posição incômoda, e no momento em que ele percebeu que a invasão tinha graves erros de planejamento e, certamente pressionado pelos soviéticos e pela opinião pública internacional, preferiu abortar o projeto a levá-lo às últimas conseqüências. O que com certeza não agradou a todos os envolvidos no episódio, como a direção da CIA responsável pelo plano.

¹⁶ Cf. Perez Stable, Marifeli (1993).

A vitória do dia 19 de Abril de 1961 consolidou a revolução cubana de 1959. O governo dos Estados Unidos da América não podia arriscar-se a uma nova tentativa, após naufragar na praia de *Girón*. A opinião pública internacional e a pressão da União Soviética deixavam a posição do governo norte-americano enfraquecida.

A revolução cubana conseguiu criar uma imagem forte em todo mundo: a luta de um povo pela construção de sua nação, da sua soberania e de seu futuro. Os cubanos haviam se lançado à praia de Girón sem medir as conseqüências, para alcançar o controle do destino de Cuba. A pequena ilha enfim vencera o poderoso continente. O mito da luta entre Davi e Golias era reinventado. A revolução cubana e os cubanos que lutaram naqueles anos nos fazem recordar o romance *O velho e o Mar*, escrito na ilha em 1951 e publicado em 1952 pelo escritor norte-americano Ernest Hemingway; no qual um velho pescador cubano enfrenta todas as adversidades para superar um peixe espada no meio do Mar Caribe. A prudência exigia que o pescador desistisse, pois com a sua precária embarcação, seu rústico equipamento de pesca e sozinho em alto mar, não havia como enfrentar um peixe dessa envergadura. Mas, tal como a ilha, o pescador não se desencoraja e o enfrenta dia e noite numa luta em que se destaca a firmeza da ação e a idéia de que o importante era não desistir jamais. A determinação dos cubanos na defesa de sua revolução e do ideal de “Cuba Libre”, e a célebre frase “Pátria ou Morte, Venceremos” que encerra os discursos de Fidel Castro, evocam *O Velho e o Mar*. Fidel Castro conheceu pessoalmente Hemingway e era seu admirador, e pode ter-se inspirado no romance naqueles anos. *O Velho e o Mar* e o discurso do *Comandante en Jefe de la Revolución* têm em comum a idéia de que o que realmente importa não é vencer ou perder e sim a necessidade e principalmente a justiça da luta em si.¹⁷

A geração cubana que fez e consolidou a revolução cubana apropriou-se dessas imagens. Mas as gerações cubanas seguintes manteriam vivas essas mesmas representações? Fidel Castro e Ernesto Che Guevara entre outros revolucionários acreditavam que manter acesas essas representações e a mobilização popular que garantiu a

¹⁷ No seu estudo Louis Pérez Junior (2006) descreve como nesses primeiros anos de consenso e de tantas tensões e incertezas, de certa forma Fidel Castro personificou por meio de seus discursos acalorados a posição de Cuba frente aos Estados Unidos. Neste sentido, ele escreve: “en sus inicios, casi todo el mundo lo siguió porque muchas verdades tenían que decirse y si Fidel las decía, eso era bueno. Después de todo, era un momento de celebración eufórica, intoxicante y aturdidora; era la ocasión perfecta para la catarsis y el exceso, incluso para ser algo irresponsable y dejar salir la inflamante retórica”. (Pérez Junior, 2006, p.714).

resistência seria o maior desafio da revolução e da alternativa cubana de socialismo. A *Geração Mariel*, por sua vez, se constitui num sinal de alerta na implantação do projeto de formação do “homem novo” na ilha junto a uma nova geração de cubanos.

1.2- A atmosfera social em Cuba e suas ressonâncias no mundo: os principais órgãos da cultura cubana, ICAIC e Casa de las Américas.

A revolução cubana de 1959 foi muito debatida no meio intelectual e artístico, onde se encontravam árdus e respeitados defensores da ilha e da revolução de 1959. Entre os chamados amigos de Cuba se encontravam: Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Eduardo Galeano, Jean Paul Sartre, Mario Vargas Llosa, etc. O que chama a atenção é que havia uma quase-unanimidade entre intelectuais e artistas estrangeiros, principalmente entre os latino-americanos, em defesa da soberania da ilha. Como se sabe a revolução de 1959 teve uma grande ressonância em toda a América Latina. Isso não se deve apenas por seu caráter socialista que, como já foi dito, só se definiu como tal em 1961, mas principalmente pela sua postura americanista, antiimperialista e suas reformas sociais. Após o triunfo de Fidel Castro e de seus companheiros sobre o governo de Fulgencio Batista em janeiro de 1959 se inaugura na ilha um período de grandes expectativas que rapidamente se espalha por toda a América Latina e pelo mundo, principalmente junto à esquerda e seus intelectuais e artistas.

Em Cuba, a grande maioria da intelectualidade brindou a revolução e a ela foi fiel, sobretudo até o final dos anos de 1960. Carlos Monsiváis (2000) denomina esse período *los años del consenso*. Em sua opinião, nunca houve na história um feito político capaz de articular, em torno de si, tantos artistas e intelectuais. Segundo Monsiváis, a ressonância da revolução aumentou ainda quando, em 1959, as autoridades cubanas decidiram fundar a *Casa de las Américas* em Havana, cujo objetivo era obter o apoio de artistas, escritores e intelectuais de esquerda de todo mundo junto à revolução cubana. A direção da casa foi entregue a Haydée Santamaría, militante do *Movimento 26 de Julho*, a única mulher a participar da luta revolucionária desde o seu início: o assalto ao quartel Moncada em 1953. No ano seguinte foi criada também a sua revista homônima, dirigida inicialmente por Antón Arrufat e Fausto Masó.

Havana era tomada por centenas de intelectuais e artistas, todos os anos, para a cerimônia de premiação da *Casa de las Américas*, na qual, além da distribuição dos prêmios, faziam-se debates sobre artes plásticas, música, o papel do intelectual na sociedade, no socialismo, etc. Os prêmios eram concedidos aos escritores de ficção e de ciências humanas e a sua obtenção, embora simbólica, significava reconhecimento de imediato pela crítica internacional. Era um dos momentos de maior esplendor da ilha, naqueles anos. Os artistas, escritores e intelectuais cubanos se sentiam no centro das transformações em curso no mundo. Monsiváis diz que a exclusão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA) foi o apogeu desse momento:

Si la Revolución Cubana es recibida con júbilo casi unánime en 1959, la solidaridad se acrecienta en 1962, al ser expulsada Cuba de la Organización de Estados Americanos (OEA). Casa se convierte en el centro agitativo de la intelectualidad de izquierda, y su mensaje cunde y es creído: la utopía existe y su primera manifestación es Cuba (2000, p. 75).

A *Casa de las Américas* e a revolução de Cuba representavam, assim, mais que uma vitória do bloco socialista sobre o capitalista, a tomada do poder na ilha por uma juventude rebelde, e foi acatada como alternativa possível para velhos problemas latino-americanos: reforma agrária, distribuição de renda, erradicação do analfabetismo, saúde pública, redução da mortalidade infantil, etc.

Em 1965, a *Casa de las Américas* lançou a política tri-continental. No editorial de sua revista, Roberto Fernández Retamar propôs que se estendessem os vínculos entre os três continentes: “*Sólo una tarea histórica nos es más hermosa que el viejo sueño bolivariano de la unidad continental: el nuevo sueño de unidad tricontinental*” (apud Monsiváis 2000, p. 37).

A proposta de unidade tri-continental é uma clara demarcação da política revolucionária cubana que, a partir de 1965, tenta definitivamente se tornar um modelo revolucionário para os então chamados países do terceiro mundo, distanciando-se politicamente do bloco soviético. Embora Cuba mantivesse vínculos políticos, diplomáticos e principalmente comerciais com a União Soviética, prevalecia, nesse momento, a tendência de independência e autonomia da ilha e do seu socialismo. A crise dos mísseis em 1962 havia deixado marcas indeléveis em

Fidel Castro, em Ernesto Che Guevara entre outros comandantes da revolução. Os líderes revolucionários não pretenderam que Cuba fosse dependente de outra potência estrangeira, mas ao mesmo tempo não conseguiriam resistir ao bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos da América sem o apoio de Moscou. O caminho tomado após a crise dos mísseis foi a construção de um modelo cubano de socialismo que criticava alguns supostos equívocos das propostas soviéticas e defendia uma revolução continental – na América latina – e até tri-continental, como foi visto na proposta de Roberto Fernandez Retamar.

A teoria do foco guerrilheiro levou Cuba a apoiar, treinar e armar guerrilheiros em várias partes da América Latina.¹⁸ A União Soviética e os partidos comunistas, que eram seus aliados no continente, contestavam essa estratégia de guerrilha, o que causava tensão entre os dois países. Fidel Castro em sua posição de Primeiro-Ministro evitava defender abertamente as guerrilhas latino-americanas e tecer críticas diretas à União Soviética, mas é evidente que não se apoiaria as guerrilhas na ilha sem o seu consentimento e, em alguns discursos, ele mesmo questionou o modelo socialista soviético. Contudo, Régis Debray e principalmente Ernesto Che Guevara é que foram os embaixadores do “foquismo” e do modelo socialista cubano:

Los guevaristas criticaban abiertamente a la URSS, porque, de acuerdo con sus criterios, la política interior y exterior de este país no concordaba con lo que debía ser el socialismo. Los guevaristas estaban a favor del principio de la revolución permanente, sentían desagrado frente a la institucionalización, no hacían ningún aporte sobre el papel que debía jugar el partido, y proclamaban que los sindicatos eran innecesarios. (Mesa-Lago, 1979, p. 30).

A tese da revolução permanente de Trotsky não era aceita pelos soviéticos que mesmo após a queda do stalinismo defendiam a supremacia da União Soviética no bloco socialista. Os anos 1960 em Cuba foram anos de um profundo debate ideológico: por um lado se encontravam os militantes e simpatizantes do extinto PSP que apoiavam a adesão ao modelo soviético e tinham em Carlos Rafael Rodríguez um dos seus principais porta-vozes. Por outro, se encontravam os guevaristas que contavam com vários ex-combatentes do Exército Rebelde, a começar pelo próprio

¹⁸ Cf. Karol, K.S. (op. Citada)

Guevara.¹⁹ Fidel Castro, mesmo sem tomar partido inicialmente, devido à sua posição de Primeiro-Ministro, era favorável a muitas posições defendidas pelos chamados “guevaristas” que, em grande medida eram também as suas. Deve-se ressaltar que oficialmente não se podia falar em divergências entre “guevaristas” e pró-soviéticos: essa construção se dá posteriormente na historiografia cubana no exílio. Na época predominava, como ainda hoje, a tese do partido comunista único leninista que invocando o centralismo democrático proibia a existência de tendências políticas em suas fileiras. Por isso é difícil identificar, hoje, principalmente quem era “guevarista” naquela época. É mais fácil identificar os quadros do antigo PSP, pois não tinham a hegemonia no partido e desta forma sofriam o estigma de quem não está em consonância com a política vigente. Em 1968, inclusive, alguns ex-militantes do PSP chegaram a serem presos sob a alegação de construírem uma micro-facção no interior do PCC.²⁰

A imagem jovem e combatente de Fidel Castro e de Ernesto Che Guevara em nada lembrava a burocracia soviética, o que favorecia que as dissidências de esquerda do modelo soviético vissem Cuba como algo distinto ao tradicional bloco comunista. Desta forma os intelectuais e artistas que eram dissidentes do partido comunista de seus países visitavam a “Casa de las Américas” ou o ICAIC em Cuba acreditando que estavam defendendo um novo modelo de sociedade. Nesse sentido, Allen Young testemunha,

Fui uno de los muchos jóvenes en Estados Unidos que durante la década de 60 pertenecían a lo que se llamaba “la nueva izquierda”. Veíamos en Cuba una manera diferente de expresar el ideal revolucionario, diferente a la realidad represiva de la Unión Soviética, realidad ya reconocida por la mayoría de las personas de izquierda, excepción hecha de los miembros del partido comunista (Almendros; Jiménez Leal, 1984, p. 172)

Assim, autores consagrados internacionalmente eram convidados a Havana onde sem nenhum constrangimento criticavam o “realismo socialista” que era o modelo estético adotado na União Soviética e no leste europeu. Autores latino-

¹⁹ Ver a este respeito um recente artigo de Rafael Rojas intitulado “Anatomia do entusiasmo: cultura e revolução em Cuba (1959-1971)” in *Tempo Social*, vol. 19, nº 1, São Paulo, 2007.

²⁰ Cf. Mesa Lago (1979).

americanos propunham debates a respeito de uma nova literatura e estética em que se encenasse a realidade da região²¹. A proposta de unidade tri-continental, desta forma, foi apenas mais uma confirmação da independência política de Cuba em relação aos soviéticos. O projeto de revolução no Terceiro Mundo não ficou apenas nas páginas da revista “Casa de las Américas”. Vale lembrar que a teoria do foco guerrilheiro defendido por Ernesto Che Guevara, Régis Debray entre outros foi importada para algumas regiões da África e da América Latina.

As idéias eram debatidas abertamente na ilha no início dos anos 1960 durante os encontros internacionais. Os líderes do governo revolucionário eram muito hospitaleiros e simpáticos aos visitantes da “Casa de las Américas” e do ICAIC. A arte e cultura latino-americanas de esquerda passam a ser muito mais unificadas e a interação entre elas aumenta. O que favorece também para que muitos autores e cineastas se tornassem conhecidos em todo mundo. Havana tornava-se a “capital cultural” do Terceiro Mundo e as evidências das inegáveis conquistas sociais dos primeiros anos da revolução cruzavam oceanos e fronteiras difundindo a esperança revolucionária cubana.

A *Casa de las Américas* e o ICAIC permaneceram como os principais fóruns da esquerda mundial durante toda a década de 1960. Os intelectuais e artistas estrangeiros relevavam algumas posições do governo cubano em relação à liberdade de expressão, embora, a cumplicidade entre o governo cubano e os intelectuais e artistas estrangeiros, amigos da revolução talvez se devesse à ignorância da maioria deles sobre o que acontecia na ilha fora dos períodos festivos. Os intelectuais cubanos já haviam percebido a falta de liberdade de expressão, mas não estavam dispostos a desistir da revolução e das suas inegáveis conquistas no campo social e cultural e justificavam alguns deslizes do governo. Da mesma forma, alguns intelectuais estrangeiros mais presentes na ilha e que colaboravam mais assiduamente

²¹ Outra evidência de como não era aceita na época a estética socialista é o fracasso na estréia do filme *Soy Cuba* realizado pelo diretor russo Mikheil Kalatozhvili em 1964, cujo roteiro foi escrito a quatro mãos entre o cubano Enrique Pineda Barnet e o russo Yegheny Yevtushenko. O filme, que foi duramente criticado em Cuba e na União Soviética, foi rodado na Ilha caribenha de 1962 a 1964. Na década de 1990 foi descoberto por Martin Scorsese e Francis F. Coppola que o reconheceram como um clássico do cinema internacional. Em 2005, Vicente Ferraz dirigiu o documentário “Soy Cuba: O Mamute Siberiano” que retoma a história do filme cubano-soviético trinta anos depois. O documentário mostra as entrevistas a vários atores que participaram na rodagem na década de 1960 e também a Alfredo Guevara (diretor do ICAIC) na época.

com a *Casa de las Américas* também perceberam os equívocos e, como a maioria dos intelectuais e artistas cubanos e pelos mesmos motivos referidos, os desculpavam. A guerra fria, juntamente com os golpes de estado em vários países da América Latina e do Caribe, levava a intelectualidade latino-americana a justificar algumas falhas do governo cubano. O que na opinião de Edward Said é um erro recorrente de muitos intelectuais que se engajam a uma causa e por ela anulam suas opiniões:

A liberdade de opinião e de expressão é o principal bastião do intelectual secular: abandonar sua defesa ou tolerar adulterações de qualquer dos seus fundamentos é, com efeito, trair a vocação do intelectual. (Said, 2005, p. 92).

1.3 – “Palavras aos intelectuais” ou a primeira censura do governo revolucionário: o caso do documentário *PM*

O primeiro choque entre o comando revolucionário e a intelectualidade cubana ocorreu ainda em maio de 1961 quando o documentário sobre a noite de Havana *PM – Post Meridien*, filmado por Sabá Cabrera Infante e Orlando Jiménez-Leal, foi exibido numa sessão na *Casa de las Américas*. O documentário mostra a noite em Havana Velha, região portuária em que se destaca a vida noturna da população. No documentário aparecem prostitutas, desocupados e trabalhadores embriagados, o que não agradou a uma parte da intelectualidade cubana, sobretudo aquela ligada ao antigo Partido Socialista Cubano (PSP). Alfredo Guevara, ex-militante do PSP e então presidente do Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográfica (ICAIC), criado após a revolução ainda em 1959, proibiu a sua exibição com a alegação de que se tratava de material contra-revolucionário, tanto política como esteticamente. Assim, a cópia do filme foi apreendida.

A censura ao documentário *PM* desencadeou um intenso debate divulgado principalmente pelo jornal *Revolución*. O filme havia sido financiado pelo seu suplemento cultural *Lunes de la Revolución*, e produzido nos estúdios de televisão do *Revolución*. Pelo prestígio que o *Lunes de La Revolución* tinha nos círculos de

esquerda, imediatamente após tal ato de censura passou-se a recolher assinaturas a favor do documentário, além de acusar o ICAIC de defender o realismo socialista como única expressão artística na Ilha²². O jornal *Hoy* ligado ao antigo PSP acusava o suplemento *Lunes* de estar mais preocupado com estéticas estrangeiras do que com a revolução. Desta forma o documentário *PM* reacende as divergências entre os “Llanos” e os antigos militantes do PSP. Vale lembrar que Fidel Castro havia combatido duramente as lutas internas e centralizado os movimentos sociais em torno da defesa da pátria contra a invasão estrangeira a partir de 1960.

O debate sobre a censura ao documentário *PM* continuou até que o governo cubano convocou os principais envolvidos para uma série de reuniões fechadas na Biblioteca Nacional José Martí, nos dias 16, 23 e 30 de junho de 1961. Participaram Fidel Castro, o então presidente Osvaldo Dorticós, o Ministro da Educação Armando Hart, a presidente de Casa de las Américas Haydée Santamaría, o presidente do ICAIC Alfredo Guevara, Carlos Rafael Rodrigues entre outras autoridades, além dos representantes dos jornais envolvidos na polêmica: *Lunes de La Revolución* e *Hoy*. Segundo Silvia Miskulin o debate não foi consensual:

Na primeira reunião, o documentário foi exibido e o presidente Dorticós pediu que o público expressasse sua visão sobre P.M. Diversos escritores e intelectuais pronunciaram-se na defesa do documentário P.M., de “Lunes” e do jornal “Revolución”. Carlos Franqui, Lezama Lima, Pablo Armando Fernández, Virgilio Piñera, Roberto Fernández Retamar, Lisandro Otero e Haydée Santamaría expressaram-se contra qualquer tipo de censura e direcionamento na cultura, defendendo o caráter revolucionário do jornal e do seu suplemento. (...) “Revolución e o Lunes” foram atacados por Alfredo Guevara e outros membros do ICAIC, que acusavam o jornal e o suplemento de contra-revolucionários. Carlos Rafael Rodriguez, atacando somente “Lunes”, afirmou que os textos modernos, novos e herméticos deveriam ser publicados lentamente, para que o povo pudesse ser educado a lê-los, sem que houvesse um desperdício de papel (Miskulin, 2007, p. 85).

O governo não aceitou o abaixo assinado contra a decisão do ICAIC. Os colaboradores de *Lunes de la Revolución*, sob a direção de Guillermo Cabrera

²² Esse debate foi recolhido em duas teses de doutorado na USP: Miskulin, S.C. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da revolução (1961-1975)*. Programa de pós-graduação em História Social da USP, 2005; Villaça, Mariana Martins. *O Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)*. Programa de pós-graduação em História Social da USP, 2006.

Infante, eram muito independentes e estiveram no centro do debate desde os primeiros números do encarte:

“Não somos comunistas. Ninguém: nem a Revolução, nem “Revolución”, nem “Lunes de Revolución” (...) Mas nós, de “Lunes de Revolución”, hoje queremos dizer, simplesmente, que não somos comunistas. Para poder dizer também que não somos anticomunistas. Somos, isso sim, intelectuais, artistas, escritores de esquerda – tão de esquerda que às vezes vemos o comunismo passar ao lado e situar-se à nossa direita em muitas questões de arte e literatura (Miskulin, 2007, p.78).

Por mais eloqüente que seja a opinião destes intelectuais deve-se ressaltar que ela convergia com a sentença oficial de Fidel Castro em 1959: *la revolución no era ni capitalista, ni socialista, sino humanista*. E grande parte da simpatia que tinha causado a revolução fora da ilha era por ser diferente, como disse Allen Young, “Cuba, era al principio, para mí, el país ideal que había hecho una revolución humanista, y me convertí en su propagandista” (Almendros; Jiménez Leal, 1984, p. 171).

Desde o início do processo revolucionário o jornal *Revolución* tornara-se o porta-voz oficial do Exército Rebelde. Carlos Franqui, o seu editor, foi responsável pela rádio rebelde e era um revolucionário respeitado por todo o Movimento 26 de Julho. As questões que estavam na pauta em 1961 eram sobre a necessidade de uma maior aproximação da ilha com a União Soviética e se deviam ser convocadas eleições em Cuba. Fidel Castro e os militantes mais próximos a ele como a maioria dos comandantes revolucionários do Exército Rebelde, não defendiam as eleições. Carlos Franqui por sua vez, que era oriundo dos “Llanos”, embora tivesse ido para a Sierra Maestra e se incorporado ao Exército Rebelde, pertencia ao grupo que apoiava as eleições e acreditava que Fidel Castro as venceria facilmente, e que o processo eleitoral fortaleceria a consolidação da revolução. Mas Fidel Castro, Ernesto Che Guevara, entre outros revolucionários não aceitavam essa hipótese; eles usavam sempre as fardas verde-oliva para reafirmarem que os revolucionários estavam em guerra e que a “politicagem” não retomaria a ilha. A perseguição ao *Lunes* por Alfredo Guevara, Carlos Rafael Rodríguez e seus seguidores foi narrada assim, por Carlos Franqui:

Mal pude conter minha raiva enquanto Guevara seguia acusando o “Revolución” e o “Lunes”. Quando ele terminou, aproximei-me de Fidel e disse: “Você me repreendeu no passado porque nunca lhe pedi nada. Bem, agora eu estou lhe pedindo para corrigir uma injustiça cometida bem aqui na sua frente... esta acusação de que o “Revolución” está tentando dividir internamente a revolução. Seu silêncio é como uma confirmação da acusação. Fidel assentiu mais não disse nada. Ele nunca disse nada. Então compreendi que não era Alfredito que acusava o *Revolución*: era Fidel (Franqui, 1981, p. 134).

Portanto para Carlos Franqui era, sobretudo, Fidel Castro quem estava insatisfeito com as posições políticas do grupo que trabalhava no jornal *Revolución*. O encontro ratificou a decisão do ICAIC e a censura do documentário de Sabá Cabrera Infante e Orlando Jiménez-Leal. O encarte cultural *Lunes de la Revolución* foi poupado temporariamente, mas em novembro do mesmo ano, sob a alegação de falta de papel, o *Lunes de la Revolución* deixou de ser publicado definitivamente. No fechamento do encontro, Fidel Castro realizou o conhecido discurso “Palabras a los intelectuales” (1961), no qual ele afirmava a célebre frase: *Dentro de la revolución todo! Fuera de la revolución nada!* A frase é taxativa; a revolução não podia tolerar debates intermináveis como aqueles. Havia uma urgência maior que era a consolidação da mesma:

Teníamos mucho interés en estas discusiones. Creo que lo hemos demostrado con eso que llaman “una gran paciencia” (risas). Y en realidad no ha sido ningún esfuerzo heroico, porque para nosotros ha sido una instrutiva y, sinceramente, ha sido también amena. (...) Nosotros hemos sido agentes de esta Revolución, de la revolución económico-social que está teniendo en Cuba. A su vez, esa revolución económico-social tiene que producir inevitablemente también una revolución cultural en nuestro país (Castro, 1961b, p.1-2).

Deve-se ressaltar que o discurso ocorreu apenas dois meses após a tentativa de invasão na *Playa de Girón*. Por isso, Fidel Castro argumenta que o compromisso deve estar direcionado apenas à consolidação da revolução.

Após a reunião, o debate sobre a censura ao documentário foi atenuado. O governo cubano decidiu então ampliar o alcance da nova resolução e convocou a todos os intelectuais e artistas cubanos para uma conferência, a primeira desde 1959. O objetivo do governo era realizar uma reestruturação nos organismos culturais e, por isso, o evento foi denominado *Primer Congreso Nacional de Escritores y Artistas*, e realizado em Havana

entre os dias 18 a 22 de agosto de 1961. Fidel Castro fez, como de costume, o discurso de encerramento:

Los distintos compañeros han expresado aquí un sinnúmero de puntos de vista, y los han expresado cada uno de ellos con sus argumentos. El primer día había un poco de temor a entrar en el tema, y por eso fue necesario que nosotros les pidiésemos a los compañeros que abordaran el tema, que aquí cada cual explicara sus temores, que aquí cada cual dijera lo que le inquietaba. (...) En realidad, ¿que sabemos nosotros? En realidad nosotros todos estamos aprendiendo. En realidad nosotros todos tenemos mucho que aprender (Castro, 1961b, p.3).

No discurso, Fidel Castro não esquivou nenhuma polêmica. Tratou da liberdade de expressão e mesmo da censura ao documentário *PM*. Alguns trechos do discurso elucidam qual era o papel que o comando da revolução destinava aos artistas e intelectuais cubanos:

Cuál debe ser hoy la primera preocupación de todo ciudadano? La preocupación de que la Revolución vaya a desbordar sus medidas, de que la Revolución vaya a asfixiar el arte, de que la Revolución vaya a asfixiar el génio creador de nuestros ciudadanos, o la preocupación por parte de todos debe ser la Revolución misma? Los peligros reales o imaginarios que puedan amenazar el espíritu creador, o los peligros que puedan amenazar a la Revolución misma? (Castro, 1961b, p. 4).

Segundo o discurso, a liberdade de expressão era um tema secundário, e a revolução teria outras prioridades. A primeira preocupação de qualquer cidadão cubano deveria ser com a consolidação da revolução e os intelectuais e artistas não poderiam fugir a esta regra. Não havia, dessa forma, espaço para um debate a respeito da liberdade de expressão, pois esta questão não estava entre as urgências do momento. Fidel Castro também afirmou que era natural ocorrer transtornos nas relações entre intelectuais e artistas e a direção da revolução. E em seus discursos lembrou e esclareceu o papel que deveria ter um intelectual ou artista revolucionário cubano: estes deveriam estar completamente comprometidos com a revolução e não com questões estéticas e liberais. Outro ponto importante é que ele se referia a três categorias de intelectuais e artistas; primeiro o revolucionário, o segundo o honesto e, por fim, o intelectual mercenário. Vejamos no discurso esta categorização:

Pero puede haber hombres que se adapten a esa realidad y ser hombres honestos, solo que su espíritu no es un espíritu revolucionario, solo que su actitud ante la realidad no es una actitud revolucionaria. Y puede haber, por supuesto, artistas y buenos artistas – que no tengan ante la vida una actitud revolucionaria. Y es precisamente para ese grupo de artistas e intelectuales para quienes la Revolución en sí constituye un hecho que incluso puede afectar su ánimo profundamente. Es precisamente para ese grupo de artistas

e intelectuales que la Revolución puede constituir un problema que se le plantea. Para un artista o intelectual mercenario, para un artista o intelectual deshonesto, no sería nunca un problema. Ese sabe lo que tiene que hacer, ese sabe lo que le interesa, ese sabe hacia donde tiene que marcharse. El problema lo constituye verdaderamente para el artista o el intelectual que no tiene una actitud revolucionaria ante la vida y que, sin embargo, es una persona honesta. (Castro, 1961b, 6-7).

Portanto, para Fidel Castro, a revolução devia se preocupar com os intelectuais que não eram revolucionários, mas eram honestos. A direção devia conquistá-los para participar da marcha. A revolução necessitava da sua contribuição. Dessa forma Fidel Castro explicitava o problema: existia um atrito entre os revolucionários e os intelectuais e artistas e era preciso enfrentá-lo com urgência:

Nosotros somos o creemos ser hombres revolucionarios: quien sea más artista que revolucionario no puede pensar exactamente igual que nosotros. Nosotros luchamos por el pueblo y no padecemos ningún conflicto, porque luchamos por el pueblo y sabemos que podemos lograr los propósitos de nuestras luchas. El pueblo es la meta principal. En el pueblo hay que pensar primero que en nosotros mismos. Y esa es la única actitud que puede definirse como una actitud verdaderamente revolucionaria. Y para aquellos que no puedan tener o no tengan esa actitud, pero que son personas honradas, es para quienes constituye el problema a que hacíamos referencia. Y de la misma manera que para ellos la revolución constituye un problema, ellos constituyen también para la Revolución un problema del cual la Revolución debe preocuparse. (Castro, 1961b, p. 7).

Segundo Bourdieu “o mundo social é também representação e vontade, e todo discurso contém, em si, estratégias de interesses determinados” (Bourdieu apud Pesavento, 1997, p. 18). Fidel Castro apontou um paradoxo na ilha: existiam pessoas que eram mais revolucionárias, como as que estiveram e estavam à frente da revolução e “lutavam pelo povo”, e outros que eram mais intelectuais ou artistas do que revolucionários. Dessa forma ele era enfático em relação aos problemas que os intelectuais e artistas *honestos* e *honrados* poderiam causar à revolução, caso não compreendessem que não poderiam colocar suas angústias estéticas e individuais no caminho da marcha revolucionária. Fidel Castro, aos poucos, deixava o tom descontraído do início do discurso – quando dissera ter comparecido para aprender, e que todos tinham muito que aprender – e passou a expor uma espécie de código de conduta que os intelectuais e artistas que não eram *verdadeiros* revolucionários deveriam utilizar para continuar a suas carreiras na ilha:

Ese es el sector que constituye para la Revolución el problema, de la misma manera que la Revolución constituye para ellos un problema. (...) Es posible que los hombres y las mujeres que tengan una actitud realmente revolucionaria ante la realidad, no constituyan el sector mayoritario de la población: los revolucionarios son la vanguardia del pueblo. La Revolución no puede renunciar a que todos los hombres y mujeres honestos, sean o no escritores o artistas, marchen junto a ella; la Revolución debe aspirar a que todo el que tenga dudas se convierta en revolucionario; la revolución debe tratar de ganar para sus ideas a la mayor parte del pueblo; la Revolución nunca debe renunciar a contar con la mayoría del pueblo (...) La revolución solo debe renunciar a aquellos que sean incorregiblemente reaccionarios, que sean incorregiblemente contrarrevolucionarios (...) ¿Cuáles son los derechos de los escritores y de los artistas, revolucionarios o no revolucionarios? Dentro de la Revolución todo; contra la revolución, ningún derecho (APLAUSOS) (Castro, 1961b, 8-9).

Desta forma, Fidel Castro foi bem explícito: ou os intelectuais e artistas se enquadravam na marcha da revolução cubana ou não seriam mais tolerados. Os aplausos evidenciam que o apoio à sua política naquele momento era quase total. A política cultural cubana havia conquistado resultados materiais incontestáveis em vários âmbitos, como o aumento na publicação e distribuição de livros, a própria "Casa de las Américas", o ICAIC, etc. Assim, em 1961 era inegável a existência de um grande apoio da intelectualidade cubana ao governo revolucionário, ainda que a censura ao documentário *PM* tenha suscitado algumas críticas. Naquele momento, Fidel Castro pessoalmente esclareceu aos intelectuais e artistas qual deveria ser o papel de cada um na política cultural cubana e estes, em sua ampla maioria, decidiram apoiá-lo sem restrições, o que evidentemente não significa que alguns dos que ali estavam não discordassem, mas, sim, que eram exceções à nova hegemonia que se estabelecia a passos largos.

O discurso de 1961 comprova que, mesmo antes da entrada efetiva no bloco soviético, a revolução cubana não tolerava posições que iam de encontro aos seus pressupostos. Fidel Castro afirmava o direito dos órgãos do governo a exercer censuras:

Aunque nosotros no hemos visto esa película nos hemos remitido al criterio de una serie de compañeros que han visto la película, entre ellos el criterio del compañero Presidente, el criterio de distintos compañeros del Consejo Nacional de Cultura. De más está decir que es un criterio y es una opinión que merece para nosotros todo el respeto, pero hay algo que creo que no se puede discutir, y es el derecho establecido por la ley a ejercer la función que

en este caso desempeñó el Instituto del Cine o la comisión revisora. ¿Se discute acaso ese derecho del Cine o la comisión revisora? ¿Se discute acaso ese derecho del gobierno? ¿Tiene o no tiene el gobierno el derecho a ejercer esa función? (...) pero hay algo que no creo que discuta nadie, y es el derecho del gobierno a ejercer esa función. Porque si impugnamos ese derecho entonces significaría que el gobierno no tiene derecho a revisar las películas que vayan a exhibirse ante el pueblo. Y creo que ese es un derecho que no se discute (Castro, 1961b, p. 13).

Fidel Castro se referia ao documentário *PM* que deflagrou o primeiro encontro entre a revolução e os intelectuais e artistas cubanos e ressaltava que a decisão referente ao que poderia ou não ser divulgado em Cuba era responsabilidade dos órgãos oficiais do governo. Portanto, mesmo que esses órgãos e seus representantes cometessem equívocos de avaliação. Eram eles os responsáveis pelo controle do que poderia ou não ser exibido na ilha e o governo revolucionário não aceitaria qualquer debate acerca da sua autoridade e do seu controle. Fidel Castro utiliza a estratégia de dizer que ele não havia visto o filme, mas que confiava na decisão do presidente do ICAIC, Alfredo Guevara. Esta é uma estratégia política comum para defender a existência de órgãos responsáveis por um determinado controle social, ou seja, eles passam a ter vida própria. Para finalizar a análise desse documento, uma última citação evidencia o papel que governo cubano desejava que os intelectuais e artistas desempenhassem na revolução:

En cierta ocasión, cuando nosotros andamos un poco peregrinando por todo el territorio nacional, se nos había ocurrido la idea de construir un barrio en un lugar muy hermoso de Isla de Pinos, una aldea en medio de los pinares – en ese tiempo estábamos pensando establecer algún tipo de premio para los mejores escritores y artistas progresistas del mundo – como un premio y sobre todo como un homenaje a esos escritores y artistas; proyecto que no tomó cuerpo pero que puede ser revivido para hacer un reparto o una aldea, un remanso de paz que invite a descansar, que invite a escribir (APLAUSOS). Y yo creo que bien vale la pena que los artistas, entre ellos los arquitectos comiencen a dibujar y a concebir el lugar de descanso ideal para un escritor o un artista, y a ver si se ponen de acuerdo en eso (RISAS) (Castro, 1961b, p.19).

Os risos demonstram a descontração do ambiente. Fidel Castro havia contornado um início de crise e ironizava ao dizer que os intelectuais poderiam entrar em concordância, pelo menos, a respeito do local da construção de um espaço; no qual seriam convidados intelectuais e artistas progressistas de todo o mundo. Ora,

construir um lugar “hermoso” na ilha de Pinos para que escritores e artistas pudessem descansar em um determinado período do ano em meio a uma revolução! Uma declaração como essa feita pelo próprio comandante da revolução, no primeiro congresso de escritores e artistas, enfatiza a relevância que este setor representava para a sua consolidação: não atrapalhar! Por fim, Fidel Castro declarou ao encerrar seu discurso: “Y ustedes tienen la oportunidad de ser más que espectadores: de ser actores de esa revolución, de escribir sobre ella, de expresarse sobre ella” (Castro, 1961b, p. 27).

Fidel Castro é enfático: não quer a opinião dos intelectuais e artistas cubanos no processo de implantação da revolução. A eles caberia apenas declamá-la e exaltá-la. O discurso, os aplausos e os risos do auditório evidenciam não somente a subserviência intelectual e política, mas também uma cumplicidade interesseira da maioria dos presentes. Em troca do apoio irrestrito ao governo revolucionário. Os artistas e intelectuais presentes aceitavam como recompensa: uma bela casa de praia reservada exclusivamente para os bons servidores do regime.

Os dirigentes revolucionários não toleravam a falta de pragmatismo de alguns intelectuais e artistas cubanos e, de forma muito paternalista para uns, e claramente ameaçadora para outros, foi dado o aviso: “Dentro de la revolución, todo, fuera de la revolución nada”. A afirmação de Fidel Castro foi afixada em cartazes e muros pela ilha, inaugurando o novo paradigma da revolução. Um dos resultados do Congresso foi à criação da UNEAC, União dos Escritores e Artistas Cubanos, que passou a controlar quem eram os intelectuais e artistas cubanos e o que faziam. A revolução cubana em 1961 estava no auge de seu apoio popular e, com exceção do grupo que girava em torno do *Lunes de la Revolución* que, como já foi dito, deixa de existir em novembro desse mesmo ano, e de uns poucos indivíduos isolados, não há maiores resistências. Como afirmou Carlos Monsiváis, eram “años del consenso” sobretudo para os que se consideravam de esquerda. Quanto às exceções, numa época de consenso não é nada fácil ser uma exceção; muitos integrantes da minoria, como alguns integrantes do *Lunes*, deixam a ilha em poucos anos e os que não os acompanharam se arrependiam ainda mais quando a saída já não era mais possível.

Capítulo II – O homem novo

El presente es de lucha; el futuro es nuestro.

(Ernesto Che Guevara)

2.1 – A construção do homem novo em Cuba

Após a crise dos mísseis em 1962 a relação entre Cuba e União Soviética ficou estremecida. Fidel Castro se irritou com Khrushchev por ter feito o acordo com Kennedy para a retirada dos mísseis da ilha sem sequer consultá-lo, e por aceitar a exigência dos Estados Unidos, de que se fizesse uma inspeção na ilha para certificar a inexistência dos mísseis, o que, aliás, o governo cubano jamais permitiu. A desconfiança do governo cubano em relação à União Soviética sempre existiu, mas o apoio incondicional dos soviéticos na época do embargo econômico proporcionado pelos Estados Unidos havia aproximado os dois países socialistas, embora o governo cubano não tenha se comprometido, até então, mais do que lhe fosse conveniente. Segundo Mesa-Lago a crise inaugurou uma nova etapa da revolução:

Esta cálida relación sufrió una brusca sacudida debido al entendimiento soviético-norte-americano durante la crisis de los Cohetes de 1962, el cual constituyó, según el punto de vista oficial cubano, una retirada soviética agravada por la falta de consulta con Cuba. (...) Así, la Revolución entró en su tercera etapa (1963-1966), dominada por un vivo debate sobre sistemas alternativos de organización y estrategias para el desarrollo (MESA-LAGO, 1979, p. 28-29).

Mesa-Lago analisa a revolução cubana em etapas: a primeira teria sido a fase nacional-populista, sem uma ideologia específica, que foi de 1959 a 1960; a segunda, a partir de 1961, teria sido marcada pela declaração socialista da revolução, a aproximação com a União Soviética, a centralização do poder e planificação econômica; após a crise dos mísseis de 1963 a 1966, para Mesa-Lago teria ocorrido a terceira etapa, na qual houve um profundo debate na ilha entre os que defendiam o modelo soviético, tendo à frente os líderes do extinto PSP, e os chamados guevaristas, que propunham um novo modelo socialista para Cuba; a quarta etapa foi a consolidação do modelo proposto por Ernesto Che

Guevara, que Mesa-Lago define como sino-guevarista, e que teria durado de 1966 a 1970, ou seja, até após três anos da morte do guerrilheiro; por fim, o quinto modelo seria a ascensão definitiva do modelo soviético após a crise econômica que atingiu a ilha em 1970 e que levou o país a aderir ao bloco comunista liderado pela União Soviética. (Cf. Mesa-Lago, 1979).

Nosso objetivo, neste segundo capítulo, não é discutir a revolução cubana por etapas nem, tampouco, uma etapa específica desta. Discutiremos as propostas de Ernesto Che Guevara para a construção do modelo ideológico e moral do “homem novo” cubano que, a nosso ver, foram as teses hegemônicas durante os anos de 1960 em Cuba, e que representavam os ideais do grupo de guerrilheiros do Movimento 26 de Julho da Sierra liderados por Fidel Castro. O homem novo não se restringiria a uma formulação política pessoal de Ernesto Che Guevara, mesmo reconhecendo que ele tenha sido o principal formulador teórico da alternativa cubana de socialismo naqueles anos. A nosso ver, as suas teses representavam as principais metas traçadas por um grupo de revolucionários que tinham conseguido liquidar a oposição interna e externa e aspiravam a transcender os limites de uma revolução nacionalista burguesa num contexto internacional favorável a esse giro. Desta forma cabia a Ernesto Che Guevara agir como uma espécie de embaixador do socialismo cubano e da revolução continental e até mesmo tri-continental, como foi visto no capítulo anterior. Assim, Ernesto Che Guevara viajava, escrevia, lutava em outros países e divulgava os ideais do Homem Novo e do foco guerrilheiro, enquanto cabia a Fidel Castro com seu anseio centralizador conduzir a revolução na ilha.

Após 1961 ficou evidenciado que a preocupação dos líderes revolucionários, Fidel Castro, Ernesto Che Guevara entre outros, era com a construção de uma nova sociedade e, sobretudo, de um “homem novo” capaz de dar sentido e perpetuação à revolução que iniciava a sua grande “marcha”. Era consenso entre estes revolucionários que a principal batalha da revolução seria a edificação dessa nova personagem e que sem a sua presença a mesma se estagnaria. Portanto havia a urgência em preparar a juventude cubana para os novos desafios da revolução e que esta, de certa forma, estivesse à altura da geração revolucionária de Sierra Maestra que conquistou a soberania política e econômica da ilha. A nosso ver, o movimento para a construção do Homem Novo foi uma estratégia de Fidel Castro e Ernesto Che Guevara relevante, aspecto não tão considerado pela maioria dos

investigadores da revolução cubana de 1959. A principal razão por esta opção é a predominância de dois vieses de análise sobre a revolução cubana: o econômico e o político. Desta forma, se o caminho é predominantemente econômico parte-se da crise das safras de cana de açúcar²³ e do bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos, entre outros. A variação ideológica é o que o contorna, atenua e acentua esses vetores. Já quando a análise privilegia a dimensão política se pontuam as estratégias dos dirigentes de Cuba para se instalar como um satélite da então União Soviética, novamente com contornos a depender da variante ideológica, quase via-de-regra, do investigador.²⁴ Não podemos desconsiderar a importância desses elementos eleitos como predominantes, mas para alcançar nosso objetivo – discutir a condição Mariel de identidade – é preciso antes compreender os efeitos da revolução e do seu projeto de construção do homem novo, nas gerações que vivenciaram a revolução e em específico junto à autodenominada Geração Mariel. Trata-se de observar um grupo composto quase inteiramente por pessoas que vivenciaram a revolução quando ainda eram adolescentes e que, de certa forma, foram o laboratório de aplicação dos pressupostos morais e ideológicos do Homem Novo junto ao seu principal objeto: a juventude. A questão que se coloca aqui é: até que ponto a intenção de construir uma juventude revolucionária serviu como estopim para a deflagração da onda migratória que se inicia em 1980? Tomaremos essa questão como o ponto de partida para se compreender a condição Mariel de identidade.

O modelo de homem novo formulado por Ernesto Che Guevara tinha como objetivo preparar a juventude para a nova sociedade que a revolução socialista inaugurava em Cuba:

En nuestra sociedad, juegan un gran papel la juventud y el partido. Particularmente importante es la primeira; por ser la arcilla maleable con que se puede construir al hombre nuevo sin ninguna de las taras anteriores (GUEVARA, 1993, p.330).

O futuro da revolução na ilha dependeria da construção de um homem novo e que este só pode ser moldado em indivíduos nascidos livres das “taras” características do ideário e do sistema de valores do sistema liberal capitalista. Por outra parte, Ritter (1974,

²³ Alguns estudos sobre a revolução cubana privilegiaram uma análise econômica, a tese mais importante é a do historiador Carmelo Mesa Lago (1979) que se detem em analisar as varias etapas a partir de 1959-1979 e as crises economicas enfrentadas pela revolução sendo a mais importante o fracasso da safra de açúcar de 1970.

²⁴ Ver Jorge I. Dominguez, *Cuba: order and revolution*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

p.85) aclara que o homem novo não nasceria de forma espontânea. A sua transformação necessitaria:

Requeria una reorganización de todas las instituciones de la sociedad. Requeria la eliminación de todos los vestigios del capitalismo, la abolición de los incentivos materiales y la adopción de formas institucionales en la que los hombres no estuviesen motivados por el propio interes.

Então para Ernesto Che Guevara (1992, p.329) o partido e os seus integrantes deviam monopolizar a tarefa de moldar a juventude: *“Los hombres del partido deben tomar esa tarea entre las manos y buscar el logro del objetivo principal: educar al pueblo.”* Desta forma Ernesto Che Guevara, um dos expoentes marxistas da revolução, a formação do homem novo deveria ser o principal objetivo do Partido Comunista Cubano. Para tanto ele propunha que se devia desde logo instalar o trabalho voluntário e involuntário²⁵ como um dos instrumentos pedagógicos para a formação de uma juventude proletária:

Su educación es cada vez más completa y no olvidamos su integración al trabajo desde los primeros instantes. Nuestros becarios hacen trabajo físico en sus vacaciones o simultáneamente con el estudio. El trabajo es un premio en ciertos casos, un instrumento de educación, en otros, jamás un castigo. Una nueva generación nace (GUEVARA, 1993, p.330).

Para se formar uma juventude com valores proletários seria preciso então valorizar o trabalho físico, até porque não havia fabricas suficientes na ilha para absorver a demanda por trabalho proletário. Quando Ernesto Che Guevara afirma que em alguns casos se trataria de um prêmio, ele se refere aos chamados “trabalhos voluntários”, eufemismo que encobre a obrigatoriedade do trabalho²⁶ entre esses os trabalhos no campo, que todos os estudantes até a atualidade são obrigados a fazer durante um determinado período das férias escolares; salvo evidentemente os que, por incapacidade física, não estivessem aptos àquelas tarefas. Quanto a ser um instrumento de educação, Ernesto Che Guevara se referia aos programas de recuperação social por meio do trabalho explicitamente obrigatório. Vale lembrar que a UMAP – Unidad Militar de Ayuda a la Producción – foi criada oficialmente em 1965, ou seja, no mesmo ano de publicação das teses acerca do homem novo, e tinha como objetivo recuperar pessoas acusadas de “desvios” ideológicos e/ou morais. Não

²⁵ Os termos “trabajo voluntário e involuntário” foram usados por RITTER, Arch R.M. “Estrategias de movilización y recursos humanos en Cuba revolucionaria” In Cuadernos de Economía, Instituto de Economía da Pontificia Universidad Católica de Chile, vol.11, 1974, p. 79.

²⁶ Posteriormente população criou o trocadilho de “trabalhos voluntarios” precisamente para mostrar a obrigatoriedade encoberta.

podemos afirmar que Ernesto Che Guevara foi um dos criadores ou idealizadores da UMAP; contudo sua apologia do trabalho como “instrumento de educação” e a sua afirmação de que o trabalho jamais poderia ser encarado como uma forma de castigo vão ao encontro dos pressupostos da UMAP²⁷. Evidentemente isto não o compromete pessoalmente quanto à condução da instituição. De toda forma o trabalho físico, para Ernesto Che Guevara, era um importante instrumento pedagógico para a correção dos cidadãos cubanos e principalmente para a gestação do homem novo cubano pós-revolução. Em diversas imagens aparecem Ernesto Che Guevara e Fidel Castro participando das atividades agrícolas como mostramos a seguir:



Imagens 2 e 3: fotos sobre o trabalho voluntário extraídas de “Ernesto Che Guevara, Comandante de América, ejemplo de internacionalismo”. Disponível em: <http://www.bohemia.cu/galerias/2002/Che-guevara/sumario-galeriadefotos.html>. Imagem 4: foto extraída de “Fidel Castro, producción y defensa”. Disponível em: www.bohemia.cu/dossiers/politica/01_fidel/hist/fidel_trayect04.html.

O trabalho coletivo seria uma forma de se opor à ideologia liberal capitalista e ao seu individualismo que representavam um passado de alienação a ser desconstruído: “La nueva sociedad en formación tiene que competir muy duramente con el pasado” (GUEVARA, 1993, p. 324). O que, com efeito, foi praticado desde os primeiros dias da revolução:

Las festividades fueron transformadas. La celebración del Día de Dar Gracias se suspendió. Las Navidades cambiaron. Se dio nuevo énfasis a la celebración de una “Navidad cubana”, (...) Santa Claus se convirtió en algo parecido a una “persona non grata” y se retiró de la vista pública, sin

²⁷ Em agosto de 1965 o Departamento de Laceras Sociais do Ministério do Interior de Cuba (Minint) foi responsável pelo recolhimento de elementos anti-sociais para encaminhá-los a partir de novembro desse mesmo ano às recém criadas UMAPs. As Unidades de Ayuda a la Producción eram campamentos de trabalho agrícola e foram criadas pelo governo cubano para recrutar jovens e velhos que apresentavam “algum desvio ideológico ou moral” e que não se encaixavam no alistamento do Serviço Militar Obrigatório, como veremos mais adiante.

ceremonias: “Ni una sola tienda a lo largo de Galiano muestra al alegre San Nicolás”, observaba en diciembre de 1959 un residente de muchos años de la Habana. Contrario a los rumores, el columnista Milton Guss aseguraba a sus lectores que Santa Claus no se asiló en la Embajada Americana. (Pérez Júnior, 2007, p. 698).

Portanto muito do que foi proposto no livro *El socialismo y el hombre en Cuba*, escrito por Ernesto Che Guevara em 1965, estava em sintonia com o que já ocorria em Cuba desde 1959: a destituição do passado indesejado e a invenção de novas tradições (Hobsbawm & Ranger, 1997). Na citação de Pérez Júnior podemos observar que em menos de um ano a festa de Natal deixa de existir na ilha e, além dela, vários feriados e datas celebrativas (principalmente religiosas) desaparecem enquanto outras datas passaram a serem instituídas: o assalto ao quartel de Moncada em 26 de Julho; o 1º de Janeiro já não é mais celebrado como ano novo, mas sim como o aniversário da revolução, etc. A revolução cubana tentava inaugurar uma nova história por meio da invenção de uma nova tradição. Enfim, para Ernesto Che Guevara, o presente revolucionário tinha que travar um duelo frontal com o passado, a sua tradição e a sua cultura. Somente a vitória nesse combate por uma nova visão de mundo é que garantiria o futuro da revolução, a implantação do comunismo. Desta forma não havia como construir uma nova sociedade sem fazer desabar o passado. Devemos lembrar o pensador marxista heterodoxo Walter Benjamin, que contestava há um quarto de século antes, essa idéia de marcha para o futuro que deveria atropelar a tradição, a cultura e o passado em nome de uma revolução, do futuro e do progresso:

A idéia de um progresso da humanidade na história é inseparável da idéia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da idéia do progresso tem como pressuposto a crítica da idéia dessa marcha. (...) A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras” (BENJAMIN, 1994, p. 229).

Segundo Walter Benjamin (1994), o marxismo histórico não poderia renunciar ao presente e ao passado em nome da marcha para o futuro. Em sua opinião a história era um *continuum* que não poderia ser fracionada.

O projeto do homem novo inaugurado pela revolução cubana tinha como principal objetivo transformar a ideologia da juventude, ou seja, sua visão de mundo, como alguns

teóricos marxistas a definiam então. Segundo Terry Eagleton (1997, p. 95-96), essa era a posição do marxismo historicista:

Para Lukács, como para o marxismo “historicista” em geral, é como se cada classe social tivesse sua “visão de mundo” peculiar, corporativa, que expressasse diretamente suas condições materiais de existência, e a dominação ideológica consistisse em uma dessas visões de mundo impor sua marca na formação social como um todo. (...) O marxismo historicista, em resumo, supõe uma relação excessivamente orgânica e interna entre um “sujeito de classe” e sua “visão de mundo”.

Segundo Eagleton, há diversas formas de marxismo historicista, no entanto em todas há em comum a luta contra a alienação capitalista, que emperra a construção de uma ideologia proletária. Contudo, existem diferenças no interior dessa corrente de pensamento:

A categoria-chave no trabalho do colega marxista ocidental de Lukács, Antonio Gramsci, não é a ideologia, mas a “Hegemonia”, e vale a pena ponderar a distinção entre esses dois termos. Gramsci normalmente usa a palavra hegemonia para designar a maneira como um poder governante conquista o consentimento dos subjugados a seu domínio – apesar de, é verdade, empregar o termo ocasionalmente para designar conjuntamente o consentimento e a coerção (EAGLETON, 1997, p. 105).

O ponto de convergência entre todas as variantes do chamado marxismo historicista é o enfoque prioritário na mudança de visão de mundo da sociedade para a substituição do modo de produção capitalista pelo comunista. O marxismo historicista em geral propõe enfrentar a alienação (a visão de mundo burguesa) antes de consolidar a estrutura socialista de produção, ou ao menos tratar os dois problemas simultaneamente. As diferenças teóricas e metodológicas internas no interior da corrente do marxismo historicista não são o alvo desse trabalho, mas é preciso ressaltar que essa corrente teórica dedica à chamada superestrutura a mesma importância, na construção do comunismo, do que à estrutura, contrariando o marxismo ortodoxo e a doutrina soviética. A construção da hegemonia política seria, então, a chave para a edificação de uma nova sociedade. Claramente inspirado pelo marxismo historicista, o Homem Novo cubano seria forjado por uma educação revolucionária e teria no trabalho voluntário e corretivo uma vital ferramenta pedagógica para a formação e correção das novas gerações. A estratégia do governo cubano era incorporar-lhe à maioria dos cubanos um novo código ético. Dessa maneira, Ritter (1974, p.82) afirma, “el rasgo más importante de la nueva moralidad era el altruísmo. Los cubanos debían dedicar sus vidas totalmente a las necesidades de la revolución (como las

percibía la directiva revolucionaria), a sus compatriotas cubanos y a la humanidad”. A primeira juventude após o triunfo da revolução, como já foi dito, foi o laboratório de aplicação dessa proposta:

Obtuve una beca en lo que antes era el campamento militar de Batista llamado La Pantoja, que ahora se había convertido en una escuela politécnica. Yo tenía dieciséis años cuando comenzaron las clases; era un curso en el cual nos graduaríamos para ser contadores agrícolas. Era una nueva disciplina que el gobierno – que ya tenía planes secretos de confiscar todas las tierras – necesitava impartir. Creo que fue una de las primeras becas que el gobierno de Castro creó porque era un centro para formar jóvenes comunistas. La mayoría de los que allí entramos no nos dimos cuenta, en aquel momento, del objetivo fundamental de aquel curso. Fuimos “captados” por toda la isla (ARENAS, 1992, p. 71).

A citação foi retirada da autobiografia de Reinaldo Arenas *Antes que anochezca*, iniciada ainda em Havana e concluída em Nova York. Nela o autor, que foi um dos fundadores da *Geração Mariel*, narra como ele, um adolescente oriundo de uma família camponesa da região de Holguín, sem perspectivas quanto à educação formal, consegue uma bolsa de estudos em uma escola agrícola e lá recebe instruções – segundo os critérios da revolução: aulas de contabilidade, aulas de marxismo-leninismo, práticas militares, trabalho no campo, etc. Muitos jovens, em sua opinião, tiveram dificuldades em se adaptar às tarefas, o que não foi tão difícil para ele, pois já estava adaptado à vida do campo. Os estudantes, segundo Arenas, eram preparados para trabalhar para a revolução:

Muchos de aquellos compañeros llegaron después a ser dirigentes del régimen de Castro, otros se suicidaron. Recuerdo a uno de mis amigos de Holguín que se descargó su metralladora en la cabeza. Los que persistíamos éramos los hombres nuevos, los jóvenes comunistas que controlaríamos la economía del país. (...) No era fácil sobrevivir a todas aquellas depuraciones que tenían un carácter moral, político, religioso y hasta físico, además de tener que pasar todos los exámenes técnicos. De los dos mil alumnos quedamos menos de mil (ARENAS, 1992, p.73).

Reinaldo Arenas é um dissidente do regime cubano e deixa isso transparecer em sua narrativa, principalmente pela sua condição homossexual que, segundo ele, precisou ser anulada durante todo o tempo em que esteve no acampamento, já que era vista como um desvio moral incapaz de ser adaptado aos princípios de uma revolução feita por homens e para homens. Mas o que chama a atenção é que Reinaldo Arenas não dissimula que acreditou, colaborou e mesmo utilizou-se da revolução:

Sin embargo, hay que reconocer que el entusiasmo estaba todavía por encima del desencanto. (...) Casi todas las noches íbamos al teatro ver alguna película rusa; también comíamos mucha carne rusa. Indiscutiblemente nos adoctrinaban, pero también nos alimentaban y estábamos estudiando gratis; el gobierno nos vestía, nos educaba a su modo y disponía de nuestro destino (ARENAS, 1992, p. 74).

O relato confirma que o investimento do governo revolucionário na educação da juventude era algo sem precedente na história de Cuba. Isto evidentemente se traduzia em mais apoio à revolução e mantinha a euforia e a expectativa em alta. Em determinado momento de seu relato Arenas narra a presença inesperada do próprio Fidel Castro em um seminário político:

Todos estábamos entusiasmadísimos con su presencia; era un honor que el Comandante en jefe nos fuera a visitar a nosotros, simples contadores agrícolas. Nos dijo que éramos la vanguardia de la Revolución, que teníamos una enorme responsabilidad, porque nosotros íbamos a conducir las primeras granjas del pueblo. Dijo que teníamos que estar muy honrados y absolutamente politizados y revolucionarios. El discurso terminó con aplauso enorme; desde luego, yo también aplaudi (ARENAS, 1992, p. 77).

Na memória de Reinaldo Arenas podemos sentir a proximidade do comando revolucionário com a juventude naquele momento. Ele já havia, a exemplo de seus colegas, concluído o curso e participava de um seminário político durante o qual foram surpreendidos pela presença do próprio Comandante Fidel Castro que lhes diz: que a revolução estava em curso, que ela dependia muito deles e que eles eram extremamente importantes para o seu êxito. Podemos notar claramente que o momento é de aproximação e de apoio da maioria da juventude cubana à revolução. Também observamos a preocupação do comando revolucionário com a juventude que eles formavam, o que demonstra que o *homem novo* proposto por Ernesto Che Guevara já estava em curso antes mesmo da sua formulação e que não era somente uma retórica teórica e muito menos a tese de um único indivíduo. A nosso ver, a formação da juventude revolucionária por meio da ética do trabalho era um paradigma da revolução cubana de 1959. A revolução prefere formar jovens para desempenhar papéis relevantes a procurar profissionais mais experientes. Não há dúvida quanto à existência de pessoas capacitadas para serem contadores em granjas do novo estado cubano. Portanto a decisão de se utilizar jovens para assumirem esses postos estratégicos era política. A juventude estaria livre das “taras do capitalismo”. Havia desta forma a opção de se preparar quadros para uma nova

administração, livre da corrupção e dos vícios do passado, e a juventude seria a matéria prima a ser trabalhada. Desta forma os princípios do *homem novo* estavam em gestação desde os primeiros anos da revolução. Reinaldo Arenas descreve o ano de 1961:

Al principio yo tenía diecisiete años y cantaba los himnos de la Revolución y estudiaba, indiscutiblemente, el marxismo; llegué a ser uno de los directores de los círculos de estudios marxistas y, desde luego, joven comunista. Yo pensaba que todos aquellos hombres que se alzaban contra Fidel estaban equivocados o locos. Creía o que quería creer que la Revolución que me daba una educación gratuita no pudiera ser algo sinistro. Pensaba que seguramente habría elecciones y Fidel Castro sería elegido por vía democrática (ARENAS, 1992, p. 81).

Como podemos perceber, Arenas (1992) comprova em sua autobiografia a idéia de construção de uma nova sociedade por meio da formação de uma juventude revolucionária que por sua vez tinha o objetivo formar um *homem novo*. O que demonstra que educar a juventude era um dos paradigmas da revolução cubana desde seu início. O *homem novo*, dessa forma, não resultava apenas do pensamento político de Ernesto Che Guevara. O que ele fez ao redigir *El socialismo y el hombre en Cuba* (1965) foi trazer para o terreno da teoria política um dos principais ideais da revolução cubana e que estava em curso desde 1959. Outra proposta teórica de Ernesto Che Guevara é a predominância de estímulos morais sobre os estímulos materiais. A esse respeito Fidel Castro declarou ainda em 1960:

La propia revolución demuestra que los ideales pueden más que el oro! Si el oro pudiera mucho más que el ideal, los grandes intereses extranjeros nos habrían barrido del mapa; si el oro pudiera más que el ideal, la patria estaría perdida, porque oro es lo que sobra a nuestro enemigos para comprar conciencias, y sin embargo todo el oro de nuestros enemigos no alcanza para comprar la conciencia de un revolucionario (...) Los trabajadores, los campesinos, los cubanos dignos (...) han conquistado su conciencia revolucionaria (...) no se les puede cambiar su revolución, su patria, por el oro (Castro, 1960 apud Pérez-Stable, 1993, p.143).

Esta afirmação de Fidel Castro é anterior à declaração do caráter socialista da revolução, mas como se pode perceber o tom socialista do discurso é perceptível, da mesma forma que uma das teses propostas por Ernesto Che Guevara: não se compra consciência com incentivos materiais. De fato a revolução cubana apropriou-se da euforia nacionalista e antiimperialista, principalmente após a frustrada tentativa de invasão em 1961 em Girón promovida pelos Estados Unidos. Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, entre outros revolucionários, acreditaram que o sentimento de comunhão social causado pela revolução

e pela resistência à invasão “norte-americana” devia ser explorado por meio de estímulos morais que, por sua vez, tinham o objetivo de impedir que a mobilização popular, chave para a consolidação da revolução e sua hegemonia política, arrefecesse.

Entre 1966 y 1970, Cuba se dedica a la construcción simultanea del comunismo y el socialismo: un experimento radical que desarrollaría a la par la conciencia y la economía. Con un modelo propio, los líderes cubanos esperaban generar recursos suficientes que les permitiera establecer un vínculo más equilibrado con la Unión Soviética e institucionalizar la revolución a la cubana. (...) Aun cuando su origen radicaba en las ciudades, el trabajo voluntario se extendió por todo el país. Miles de ciudadanos urbanos empuñaron los machetes, tumbaron los altos tallos de caña y experimentaron su primer encuentro con la realidad del subdesarrollo. La campaña de alfabetización alistó a cerca de 300.000 personas, y la lucha por supervivencia dotaba a estas movilizaciones de un espíritu militar (Pérez-Stable, 1993, p.173-174).

O espírito militar é outra ressonância de Sierra Maestra. Fidel Castro, Ernesto Che Guevara e outros líderes revolucionários sempre usavam o uniforme verde-oliva. Fidel Castro era inclusive o comandante do exército revolucionário cubano, além de Primeiro-Ministro. Pérez-Stable (1993) afirma que o período de 1966 a 1970 foi a fase do “socialismo à cubana”, da mesma forma que Mesa-Lago o demarca como a etapa “sino-guevarista”. A nosso ver tais demarcações são apenas aproximativas. O início de um “socialismo à cubana” poderia ser antecipado para 1959, levando em conta ainda que os pressupostos do homem novo e da alternativa socialista cubana foram em certa medida aplicados na experiência guerrilheira de Sierra Maestra e vários de seus pressupostos permanecem efetivos até os dias de hoje. No entanto o que realmente se pode afirmar é que o ápice da alternativa cubana de socialismo teve início em 1966 e o declínio de sua independência política em favor da União Soviética em 1970.

Da mesma forma que Fidel Castro só falou em socialismo quando este já estava na prática consolidado, a defesa do modelo socialista cubano só passou a ser explicitamente assumida pelo Comandante em Chefe da Revolução quando ele já era uma realidade palpável. Fidel Castro, como foi visto no primeiro capítulo, sabia esperar e preparar as condições necessárias, estabelecidas por ele, para a revolução cubana. Como chefe de Estado, Fidel Castro preferia que Ernesto Che Guevara, entre outros, defendessem algumas posições polêmicas, enquanto ele se mantinha longe do debate enquanto lhe fosse conveniente. Vimos no primeiro capítulo Carlos Franqui afirmar que durante a primeira

reunião do governo com os intelectuais cubanos em 1961, que naquele momento compreendeu que o verdadeiro adversário do “Lunes de la Revolución” não era Alfredo Guevara e sim o próprio Fidel Castro (FRANQUI, 1981, p 143). A condução política era de Fidel Castro, mas ao mesmo tempo ele evitava entrar pessoalmente em debates na ilha. Ora, Fidel Castro sabia que era o líder de uma revolução pluralista em sua essência e buscava o consenso da revolução em torno de si:

Sempre que tínhamos notícia de um novo decreto arbitrário ou de outra injustiça cometida em nome da justiça ou de algum outro crime político (até mesmo assassinato) cometido pelo regime, nós sempre dizíamos: “Provavelmente Fidel nem sabe disso, ou “Isto é coisa do Raul”, ou “Isto é um dos truques argentinos do Che”, ou ainda “É culpa do Ramiro Valdés – ele é o ministro do interior, não é?”. (Algum de nós ousava pensar que Ramiro Valdés havia sido nomeado chefe de polícia política pelo próprio Castro?) Estas eram variações sobre um tema de Koestler intitulado “As atrocidades e a recusa a se crer nelas”. Ou nossa relutância em conceber nossos santos como pecadores (FRANQUI, 1981, p.13).

Quem se expressa nesta passagem de Carlos Franqui é Guillermo Cabrera Infante, reconhecido adversário de Fidel Castro no exílio, mas que fora militante do Movimento 26 de Julho e redator do “Lunes de la Revolución” até seu fechamento em 1961. Cabrera Infante, que se exilou na Inglaterra, comprova que todos evitavam criticar Fidel Castro e isso se devia, a nosso ver, a uma estratégia política de intimidação (todos sabem que não convém indispor-se com o chefe supremo e seus guarda-costas e informantes); e todo um complexo sistema de “culto à personalidade” construído a partir desse núcleo de poder pessoal; sistema estabelecido num regime de partido único. Outro aspecto importante da memória de Cabrera Infante é que Ernesto Che Guevara, naquele momento, ou seja, antes da sua trágica morte nas serras bolivianas, não contava com uma popularidade equivalente à que tinha Fidel Castro em Cuba. O fato de ser estrangeiro, além de suas intermináveis viagens pela América Latina, África e Ásia, como embaixador da alternativa de socialismo de Cuba, não o ajudava na ilha.

Fidel Castro, no entanto, sabia como se posicionar na ilha. Trabalhava a articulação da unidade, bem como a “depuração” quando julgava necessário. Durante os primeiros anos da revolução teve inclusive o apoio da pequena burguesia industrial da ilha por meio da convergência nacional em defesa das reformas, sobretudo a agrária. Pouco tempo depois da consolidação destas, proclama o caráter socialista da revolução e promove a aproximação

de Cuba à União Soviética. Imediatamente, com o apoio do PSP, juntamente com o chamado Grupo de Sierra Maestra, persegue a facção urbana do Movimento 26 de Julho, “os llanos”, principalmente por sua posição em favor de eleições diretas e contra a criação de um partido único, que primeiramente foi representado pelas ORI (Organizações Revolucionárias Integradas) em junho de 1961 transformando-se em Partido Unido de la Revolución Socialista (PURS) em 1962 e que finalmente em 1965 se chamaria Partido Comunista de Cuba (PCC).

Explicita-se então uma coalisão contra os adversários da formação do PCC até que estes são depurados. Os chamados guevaristas e os antigos militantes do PSP se unem contra quem faz oposição ao partido comunista. Após a criação do PCC em 1965, Fidel Castro alija da executiva do partido os velhos quadros do PSP, que haviam sido justamente os que mais se bateram contra os “Llanos”. Por sua vez, Ernesto Che Guevara continuava a viajar como embaixador do socialismo cubano e não exercia cargo no partido ou no governo cubano. Portanto, o responsável pela condução da “etapa sino-guevarista” foi o próprio Fidel Castro, que era o Primeiro-Ministro, e desta forma, chefe de estado, o general comandante das forças armadas cubanas e por fim, o secretário-geral do recém-criado Partido Comunista Cubano. O que significa que Fidel Castro tinha o comando de todas as peças do tabuleiro da política cubana e as manuseava com maestria. Feitas essas considerações podemos voltar á experiência revolucionária cubana e ao modelo proposto por Ernesto Che Guevara que, como se viu, buscava alterar a visão de mundo da ilha:

El freno mayor que hemos tenido ha sido el miedo a que cualquier aspecto formal nos separe de las masas y del individuo, nos haga perder de vista la última y más importante ambición revolucionaria que es ver al hombre liberado de su enajenación (GUEVARA, 1993, p. 326).

Como podemos notar, Ernesto Che Guevara acreditava que a principal meta seria libertar os homens de sua alienação, ou seja, mudar a visão de mundo dos cubanos. Segundo ele a vanguarda revolucionária deveria manter-se firme nessa direção:

Déjeme decirle, a riesgo de parecer ridículo, que el revolucionario verdadero está guiado por grandes sentimientos de amor. Es imposible pensar en un revolucionario auténtico sin esta cualidad. Quizás sea uno de los grandes dramas del dirigente; éste debe unir a un espíritu apasionado una mente fría y tomar decisiones dolorosas sin que se constriga un músculo (GUEVARA, 1993, p. 331).

A revolução para Ernesto Che Guevara (1993, p.332) estava no estágio da ditadura do proletariado e havia que “enrijecer-la” para evitar recuos indesejáveis e isto era uma tarefa dolorosa, mas inevitável: *“la revolución se hace a través del hombre, pero el hombre tiene que forjar día a día su espíritu revolucionario”*. Não se podia, como vimos, descuidar-se da elaboração da nova visão de mundo que estava em curso. De acordo com Ritter (1974, p.91-92) na visão inicial de Guevara “de una sociedad activada por los incentivos morales había implícita una visión de bandos de guerrillas o de un Ejército con disciplina militar, con organización militar, con una dedicación de “actuar o morir antes los objetivos comunes”. O que estava em jogo era a grande marcha revolucionária em que todos tinham um papel importante a desempenhar:

Así vamos marchando. A la cabeza de la inmensa columna – no nos avergüenza ni nos intimida el decirlo – va Fidel, después, los mejores cuadros del partido, e inmediatamente, tan cerca que se siente su enorme fuerza, va el pueblo en su conjunto; sólida armazón de individualidades que caminan hacia su fin común; individuos que han alcanzado la conciencia de lo que es necesario hacer; hombres que luchan por salir del reino de la necesidad y entrar al de la libertad. (GUEVARA, 1993, p. 332).

Como podemos perceber Ernesto Che Guevara comparava a marcha revolucionária a uma imensa coluna rumo ao futuro em que à frente vai Fidel Castro, o grande líder e herói revolucionário, depois viriam os melhores quadros do partido - como ele próprio - e por fim o povo em seu conjunto. Isto é, homens com consciência dos seus deveres revolucionários. A juventude, fase notoriamente transitória da vida, não se encaixa junto ao povo consciente e tão pouco poderia ser vista como inimiga da marcha, evidentemente. Mas qual seria o papel da juventude na coluna? Che Guevara define o seu papel:

Nos forjaremos en la acción cotidiana, creando un hombre nuevo con una nueva técnica. (...) la arcilla fundamental de nuestra obra es la juventud; en ella depositamos nuestra esperanza y la preparamos para tomar de nuestras manos la bandera (GUEVARA, 1993, p.333).

Para Ernesto Che Guevara a juventude era além de um depósito de esperanças, algo fácil de lidar, pois a via como uma argila, ou seja, algo muito maleável. O que é contraditório, por ser ele próprio e a revolução cubana duas bandeiras da rebeldia juvenil. A revolução foi desde o principio vista como uma revolução feita por jovens. Fidel Castro tinha trinta e dois anos quando triunfou a revolução cubana em 1959 e bem menos quando iniciou a sua marcha - o assalto ao quartel de Moncada em 1953 – e isto, com efeito, não

combina com a metáfora da argila. O próprio Ernesto Che Guevara inicia a sua caminhada pela América Latina ainda muito jovem e também não havia chegado aos quarenta quando triunfa como um dos principais comandantes da revolução cubana. A própria imagem de Ernesto Che Guevara tornou-se ao longo dos anos um ícone da rebeldia juvenil que se alastrou pelo mundo e ao longo do tempo.

Mas por que mesmo assim prevalece o ideal de moldar a juventude cubana? Isso se deve evidentemente à necessidade de se alterar a visão de mundo da sociedade cubana. O modelo capitalista estava impregnado na maioria dos cidadãos do país. Tradições consideradas por ele “atrasadas” como a religião, o lucro, a corrupção e o individualismo já estariam enraizadas na maioria do povo cubano. A juventude, em contrapartida, poderia ser educada sob novos valores como o trabalho e a coletividade. Ernesto Che Guevara propunha que para tanto se deveria estabelecer uma nova educação revolucionária permeada de estímulos morais ao invés de estímulos materiais. Desta forma a juventude era uma peça fundamental na nova engrenagem social que se construía. Ela é que poderia dar o salto, da ditadura do proletariado e do socialismo em direção ao comunismo. Ernesto Che Guevara se apropriava das concepções humanistas do pensador argentino Aníbal Norberto Ponce²⁸ (1898-1938) que atribuiu a necessidade de conceber o socialismo e o comunismo como uma construção permanente “de una nueva cultura y un hombre completo, íntegro, no desgarrado ni mutilado, un hombre completamente nuevo” (apud Kohan, 2007, p.34). Assim, Che Guevara em seus textos aponta a necessidade de mudar a visão de mundo das novas gerações, enfatizando a importância dos estímulos morais e da formação de uma juventude revolucionária. A ferramenta mestra para sua proposta era a educação pelo trabalho.

2.2- A escola dos trabalhadores em Cuba.

²⁸ Ver estudo recente de Nestor Kohan. “La revolución bolchevique en el Río de la Plata”, 04 de novembro de 2007. Disponível em: www.boltxe.info/berria/?p=7286. Kohan discute a influência que teve o pensamento de Aníbal Norberto Ponce nas idéias de Ernesto Che Guevara. E também a coincidência na obra de Ponce das problemáticas tratadas no pensamento marxista ocidental europeu de Lukács e Gramsci. Kohan afirma também que a maior influência intelectual que Ponce alcançou fora de Argentina foi justamente em Cuba, onde após a revolução de 1959 foram publicadas duas de suas principais obras, *Educación y lucha de clases*. Havana, Imprenta Nacional de Cuba-Ministerio de Educación, 1961; e *Humanismo burgués y humanismo proletario* (prólogo de Juan Marinello). Havana, Imprenta Nacional de Cuba, Ministerio de Educación, 1962.

A partir deste cenário podemos dar início à tarefa de examinar em profundidade os atritos causados pela aplicação do ambicioso projeto de construção do homem novo em Cuba. A nosso ver, o chamado fenômeno Mariel é em grande parte uma reação aos vinte anos de aplicação desse projeto, especialmente em Havana e junto à primeira geração pós-revolução, que foi a “argila” dessa idealização. Uma parcela desta geração, já no exílio, anos mais tarde se definiria como a “Geração Mariel”.

Há que evitar o risco de anacronismo, não podemos observar o projeto de construção do homem novo cubano a partir das expectativas do século XXI. Desde logo, não era privilégio da revolução cubana o ideal de se inaugurar uma nova época com a edificação de um novo homem.²⁹ O século XX como sabemos foi extremamente ideológico, e a imagem de transformação radical da sociedade contaminava os ambientes de direita e de esquerda; o nazi-facismo, a revolução cultural chinesa, entre tantas outras, também tinham em menor ou em maior grau o objetivo de transformação radical da sociedade e de seu protagonista, o homem - inclusive com sua inegável conotação machista.

O ideal de nascimento de um novo homem por meio da educação é anterior à “era das revoluções” e sempre esteve presente nos seus principais pressupostos. Como indica Carlota Boto *A Escola do Homem Novo* (1996) esse projeto foi elaborado pelos iluministas e é anterior à própria revolução francesa de 1789. Desta forma, as revoluções contemporâneas sempre foram acompanhadas por um incentivo a uma nova educação que pudesse preparar as novas gerações para as transformações em curso ou para que elas acontecessem. O objetivo desse projeto pedagógico revolucionário sempre foi o de demolir o passado e construir uma nova sociedade utilizando-se da educação de crianças e de jovens para este fim.

²⁹ Ver Michael Löwy *El pensamiento de Che Guevara*. México, Siglo Veintiuno, 1987: "En su concepción del humanismo, es posible y hasta probable que el Che haya sufrido la influencia de la obra del pensador argentino Aníbal Ponce (1898-1938). Ponce muestra la oposición fundamental entre el humanismo de la burguesía y el de los trabajadores y subraya que ‘el hombre nuevo’, el hombre integral” que reúne la teoría y la práctica, la cultura y el trabajo, no será realizable sino por el advenimiento al poder del proletariado"(Lowy, p. 15-16).

A formação de um novo homem e de uma nova sociedade por meio da educação durante os períodos revolucionários jamais se preocupou com as resistências culturais que inevitavelmente acompanharam a sua implantação. E em muitas ocasiões, quase via - de - regra, optou-se pelo estrangulamento dessas resistências. Devemos ressaltar que esta não é uma característica da esquerda, pois não faltam exemplos de projetos de direita com mesmo aporte teórico como o da Juventude Hitlerista, por exemplo.

A construção do homem novo por meio da educação da juventude foi, assim, para a revolução cubana, uma variante tão importante quanto as reformas econômicas e políticas. A idéia era de se formar homens semelhantes aos revolucionários de Sierra Maestra. Desta forma a nova geração teria que estar em consonância com o grupo triunfante que libertou a pátria das garras do imperialismo em 1959. A proposta era a formação de uma geração de revolucionários, os “filhos da revolução!” Ernesto Che Guevara acreditava que somente com uma geração revolucionária se poderia avançar rumo ao comunismo e, que logo após sua implantação na ilha, se alastraria por toda a América Latina.

Florestan Fernandes (1979) dedica um capítulo ao assunto, “A nova sociedade e novo homem”, que inicia assim:

As grandes revoluções criam os seus mitos. E eles, por sua vez, definem sua realidade histórica e seu impacto utópico. A revolução cubana não escapou a essa regra. Nem poderia. Os mitos eram demasiado importantes para ela, como fatores de compensação psicológica e política ou em face das exigências da situação histórica. (...) Aí se acham, segundo penso, as raízes psicológicas, culturais e políticas da aura de “romantismo”, que impregnou até a medula a revolução cubana, e o teor carismático impessoal e não-institucionalizável do seu humanismo incondicional. E, outrossim, a explicação da propensão de seus líderes principais à criação de mitos. Ernesto Che Guevara e Fidel Castro, em particular, surgem como férteis criadores de mitos – “homens de consciência íntegra”, que não recuam diante das dificuldades ou obstáculos à sua concretização. Por isso, eles comoveram Cuba, a América Latina e toda humanidade contemporânea (FERNANDES, 1979, p. 144-145).

Florestan Fernandes vivenciava a ditadura militar brasileira e, a exemplo da maioria dos marxistas latino-americanos de sua época, via a ilha comunista como uma alternativa para o continente. O que é perfeitamente compreensível. Mesmo assim, ele consegue destacar algumas características peculiares do marxismo cubano, entre elas o romantismo e a geração de mitos fundadores da revolução; dentre os quais estão

principalmente os principais líderes da revolução cubana e algumas personagens históricas que estavam diretamente relacionadas à resistência ao imperialismo no país, como José Martí. Contudo o próprio Florestan Fernandes acaba caindo na armadilha da idealização quando afirma que Ernesto Che Guevara e Fidel Castro eram “homens de consciência íntegra”. Não que Ernesto Che Guevara e Fidel Castro não o fossem, mas tal afirmação deixa claro até que ponto ele Florestan Fernandes estava comprometido e acreditava nos ícones da revolução cubana. Ora o fato de serem ou não íntegros não é algo determinante para se analisar o projeto revolucionário cubano. Desta forma Florestan Fernandes (1979, p. 145) atenua e até vê como natural a mitificação dos personagens revolucionários já que, como ele mesmo diz: “Eles comoveram Cuba, a América Latina e toda humanidade contemporânea”.

A guerra fria e a ferrenha luta política em quase toda a América Latina, condicionavam posições extremadas, e Florestan Fernandes não podia fugir à regra; ele apoiava a revolução cubana e a via como um grande espelho para a América Latina. O que não o impediu o sociólogo de fazer relevantes observações e, mesmo tecer críticas à construção do homem novo cubano:

Todavia, há impulso puritano e moralista que não veio das correntes socialistas absorvidas em Cuba. Ele é muito mais fruto de experiências históricas, uma resposta tardia ao repúdio de uma corrupção que corroeu a sociedade cubana no passado, e produto do despojamento drástico que teve de ser imposto pelo governo revolucionário para tornar possível a acumulação socialista originária. Esse radicalismo moral encontrava um intérprete brando em Che Guevara, mas encontra instantes de ira no pensamento de Fidel Castro (FERNANDES, 1979, p.153).

Como podemos notar Florestan Fernandes reconhece e aponta a existência de “impulsos puritanos e moralistas” que não teriam relação com a tradição marxista, e se deviam à repulsa contra a corrupção, tão marcante na recente história cubana, e à escassez dos novos tempos. Por isso a diferença entre um Ernesto Che Guevara mais brando e um Fidel Castro inclinado a ter instantes de ira. Mas pelo que podemos ver nas citações de Ernesto Che Guevara, mesmo as suas posições não eram tão brandas assim. Florestan Fernandes faz esta distinção pouco após citar uma fala de Fidel Castro:

A revolução dos trabalhadores tem que chegar até o final, a revolução dos trabalhadores tem que estar vigilante para que não se desenvolvam problemas, para que não desenvolvam vícios, para que não se desenvolvam

males que dêem lugar no futuro a dolorosas novas batalhas no seio da sociedade. (CASTRO apud FERNANDES, 1979, p.153).

O que chama a atenção de Florestan Fernandes é o caráter passional dos discursos, sobretudo os de Fidel Castro, que não era uma característica do chamado marxismo científico da época. O estímulo moral é outro desses exemplos:

E nós, bastante acostumados com os manuais, não meditamos que é impossível ir construindo o socialismo separado da construção do comunismo, e que, se tenta isso, podem-se produzir (...) e, mais ainda existem objetivamente contradições entre métodos mediante os quais se tem de educar uma geração nova, todo um povo, para viver no comunismo. (...) Junto com isso, e como parte dos princípios em que se baseia este sistema de direção da economia, os estímulos morais têm que ser ampliados, porque na realidade nós temos falado muito de estímulo moral e temos dado poucos estímulos morais. Temos que elevar muito mais o papel dos estímulos morais. Ainda há muito por fazer no terreno dos estímulos morais e do aprofundamento da consciência das massas. (...) O comunismo, certamente, não se pode estabelecer, como dizíamos, se não se criam as riquezas em abundância. Porém, o caminho, a nosso juízo, não é criar consciência com o dinheiro ou com a riqueza, mas criar riqueza com a consciência, e cada vez mais riquezas coletivas com mais consciência coletiva. (CASTRO apud FERNANDES, 1979, p. 150-151).

Na passagem citada por Florestan Fernandes, Fidel Castro deixa claro que o principal objetivo da revolução cubana seria o de alavancar a consciência coletiva das “massas”. Chama nossa atenção também a crítica de Fidel Castro aos manuais e à separação por etapas entre o socialismo e o comunismo, numa crítica direta às estratégias propostas pelos soviéticos. A posição cubana foi descrita no livro *Socialismo y Comunismo: un proceso único* que demonstra a distância política que havia entre Cuba e a União Soviética naqueles anos. Os revolucionários cubanos lutavam para construir um modelo próprio de socialismo, no qual os estímulos morais seriam mais importantes, inclusive, que o desenvolvimento das forças produtivas. Esta era uma obsessão dos partidos comunistas latino-americanos próximos à União Soviética, e que em muitos países se manifestava na aliança dos partidos comunistas com a chamada burguesia nacional para favorecer o desenvolvimento das forças produtivas em direção ao capitalismo e deixar para trás o atraso da oligarquia rural. O objetivo, nesse caso, seria superar mais uma etapa em direção ao socialismo com a ascensão definitiva do capitalismo. O socialismo cubano não

compartilhava essa tese. Ernesto Che Guevara temia a ênfase no “interesse material”, principalmente por causa do subdesenvolvimento cubano e latino americano:

Se corre el peligro de que los árboles impidan ver el bosque. Persiguiendo la quimera de realizar el socialismo con la ayuda de las armas melladas que nos legara el capitalismo (la mercancía como célula económica, la rentabilidad, el interés material individual como palanca, etc), se puede llegar a un callejón sin salida. (...) De allí que sea tan importante elegir correctamente el instrumento de movilización de las masas. Ese instrumento debe ser de índole moral, fundamentalmente, sin olvidar una correcta utilización del estímulo material, sobre todo de naturaleza social (GUEVARA, 1993, p. 324-325).

Para Ernesto Che Guevara, o homem de natureza social – não confundi-lo com o indivíduo – seria o principal alvo da revolução, e não a economia e os fatores produtivos. O humanismo da revolução cubana era o seu grande diferencial. A idéia de Lênin a propósito do plano econômico da NEP, de um passo atrás – em direção ao capitalismo – para se poderem dar dois passos à frente – em direção ao socialismo – não era aceitável para Ernesto Che Guevara. Em sua visão o homem era o único objetivo e desta forma, sua transformação seria a principal meta da revolução cubana:

Intentaré, ahora, definir al individuo, actor de ese extraño y apasionante drama que es la construcción del socialismo, en su doble existencia de ser único y miembro de la comunidad. (...) Creo que lo más sencillo es reconocer su calidad de no hecho, de producto no acabado. Las taras del pasado se trasladan al presente en la conciencia individual y hay que hacer un trabajo continuo para erradicarlas. El proceso es doble, por un lado actua la sociedad con su educación directa e indirecta, por otro, el individuo se somete a un proceso consciente de autoeducación (GUEVARA, 1993, p. 323-324).

Na revolução cubana a educação era a alavanca fundamental para a construção do homem novo e da nova sociedade socialista. A educação extrapolava o sentido formal, tinha como base o trabalho voluntário ou obrigatório e os estímulos morais. A formação sócio-política foi assim um importante vize da revolução cubana; a defesa da educação como instrumento transformador, que é uma característica humanista e, que sempre foi e continua sendo vista como um importante instrumento de redenção para os mais distintos grupos e partidos políticos com ideais humanistas. O que é significativo é que o novo estado cubano em seus primeiros passos combate a ênfase no desenvolvimento da infraestrutura em detrimento da superestrutura. Ernesto Che Guevara, com sua metáfora de que se corria o risco de que as árvores impedissem de ver o bosque, propõe que não

esqueçamos que o principal objetivo das revoluções socialistas era a humanidade e não o desenvolvimento das forças produtivas em si.

Devemos ressaltar que nem todos os revolucionários cubanos eram marxistas como Ernesto Che Guevara. O seu marxismo de natureza historicista, sintonizado com uma ampla esquerda ocidental, teve um forte cunho americanista advindo do pensador argentino Aníbal Ponce (Kohan, 2007) com ressonâncias e apropriações de temas das lutas de independência americana o que levou inclusive a ele criticar diretamente Karl Marx por não ter compreendido Simon Bolívar:

A Marx, como investigador de las doctrinas sociales y del sistema capitalista que le tocó vivir, puede, evidentemente, objetársele ciertas incorrecciones. Nosotros, los latinoamericanos, podemos, por ejemplo, no estar de acuerdo con su interpretación de Bolívar o con el análisis que hicieran Engels y él de los mexicanos, dando por sentadas incluso ciertas teorías de las razas o las nacionalidades inadmisibles hoy. Pero los grandes hombres descubridores de verdades luminosas, viven a pesar de sus pequeñas faltas, y éstas sirven solamente para demostrarnos que son humanos, es decir, seres que pueden incurrir en errores, aun con la clara conciencia de la altura alcanzada por estos gigantes del pensamiento. Es por ello que reconocemos las verdades esenciales del marxismo como incorporadas al acervo cultural y científico de los pueblos y lo tomamos con la naturalidad que nos da algo que ya no necesita discusión (GUEVARA, 1993, p. 418).

Ernesto Che Guevara, bem como Fidel Castro e as principais lideranças da revolução cubana, não pretendiam seguir o modelo soviético e sim, desenvolver uma revolução comunista, americanista e antiimperialista. O modelo de revolução pelos estímulos morais tinha como ferramentas a educação e o trabalho coletivo e voluntário, principalmente para a juventude cubana. Esses eram os alicerces do projeto de construção do homem novo que teve inspiração no projeto humanista europeu, como já foi dito, que desembocou nas Américas por meio da revolução norte-americana e francesa e se alastrou pelo continente em suas lutas pela Independência e não propriamente inspirados pela revolução russa e no aporte marxista propriamente dito. Além do mais, Ernesto Che Guevara, Fidel Castro e os outros líderes revolucionários absorveram o antiimperialismo como marca de gerações de pensadores latino-americanos desde José Martí em Cuba, Rubén Darío na Nicarágua, José Vasconcelos no México, José Enrique Rodó no Uruguai,

José Ingenieros, Alfredo Palacios, Manuel Ugarte e Aníbal Ponce na Argentina.³⁰ Segundo Florestan Fernandes, embora Ernesto Che Guevara tenha sido o arquiteto da teoria do homem novo foi a Fidel Castro quem coube a sua implantação:

Embora Che Guevara também se tenha dedicado a essas tarefas pioneiras, o paladino de soluções concretas para o novo tipo de institucionalização da educação formal foi Fidel Castro. Os dois se completam, na medida em que o Che desdobrou o painel de uma pedagogia revolucionária, enquanto Fidel lançou-se à obra de transformar Cuba em uma imensa escola dos trabalhadores (FERNANDES, 1979, p. 152).

Podemos perceber duas questões de suma importância na citação de Florestan Fernandes: a primeira é que a formação da juventude cubana era tão importante que coube ao próprio Fidel Castro, comandante em chefe da revolução, tomar sua direção; a segunda, que o objetivo era transformar a ilha numa imensa escola dos trabalhadores. Ora foi nesta mesma ilha onde nasceu Paul Lafargue que é mais conhecido por ter sido genro de Karl Marx, que pela sua mais importante obra: *O direito à preguiça*. Nela Paul Lafargue faz a seguinte observação:

E, não obstante, o proletariado, a grande classe que abrange todos os produtores das nações civilizadas, a classe que, ao emancipar-se emancipará a humanidade do trabalho servil e fará do animal humano um ser livre, o proletariado, traíndo os seus instintos, esquecendo-se da sua missão histórica, deixou-se perverter pelo dogma do trabalho. (...) A nossa época é, dizem, o século do trabalho; na verdade é o século da dor da miséria e da corrupção. (...) todos entoaram cantos nauseabundos em honra ao deus progresso, o filho mais velho do trabalho (LAFARGUE, 2003, p. 23- 29).

Por ironia a preguiça passou a ser combatida como atitude subversiva na ilha onde o autor nasceu pela revolução de 1959. Paul Lafargue havia previsto em seu livro- manifesto de 1883, muitas das mazelas trazidas pelo imperialismo que os revolucionários cubanos se prestaram a combater:

Mas os continentes explorados já não são suficientemente vastos, são necessários países virgens. (...) Que maravilhas desconhecidas encerra o “continente negro”! Campos são cobertos de dentes de elefantes, rios de óleo de coco arrastam no seu curso palhetas de ouro, milhares de traseiros negros, nus como o rosto de Dufaure ou de Girardin, esperam pelos tecidos de algodão para aprender a decência, pelas garrafadas de aguardente e pelas bíblias, para conhecer as virtudes da civilização (LAFARGUE, 2003, p. 57).

³⁰ Ver Kohan, (2007).

Em 1883, ou seja, próximo à virada do século XX e em meio da chamada “Belle Époque”, poucos atacaram a civilização ocidental e o seu ideal de progresso como Paul Lafargue. Ele via no trabalho não uma virtude moral, como Ernesto Che Guevara e Fidel Castro, mas sim a origem do mal estar civilizatório:

Todos os nossos produtos são adulterados para facilitar o seu escoamento e abreviar a sua existência. A nossa época será chamada a idade da falsificação, tal como os primeiros tempos da humanidade receberam os nomes de idade da pedra, idade do bronze, pelo caráter da sua produção (LAFARGUE, 2003, p.57).

Paul Lafargue criticava o ideal do trabalho como o emancipador que a esquerda passara a sustentar. A luta deixara de ser contra a exploração e alienação imposta ao proletariado e passava a ser pelo direito ao trabalho em si, o que para ele era uma nova alienação. Contra ela, sentencia: “*Embrutecidos pelo vício, os operários não conseguiram ter inteligência suficiente para perceber que, para ter emprego para todos, era preciso racionalá-lo, como a água num navio em perigo*” (LAFARGUE, 2003, p. 61).

Não podemos omitir que nós mesmos, apesar de um longo contato com a tradição marxista – uma das inúmeras formas de se definir a relevância de Marx em nossos dias - jamais havíamos lido Paul Lafargue. A única coisa que dele em geral se sabe é que nasceu em Cuba, casou-se com uma das filhas de Marx, e escreveu um pequeno livro chamado: *O direito à preguiça* que, por ironia, talvez seja o nosso único atenuante. O livro tem um diagnóstico claro do curso em que o trabalho e a marcha para um progresso acrítico construíram em mais de um século. Paul Lafargue não era de modo algum um retrógrado que despreza o desenvolvimento tecnológico. O que ele contestava era a lógica atribuída a esse desenvolvimento. Sintomaticamente, Paul Lafargue não cita Marx – com quem manteve relações muito cordiais, relatadas em suas “Recordações pessoais sobre Karl Marx” (1890)³¹ – em nenhum momento: *O direito à preguiça* é um manifesto pelo tempo livre e pela vida. Para ele os avanços tecnológicos deveriam necessariamente estar acompanhados da diminuição da jornada de trabalho. No prefácio da obra, Olgária Matos assim o define:

O direito à preguiça consiste na antecipação da mais contemporânea das realidades: crítica a ética da produção e do consumo, do cotidiano, da lógica

³¹ In *Marx and Engels Through the Eyes of Their Contemporaries*. Progress Publishers, 1972. Disponível no site <http://www.marxists.org/archive/lafargue/1890/xx/marx.htm>

do mercado e da indústria, da ciência e da técnica em suas conseqüências anti-humanas; recusa a moral tecnocrática e a economia subtraída ao controle humano. Lafargue foi um dos primeiros a romper com o caráter sado-masoquista da civilização contemporânea (MATOS, 2003, p. 13).

Olgária Matos também vê semelhanças entre a obra de Paul Lafargue e o “Manifesto contra o trabalho” do grupo Krisis (1996). Um dos seus principais integrantes, Robert Kurz, acredita que a experiência socialista do leste europeu se desmoronou por seguir os mesmos paradigmas da sociedade de mercado e do trabalho:

Em nenhum outro lugar esse “ethos” protestante do trabalho abstrato dentro de uma sociedade transformada numa máquina de trabalho declarada por Max Weber como característica constitutiva ideológica e histórica do capitalismo, foi posto em prática com mais fervor e rigor do que no movimento operário e nas formações sociais do socialismo real. Essa situação em nada se modifica pelo fato de que a motivação da subordinação do homem à máquina de trabalho transferiu-se dos indivíduos ao Estado e a seus metaobjetivos econômicos; a submissão à abstração do trabalho manifesta-se nela até de forma mais óbvia e rígida, por não estar disfarçada nem pela mera ilusão de uma finalidade individual (KURZ, 1999, p. 18).

Robert Kurz acredita que o trabalho, no chamado socialismo real, persistiu como forma de dominação, e não de emancipação da humanidade. Sua tese afirma que a experiência socialista teria sido, na verdade, um capitalismo de estado que, ao invés de emancipar a humanidade, apenas substituiu o capitalista pelo Estado:

Mas no que consistia então aquela diferença entre os sistemas que agora começa a dissolver-se? Desde o princípio, o socialismo real não podia suprimir a sociedade capitalista da modernidade; ele próprio é parte do sistema produtor burguês de mercadorias e não substituí essa forma social histórica por outra, mas sim representa somente outra fase de desenvolvimento dentro da mesma formação de época. A promessa de uma sociedade pós-burguesa vindoura é desmascarada como regime pré-burguês e estagnado de transição para a modernidade, como fóssil de um dinossauro pertencente ao heróico passado do capital (KURZ, 1999, p. 25).

Robert Kurz não cita Paul Lafargue, talvez devido ao caráter iconoclasta e irreverente de *O direito à preguiça*. De toda forma, ele critica a lógica do trabalho, o valor de mercado, o dinheiro, a mais valia aplicada nos países de experiência socialista, inclusive a China. Contudo, Robert Kurz reafirma o marxismo – principalmente o Marx da crítica ao fetiche da mercadoria – e o comunismo como forma de saída para o que ele define como o colapso da modernização.

O que é relevante nas observações de Paul Lafargue e Robert Kurz, para os objetivos dessa tese é que, nelas inspirados, podemos ver mais claramente como, na tentativa de se construir uma nova ideologia, ou uma nova visão de mundo, tal como propunha o socialismo humanista cubano dos anos 1960, o trabalho passou não somente a ser o elemento central, como também o método pedagógico para a construção do homem novo cubano. O chamado modelo sino-guevarista foi resumido da seguinte maneira por Mesa-Lago:

En esa controversia, Ernesto “Che” Guevara y sus seguidores, influidos por el sistema maoísta del “Gran Salto hacia Adelante”, respaldaron una línea de pensamiento idealista (desviándose del pensamiento soviético más convencional, de la década del 60) que presentaba tres objetivos principales. El primero era la total eliminación del mercado a través de la colectivización completa de los medios de producción, un sistema de planificación completa de los medios de producción, un sistema de planificación por medio de computadoras altamente centralizado, la financiación central de todas las empresas del estado mediante apropiaciones presupuestarias (...) y erradicación gradual del dinero y los “incentivos materiales”. Para tener éxito, la primera acción tenía que verse acompañada por la creación de un humano altruista, sacrificado, frugal, totalmente socializado e igualitario – el “Hombre Nuevo”. Este objetivo, el segundo, se alcanzaría elevando la conciencia de las masas a través de la educación, la movilización, el trabajo voluntario no pagado y los incentivos morales (...) tales medidas, a su vez, facilitarían el proceso de acumulación de capital y de desarrollo económico. El tercer objetivo era la exportación del modelo revolucionario cubano a Latinoamérica (MESA-LAGO, 1979, p. 29-30).

Mesa-Lago deixa claro que em sua opinião a expectativa de Ernesto Che Guevara e dos que sustentavam o projeto do homem novo estava fora da realidade. A década de 1960 na ilha, como já foi dito, foi de grande euforia. Acreditamos que, nesse clima de empolgação, os revolucionários passam a acreditar que poderiam fazer tudo o que pretendiam, e que em poucos anos poderiam forjar um homem novo por meio de uma nova tradição e da reprogramação cultural em Cuba, o que evidentemente não ocorreu. Os estudantes cubanos foram maciçamente estimulados a trabalhar aos domingos e nas férias, sobretudo em lavouras de cana de açúcar. A recompensa: medalhas, bandeiras etc. O serviço militar obrigatório passa a durar três anos a partir de 1963. A concepção da proposta era que um estudante de medicina, por exemplo, tinha por obrigação, saber manusear um fuzil, uma foice, para poder depois usar, um bisturi:

Cuando se publicó “El socialismo y el hombre nuevo en Cuba”, la Revolución estaba en fase todavía incipiente. (...) Muchos jóvenes habían empezado a pasar las Escuelas Básicas de Instrucción Revolucionaria (EBIR), y se estaba produciendo una confrontación muy grande con el imperialismo. Yo estudiaba en la Escuela de Medicina en aquel año 1965. Cuando inicié mis estudios, en octubre de 1962, estalló la Crisis de Octubre, de manera que sacamos los cadáveres que se usaban para las prácticas de laboratorio y entramos las piezas de artillería. De ochocientos alumnos que ingresamos ese año, quedamos solo cuatrocientos; los restantes dijeron que ellos iban a estudiar medicina, no a hacerse artilleros. Y no estudiaron medicina, porque nosotros los depuramos. Era una confrontación de clase muy violenta. (VALDÉS, 2005, p.100).

Esta citação foi retirada da revista *Temas* acerca de um ciclo de debates ocorrido em Havana em 2005 intitulado: “Miradas sobre el socialismo y el hombre: un simposio”. O seu autor é Juan Vela Valdés que era, na época, Reitor da Universidade de Havana e atualmente é Ministro da Educação Superior. Valdés relembra a sua juventude e o seu tempo de estudante em Havana. O curioso é que as memórias do Reitor da Universidade de Havana se assemelham muito às memórias de Reinaldo Arenas, embora esses dois autores defendam posições ideologicamente contrárias: Arenas é um exilado político e dissidente do regime cubano, enquanto Valdés é atualmente Ministro da Educação Superior e um fiel colaborador do regime. Os relatos de ambos, contudo, comprovam que o projeto de formação político-ideológica da juventude cubana estava em curso antes mesmo da formulação oficial do homem novo por Ernesto Che Guevara em 1965. Embora os anos de 1960 sejam considerados como anos de um suposto consenso, isso não significava que não ocorressem conflitos. Outro ponto relevante nesta passagem de Valdés é que ela corrobora a imagem de que o modelo proposto para os jovens cubanos era uma espécie de caricatura dos revolucionários de 1959, na qual a juventude devia ser capacitada enquanto intelectuais socialistas, fisicamente aptos aos trabalhos físicos e com formação militar e os que não se enquadrassem poderiam ser depurados. Segundo o próprio Valdés (2005, p. 100-101) Ernesto Che Guevara seria uma das mais nítidas expressões: “*Era un intelectual que pudo unir varias cualidades: la alta labor intelectual, las tareas físicas y la de guerrillero*”. Fidel Castro e outros guerrilheiros de Sierra Maestra também representavam esta imagem de “homem ideal”.

Os trabalhadores cubanos também passaram a ter novas obrigações como: horas extras não remuneradas e, a exemplo de todos cubanos, fazer trabalhos voluntários. As

greves eram proibidas e os sindicatos tornaram-se, assim, irrelevantes. A lógica do trabalho para a construção do futuro da revolução passou a ser um fundamento inquestionável. Em sua crítica messiânica à idéia de história do marxismo institucionalizado, Walter Benjamin antecipara situações como esta:

A antiga moral protestante do trabalho, secularizada, festejava uma ressurreição na classe trabalhadora alemã. O programa de Gotha já continha elementos dessa confusão. Nele, o trabalho é definido como “a fonte de toda riqueza e de toda civilização”. Pressentindo o pior, Marx replicou que o homem que não possui outra propriedade que a sua força de trabalho está condenado a ser “o escravo de outros homens, que se tornaram... proprietários”. Apesar disso, a confusão continuou a propagar-se, e pouco depois Josef Dietzgen anunciava: “O trabalho é o Redentor dos tempos modernos... No aperfeiçoamento... do trabalho reside a riqueza, que agora pode realizar o que não foi realizado por nenhum salvador”. Esse conceito de trabalho, típico do marxismo vulgar, não examina a questão de como seus produtos podem beneficiar trabalhadores que deles não dispõem. Seu interesse se dirige apenas aos progressos na dominação da natureza, e não aos retrocessos na organização da sociedade (BENJAMIN, 1994, p. 227-228).

Walter Benjamin, como podemos notar na citação acima, é outro autor que criticou a apropriação da ética do trabalho pelo marxismo. Na sua concepção, a meta da revolução comunista proposta por Karl Marx deveria ser libertar o homem que não detinha os meios de produção da sua condição de escravo de outros homens, e não torná-lo escravo de uma nova ética do trabalho.

A alternativa de acelerar a revolução cubana rumo ao comunismo levou a uma estatização radical dos meios de produção na ilha. A consequência foi um rápido desabastecimento e principalmente a falta de algumas opções até então existentes. Como praticamente tudo passa a ser do estado e este não consegue açambarcar tudo num primeiro momento, algumas alternativas simplesmente desaparecem como, por exemplo, pequenas lanchonetes, cafés etc. Mesmo assim o governo cubano mantém-se firme em direção ao seu projeto emancipador até que Ernesto Che Guevara foi capturado e executado na Bolívia em 1967. Com a sua morte o projeto da revolução continental sofre um duro revés. Os comunistas do antigo PSP, que discordavam das teses do socialismo e comunismo como um processo único e defendiam uma maior aproximação com a União Soviética, voltam à ofensiva. Em pouco mais de três anos depois da morte de Ernesto Che Guevara, os termos homem novo e estímulos morais perdem força do cenário cubano.

Isto não significou o fim das premissas do ideal do homem novo, mas sim o fim da alternativa cubana de socialismo, dos estímulos morais em detrimento dos materiais, o fim da “teoria do foco guerrilheiro” e da completa autonomia política de Cuba. Enfim, as sucessivas crises econômicas que abateram a ilha no final dos anos de 1960, sobretudo o fracasso da super safra de cana de açúcar de 1970, o embargo econômico promovido pelos Estados Unidos e a queda de Ernesto Che Guevara na Bolívia não deixam outra saída ao governo cubano do que tornar-se um novo satélite da política soviética. O homem novo enquanto paradigma, no entanto, continua a existir nos anos de 1970. O termo é que desaparece, por estar diretamente relacionado a Ernesto Che Guevara que, mesmo ao se tornar um mito revolucionário após a morte, passou a ter suas teorias anti-soviéticas discretamente apagadas do ideal revolucionário cubano. A sovietação dos anos de 1970, contudo, não alterou em sua essência os esforços para a formação de uma juventude revolucionária. O que reafirma nosso ponto de vista, o projeto de construção do homem novo cubano não foi apenas mais uma entre tantas outras concepções em curso na revolução. Mas sim, uma verdadeira obsessão do regime cubano, que o enxergava como um diferencial do seu projeto revolucionário. A revolução cubana era uma revolução humanista e americanista, antes de tudo, e sua meta principal era a formação, por meio de um novo modelo educacional – a escola do trabalho -, de uma nova geração de cubanos comprometidos com a nova sociedade que se erguia.

O fenômeno Mariel foi, em grande parte em nossa opinião, uma forma de manifestação da resistência contra a implantação desse modelo revolucionário para a juventude cubana. A euforia revolucionária do final da década de 1950 começou a se arrefecer no final da década de 1960; diminui ainda mais ao longo dos anos 1970 e a desilusão, principalmente de alguns setores da juventude, se manifesta espetacularmente em Havana em abril de 1980. Para muitos historiadores cubanos, atualmente, esse processo está intrinsecamente relacionado à adoção do modelo soviético pelo comando da revolução em 1970. Tal interpretação não se sustenta, pois os contornos da tese do homem novo estavam em curso antes mesmo de sua formulação por Ernesto Che Guevara em 1965.³² A

³² O texto de Kohan (2007) já citado mostra que Ernesto Che Guevara, antes de conhecer Cuba e Fidel Castro, já tinha lido as obras de Aníbal Ponce e se sentia influenciado por ele. Talvez por esse motivo é que nos anos de 1961 e 1962 são publicadas massivamente suas obras em Cuba. A obra de Guevara (1965) já seria uma

coerção sobre as condutas da juventude se deu antes mesmo da inclusão de Cuba no bloco Soviético a partir de 1970. Na revolução cubana de 1959 já se podem encontrar modelos coercitivos direcionados a todos que se opunham a quaisquer pressupostos do comando revolucionário, desde seu início, e essas evidências não decorrem de uma suposta soviétização.

A radicalização da revolução cubana não foi resultado do stalinismo ou do modelo soviético. Não podemos nos esquecer que uma outra forma de radicalização se manifestou também na China, farol dos que se opunham à política de Moscou, com a sua revolução cultural. Desta forma, o ideal de uma revolução de cima para baixo em que a população alcançaria aos poucos – ou aos saltos, eventualmente – uma concepção menos comprometida com o passado reacionário, manifestou-se de diferentes maneiras nas nações socialistas. Não se configura aqui um privilégio do bloco soviético e nem tão pouco do socialismo em geral, pois não se podem esquecer os anos de terror da revolução francesa, ou o nazi-fascismo, entre tantos movimentos que também procuraram apagar o passado recente a qualquer preço, em nome de um futuro idealizado.

Walter Benjamin (1994, p. 227) já havia alertado contra os equívocos dessa marcha desenfreada rumo ao abismo: “Nosso ponto de partida é a idéia de que a obtusa fé no progresso desses políticos, sua confiança no ‘apoio das massas’ e, finalmente, sua subordinação servil a um aparelho incontrolável, são três aspectos da mesma realidade”.

Walter Benjamin era marxista, mas não aprovava algumas experiências realizadas na União Soviética, que ele pudera acompanhar de perto, e manifestava sua inquietude pelas opções equivocadas feitas pelo que ele definia como marxismo vulgar. O marxismo humanista de Ernesto Che Guevara se contrapunha ao modelo soviético, mas compartilhava da mesma lógica do trabalho. O diferencial estava em que ele se apoiava em estímulos morais ao invés dos estímulos materiais dos soviéticos. Mas ambos buscavam construir um futuro por meio da formação de uma nova consciência coletiva. Recentemente Michel Löwy publicou o livro *O pensamento de Che Guevara*, no qual ele resume assim o ideal do homem novo:

O homem comunista deve ser, necessariamente, um homem mais rico interiormente e mais responsável, ligado aos outros homens por um vínculo

síntese do modelo de homem novo aplicado em Cuba com uma grande influência do pensador conterrâneo Aníbal Ponce.

de solidariedade real, de fraternidade universal concreta, um homem que se reconhece na sua obra e que, uma vez quebradas as correntes da alienação, “atingirá a consciência plena do seu ser social, a sua total realização como criatura humana.” Um homem cuja condição de possibilidade é o que Marx chamava, nas teses sobre Feuerbach, “a humanidade socializada”: que quer dizer, a ultrapassagem da cisão operada pela sociedade burguesa entre o “privado” e o “público”, o interesse “particular” e o interesse “geral”, o “homem” e o “cidadão”, o indivíduo e a comunidade (LÖWY, 2003, p. 48).

Löwy parece falar de uma humanidade que ainda está por vir. Não duvidamos que algum dia possa existir uma sociedade como a descrita por ele. Mas imaginar que uma revolução possa em poucos anos desencadear um processo de consciência coletiva como acreditava Ernesto Che Guevara e ainda acredita Löwy nos parece um contra-senso. As “correntes da alienação” não partem simplesmente por meio de um projeto de educação com base na ética do trabalho coletivo e de estímulos morais. A utopia de uma sociedade de consciência plena pode ser almejada; contudo, ter exigido esse comportamento da primeira juventude cubana após a revolução de 1959 foi um delírio romântico e fantasioso de Ernesto Che Guevara e dos revolucionários cubanos. Löwy continua:

Em Guevara, a problemática do homem comunista pertencerá ao universo ideológico do utopismo romântico? Não é essa a nossa opinião. Não é utopismo encarar a possibilidade de um “homem novo”, mas sim a crença numa “natureza humana” eterna e imutável... O comunismo não é, de modo algum, para Che, “um regime utópico baseado na bondade do homem enquanto tal”, mas uma possibilidade objetiva que ele vislumbra a partir da experiência concreta da revolução cubana. (...) O tema do homem novo como objetivo derradeiro, como estrela polar da revolução socialista, é a pedra de toque, a idéia-força central do humanismo revolucionário de Che, à luz da qual é necessário compreender todo o seu pensamento político (LÖWY, 2003, p. 44-45).

Como podemos notar Löwy reafirma o homem novo como a “idéia-força” do pensamento político de Ernesto Che Guevara. Com isto concordamos, e por nossa vez a estendemos como a “idéia-força” da revolução cubana como um todo. No entanto, a nosso ver a experiência cubana não pode ser encarada como “uma possibilidade objetiva que (o Che) vislumbra a partir da experiência concreta da revolução cubana”. Como veremos adiante, a tentativa de implantação do homem novo em Cuba não só não logrou os efeitos esperados, como resultou no maior fracasso da própria teoria do homem novo.³³ Ernesto Che Guevara não viveu nem dez anos após a tomada do poder em 1959 e não teve tempo

³³ Ver artigo já citado de RITTER (1974).

para sequer refletir sobre os resultados da implantação do homem novo pela revolução cubana.

O que de fato prevaleceu na escola do homem novo cubano foi uma postura de se educar as “massas” e principalmente a sua “argila”, a juventude. O projeto nos lembra em certos aspectos a catequização jesuíta em algumas regiões na América Latina. A convicção dos missionários de que eles eram portadores da verdade e que levavam o humanismo e a redenção aos inocentes indígenas do continente por meio do catolicismo, da educação e do sacrifício não era muito diferente daquela professada pelos guerrilheiros que implantaram o projeto do homem novo em Cuba. Ambas as convicções acreditavam que se devia eliminar uma “falsa” cultura e implantar por meio do trabalho físico, da educação e da coerção uma dinâmica pedagógica que levaria a uma moral mais elevada. A percepção da juventude cubana como algo possível de ser moldada em muito se assemelha aos ideais jesuítas que viam os indígenas enquanto inocentes por ainda não conhecerem o pecado. O ideal de substituir uma cultura imoral por uma nova, uma falsa visão por uma “verdadeira”. O humanismo sempre teve o ideal de levar a verdade consigo, e esta certeza resultou no desprezo das culturas consideradas atrasadas ou inferiores a um determinado projeto de “verdade moral”. O homem novo era apresentado como um estágio humano mais elevado, e os cidadãos cubanos que não o “atingiam” passaram a ser vistos como pessoas presas a um passado indesejado, e recebiam as marcas indelévels do estigma. A luta contra essas marcas e pelo reconhecimento social foi o ponto de convergência que no exílio nos Estados Unidos forjou a “Geração Mariel”.

2.3- A repressão aos homossexuais em Cuba: a nova moral revolucionária

A relação entre o governo revolucionário e os homossexuais cubanos é uma das maiores controvérsias da recente história do país³⁴. Após definir em 1961 qual seria o papel do intelectual e artista revolucionário, Fidel Castro também passa a definir o que seria

³⁴ Ver documentário e livro *Conducta Impropia*, 1984. Para tomar contato com esse debate em revistas cubanas produzidas em Cuba e fora dela, ver especialmente os sites www.cubaencuentro.com, www.uni3n.com.cu, www.temas.com.cu, etc.

moralmente aceito e o que não. Os órgãos da cultura eram “livres” para realizar a censura³⁵. As censuras impostas aos intelectuais homossexuais cubanos até 1980 foram de dois tipos: por uma parte, cortes nos seus textos e proibição de leituras e publicações sobre determinados temas eróticos; por outra, perseguições em pontos de encontro de homossexuais e prisões por condutas consideradas *impróprias* pelo governo revolucionário, tais como roupas extravagantes etc.

Contudo, é necessário estabelecer um recorte temporal para analisar os depoimentos e documentos de violação dos direitos homossexuais em Cuba. O primeiro momento vai de 1959 até 1970, e o segundo, que será tratado no capítulo 3, desde o *Primer Congreso de Educación y Cultura* (30 de abril de 1971) até o Mariel em 1980. Outro ponto relevante é que não houve, até 1980, nenhuma manifestação de apoio a qualquer organização social que pudesse representar aos homossexuais na sociedade cubana. Pelo contrário, ao que tudo indica, o projeto da revolução de 1959 era de erradicar a homossexualidade na ilha por meio de programas de re-educação. Os líderes revolucionários evitavam tratar diretamente do tema e preferiram mantê-lo obscuramente como algo não tangível, indigesto e por demais inconveniente para se debater abertamente³⁶.

Tratar do tema é de fato delicado. No entanto, fizemos uma seleção de artigos que saíram nas revistas *Alma Mater* e *Mella* nos anos de 1965 a 1968. Essas revistas eram organizadas pela UJC (União de Jovens Comunistas) e direcionadas à juventude cubana. Os artigos e charges que escolhemos comprovam que as “depurações” realizadas nas Universidades nesses anos foram contra os “elementos” considerados pela direção revolucionária como “hóspedes a la revolución” como, por exemplo, os homossexuais e “contra-revolucionários”. A revista *Alma Mater*, num editorial intitulado *Nuestra Opinión*, assim expressava:

Algunos pretenden, en su afán de frenar el proceso de Depuración (...) dividirlo en dos procesos distintos: el de los contrarevolucionarios y de los homosexuales (...) Nosotros vemos que la Depuración es una sola, que tan nociva es la influencia y la actividad de unos como de otros en la formación del profesional revolucionario del futuro (revista *Alma Mater*, *Nuestra Opinión*, La Habana, 05 de junho de 1965, No. 49, p. 1).

³⁵ Ver Reinaldo Arenas, *Antes que anochezca*, 1992.

³⁶ Ver Franqui, 1981, p. 140-142.

Também na revista *Mella* que era dedicada aos estudantes do 2º grau aparece um chamado para expulsar aos homossexuais e contra-revolucionários no último ano do ensino médio para, dessa forma, evitar a entrada desses nas Universidades (*Mella*, 31/05/1965, p. 3). Contudo, o artigo conclui que ainda existe uma oportunidade:

Antes de ganar el derecho de ingresar en nuestras Universidades, cumplan una tarea honrosa que tiene la juventud cubana actualmente, ingresar en el Servicio Militar Obligatorio, y que después, acorde con su comportamiento en nuestras gloriosas FAR, puedan cubrir en sus expedientes las lacunas que hoy tienen, y que les impiden ingresar en nuestras Universidades (“La gran batalla del estudiantado”, revista *Mella*, La Habana, 31 de maio de 1965, p.3).

A justificativa das Depurações que aparece na imprensa universitária é, sobretudo, a atitude desses jovens que não adotam a conduta “ética, moral e estética” que propunha a direção revolucionária (as charges “Vida y Milagros de Florito Volandero” na revista *Mella*, La Habana, 31 de maio de 1965, p. 20-21 e “Hay que hervirlos”, revista *Mella*, La Habana, 07 de junho de 1965, p.20-21). Segundo o editorial da revista *Alma Mater*:

No son los elementos desafectos de la revolución ni los homosexuales capaces de cumplir esta tarea [dar la vida por la Revolución y por el pueblo] por tanto no debe invertirse en ellos el producto del sudor de nuestro pueblo para darles armas y herramientas que puedan volver contra la Sociedad. (revista *Alma Mater*, “Nuestra Opinión”, La Habana, 05 de junho de 1965, p. 1).

Por último, ainda que as revistas reconhecessem que os “elementos” a depurar eram uma “insignificante minoria” era necessário expulsá-los porque: “Consideramos que no es la Universidad el lugar propicio para la reeducación de estos elementos desviados del proceso revolucionario, ni el mejor lugar para desarrollar con ellos la tarea de reincorporación a la sociedad, al proceso revolucionario”. (revista *Alma Mater*, La Habana, 05 de junho de 1965, p. 1). Dessa forma os artigos evidenciam que o governo cubano estava preocupado nessa época em encontrar um lugar para onde iriam religiosos, homossexuais e contra-revolucionários para serem reeducados.

De resto, há uma avalanche de denúncias sobre a censura e perseguição aos homossexuais após a revolução, principalmente por parte de artistas e intelectuais do exílio cubano³⁷. O que não quer dizer, em absoluto, que não havia repressão aos

³⁷ Há vários livros de memórias sobre a repressão à homossexualidade em Cuba. Ver especialmente Guillermo Cabrera Infante, *Mea Cuba*; Almendros, Nestor; Jiménez-Leal, Orlando. *Conducta Impropia*,

homossexuais antes de 1959. Tampouco que não houvesse perseguições nessa mesma época contra homossexuais em diversas partes do mundo, como ainda há atualmente na maioria dos países. A América Latina, cuja tradição machista é notória, infelizmente não é uma exceção. O que salta à vista é que uma revolução que propõe estabelecer a justiça social e uma nova ordem no país prefira se ancorar na velha ordem da família tradicional cubana ao invés de lutar por transformações no interior desta. O escritor e exilado cubano Severo Sarduy, em entrevista para o documentário *Conducta Impropia*, afirmou:

El estallido de la revolución instauró una imagen moralizante y seminal del macho; el héroe reproductor, el fecundador mítico, blandiendo un código de prohibiciones y de permisividades - muy pocas- que era, apenas transpuesto, el del cristianismo más rancio. Con sus himnos tropicalizados, con guayaberas y maracas, con esplendentes banderolas flotando al viento, la Inquisición estaba de nuevo en marcha (Almendros; Jiménez Leal, 1984, p. 136)

Assim, a revolução cubana pretendia abolir o passado colonial da ilha e construir uma nova sociedade, mas não consegue impedir que nela se mantenham os velhos preceitos sexistas presos a uma tradição da qual ela quer, mas não pode, desvencilhar-se por completo. O ditado popular de que *tudo que é novo já nasce velho* é a melhor expressão dos limites culturais da revolução cubana iniciada em 1959, bem como de outros projetos revolucionários que aspiravam iniciar uma nova história em que a tradição e o passado desapareciam e uma nova sociedade livre das mazelas do passado logo emergiria. Mas é claro que isso não ocorre, pois o novo está irredutivelmente permeado pelo passado. A imagem da marcha revolucionária que desconstrói o passado nefasto para edificar uma nova sociedade e um homem novo – recorrente, aliás, em tantas revoluções da história contemporânea – não se sustenta. O passado, o presente e o futuro estão conectados e só podem ser compreendidos se analisados conjuntamente, como afirma Kosseleck (1993). A cultura é o meio em que as tensões entre essas três categorias temporais inventadas e divididas pela humanidade são representadas. O passado não pode ser visto como algo que deva ser esquecido e sem importância para o presente e muito menos para a construção de um

Carlos Franqui, Retrato de família com Fidel; Reinaldo Arenas, *Antes que anochezca*, além das revistas *Mariel*, *Encuentro de la Cultura Cubana*, etc.

projeto de futuro. O revolucionário Karl Marx ainda no século XIX não desprezava o relampejar do passado e da tradição no presente:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem: não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime o cérebro dos vivos (Marx, 1978, p.329).

A ansiedade por transformar o presente da ilha em um futuro ideal leva a revolução a enfrentar algumas tradições da sociedade cubana e a impor uma nova moral. A religião católica, o protestantismo, a chamada santería afro-cubana, a boemia, a prostituição e a homossexualidade passam a serem encaradas como sintomas de decadência, de um passado indesejado e do atraso social da ilha colonizada por séculos. O passado e algumas tradições culturais passam a ser vistas como ameaças; o dever do revolucionário seria extirpar as imagens desse passado para construir uma nova Cuba, agora uma nação socialista e proletária. Enfim, a ilha precisava se afastar de alguns valores e valorizar novos para se descolonizar. O governo cubano não hesitou em colocar em prática o seu plano cirúrgico.

O primeiro confronto entre a revolução e os setores “indesejados” que se tem registro foi em 11 de outubro de 1961³⁸ e foi popularmente conhecida como *La noche de las tres P*³⁹. A polícia cubana fez uma grande operação para aprisionar prostitutas, alcoviteiros e homossexuais no bairro de Colón em Havana Velha, região portuária e boêmia que, “coincidentalmente”, havia sido o cenário do documentário *PM* que, como vimos, foi considerado contra-revolucionário pelo ICAIC, por passar uma imagem não apropriada da revolução e do povo cubano. O governo revolucionário não queria ver a luxúria associada ao novo momento da ilha. Havana havia sido desde a sua fundação uma importante cidade portuária e há décadas havia se tornado um balneário turístico dos norte-americanos. A cidade era famosa pelos seus

³⁸ Segundo Cabrera Infante, o sentido moralizante da revolução começa em 1959 quando são fechados os Teatros Shangai e Pacífico em Havana. O primeiro foi fechado por ser um teatro popular de strip-tease, onde as piadas duplo sentido faziam referência constante a questões sexuais e também prevalecia uma linguagem popular com o uso de muitos palavrões. O segundo foi fechado por exibir filmes pornôs.

³⁹ Ver *Conducta Impropia*. Madrid, Editora Playor, 1984; Miskulin, S.C. *Os intelectuais e a política cultural da revolução (1961-1975)*. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em História Social, USP, 2005. Franqui, C. *Retrato da família com Fidel*. Rio de Janeiro, Record, 1981; Villaça, Mariana Martins. *O Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficas (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)*. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em História Social, USP, 2006.

cassinos, prostituição e vida noturna “desregrada”. A imagem que o governo pretendia estampar não era essa, mas sim de uma revolução dos trabalhadores cubanos que lutavam para conseguir vencer as adversidades e construir uma nação soberana, e essa imagem não podia estar associada à boemia, à prostituição e à homossexualidade que passaram a ser encarados como comportamentos inadequados. O dia 11 de outubro de 1961 é considerado um marco da coerção aos homossexuais cubanos, não só pelas perseguições dessa noite, mas principalmente pela regularidade da repressão desde então:

Se detuvo al escritor Virgilio Piñera, y se le detuvo simplemente por la manera em que se manifestaba públicamente, por lucir o parecer afeminado. Pero lo grave son las consecuencias de esta noche de las tres P. Virgilio gracias a la influencia de Carlos Franqui y de Edith Buchaca resultó liberado el mismo día que lo prendieron. Cuando yo lo llevé a su casa tenía um sello del Ministerio del Interior, clausurandola, como si allí hubiera vivido un contrarevolucionario o un fugitivo de la revolución (Almendros; Jiménez Leal, 1984, p. 80).

Como podemos perceber, havia uma imbricação em torno do encarte cultural *Lunes de la Revolución*. Virgilio Piñera era um escritor consagrado que colaborava com aquele caderno cultural, Guillermo Cabrera Infante era o seu editor, e Carlos Franqui era o responsável pelo jornal *Revolución*. Por sua vez o documentário *PM* foi dirigido por Sassá Cabrera Infante – irmão de Guillermo Cabrera Infante - e Orlando Jiménez-Leal. Embora o filme não tenha focalizado a homossexualidade, tratava da vida noturna havaneira, de sensualidade, africanidade cubana, marginalidade, ritmos musicais e boemia. O grupo do *Lunes de la Revolución* estava no epicentro dos debates no início dos anos 1960. Nele encontravam-se artistas, escritores, jornalistas, e alguns deles eram homossexuais. Carlos Franqui, que era um revolucionário respeitado em Cuba, na época, tentava sempre interceder em defesa dos que tinham problemas com o governo. Em suas memórias ele relembra a noite de 11 de outubro de 1961:

Alguns milhares de prisioneiros foram conduzidos à delegacia de policia, ao centro de detenção e à prisão de Príncipe. Havia dois tipos de seleção. Um era rápido e generalizado. O outro era seletivo, com listas fornecidas pelos Comitês de Defesa locais, e incluía homossexuais, vagabundos, tipos suspeitos, intelectuais, artistas, católicos, protestantes, macumbeiros. Nas zonas de luz vermelha, apanhavam prostitutas e alcoviteiros. Uma vez em Príncipe – ou em qualquer outra prisão – os presos eram despidos e vestiam

um uniforme, um traje listrado com um grande P nas costas. P maiúsculo: pederasta, prostituta. (Franqui, 1981, p.140).

Nessa passagem, Carlos Franqui deixa claro que além do arrastão no bairro de Colón havia também uma lista previa na qual se encontrava, entre outros, o conhecido escritor Virgilio Piñera, que fora preso na manhã seguinte quando saía de sua casa na praia de Guanabo. As listas eram elaboradas a partir das informações que davam os CDRs – Comitês de Defesa da Revolução – que haviam sido criados com o intuito de defender a revolução, mas que também serviam como um importante instrumento de controle em cada quarteirão de Cuba⁴⁰. Desta forma, se alguém se comportava inadequadamente⁴¹ o presidente do CDR local devia por obrigação informar às autoridades. Carlos Franqui afirma que não foram poucos os cubanos que condenaram as medidas tomadas na noite de 11 de outubro. Ele inclusive narra uma discussão que teve com Ramiro Valdez, responsável pela operação P:

Fui ao palácio expressar minha raiva a Fidel, Raúl e outros. Lá estavam eles com Ramiro Valdés, Isidoro Malmierca, Barba Ruiva (Manuel Piñeyro) e José Abrantes. (...) Minhas críticas a Valdés foram curtas e violentas. Ele pensou que eu estivesse protestando sobre Virgilio Piñera, dizendo ter recebido tantas reclamações que Piñera seria libertado. Mas respondi que estava protestando contra a forma com que a polícia havia efetuado a operação, sua violência. (...) Valdés replicou que a revolução queria acabar com toda aquela homossexualidade e degeneração (...) ele me acusou de defender a homossexualidade, de ser contra o “moralismo revolucionário”. Ele chegou a perder o controle quando eu lhe disse que, historicamente, os maiores perseguidores de homossexuais tinham sido eles próprios homossexuais. Fidel e Dorticós intervieram nesse instante, dizendo que as prostitutas seriam enviadas a campos de reeducação e transformadas em novas mulheres, com novos empregos. Os proxenetas seriam processados com o rigor da lei. Os homossexuais não seriam processados, mas não teriam permissão de exercer influência na arte, na cultura ou na educação. Afirmaram que a operação foi importante como medida anti-contra-revolucionária⁴² (Franqui, 1981, p.142).

⁴⁰ Segundo denúncias de Virgilio Piñera, Cabrera Infante, Reinaldo Arenas, Franqui, os motivos das delações de vizinhos e “amigos” eram os mais variados, desde o interesse de ficar com a residência do perseguido até casos de homofobia declarada.

⁴¹ Comportar-se imprópriamente podia ser, desde caminhar “de uma determinada maneira afeminada”, até usar um tipo de roupa mais provocativa que ferisse a moral revolucionária.

⁴² A partir deste momento, para ser homossexual e ser tolerado, seria necessário demonstrar que se era antes de tudo um revolucionário, em outras palavras, um fidelista. Em *Antes que anochezca*, Reinaldo Arenas conta diversas anedotas de “amigos” homossexuais que começam a delatar para não cair nos campos de trabalho ou nas prisões cubanas. Seu amigo, o escritor Virgilio Piñera, considerado por ele como “el eterno disidente, el inconforme constante, el rebelde incesante”, cairá completamente em desgraça, segundo Reinaldo Arenas após sua novela *Presiones y diamantes* (1967), na qual faz uma alusão direta a Fidel Castro. Trata-se de um

Após a primeira advertência do governo às prostitutas, homossexuais e proxenetas (cafetões) na Noite dos três P, começa a formalização dos programas de reabilitação desses setores considerados pelo governo como *lacra social*⁴³. Por um lado, as prostitutas foram “re-educadas” pela *Federación de Mujeres Cubanas* (FMC) que era encarregada de realizar alguns desses programas⁴⁴. Partia-se do princípio de que não havia mais exploração do homem pelo homem e desta forma não havia mais motivos para existir a prostituição, agora que a ilha era socialista. O governo revolucionário acreditava tratar-se de uma tradição colonial que deveria ser duramente combatida. Dessa forma, a saída encontrada foi retirar as prostitutas de circulação e procurar transformá-las em trabalhadoras. Por outro lado, o governo cria outro programa de re-educação, conhecido como as UMAP (Unidades militares de Ayuda a la Producción) que estava destinado à reabilitação dos homens. A UMAP foi a saída encontrada pelo governo cubano para cuidar dos membros de algumas seitas religiosas que por uma razão ou outra se opunham ao serviço militar obrigatório de três anos. As Testemunhas de Jeová, que não admitiam o serviço militar, e os Adventistas do Sétimo Dia, que não podiam trabalhar aos sábados, eram dois desses exemplos. Os campos das Umaps em Camagüey não tinham equipamentos militares e se destinavam apenas à produção agrícola. Dessa forma, se as Testemunhas de Jeová não admitiam pegar em armas não poderiam recusar-se a trabalhar nas lavouras. Por outro lado os internos das Umaps tinham uma disciplina militar que os ajudaria a não fugirem de suas obrigações para com a pátria e ainda auxiliaria na sua re-educação por meio do trabalho e da disciplina. Nos campos das Umaps prevaleceram os ideais hierárquicos militares, daí que as unidades foram organizadas pelo próprio Ministério do Interior (Minint). Os internos tiveram que viver uma rotina de trabalho e obediência, inclusive eles também usavam uniformes militares (azuis para diferenciá-los dos uniformes verde-oliva do exército regular). Também à semelhança dos jovens que integravam o Serviço Militar, os internos das Umaps

famoso diamante que é jogado no vaso ao ser descoberta sua falsidade; o diamante se chamava Delfi, que pode ser entendido como “Fidel” ao contrário. Arenas (1992, p. 294) conclui: era “demasiado simbólico”.

⁴³ Lacra, segundo Maria Moliner (1997) refere-se a “defecto, vicio, o daño orgânico u moral”. Cf. Ros (2004).

⁴⁴ Ver *Convención sobre la eliminación de todas las formas de discriminación contra la mujer*, artigo 6. Disponível em: www.mujeres.cubaweb.cu/cedaw/texto/03.html.

tinham que viver em acampamentos em condições bastante precárias. O que significa que se tratava de um serviço militar obrigatório diferenciado para jovens que por alguma razão se consideravam ou eram considerados inadequados ao serviço militar corrente.

Boa parte das representações sobre a perseguição à homossexualidade em Cuba pode ter origem nas recordações das pessoas que estiveram nas UMAPs⁴⁵. Algumas questões surgem então: quando surge tal instituição? Por que surge? Como foram selecionados os homens enviados para essas unidades? Quais são os objetivos dessas unidades? Por que elas desaparecem?

Podemos aproximar-nos ao que foram as *Unidades Militares de Ayuda a la Producción* (UMAP) graças aos depoimentos de pessoas que estiveram nessas unidades e conseguiram publicar ou gravar as suas memórias fora de Cuba, já que existem pouquíssimos registros escritos de sua existência⁴⁶. Seja aqui assinalado nosso interesse pelas memórias de grupos minoritários acerca da vida em Cuba nos anos de 1960 e 1970, porque elas emergiram em oposição a uma memória considerada oficial ou nacional. Contudo essas memórias “subterrâneas” não tiveram um reconhecimento no interior da ilha e sim no exterior. Pollak comenta o que representam as memórias subterrâneas:

Essa memória “proibida” e portanto “clandestina” ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória (Pollak, 1989, p. 3).

Segundo essas “memórias subterrâneas” as UMAPs surgiram em novembro de 1965 e eram destinadas a homens não aptos para o Serviço Militar Obrigatório de

⁴⁵ Uma fonte interessante para aproximar-nos do que foi a UMAP são as memórias narradas por homossexuais no livro e documentário *Conducta Impropia* (1984). Outras fontes importantes são o livro de memórias de Franqui (1981) e o livro de Ros (2004) que recolheu depoimentos, em geral de religiosos exiliados nos Estados Unidos, que criaram em 1995 a *Asociación de ex-confinados de la Umap*.

⁴⁶ Em Cuba existe um sigilo absoluto sobre a documentação no período de 1959 a 1975. Mas, segundo Ros (2004) a documentação sobre as Umaps já não existe, porque foi queimada. Contudo, alguns dos que estiveram nessas unidades de re-educação e de trabalho guardaram algumas imagens e fichas de cadastro de sua reclusão.

três anos estabelecido a partir de 12 de novembro de 1963 pela lei 1129⁴⁷, na faixa etária dos 15 aos 26 anos. As unidades eram criadas para a recuperação ideológica ou moral, e destinadas a jovens com comportamentos considerados inadequados. O objetivo dessas unidades seria então o da transformação ideológica e moral de jovens com “problemas” para se ajustar à nova sociedade. Dentre os trabalhos braçais, o mais comum na época foi o corte de cana de açúcar. O periódico *Revolución* manifestou-se a respeito das Umaps da seguinte maneira: “El plan de reeducación bautizado por el Ministro del Interior y directamente orientado por Fidel, puede agregarse a los grandes logros humanos de la revolución” (*Revolución*, 11 de março de 1965 Apud Ros, 2004, p.28).

Nas unidades foram internados: religiosos, hippies, intelectuais, artistas, jovens que haviam pedido passaporte para deixar a ilha, homossexuais, entre outros. Outro ponto relevante é que não era exclusivamente por ser um homossexual, religioso ou hippie que um indivíduo acabaria na UMAP, e sim por manifestar a sua opção e/ou por contestar a nova ordem revolucionária. Um dos exemplos é o do ator cubano Rafael de Palet que, para interpretar a personagem de um alemão em 1965 no teatro, tingiu o cabelo de loiro e parou na Umap:

Ellos no entendían que un individuo se pudiera teñir el pelo. Aquel individuo que se tiñera el pelo consideraban que podía presentar rasgos de una conducta homosexual. Me presenté a ese llamado del servicio militar de la Umap pero aquello fue un engaño (Almendros; Jiménez Leal, 1984, p.34)

Muitos depoimentos como o anterior confirmam que, baseados em estereótipos, comportamentos ou maneiras de agir, as autoridades detectavam os considerados “desvios”. Outro exemplo é o José Mario, editor do antigo jornal *El puente* que funcionou de 1960 a 1965 em Havana, quando foi fechado, e que foi enviado para a Umap por causa de um detalhe, quando um militar o interrogou:

Entonces el militar me dijo que caminase, que diera la vuelta al salón y que caminase. Yo, con cierto asombro obedecí, caminé por todo el salón, le di la vuelta. Me ordenó entonces que caminara de espaldas a él y con mucha ironía me dijo: ¿Ves?, de ahora en adelante nosotros vamos a hacer de ti un hombre (...) A la entrada había una pancarta enorme en la que se leía:

⁴⁷ Cf. Ros, 2004.

Unidad militar 2.269 y un letrero con el lema “el trabajo los hará hombres”, una frase de Lenin (Almendros; Jiménez Leal, 1984, p. 33-37).

Dessa maneira, havia um programa de reeducação moral-ideológica para indivíduos considerados não aptos ao serviço militar obrigatório devido a sua conduta social inadequada. Assim, um artigo do jornal *Juventud Rebelde* (10/10/1968, p.3-4) de autoria de Alfredo Echarry intitulado “Los chicos del cuarto mundo” faz uma apologia das Umaps: “La revolución adquiere una nueva experiencia. Los confundidos ideológicamente, jóvenes que ni estudiaban ni trabajaban serán transformados en ciudadanos útiles por medio de una reeducación especial en base al trabajo y al estudio”. O artigo contrasta depoimentos de pais a favor das “batidas” na Rampa porque seus filhos estavam com “comportamentos inadequados” e fotografias de jovens gays no mundo capitalista com a pergunta: “¿Es esto lo que Usted quiere para su hijo?”.

Devemos ressaltar que o cidadão enviado para uma das unidades da UMAP era obrigado a cumprir um determinado período, que variava e era estabelecido pela Segurança do Estado Cubano, e não poderia sair sem permissão, nem receber visitas fora das datas previamente estabelecidas⁴⁸. O objetivo desse programa seria a correção de comportamentos não revolucionários por meio da realidade laboral, e impedir que jovens que não estavam no serviço militar corrente deixassem de prestar sua contribuição à revolução. O próprio Fidel Castro, em entrevista ao jornalista Luis Báez, afirmou que a Umap:

No es un lugar de castigo. Allí los jóvenes que ingresan no son mirados con desprecio, al contrario, son bien recibidos. Están sometidos a una disciplina militar. Son bien tratados y se procura la manera de ayudarlos a que superen su actitud. A que cambien, a que aprendan; se trata de convertirlos en hombres útiles a la sociedad. (Castro, *Granma*, 14 de abril de 1966)

Nem todos os internos dos campos da UMAP eram homossexuais, ainda que a maioria o fosse, já que muitos condenados por atividades subversivas: intelectuais, artistas, hippies, religiosos, etc. também eram homossexuais. Isto marcou todos os egressos da Umap com o estigma de homossexuais. Alguns deles criaram em Miami

⁴⁸ Ver *Conducta impropia*, 1984.

a Associação de ex-confinados da Umap, em 1995. O livro de Ros (2004, p. 38-40) apresenta a visão de muitos religiosos que ainda hoje desejam mostrar que estavam incomodados por terem sido confinados nas Umaps, em especial, pela convivência com grupos de gays. Assim relata, por exemplo, Eduardo com um tom discriminatório: “A mi alrededor ví muchos con aspecto de delinquentes y otros abiertamente homosexuales”. E também Jose Antonio Zarraluqui: “Se encontraban ya en ese lugar muchos hombres que lucían mayores de 50 años y noté que había un grupo numeroso de homosexuales exhibicionistas, no eran maricas discretos sino desorejados”. O depoimento de Eduardo Ruiz manifesta abertamente o preconceito contra os homossexuais: “Es algo que yo no perdono a Castro. Forzarme a vivir durante ocho meses con 160 afeminados!” (Ros, 2004, p.160).

Houve por parte do governo cubano uma tentativa de mostrar à população cubana que aqueles que iam para as Umaps eram anti-sociais⁴⁹ e logo que se reabilitassem voltariam a participar da vida social cubana⁵⁰. Os que iam para essas unidades não podiam receber visitas regularmente, não sabiam quanto tempo ficariam. Os familiares que perguntavam por eles recebiam a seguinte resposta: “*están detenidos por anti-sociales*”. Mas o pintor Jaime Bellechasse narra como se classificavam as pessoas que iam para as Unidades de Produção, com o intuito de distinguir os homossexuais dos outros:

En la Granja del Sitio, a los quince días de estar ahí, más o menos, llegaron varios estudiantes de Psicología de la Universidad de La Habana. Entonces nos hicieron unos tests en que nos daban unos dibujos, y había que decir la sensación o la imagen que uno veía en ellos. Además teníamos que dibujar una mujer en un papel y dibujar un hombre en otro papel. Después había un test de asociación de preguntas y respuestas. Había algunas frases... por ejemplo, recuerdo que una frase decía: yo secretamente... entonces uno tenía que terminarla o cosas así. O “los hombres” puntos suspensivos, y uno tenía que inventar una oración. Entonces, basandose en estos test, a los que se unía el expediente que venía de La Habana, de la Seguridad del Estado, es como hicieron ellos esta clasificación de que unos eran homosexuales, otros eran “hippies” y otros pertenecían a esa cosa difusa llamada “conducta impropia” (Almendros; Jiménez Leal, 1984, p. 147)

⁴⁹ O ICAIC semanalmente realizava um noticiário e Santiago Álvarez o diretor tomou várias imagens de operações policiais, que eram transmitidas com o intuito de mostrar que não se admitiriam comportamentos subversivos.

⁵⁰ As personalidades mais conhecidas que estiveram nas Umaps e que depois se reincorporaram sem maiores problemas foram os cantores cubanos Pablo Milanés e Silvio Rodríguez.

Além de fazer a classificação dos considerados “desvios” dos reclusos nas Umaps, o governo cubano se preocupava com a sua reabilitação por meio do trabalho e do adoutrinamento político. Segundo Héctor Aldao: “teníamos un adoctrinamiento diário” e José Mario: “Utilizaban el manual de marxismo-leninismo de Kostantinov que es una cosa horrorosa (...) todo el mundo es fascista, desde T.S Elliot... hasta Platón, son fascistas (Almendros; Jiménez Leal, 1984, p.38). A existência desse tipo de serviço militar diferenciado tinha o objetivo de recuperar os jovens para a revolução e impedir que os mesmos contaminassem ou atrapalhassem a formação dos jovens aptos ao serviço militar regular. Desta forma, muitos cubanos acreditavam que era algo necessário para a recuperação da parcela “desviada” da juventude cubana naqueles anos. O que não significa que não havia quem questionasse a postura do governo cubano quanto ao tratamento destinado aos homossexuais:

Foi uma noite em 1966, em Havana. Éramos um pequeno grupo de escritores e fomos conduzidos, sem explicações, a uma casa em Vedado. Fidel não demorou a aparecer. Falou por 12 horas, até as primeiras horas da manhã, sentado e levantando, gesticulando sem parar, enquanto tragava seus enormes charutos, sem demonstrar o menor sinal de cansaço. Explicou-nos a melhor maneira de se fazer uma emboscada, e a razão pela qual enviava os homossexuais para trabalhar no campo, em batalhões disciplinares. Anunciou que “Che” iria reaparecer em breve à frente de guerrilheiros, depois teorizou, brincou, contou casos, dirigindo-se a todos de forma familiar e com tapinha nas costas. Quando foi embora, tão bem disposto quando ao chegar, estávamos todos cansados e maravilhados (Vargas Llosa, 2006, p.91).

A citação é do escritor peruano Mario Vargas Llosa, que nos anos de 1960 participou da “Casa de las Américas” e visitou a ilha várias vezes. A passagem evoca a idolatria que a imagem de irreverência da revolução cubana e de seus líderes causava. Apareciam sem solenidade, discursavam com entusiasmo e informalidade. Não havia nada que lembrasse a burocracia socialista da União Soviética e do leste europeu. Mesmo que a justificativa do envio dos homossexuais para campos de trabalho não convencesse a todos, a simpatia por Fidel Castro, por Ernesto Che Guevara ou pela luta da ilha atenuava as críticas. Devemos ressaltar ainda que naqueles anos o preconceito contra a homossexualidade era ainda maior do que o é atualmente, e muitos intelectuais de esquerda não pretendiam abandonar a sua fé na

revolução socialista por solidariedade a alguns homossexuais. Vargas Llosa (2006, p.124) comenta que: “Nunca antes da Revolução Cubana senti um entusiasmo e uma solidariedade tão fortes por um fato político e duvido que sintam algo semelhante no futuro”. O entusiasmo daquela época era inquestionável e impulsionava a revolução cubana a seguir sua trajetória. Mas como ocorre com todas as coisas, o entusiasmo não podia durar para sempre.

Podemos perceber uma contradição nos anos 1960 em Cuba: por um lado eram anos de grande euforia e de um “quase consenso”, e por outro se iniciava a perseguição de alguns indivíduos sob alegações de conduta inapropriada. Mas por que a euforia persistiu por quase toda década de 60? Por que os intelectuais e artistas cubanos e estrangeiros que participavam do esplendor de “Casa das Américas” não pressionaram o governo sobre a repressão aos homossexuais, ou sobre outros problemas? A resposta, a nosso ver, estava presa à conjuntura internacional. A defesa de Cuba e da sua revolução significava posicionar-se contra os Estados Unidos, contra o recrudescimento das ditaduras militares na América Latina e mesmo contra a experiência do bloco socialista no leste europeu. A imagem da ilha que construía sua própria alternativa política e seu futuro era muito forte naqueles anos, e a tolerância ou mesmo a incredulidade quanto a algumas denúncias se sobrepujavam. Ora, imaginava-se que havia poucos anos desde a revolução e que o embargo econômico norte-americano, a tentativa de invasão em *Giron*, os combates internos na região de Escambray, a expulsão de Cuba da OEA, entre tantos outros desafios, eram maiores e, assim, tomava-se partido a favor de Cuba e das inegáveis conquistas sociais da revolução.

As denúncias dos abusos cometidos nos campos das UMAPs como, por exemplo, um número cada vez maior de internos fora da faixa etária do serviço militar obrigatório, fez com que elas fossem extintas em 1968⁵¹. Contudo o programa de re-educação por meio da atividade laboral obrigatória e da internação continuou nas granjas do Estado cubano. A diferença é que não havia mais o regime militar e a denominação UMAP. Por outro lado, não havia mais o empecilho da faixa etária e o

⁵¹ Cf. Franqui, 1981.

constrangimento de se utilizar as Forças Armadas Revolucionárias (FAR) cubanas para este fim.

Capítulo III – O Satélite

Tudo leva a pensar que a constituição de um campo intelectual dotado de uma relativa autonomia é a condição que permite o surgimento do intelectual autônomo, que não conhece nem deseja conhecer outro limite que não as exigências que surgem de seu projeto criador. Mas o projeto criador é o lugar onde se mistura, e às vezes se contradiz, a necessidade intrínseca da obra que deve ser continuada, melhorada, concluída e as condicionantes sociais que orientam a obra desde fora.

(Pierre Bourdieu)

3.1- O caso Padilla

Após quase dez anos do pronunciamento de Fidel Castro em suas *Palabras a los intelectuales* (1961), ocorreu outro episódio que desencadeou a maior crise entre o governo cubano e os intelectuais desde o início da revolução de 1959: o chamado *Caso Padilla*. O episódio envolveu o poeta Heberto Padilla, um dos fundadores da União Nacional de Escritores e artistas de Cuba (UNEAC), criada no primeiro congresso de escritores e artistas de Cuba no ano de 1961.

Heberto Padilla permaneceu de 1962 a 1964 na União Soviética como correspondente dos jornais cubanos *Prensa Latina* e *Revolución*. Posteriormente tornou-se diretor geral da empresa cultural Cubartimpex e membro do conselho de direção do Ministério de Comércio Exterior de Cuba; cargos que assumiu por mais dois anos em países escandinavos e em países socialistas no leste europeu. A situação de Padilla era muito favorável na ilha naqueles anos devido ao seu livro de poemas *El justo tiempo humano*, que recebeu o prêmio de honra da *Casa de las Américas* em 1960. No livro o poeta celebra e declama a revolução cubana. O que o tornou popular e admirado pelos revolucionários cubanos. Mas, a partir de 1966, ao retornar a Havana ele se transforma em protagonista de uma série de polêmicas sofrendo em 1968 os ataques mais severos assinados por Leopoldo Ávila (pseudônimo) e publicados na revista *Verde Olivo* que lhe dedicou um artigo intitulado “Las provocaciones de Padilla”:

El imperialismo ha tenido una suerte que no queremos para ellos, ha encontrado un Padilla para que le dé forma poética (?) a sus consignas. Él, en el mundo de mentiras que se ha creado solo ve “el puñetazo en plena cara y el empujón a media noche”, mientras físicamente intacto, aunque moralmente él mismo se ha destruído, concurre a tertúlias y anda de correvedile de gusanitos y descontentos (*Verde Olivo*, La Habana, 10 de noviembre de 1968, p.18).

Como podemos perceber, Heberto Padilla passou a ser publicamente repreendido em 1968 por suas críticas a alguns pressupostos do regime. Um ano antes, em 1967, alguns poemas de Padilla foram selecionados e publicados na revista *Casa de las Américas* em um número dedicado ao centenário do poeta Rubén Darío. A revista era editada pelo Conselho Nacional de Cultura e a publicação dos poemas de Padilla provocou constrangimentos ao governo cubano e este, por sua vez, decidiu que era necessário ter um maior controle do material a ser publicado pela revista. Isto, evidentemente, não agradou aos intelectuais e artistas - principalmente estrangeiros - que colaboravam com a publicação desta. A polêmica agravou-se quando o livro *Fuera del juego* concorreu e obteve o prêmio *Julián del Casal* na categoria de poesia. O júri escolhido pela União de Escritores e artistas de Cuba (UNEAC) era composto por intelectuais cubanos: Lezama Lima, José Z. Tallet e Manuel Díaz, e estrangeiros – o inglês J. M. Cohen e o peruano César Calvo. Os jurados, sobretudo os cubanos, foram pressionados por dirigentes próximos à UNEAC, no intuito de suspender a premiação do livro de Padilla que não era aceito pela direção revolucionária, que ademais via tal premiação como uma provocação ao governo. Manuel Díaz chegou a ser afastado do júri, o que gerou mal-estar entre os participantes do concurso, em especial entre os estrangeiros. O próprio Manuel Díaz esclarece:

Por aquellos días, Armando Hart⁵² citó a los jurados extranjeros a su despacho. Les dijo que mi sanción obedecía a motivos ajenos al concurso, que no tenía nada que ver una cosa con la otra. No convenció. Uno de los presentes, Roque Dalton, se encargó de hacérselo saber allí mismo. Roque y el escritor argentino José Bianco – quien con buen tino afirmaba que los tejemanejes del Partido le estaban dando razón al libro de Padilla – me contaron todo (DÍAZ, 2007, p.3).

⁵² Militante do Movimento 26 de Julho, primeiro Ministro da Educação de Cuba, de 1959 a 1965 e, posteriormente, Ministro de Cultura de Cuba, nos anos de 1976 a 1997. Naquele momento ele era secretário do Partido Comunista.

Manuel Díaz foi reconduzido ao corpo de jurados que declarou o livro *Fuera del juego*, vencedor do prêmio *Julián del Casal*, na categoria poesia. Os membros do júri redigiram um documento em que justificavam a premiação da obra:

Los miembros del jurado del género Poesía que hemos actuado en el concurso UNEAC de 1968, acordamos unánimemente conceder el Premio “Julián del Casal” al libro intitulado “Fuera del Juego, de Heberto Padilla. [...] Padilla reconoce que, en el seno de los conflictos a que los somete la época, el hombre actual tiene que situarse, adoptar una actitud, contraer un compromiso ideológico y vital al mismo tiempo, y “Fuera del Juego” se sitúa del lado de la Revolución, se compromete con la Revolución y adopta la actitud que es esencial al poeta y al revolucionario: la del inconforme, la del que aspira a más porque su deseo lo lanza más allá de la realidad vigente. [...] La fuerza y lo que da sentido revolucionario a este libro es, precisamente, el hecho de no ser apologético, sino crítico, polémico, y estar esencialmente vinculado a la idea de la revolución como la única solución posible para los problemas que obsesionan a su autor, que son los de la época que nos ha tocado vivir (DICTAMEN, 1968, p. 1).

Como podemos notar, Padilla não foi retratado pelo júri como um contra-revolucionário e sim como um autor preocupado com os rumos da revolução cubana. Não há dúvida de que os estrangeiros, que foram a Cuba sem remuneração financeira para fazer parte do júri, eram favoráveis à revolução cubana e ao socialismo. Já os intelectuais cubanos não teriam sido convidados, se houvesse quaisquer suspeitas contra eles. O que ocorreu foi que Padilla notou que naqueles anos ninguém criticava o governo revolucionário e ele se sentiu na obrigação de fazê-lo:

Me parecía extraño que estos escritores no aludieran a la historia dramática que se estaba viviendo en Cuba. No hubo un solo poema que abordara lo que acontecía. Por eso con *Fuera de Juego* no quise continuar con aquella tradición. Me importaba recoger la realidad excepcional que estaba viviendo, y digo excepcional no por capricho, sino porque los acontecimientos que se estaban produciendo eran excepcionales. Yo experimenté el nacimiento del deshielo, el surgimiento de una crisis y de una crítica al sistema socialista, y mi libro intentaba abordar todos aquellos problemas. Cuando lo escribí, lo sentía necesario, creía en él (PADILLA, 1998, p.1).

Padilla escreveu essa passagem no exílio, nos Estados Unidos, durante as celebrações do trigésimo aniversário de *Fuera del juego*⁵³. O título do livro já era em si uma provocação, nele Padilla responde diretamente a Fidel Castro. O poeta audaciosamente decide não participar da equação proposta pelo líder revolucionário aos intelectuais desde

⁵³ Ver Lorenzo, Alejandro. “Fuera del Juego 30 años después”, publicado no *New Herald*, 15 de fevereiro de 1998. Disponível em: www.cubamet.org/CNews/y98/feb98/16o9.htm.

1961 e propõe que os poetas – os de fato – estariam fora do jogo do *Comandante en Jefe de la Revolución*.

Como era de se esperar, a direção da revolução e alguns de seus órgãos, principalmente as Forças Armadas Revolucionárias, se sentiram alvejados pelas ironias do poeta e passaram a fazer uma campanha contra Padilla e o seu livro.⁵⁴ Em 1968, os debates entre os antigos membros do PSP cubano, simpatizantes da União Soviética, e os chamados guevaristas eram mais freqüentes. A disputa se dava quanto ao modelo econômico a ser implantado; até o final da década de 1960, como já foi dito, prevaleceram os estímulos morais defendidos por Ernesto Che Guevara. A partir de 1970 passou a prevalecer o modelo soviético, os estímulos materiais e uma proposta econômica menos voluntarista. Mas Padilla e o seu livro eram uma afronta aos dois pólos e ao próprio Fidel Castro, que representava a unanimidade na ilha. Para colocar de forma mais evidente: os dois grupos disputavam politicamente dentro do partido comunista que eles tinham ajudado a erguer. Era uma disputa interna entre grupos estabelecidos pela nova hegemonia política. Padilla, por sua vez, saíra da disputa entre os estabelecidos e de forma iconoclasta se colocava fora do jogo, o que levava à cólera os revolucionários cubanos e atingia diretamente o PCC e o governo cubano.

A UNEAC divulgou uma declaração na qual contestava o resultado do júri, mas não interveio na premiação e publicou *Fuera del juego*, embora com uma tiragem reduzida e sem direito a prefácio. O autor também jamais recebeu a viagem à União Soviética e os 1000,00 pesos correspondentes à premiação⁵⁵. Desta forma a instituição declarou-se democrática por não intervir na premiação, mas criticou asperamente o resultado e a escolha de *Fuera del juego* de Heberto Padilla na categoria poesia e *Los siete contra Tebas* de Antón Arrufat na categoria teatro. O documento da UNEAC condenou as duas obras e os seus respectivos autores, contudo o tratamento dado a Padilla e à sua obra foi mais severo. O documento da UNEAC tem cerca de sete laudas, das quais apenas meia página se referia à peça de Antón Arrufat e as demais, a Heberto Padilla:

⁵⁴ Vários artigos e editoriais da revista *Verde Olivo* nos anos de 1967 e 1968 tentam cercear a liberdade de expressão em Cuba e tecem críticas a Padilla.

⁵⁵ Cf. Díaz, Manuel. Intra-historia abreviada del caso Padilla, s/d. Disponível em: www.literatura.us/padilla/diazhtml. Acesso em: 7/03/2007.

En cumplimiento, pues, de lo anterior, el comité director de la UNEAC hace constar por este medio su total desacuerdo con los premios concedidos a las obras de poesía y teatro que, con sus autores, han sido mencionados al comienzo de este escrito. [...] En el caso del libro de poesía, desde su título: “Fuera del Juego”, juzgado dentro del contexto general de la obra, deja explícita la auto-exclusión de su autor de la vida cubana (DECLARACIÓN, 1968, p. 1-2).

Assim, nos termos desse documento, Padilla é apontado como um dissidente político. O poeta não mais foi aceito pela revolução por ter escrito poemas de conteúdo considerado contra-revolucionário:

En estos textos se realiza una defensa del individualismo frente a las necesidades de una sociedad que construye el futuro y significan una resistencia del hombre a convertirse en combustible social. Cuando Padilla expresa que le arrancan sus órganos vitales y se le demanda que eche a andar, es la Revolución, exigente en los deberes colectivos quien desmiembra al individuo y le pide que funcione socialmente. En la realidad cubana de hoy, el despegue económico que nos extraerá del subdesarrollo exige sacrificios personales y una contribución cotidiana de tareas para la sociedad. Esta defensa del aislamiento equivale a una resistencia a entregarse en los objetivos comunes, además de ser una defensa de superadas concepciones de la ideología liberal burguesa (DECLARACIÓN, 1968, p. 3).

O autor foi criticado por questionar o paradigma revolucionário, como o fez no poema mencionado pela Declaração da UNEAC:

EN TIEMPOS DIFÍCILES
A AQUEL HOMBRE le pidieron su tiempo
Para que lo juntara al tiempo de la Historia.
Le pidieron las manos,
Porque para una época difícil
nada hay mejor que un par de buenas manos.
Le pidieron los ojos
Que alguna vez tuvieron lágrimas
para que contemplara el lado claro
(especialmente el lado claro de la vida)
porque para el horror basta un ojo de asombro.
Le pidieron sus labios
resecos y cuarteados para afirmar,
para erigir, con cada afirmacion, un sueño
(el-alto-sueño);
le pidieron las piernas,
duras y nudosas,
(sus viejas piernas andariegas)
porque en tiempos difíciles
algo hay mejor que un par de piernas?
para la construccion o la trinchera?
le pidieron el bosque que lo nutrió de nuevo,

con su árbol obediente.
le pidieron el pecho, el corazón, los hombros.
Le dijeron
que eso era estrictamente necesario.
Le explicaron después
que toda esta donación resultaría inútil
sin entregar la lengua,
porque en tiempos difíciles
nada es tan útil para atajar el odio o la mentira
Y finalmente le rogaron
que, por favor, echase a andar,
porque en tiempos difíciles esta es, sin duda, la prueba decisiva.
(PADILLA, 1968, p. 1).

O poema não deixa dúvidas de que o autor não se conformou com a falta de liberdade de expressão na ilha. Criticava o rumo tomado pela revolução, que exigia compromisso de todos e afirmava ainda que “toda doação seria inútil se não lhe fosse entregue a língua”, o que, como podemos notar, o poeta definitivamente não estava disposto a fazer. Padilla, como já foi dito, vivera na União Soviética onde conheceu os limites do socialismo real, e seus poemas expressavam necessidade de impedir que idêntico processo ocorresse com a revolução cubana. Padilla era amigo e colaborador de Carlos Franqui, editor do *Revolución* que rompeu com a revolução e se evadiu da Ilha naquele mesmo ano de 1968. Também era amigo de Guillermo Cabrera Infante, editor do *Lunes de la Revolución* que se foi de Cuba em 1964, três anos após o fechamento do caderno de cultura publicado todas as segundas e do próprio *Revolución*. Enfim, Padilla estava abalado com a perseguição de que alguns de seus amigos haviam sido vítimas e decidiu desafiar o comando revolucionário com seus poemas.

Os poemas de Padilla foram interpretados diferentemente pela UNEAC e pelo júri que lhe concedeu o prêmio. A diferença entre o documento escrito pelo corpo de jurados do concurso e o da UNEAC era que o júri via as poesias de Padilla enquanto crítica a um determinado momento da revolução cubana e da própria história contemporânea: a falta de liberdade de expressão. Por outro lado, a UNEAC e o governo cubano entenderam que os poemas de Padilla representavam um ataque à revolução e à sua nova ordem social. O documento da UNEAC se torna cada vez mais explícito quanto ao comportamento subversivo de Heberto Padilla:

Sin embargo para el que permanece al margen de la sociedad, fuera del juego, Padilla reserva sus homenajes. Dentro de la concepción general de

este libro el que acepta la sociedad revolucionaria es el conformista, el obediente. El desobediente, el que se abstiene, es el visionario que asume una actitud digna. En la conciencia de Padilla, el revolucionario baila como piden que sea el baile y asiente incesantemente a todo lo que le ordenan, es el acomodado, el conformista que habla de los milagros que ocurren. Padilla, por otra parte, resulta el viejo temor orteguiano de las “minorías selectas” a ser superadas por una masividad en creciente desarrollo. Esto tiene, llevado a sus naturales consecuencias, un nombre en la nomenclatura política: fascismo (DECLARACIÓN, 1968, p. 3 - 4).

A citação demonstra que o documento da UNEAC a cada parágrafo torna-se mais ofensivo a Padilla e ao seu livro. O texto chega a ser apaixonado, o que demonstra que o autor conseguiu ofender a muitos revolucionários cubanos, que, posteriormente iniciam uma campanha contra o poeta na ilha. Abaixo temos um pequeno trecho do poema de Padilla ao qual esta passagem do documento se refere:

Que de una vez aprendan que solo siento amor
Por el desobediente de los poemas sin ataduras
Que están entrando en la gran marcha
Donde camina el que suscribe
Como un buen rey, al frente. (1968, p. 8)

Padilla afirmou ser impossível escrever poemas que não retratassem o que ele sentia, “sem ataduras”, uma referência aos artistas e intelectuais cubanos que se mantinham em silêncio, evitando críticas ao regime, mas, sobretudo, aos que passaram a tecer apologias à revolução e aos seus líderes. Padilla assinalou que estava surpreso pela persistência dos artistas e intelectuais cubanos no apoio irrestrito ao modelo proposto por Fidel Castro durante o primeiro congresso de intelectuais e artistas de 1961. No poema que dá título ao livro, Padilla aponta que os poetas (os verdadeiros) estariam fora do jogo imposto por Fidel Castro:

Al poeta, DESPÍDANLO!
Ese no tiene aquí nada que hacer.
No entra en el juego.
No se entusiasma.
No pone en claro su mensaje.
No repara siquiera en los milagros.
Se pasa el día entero cavilando.
Encuentra siempre algo que objetar. (1968, p.15-16)

Nessa estrofe, Padilla faz alusão à falta de entusiasmo de seus poemas e ironiza o dever que tinham os poetas cubanos, de ser otimistas e de sempre enxergar os “milagres” da revolução. As obrigações impostas aos poetas impediriam a existência da própria poesia em

Cuba, pois, a poesia necessita de expressões e sentimentos que não podiam ser tolerados naqueles tempos na ilha. Como podemos perceber, a ironia do poema é uma critica mordaz à máxima proferida no discurso *Palabras a los intelectuales* (1961) por Fidel Castro. A falta de euforia, o pessimismo, a rebeldia e a angústia que exalavam de cada uma das estrofes de seus poemas foram muito mal recebidos pelo dirigente do governo cubano que entendia essas expressões como resquícios de sentimentos burgueses. Assim se expressou o próprio Fidel Castro em um de seus discursos:

Dijimos: ¡No! ¡Al desaliento frente a la adversidad, No! ¡A las dificultades! No! Al pesimismo, No! ¡Al temor, no! ¡A la claudicación, No! ¡Al oportunismo, No! ¡Al nacionalismo estrecho y al chovinismo, no! ¡Al abuso de poder, no! ¡A la corrupción, no! ¡Al evanecimiento, no! ¡Al endiosamiento de los líderes, no! ¡Al ridículo culto a la personalidad, no! A la infalibilidad de los revolucionarios. **Y supimos decir: ¡Sí!** ¡A la solidaridad entre los hombres, Sí! ¡Al marxismo-leninismo, sí! ¡Al antiimperialismo consecuente, sí! ¡Al internacionalismo proletario, sí! ¡A la necesidad de un partido de vanguardia, sí! ¡A la dirección colectiva y las normas democráticas revolucionarias, sí! ¡A la autocrítica y al reconocimiento y rectificación de los errores, sí! ¡A la modestia, sí! ¡A la dedicación total y absoluta al pueblo, sí! ¡A la admiración y respeto a los que con su lucha pasada hicieron posible la patria de hoy, sí! ¡A la gratitud eterna para los que se solidarizaron con nosotros, y con su apoyo desinteresado y noble nos ayudaron a vencer las agresiones del imperialismo! (CASTRO, 1991, p. 134 - 135).⁵⁶

O discurso de Fidel Castro demonstra que certos comportamentos e principalmente o seu estímulo não seriam mais tolerados em Cuba. Dentre esses, sem dúvida se encontra um poema de Padilla intitulado ironicamente: *Instrucciones para Ingresar en una Nueva Sociedad*, que contrastava com o teor do discurso citado:

LO PRIMERO: OPTIMISTA.
Lo segundo: atildado, comedido, obediente.
(Haber pasado todas las pruebas deportivas).
Y finalmente andar
como lo hace cada miembro:
un paso al frente, y
dos o tres atrás:
Pero siempre aplaudiendo (PADILLA, 1968, p.25).

Com um humor sarcástico, Heberto Padilla proclama neste poema a desobediência a algumas condutas propostas por Fidel Castro. Desta forma o seu livro contesta o futuro

⁵⁶ Este discurso foi proferido no XXV Aniversário do Assalto ao Quartel Moncada em 1953 e publicado no livro *Fuentes de la Cultura Latinoamericana* organizado por Leopoldo Zea, em 1993.

sugerido pelos líderes da revolução cubana. Os poemas incitam principalmente a juventude cubana a refletir sobre o projeto revolucionário cubano do *hombre nuevo*:

Cuando los últimos disparos
Resonaban en el turbio canal,
y a través de los vidrios deshechos
se empezaba a borrar el homo negro;
miramos, anhelantes,
sin advertir siquiera
que junto a la caserna abandonada,
bajo los parapetos corroidos
por la sangre y la lluvia,
ellos habían crecido
(sus ojos sus manos y sus pelos)
Y salían gritando hacia el jardín desierto;
“La vida es este sueño! La vida es este sueño!”
Pero la vida, era este sueño?
De verdad que pensabas en serio, mi viejo
Calderón de la Barca, que la vida es un sueño? (PADILLA, 1968, p.33-34).

O poema citado se intitula *El hombre nuevo*. Nele Padilla sugere que a primeira geração cubana após a revolução havia crescido e o homem novo era apenas mais um sonho que não vingou. Padilla e, sobretudo seu livro *Fuera del juego*, tornaram-se uma referência para a juventude cubana, ou melhor, para uma parcela dela, que passou a ver Padilla como o herói do descontentamento. Isto levou o governo a sentir-se ameaçado pela popularidade de Padilla e decidir punir o poeta:

Padilla era entonces como el ‘héroe’ de toda nuestra generación. Había escrito en 1968 “Fuera del juego”, lo había presentado al concurso de la UNEAC y había ganado el premio por unanimidad en el jurado. El libro había sido publicado con una nota de protesta de la UNEAC en la que se calificaba a Padilla de contrarrevolucionario y antisoviético. Pero había sido un triunfo; aunque el libro había sido publicado, casi nadie lo había adquirido porque los ejemplares de su reducida tirada habían sido retirados, casi en su mayoría, de la venta. Desde luego, nadie allí tenía una grabadora, Y los jóvenes copiaban los poemas taquigráficamente, tal vez con esa intuición que les hacía ver que aquel libro nunca se iba a ver publicado, por lo menos en Cuba (ARENAS, 1992, p.152).

Aqui, o escritor Reinaldo Arenas aponta que, em 1968, ano do lançamento do livro, já havia um desencanto com os caminhos da revolução, sobretudo de uma parcela da juventude havaneira. Padilla já não era tão jovem, tinha 35 anos quando escreveu *Fuera del juego* em 1967, mas o seu livro o era e, quando Reinaldo Arenas afirma que Padilla foi o herói de sua geração, ele se refere especificamente aos jovens com quem convivía, que apreciavam arte e literatura e que evidentemente não eram maioria em Havana e muito

menos em Cuba. Contudo pode-se perceber que os anos de “consenso” já haviam ficado para trás. É interessante assinalar que Reinaldo Arenas foi um dos principais formuladores da *Geração Mariel* e Heberto Padilla, como se vê, foi por ele apontado como um herói para esta “geração”. O poeta que com suas estrofes desafiara a nova ordem estabelecida. A Geração Mariel não representa, assim, todos os coetâneos cubanos que vivenciaram a revolução cubana na adolescência, e sim uma minoria de artistas e escritores que na juventude se rebelaram contra alguns princípios da revolução ainda no final dos anos de 1960, sobretudo em Havana. A *Geração Mariel* foi constituída de uma pequena parcela da juventude havaneira que não conseguiu se adaptar aos pressupostos ideológicos do homem novo cubano seja, por questões estéticas, políticas, morais e até sexuais: como a homossexualidade presente em grande parte dos componentes da autodenominada *Geração Mariel*.

O livro *Fuera del juego* teve papel decisivo em um determinado momento histórico da revolução cubana. Seus poemas proclamavam o que era, então, considerado pelas autoridades como contra-revolucionário, individualista e mesmo contraventor. O homem novo e a nova sociedade que estava em curso não aceitaram o escárnio de suas críticas mordazes. Padilla passou a ser encarado pelo comando revolucionário como um escritor que poderia contaminar a geração de jovens cubanos à qual estava destinado o futuro da revolução. O temor do governo revolucionário era que o livro se tornasse um pavio reformista que seria aproveitado pelos inimigos da revolução. O governo decidiu agir. Inicialmente, Heberto Padilla passou pela exclusão social ao ser afastado da Universidade de Havana, na qual era professor de Literatura, e de qualquer papel relevante no cenário cultural cubano, o que não impediu que *Fuera del juego*, e seu nome fossem apagados; pois, como se viu na citação de Reinaldo Arenas (1992), o conteúdo dos poemas e a difusão do nome de seu autor atormentavam as autoridades cubanas. Até que, em 20 de março de 1971, Padilla foi preso juntamente com sua esposa, a poetisa e escritora Belkis Cuza Malé. Ambos foram acusados pelo *Departamento de Seguridad del Estado* de atividades subversivas contra a revolução cubana. Belkis Cuza Malé foi solta após dois dias. Heberto Padilla ficou incomunicável por mais de um mês.⁵⁷

⁵⁷ Cf. Díaz, Manuel. *Intrahistoria abreviada del caso Padilla*, s/d. Disponível em: www.literatura.us/padilla/diazhtml. Acesso em: 7/03/2007.

A prisão de Heberto Padilla repercutiu internacionalmente e dividiu a opinião dos representantes estrangeiros da *Casa de las Américas*, pois a maioria dos seus intelectuais e artistas não aceitou o encarceramento do poeta e ameaçou romper relações com a instituição e com o governo cubano se ele não fosse libertado imediatamente. No dia 19 de Abril de 1971 um grupo de intelectuais de esquerda europeus e latino-americanos publicou uma carta aberta a Fidel Castro na qual expressava sua preocupação com a prisão de Heberto Padilla e o uso da repressão contra escritores e artistas que não podiam exercer o direito à crítica e à liberdade de expressão. Entre os escritores que assinaram a carta estavam: Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Octavio Paz, Mario Vargas Llosa dentre outros. A maioria desses intelectuais era conhecida como amigos de Cuba que colaboravam na divulgação e legitimação da revolução cubana, criticavam o bloqueio econômico norte-americano, visitavam a ilha e participavam da *Casa de las Américas*. Após o *caso Padilla* muitos se tornaram adversários de Fidel Castro e outros se reconciliaram com a revolução. Contudo, a situação de apoio quase irrestrito da esquerda europeia e latino-americana nunca mais foi recuperada.

A intelectualidade cubana não acompanhou os colegas estrangeiros e continuou a prestar o seu apoio à revolução embora, evidentemente, a tensão se fizesse notar em todos os ambientes acadêmicos, artísticos e culturais. No início de abril de 1971, as autoridades cubanas divulgaram uma carta de Padilla dirigida ao governo revolucionário, na qual ele assumia os seus desvios político-ideológicos e pedia para ser novamente incorporado à revolução. A carta foi muito mal recebida no exterior. Assim, no dia 25 de abril, após de 35 dias em cárcere incomunicável, Heberto Padilla é finalmente posto em “liberdade”.

A cúpula do governo cubano, ao notar a insatisfação internacional e temerosa de um contágio interno das manifestações de repúdio, preparou uma cerimônia na União dos Escritores e Artistas de Cuba na qual anunciava a presença de Heberto Padilla. No dia marcado, perante um auditório repleto, o poeta adentrou o recinto e fez uma autocrítica pública por ter escrito o livro *Fuera del juego* (1968) e por sua indisciplina e ingratidão com a revolução.

A autocrítica de Padilla foi muito mal interpretada fora de Cuba por tratar-se de um ato comum na União Soviética, principalmente no período de Stalin, que objetivava, em tese, a recuperação de um determinado indivíduo pela sociedade e pelo partido. Contudo

esse procedimento na prática visava à humilhação e auto-condenação pública dos que a ele foram submetidos. Em 20 de maio do mesmo ano, oitenta escritores, cineastas e artistas europeus e latino-americanos escreveram uma segunda carta a Fidel Castro. Nessa declaravam que a confissão de Heberto Padilla só poderia ter sido conseguida por meio de tortura e que essa atitude era comparada ao período stalinista e seu dogmatismo repressivo. A carta foi publicada no “Le Monde”, um tradicional jornal francês, muito apreciado pela intelectualidade latino-americana na época. Vejamos um trecho da carta: “Creemos un deber comunicarle nuestra vergüenza y nuestra cólera. El lastimoso texto de la confesión que ha firmado Heberto Padilla solo puede haberse obtenido por medio de métodos que son la negación de la legalidad y la justicia revolucionarias” (Casal, 1971, p.123).

Alguns autores presentes creditaram a Padilla essa repercussão: talvez ele tivesse feito intencionalmente uma confissão pouco convincente, repetindo de cor frases desconcertantes (Cf. Monsiváis, 2000). A chamada *autoinculpación de Padilla* foi publicada pela *Casa de las Américas* e a leitura do relato permite pensar que era inacreditável alguém em seu próprio juízo fazer semelhantes declarações:

Son increíbles los diálogos que yo he tenido con los compañeros con quienes he discutido. ¡Qué discutido! Esa no es la palabra. Con quienes he conversado. Quienes ni siquiera me han interrogado, porque esa ha sido una larga e inteligente y brillante y fabulosa forma de persuasión inteligente, política conmigo. Me han hecho ver claramente uno de mis errores. Y por eso yo he visto cómo la Seguridad no era el organismo ferreo, el organismo cerrado que mi febril imaginación muchas veces, muchísimas veces imaginó, y muchísimas veces inflamó, sino un grupo de compañeros esforzadísimos, que trabajan día y noche para asegurar momentos como éste, para asegurar generosidades como ésta, comprensiones injustificables casi como ésta: que a un hombre que como yo ha combatido a la revolución, se le dé la oportunidad de que rectifique radicalmente su vida, como quiero rectificarlo (Intervención en la Unión de Escritores y Artistas de Cuba, *Casa de las Américas*, Año XI, n. 65-66, mar-jun. 1971, p. 202).

Apesar de toda a comunidade artística e intelectual ter compreendido a farsa, não houve nenhuma manifestação pública em Cuba. A maioria dos intelectuais e artistas seguiu com seu apoio à revolução e aos seus líderes. Manuel Díaz relata que Padilla, logo que saiu da prisão, pediu que ele o visitasse em sua casa e o avisou o que iria ocorrer:

Me dijo que esa noche iba a celebrarse un acto en la UNEAC en el que él se haría una autocrítica – que resultó una memorizada ampliación de la carta – y en el que la Seguridad me daría, como a otros escritores que él debía mencionar (Belkis Cuza Malé, Pablo Armando Fernández, César López, José Yáñez, Norberto Fuentes, Virgilio Piñera y Lezama), la oportunidad de

“reafirmarme” como revolucionario reconociendo en público mis “errores”. Entendí que se nos pedía un sacrificio político para exonerar a la revolución de las acusaciones que le llovían desde el exterior precisamente por el caso Padilla (DIAZ, s/d. p.10).

Manuel Díaz relembra a noite em que todos foram convocados para solenidade promovida pela UNEAC; segundo ele, foi uma das piores de sua vida:

No olvido los gestos de estupor – mientras Padilla hablaba – de quienes estaban sentados cerca de mí, y mucho menos la sombra de terror que apareció en los rostros de aquellos intelectuales cubanos, jóvenes y viejos, cuando Padilla empezó a citar nombres de amigos suyos – la mayoría estábamos de *corpore insepulto* – que él presentaba como virtuales enemigos de la revolución. Yo me había sentado justamente detrás de Roberto Branly. Cuando Heberto me nombró, Branly, mi noble amigo Branly, se viró convulsivamente hacia mí y echó una mirada desfavorada como si me llevaran a la horca (DIAZ, s/d, p.11).

O relato de Manuel Díaz é o melhor que encontramos entre inúmeros lidos. Ele estava envolvido no caso Padilla desde o momento em que fez parte do júri que concedeu a Padilla o prêmio *Julián del Casal* em 1968 e sua situação complicou-se por ter sido um dos que naquela noite em 1971 foi denunciado por Padilla. Segundo Manuel Díaz:

Los presentes que, en cumplimiento de lo ordenado por la Seguridad, fuimos nombrados por Padilla pasamos por los micrófonos tan pronto como él terminó. Cuando me llegó el turno, yo seguía sin saber qué decir. Pero hablé. Lo que dije está publicado. En medio de mi difícil improvisación, de pronto me ví culpando de todo aquello a la dirigencia política por no haber mantenido un diálogo constante con los intelectuales, diálogo en el que, según pensaba yo, se hubieran resuelto sin traumas todos los conflictos. Ingenuidad? Mucha. (DIAZ, s/d, p.11).

A emoção de Manuel Diaz, ao lembrar a confissão de Padilla, deixa transparecer outra seqüela desse episódio. Muitos intelectuais que foram acusados por Padilla ou que assistiram ao evento de sua autocrítica jamais puderam perdoá-lo. Após essa noite Heberto Padilla saiu da vida intelectual em Cuba. O poeta que fora considerado o herói de uma parcela da juventude cubana passou a conviver com o fantasma da noite em que se acusou e acusou seus amigos e estava, agora sim, definitivamente *Fuera del juego* na ilha:

Cuando llegamos a la esquina de la calle 20 y la Quinta Avenida de Miramar, ví junto a uno de los grandes árboles que allí crecían a Heberto Padilla, que venía caminando por la acera; blanco, rechoncho y desolado, era la imagen de la destrucción. A él también habían logrado “rehabilitarlo”; ahora se paseaba por entre aquellos árboles como un fantasma. (ARENAS, 1992, p.241).

Padilla, em seu auge como poeta, gostava de narrar o cotidiano e o seu tempo. Ele não podia escrever de outro modo. Era um provocador. Nos primeiros anos da revolução havia escrito o livro de poemas *El justo tiempo humano*, publicado em 1962, no qual descrevia a força e o seu entusiasmo em relação a ela, sendo esse livro considerado por muitos o canto da revolução cubana de 1959. Padilla acreditava que *Fuera del juego* poderia ser uma espécie de autocrítica consciente dos “descaminhos” da revolução. O escritor espanhol e amigo de Heberto Padilla, José de la Colina, em um texto em homenagem ao amigo, declarou:

Así, el cantor de la Revolución en “El justo tiempo humano” se volvía ahora símbolo de la disidencia, representaba una perversa involución en la Revolución y, de embocarse, cada vez actuaba con más desfachatez, diciendo lo que pensaba en cualquier parte, en cualquier momento y hasta con humorístico exhibicionismo oral (LA COLINA, 2000, p. 91).

Padilla, de fato, não estava preparado para transformar-se no pivô do “caso Padilla” e caiu no ostracismo dos que são considerados perigosos. Ele não mais publicou até sair de Cuba, em 1980, após uma verdadeira batalha diplomática em que se envolveram o escritor e amigo Mario Vargas Llosa, a também a escritora e amiga Susan Sontag, o senador estadunidense Ted Kennedy, dentre outros. Padilla morreu em 2000, no Alabama, nos Estados Unidos da América, sem ter conseguido adaptar-se ao exílio e sem poder visitar a ilha, que nunca afastara dos seus pensamentos, após várias negativas do governo cubano a permitir que ele visitasse amigos e familiares em Cuba.⁵⁸

A partir de 1971 a ilha que fora a vanguarda intelectual e artística da América Latina encerrou-se em seus próprios muros; contudo, muitos intelectuais e artistas estrangeiros ainda se consideravam amigos de Cuba e mantiveram o seu apoio à revolução cubana. Mas tomando certa distância da política interna cubana e sem o entusiasmo de outrora. Por outro lado, não foram poucos os intelectuais estrangeiros de esquerda que romperam definitivamente com a revolução cubana, em defesa dos direitos humanos e da liberdade de expressão, e passaram a fazerem duras críticas ao regime de Cuba. O caso Padilla é considerado um grande divisor temporal. Depois dele a ilha socialista deixou de

⁵⁸ Essas informações foram retiradas do texto *El escritor y el exilio* que foi entregue por Heberto Padilla a Andrea O'Reilly Herrera em julho de 1999 e posteriormente publicado pela revista *Encuentro de la Cultura Cubana* no ano de 2000/2001 numa homenagem feita ao autor.

ser considerada como o paraíso da intelectualidade, da chamada esquerda ocidental, que a tinha visto como a alternativa para a implantação do socialismo na América Latina, e passou a ser alvo de acalorados debates entre os que continuam a defender a ilha como opção para o socialismo no continente e dos que a acusavam de ter-se tornado mais um regime totalitário. Já na ilha, a euforia dos primeiros anos passou e, embora a maioria dos intelectuais e artistas cubanos mantivessem o seu apoio à revolução, o *caso Padilla* deixou marcas indeléveis.

Para analisar o *caso Padilla* tomamos em conta a posição de Edward Said em *Representações do intelectual* (2005): o intelectual deve estar sempre à margem do poder e deve atuar como um exilado, um marginal e um amador. Além do mais, Said aponta que o intelectual deve expressar o que pensa a respeito do poder e dos governos:

A questão central para mim, penso, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. E esse papel encerra uma certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete. (SAID, 2005, p. 25-26)

O intelectual deve ser necessariamente independente do poder e dos governos, pois só assim pode enfrentar os seus eventuais equívocos. Para Said, o intelectual deve ser um perturbador, uma voz autocrítica das sociedades que deveriam compreender sua missão de contestar. Padilla, com efeito, tinha as mesmas representações da atividade intelectual proposta por Said e tornou-se, como revelam os seus poemas, um grande agitador cultural em seu tempo. Padilla desafiou os dogmas da nova sociedade cubana e manifestou-se contra o que ele não podia aceitar. Fidel Castro e a direção do governo cubano não toleraram essas manifestações e agiram como se estivessem diante de um destemido inimigo, ou seja, com a máxima energia. As representações e caracterizações da atividade intelectual, como vimos nos discursos do próprio Fidel Castro, são opostas às de Said e Padilla. Durante muitas décadas qualquer crítica, por menor que fosse, a determinada conduta imprópria do governo cubano, era censurada conforme a premissa de que os intelectuais, os artistas e toda a sociedade cubana devem se preocupar em consolidar a revolução e não com questões menores, como a liberdade de expressão, por exemplo.

O caso Padilla tornou-se uma espécie de fratura exposta da revolução cubana. O poeta não tinha clareza do impacto que o seu livro causaria em sua vida pessoal que foi definitivamente transformada pelas repercussões de seus poemas. Na noite em que Heberto Padilla ao invés em vez de declamar seus poemas como de costume e declarou-se culpado e acusou alguns amigos de conspirar contra a revolução ele modificou dramaticamente a sua vida. Perdeu amigos. Manchou a sua reputação. A partir daquela noite, Padilla não era visto mais nem como o poeta revolucionário de *El justo tiempo humano*, nem tampouco como o poeta dissidente de *Fuera del juego*. Em Cuba, quase todos romperam com ele, uns por prudência, já que Padilla era *persona non grata*, outros por mágoa por terem sido expostos durante a sua autocrítica, outros tantos, pela decepção por sua capitulação diante da adversidade. Enfim, a autocrítica de Padilla levou-o a ser considerado como fraco, covarde e delator, sobretudo pelos que tinham chegado a vê-lo como herói. De fato, os heróis morrem em nome do amanhã, e os poetas se agarram à vida e ao seu presente. Padilla nunca foi um herói. Nasceu e morreu poeta:

A LOS HÉROES
siempre se les está esperando,
porque son clandestinos
y trastornan el orden de las cosas.
Aparecen un día
Fatigados y roncós
En los tanques de guerra,
Cubiertos por el polvo del camino,
haciendo ruido con las botas.
Los héroes no dialogan,
Pero planean con emoción
La vida fascinante de mañana.
Los héroes nos dirigen
y nos ponen delante del asombro del mundo.
Nos otorgan incluso
su parte de Inmortales.
Batallan
Con nuestra soledad
y nuestros vituperios.
Modifican a su modo el terror.
Y al final nos imponen
La furiosa esperanza. (PADILLA, 1968, p.7).

Após quarenta anos da publicação de *Fuera del juego*, a obra ainda resiste ao tempo. Padilla infelizmente não mais. Vencido pelo álcool e pelo desterro, o coração do poeta sucumbiu. Na ilha, após tanto anos de desprezo e censura, recrudescer o apoio aos

poemas de Padilla. Eis que o refluxo se inicia: Heberto Padilla não é mais considerado um contra-revolucionário, mas sim, um poeta que foi vítima da conjuntura, que não compreendeu⁵⁹ nem foi compreendido no seu tempo. A culpa teria sido do *Quinquenio gris*, do Pavonato, da influência nefasta da sovietação que o bloqueio estadunidense impôs à revolução. Os homens constroem a história e as suas justificativas através do tempo. A questão central é que Padilla foi fiel à sua missão intelectual e, como propõe Said (2005), teve capacidade de articular uma mensagem, um ponto de vista, uma representação que existia, mas que estava silenciada pela prudência. Com efeito, o poeta teve a ousadia de declamar um sentimento proibido e desafiou tudo para justificá-lo, pagando muito dolorosamente por isso. A obra *Fuera del juego* de Heberto Padilla fixou-se como representação do desencanto de uma minoria perante a revolução cubana no final da década de 1960 e início dos anos de 1970.

3.2 – A adoção do modelo soviético e o congresso de Educação e Cultura de 1971

O ano de 1971 é considerado como o início do que atualmente se define – em Cuba - como o *Quinquenio Gris*.⁶⁰ Esse período corresponde a cinco anos, de 1971 a 1976, demarcado pelo aumento da tensão entre o governo e a intelectualidade cubana. O *Quinquenio Gris* também corresponde à gestão de Luis Pavón Tamayo na direção do Conselho Nacional de Cultura (CNC). Pavón foi considerado o principal executor da política de censura durante esses anos, o que leva alguns autores a definir o período como Pavonato. Em Cuba, iniciou-se em janeiro de 2007, um debate entre os intelectuais sobre a gestão de Pavón, e o debate abriu-se a algumas críticas dos anos de consolidação do modelo soviético e de repressão à intelectualidade cubana.⁶¹ Mas como já foi explicitado anteriormente, já em 1961 Fidel Castro, no discurso *Palabras a los intelectuales*, silenciara as vozes discordantes com a premissa da necessidade de uma unidade nacional. Dessa forma, desde seu início a revolução cubana não tolerava a livre expressão artística e

⁵⁹ O debate atual sobre o caso Padilla foi retomado nas discussões sobre o Quinquênio Gris.

⁶⁰ Ambrosio Fornet foi quem criou tal expressão, para diferenciar esse período dos anos anteriores que se caracterizariam por seu colorido e dinâmica interna. (Fornet, 2007, p. 4).

⁶¹ Ver o Dossiê desse debate, que mobilizou a intelectualidade cubana dentro e fora da ilha, no endereço eletrônico <http://www.cubanalisis.com/DOSSIERS/QUINQUENIO%20GRIS/TEMPLATE%20-%20QUINQUENIO%20GRIS.htm>

intelectual na ilha. Mas o *Quinquenio Gris* significou o ápice dos atritos entre os intelectuais e artistas e o governo revolucionário cubano. No entanto, a relação esteve tensa desde a primeira reunião entre as partes em razão da censura do documentário *PM*, ainda em 1961.

O *Quinquenio Gris* ou *Pavonato* não pode ser encarado como uma mudança paradigmática da relação entre a revolução e os artistas e intelectuais cubanos, e sim como um aumento na sua tonalidade. Padilla, por exemplo, era perseguido na ilha desde 1967. A revista *Verde Olivo* das forças armadas, que naqueles anos defendia as teses que foram definidas posteriormente como *guevarismo*, fez uma verdadeira campanha contra o poeta em 1968, quando *Fuera del juego* ainda não havia recebido o prêmio da UNEAC e sequer sido publicado em sua íntegra.⁶² De fato o acirramento da posição do governo cubano a partir de 1971 esteve relacionado à mudança de posição com relação à União Soviética. A aproximação por sua vez foi desencadeada pela crise econômica que se abateu sobre a ilha após o fracasso da planejada *super safra* açucareira de 1970 e da conseqüente queda de satisfação da população em relação à própria revolução cubana, devido às dificuldades econômicas inegáveis pelas quais o país passava:

Nuestros enemigos dicen que tenemos dificultades, y en eso tienen razón nuestros enemigos. Dicen que tenemos problemas, y en realidad tienen razón nuestros enemigos. Dicen que hay descontento, y en realidad tienen razón nuestros enemigos. Dicen que hay irritaciones, y en realidad tienen razón nuestros enemigos (Castro, apud Pérez- Stable, 1993, p. 207).

No discurso do XXVII aniversário do assalto ao quartel Moncada, Fidel Castro admite a crise econômica e reconhece que ela havia se transformado em descontentamento popular, o que não era comum nos notórios pronunciamentos otimistas do líder cubano. Dessa forma, fica explícito no discurso que havia uma crise sem precedentes no país, e que ela teria que ser enfrentada, mudanças urgentes deviam ser tomadas. Em 30 de agosto de 1970, Fidel Castro proclamava: “La revolución está entrando ahora en una nueva fase; una fase mucho más seria, madura y profunda” (CASTRO, 1970, p.4).

A crise econômica levou o grupo dirigente do regime à decisão de aderir definitivamente ao bloco soviético. Não havia dessa forma mais espaço para a aventura de

⁶² Ver na revista *Verde Olivo*, 11 de novembro de 1968, o editorial “Información Política de la FAR”, p. 10-11; e nesse mesmo número o artigo de Leopoldo Ávila intitulado “Las provocaciones de Padilla”, p. 17-18.

um projeto de socialismo à cubana. O pragmatismo de Fidel Castro o fez perceber que para sustentar a revolução cubana era necessário pôr um fim à crise econômica, e a única saída imediata era o apoio econômico da União Soviética. Após anos de tentativa de diferenciar o socialismo cubano, a ilha capitula e passa a ser mais um satélite da União Soviética durante a guerra fria. A União Soviética por sua vez exige, em troca de seu apoio econômico, que Cuba passe a fazer propaganda do modelo socialista como única alternativa possível contra o capitalismo e o imperialismo dos Estados Unidos da América:

La vía hacia el comunismo no es un problema de conciencia solamente. Tiene que ver también con el desarrollo de las fuerzas de producción. No podemos caer en el idealismo de pensar que (...) la conciencia se ha desarrollado y de que tenemos la base material necesaria (...) Este no es realmente el caso (...) nuestra conciencia tiene un largo camino que recorrer en materia de desarrollo (...) Debemos comprender que nos encontramos en una etapa de transición (...) que no podemos actuar como si ya estuviéramos en el comunismo (...) Si en la búsqueda del comunismo vamos idealísticamente más allá de lo que es posible, tenderemos que retroceder tarde o temprano (Castro apud Mesa Lago, 1979, p. 57).

Como podemos perceber, Fidel Castro reconhece publicamente que a política de defesa dos incentivos morais, acerca dos quais ele mesmo afirmara serem mais importantes do que o ouro (ver cap. 1), e que foi predominante na ilha até 1970, era uma política idealista, bem como a tese cubana: Socialismo e Comunismo, um processo único. A partir desse momento a predominância dos interesses econômicos e a teoria do desenvolvimento por etapas, que, Fidel Castro havia questionado, passam a ser reconhecidos como a única saída possível para se enfrentar a crise. Em poucos meses a política em defesa de um socialismo latino-americano e tri-continental passa a ser completamente desconsiderada. Fidel Castro se torna um ferrenho defensor da União Soviética como a única variante na guerra fria:

En septiembre de 1973, Castro asistió a la Conferencia de los Países no Alineados en Argelia. (...) En su discurso (...) rechazó la teoría de “dos imperialismos” (los Estados Unidos y la URSS), estimulada por teóricos del mundo capitalista y teniendo como eco a los dirigentes de los países no-alineados quienes, por consiguiente, habían “traicionado la causa del internacionalismo desde posiciones supuestamente revolucionarias”. Él le recordó a la audiencia los “gloriosos, heroicos y extraordinarios servicios prestados por la URSS”, y rotuló como contrarrevolucionaria cualquier crítica contra ella: “inventar un falso enemigo [la URSS] sólo puede tener una finalidad, evadir al enemigo real [los Estados Unidos]. Este discurso produjo una resquebradura en la conferencia, provocó una interrupción airada del príncipe de Camboya, Norodon Sihanouk, y un fuerte ataque del

presidente da Líbia Muammar el-Qaddafi, que dijo: “Estamos contra la presencia de Cuba en esta conferencia de Países no Alineados. No hay diferencia alguna entre Cuba y cualquier país de Europa Oriental, como no la hay entre Uzbekistán y la Unión Soviética (Mesa Lago, 1979, p. 51-52).

O discurso de Fidel Castro em 1973 é de alinhamento político total e a crítica de Muammar el-Qaddafi demonstrou que a nova posição da política cubana se tornara mera propaganda soviética para o Terceiro-Mundo. O governo cubano passou a criticar também a política chinesa e se colocou contra qualquer crítica à hegemonia socialista soviética e contra o surgimento de uma possível variante na guerra fria. Em pouco tempo a ilha que tinha a pretensão de se tornar uma alternativa política para os países considerados subdesenvolvidos do terceiro mundo se transformou num novo tentáculo da política externa de Moscou.

O recente debate no exílio e principalmente em Cuba sobre o *Quinquenio Gris* é uma tentativa de autocrítica acerca desse período e faz parecer que os atritos entre artistas e intelectuais cubanos só se desgastaram a partir da aproximação da ilha com a União Soviética. A culpa seria do bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos da América, e da guerra fria que teria impedido outra saída por parte do governo cubano que não fosse submeter-se aos interesses soviéticos para a sobrevivência da revolução em meio à espessa conjuntura. Isto parece um mea-culpa próximo aos discursos de Fidel Castro acerca do idealismo dos primeiros anos da revolução cubana, recriminados por ele próprio nos anos de 1970 a 1989. Após a queda do bloco soviético e com a falta de suporte econômico não havia mais razão para se defender o modelo soviético que, ao ruir, não tinha mais nada a oferecer a Cuba. O recrudescimento da alternativa cubana de socialismo, os seminários internacionais em defesa dos ideais de Ernesto Che Guevara e a realização de eventos em várias partes do mundo em solidariedade à ilha e à sua revolução, eram parte de uma estratégia política para enfrentar a crise econômica causada pelo fim do apoio econômico soviético. A reconstrução historiográfica feita nos anos de 1990 em Cuba está prestes a ser novamente reinventada com a nova abertura político-econômica proposta por Raul Castro recém eleito Primeiro-Ministro cubano em substituição ao seu irmão mais velho gravemente enfermo. A autocrítica, de fato, foi um mecanismo praticado pela direção revolucionária desde 1970, quando a revolução aderiu ao bloco liderado pela União Soviética.

Em maio de 1971, com Padilla preso e com a carta dirigida a Fidel Castro publicada no *Le Monde*, realizou-se em Havana o *Primer Congreso de Educación y Cultura*. O congresso era voltado apenas à educação, e a inclusão da cultura na pauta tinha, antes de tudo, a intenção do governo cubano de responder às críticas internacionais de antigos colaboradores que haviam rompido suas relações com a revolução cubana desde a prisão de Heberto Padilla. Fidel Castro fez o discurso de encerramento do congresso, no qual deixou transparecer a tensão que se manifestava em Cuba:

Pero hay que tener un criterio preciso acerca de las prioridades de nuestro Instituto del Libro. Y ese criterio se puede resumir con estas palabras: en los libros que se impriman en el Instituto del Libro, la primera prioridad la deben tener los libros para la educación (APLAUSOS), la segunda prioridad la deben tener los libros para la educación (APLAUSOS). Y la tercera prioridad la deben tener los libros para la educación! (APLAUSOS). Eso está más que claro. A veces se han impreso determinados libros. El número no importa. Por cuestión de principio, hay algunos libros de los cuales no se debe publicar ni un ejemplar, ni un capítulo, ni una página, ni una letra! (APLAUSOS). Claro está que tenemos que tener en cuenta el aprendizaje, nuestro aprendizaje. Claro está que en el transcurso de estos años hemos ido cada día conociendo mejor el mundo y sus personajes. Algunos de esos personajes fueron retratados aquí con nítidos y subidos colores. Como aquellos que hasta trataron de presentarse como simpatizantes de la Revolución, entre los cuales había cada pájaro de cuentas! (CASTRO, 1971, 6 - 7).

No discurso podemos perceber a diferença com relação à forma paternalista e conselheira do discurso *Palabras a los intelectuales* feito por Fidel Castro em 1961. Em 1971, uma década desde aquele último encontro entre o líder da revolução com intelectuais e artistas cubanos, o tom é desafiador, além de defender abertamente a censura a alguns autores estrangeiros que antes haviam colaborado com a revolução. Contudo, a diferença está na tonalidade e não no conteúdo. Em 1961, Fidel Castro também defendeu a censura. Não há, portanto, uma mudança quanto às diretrizes do governo cubano e sim uma nova forma de advertência, ou seja, Fidel Castro e o governo sentiram a necessidade de interromper definitivamente as críticas ao regime, fossem elas internas ou externas. Era o fim das boas relações entre Cuba e a intelectualidade da ampla esquerda ocidental. Mas não em virtude da sovietação da revolução, (que de fato acontecia) ou ao *Pavonato*, e sim do desgaste das relações entre o regime revolucionário cubano e os intelectuais e artistas estrangeiros que, depois da prisão de Heberto Padilla, passaram a criticar abertamente as

posições do governo cubano. É o que podemos notar no discurso do Fidel Castro (1971, p. 8-9):

Están en guerra contra nosotros. Que bueno! Que magnífico! Se van a desmascarar y se van a quedar desnudos hasta lo tobillos. (...) Algunos de ellos son latinoamericanos descarados que en vez de estar allí en la trinchera de combate (APLAUSOS), viven en los salones burgueses, a 10 000 millas de los problemas, usufructuando un poquito de la fama que ganaron cuando en una primera fase fueron capaces de expresar algo de los problemas latinoamericanos. Pero lo que es con Cuba, a Cuba no la podrán volver a utilizar jamás!, ni defendiéndola. Cuando nos vayan a defender les vamos a decir: ‘No nos defiendan, compadres, por favor, no nos defiendan! (APLAUSOS). “No nos conviene que nos defiendan!”’, les diremos. Y desde luego, como se acordó por el congreso, concursitos aquí para venir a hacer el papel de jueces? No! Para hacer el papel de jueces hay que ser aquí revolucionarios de verdad! (APLAUSOS), y para volver a recibir un premio, en concurso nacional o internacional. Tienen que ser revolucionarios de verdad, escritor de verdad, poeta de verdad (APLAUSOS), revolucionarios de verdad. Eso está claro.

Com efeito, Fidel Castro referia-se evidentemente ao *caso Padilla*. Cuba já não era mais a ilha de unanimidade de esquerda. Mesmo os intelectuais e artistas estrangeiros que ainda apoiavam a revolução, faziam-no sem o entusiasmo de outrora. Internamente, as poucas vozes dissonantes da posição do governo eram rigidamente silenciadas por meio de medidas autoritárias, como a demissão sumária de alguns professores das principais universidades do país e a perseguição aos intelectuais que insistiam em combater algumas práticas do governo. Um número cada vez maior de intelectuais e artistas eram enviados às granjas do estado, que haviam substituído as Umaps fechadas em 1968⁶³, por desvios morais e ideológicos. No *Congreso de Educación y Cultura* de 1971 restringiu-se oficialmente o trabalho dos homossexuais na educação e nas artes do país:

En el tratamiento del aspecto del homosexualismo la Comisión llegó a la conclusión de que no es permisible que por medio de la “calidad artística” reconocidos homosexuales ganen influencia que incida en la formación de nuestra juventud. Que como consecuencia de lo anterior se precisa un análisis para determinar cómo debe abordarse la presencia de homosexuales en distintos organismos del frente cultural (...) Que se debe evitar que ostenten una representación artística de nuestro país en el extranjero personas cuya moral no responda al prestigio de nuestra revolución (DECLARACIÓN, 1971, p.177-178).

⁶³ Cf. Franqui, 1981.

Dessa forma vários professores, intelectuais e artistas cubanos foram afastados de seus postos de trabalho apenas por terem manifestado a sua opção sexual, ou por serem contrários a alguns dos pressupostos político-ideológicos, como a nova relação com a União Soviética, entre outras formas de condutas condenadas pelo documento. Deve-se ressaltar que muitos homossexuais permaneceram em seus postos porque eram discretos e não manifestavam a sua opção sexual.⁶⁴ O estigma estava mais relacionado à conduta do que propriamente à sua essência, como foi publicado numa seção intitulada *Escándalo Público* do Código Penal na *Gazeta Oficial de la República de Cuba*:

Artículo 359.- Se sanciona con privación de libertad de tres a nueve meses o multa hasta doscientas setenta cuotas o ambas al que: a) haga pública ostentación de su condición de homosexual o importe o solicite con sus requerimientos a otro; b) realice actos homosexuales en sitio público o en sitio privado pero expuestos a ser vistos involuntariamente por otras personas; c) ofenda el pudor o las buenas costumbres con exhibiciones impúdicas o cualquier otro acto de escándalo público; d) produzca o ponga en circulación publicaciones, grabados, cintas cinematográficas o magnetofónicas, grabaciones o fotografías, u otros objetos obscenos, tendentes a pervertir y degradar las costumbres. (p.185)

Na resolução do congresso e no código penal cubano fica explícito o preconceito contra os homossexuais e a preocupação com a influência que eles poderiam exercer na formação da juventude cubana. A homossexualidade é declarada a partir de 1971 como uma patologia social que se devia abolir. Anteriormente, em 1969, a revista *Bohemia* publicou o artigo “La homosexualidad”, de Abel Prieto Morales, antecipando algumas idéias que se colocaram em prática após o *Congreso de Educación y Cultura*. O autor propõe no seu artigo responder à questão: “¿Hasta que punto tiene cura la homosexualidad?” O notável especialista sugere realizar uma “profilaxis tanto social como familiar”:

En cuanto a la profilaxis familiar, los psicólogos, psiquiatras y educadores están de acuerdo en que es muy simple: que el padre se comporte como tal y que la madre tenga dentro del hogar el lugar que le corresponde. Por muy ocupados que estén ambos, siempre deben ofrecerle un ámbito de equilibrio emocional que evite toda posible desviación de los instintos. En cuanto a la profilaxis externa, ya es necesario considerar una gran tarea social. Los

⁶⁴ Segundo o artigo “Mapa de la Homofobia” de Manuel Zayas, as únicas instituições culturais que se salvaram das depurações de homossexuais após o Congresso foram o ICAIC, a Casa de las Américas e o Ballet Nacional de Cuba, graças à proteção oferecida por Alfredo Guevara, Haydée Santamaría e Alicia Alonso respectivamente. Ver revista *Encuentro* (20/01/2006).

adultos homosexuales son numerosos, y están por todos los medios y en todas las profesiones; muchos son a la vez heterosexuales y homosexuales. El hecho no se reduce a reconocerlos ni a desconocerlos sino a evitar que sean factores de contagio. Para ello lo recomendable es, básicamente, procurar que no sean conductores de juventudes y tengan el menor contacto posible con la niñez que surge. (Prieto, Morales Abel. "Homosexualismo", revista *Bohemia*, n. 113, 31/11/1969, p.109).

A homofobia assumida pelo governo cubano e o apelo à sociedade contra os perigos do contágio das novas gerações de revolucionários levou à insatisfação de homossexuais estrangeiros que colaboravam com a revolução até então e que atenuavam as denúncias de perseguição à homossexualidade em Cuba. O depoimento de Allen Young é revelador:

Para mí, el gran giro se produjo con el caso de Heberto Padilla, a quien yo había conocido durante mi segunda visita a la Habana, en 1968. Pero aún en ese momento, yo me interesaba sólo en los derechos del escritor, en la libertad de expresión. No estaba aún al corriente de la persecución sistemática de los homosexuales y otros grupos minoritarios en Cuba. Supe de esas persecuciones, en Nueva York (...) Recuerdo una foto del Congreso de Educación y Cultura de 1971, cuando el régimen acordó una proclamación antihomosexual muy fuerte, diciendo que el homosexualismo era una patología social y que debía ser eliminado. Se publicó esta foto en la prensa cubana. Se veía en la tribuna gente activa en las instituciones culturales, gente que me habían dicho que eran homosexuales, y que aplaudían esa proclama (Almendros; Jiménez-Leal, 1984, p. 171 -172).

O intelectual norte americano Allen Young relata que após apoiar a revolução cubana por anos decide afastar-se dela definitivamente por acreditar que a sua condição homossexual não mais permitia, após as deliberações do congresso, que ele continuasse a vê-la da mesma forma. Como se pôde perceber, Allen Young surpreendeu-se pela falta de resistência dos homossexuais cubanos, que não se pronunciaram durante o congresso. O cubano René Cifuentes, também homossexual, estava presente no *Primer Congreso de Educación y Cultura* e relatou os motivos dessa falta de resistência imediata dos que eram estigmatizados pelas novas leis:

Después de oír el discurso de Fidel por los altavoces me dí cuenta que, por ser homosexual, no tenía ninguna perspectiva futura en Cuba. (...) Así que ya sabíamos que al pronunciar él ese discurso contra los homosexuales e intelectuales que tenían ciertas ideas que diferían de los dogmas del sistema, íbamos a ser separados de los organismos culturales. Incluso un grupo de gente nos reunimos clandestinamente con el fin de hacer algo, porque ya sabíamos que de un momento a otro íbamos para la cárcel o nos dejaban sin trabajo, que era casi igual, pues nos condenaban a morir de hambre, pero nadie se atrevió a hacer nada. La gente tenía miedo de que entre nosotros mismos hubiera un provocador que luego fuera a informar

quiénes éramos los que estábamos en desacuerdo con el discurso. Cada uno se encerró en su cápsula de terror y nadie se atrevió a hacer nada. Y comenzaron a llegar los telegramas informándote de que quedabas fuera de tu centro de trabajo. El mismo Estado te echaba, así que no podías ir a trabajar a ningún lado pues el Estado es el único patrón (Almendros; Jiménez-Leal, 1984, p. 154-155).

Outro intelectual que relata os desdobramentos das resoluções do Congresso é o escritor René Ariza. Ele afirma que não havia possibilidade de uma convergência entre os que foram estigmatizados, porque muitos homossexuais se mantiveram em seus postos por manter uma conduta social discreta. Outros, que já eram reconhecidos publicamente como homossexuais, não podiam contar com essa opção. Os que não concordavam politicamente com os pressupostos do comando revolucionário também se dividiram entre os que capitularam e os que passaram a criticar as teses defendidas pelo Partido Comunista Cubano. Isto dispersava a resistência e levava ao temor de que houvesse delatores em qualquer tentativa de organização e até de reunião. Não se sabia quem havia desistido ou não de suas criticas. O medo de ficar à margem da revolução, sem emprego e marginalizado, levava à reconciliação de muitos intelectuais, artistas e educadores com o regime. Não havia informação de quem era quem, do que acontecia, e o mais prudente era fechar-se em si mesmos:

Sí, hay poca información, es verdad, pero lo más enjundioso de la cosa no está, exactamente, en lo que sucede sino por qué sucede. Ser distinto, ser extraño, tener una conducta impropia, es algo no solamente prohibido, sino que además puede costar la prisión. Eso yo creo que está dentro del carácter del cubano desde hace mucho tiempo, que no es privativo de Castro y que hay que vigilarse el Castro que cada uno tiene dentro. Es una actitud que arrastramos. Arrastramos una serie de diseños, de moldes desde hace mucho tiempo y estamos muy condicionados por todo. Es un círculo vicioso y se ha caído completamente en una paranoia, una paranoia que la sustentan todos, la sustentan tanto los que persiguen como los perseguidos, puesto que los perseguidos a veces parecen ser los que persiguen, todo el mundo sospecha de todos (Almendros; Jiménez-Leal, 1984, p. 105-106).

René Ariza é um dos escritores integrantes da *Geração Mariel* e em sua opinião é preciso compreender não somente o quê sucedeu, mas principalmente como. Ele acredita que a responsabilidade não pode ser restrita somente ao comando de Fidel Castro senão também às próprias características da cultura cubana. A experiência do exílio em Miami pode ter ajudado René Ariza chegar a essa conclusão, principalmente por encontrar ali estigmas próximos àqueles vivenciados por ele na ilha. Além demais, ele reconhece que

muitos homossexuais perseguiram a outros, que eram mais vulneráveis, e que a engrenagem só funcionava porque a maioria da população colaborou com as medidas definidas pelo *Congreso de Educacion y Cultura*. Dessa forma, muitos pais acreditavam realmente que o seu filho poderia recuperar-se “moralmente” nas granjas do Estado. Os integrantes do Partido Comunista Cubano imaginavam que a recuperação ideológica seria possível por meio do trabalho físico. A maioria dos quadros das universidades cubanas aceitava que se afastasse de seu corpo docente o colega que manifestava divergências político-ideológicas. A maioria dos pais dos alunos apoiava o afastamento de professores com comportamento “efeminado”. Enfim, Ariza reconhece que sem ressonância social não seria possível que as resoluções do *Congreso de Educación y Cultura* se efetivassem, e problematizou a questão para além da personificação de Fidel Castro. Afinal, havia uma sólida hegemonia política: as resoluções tomadas não ficavam restritas a um documento, mas eram de imediato absorvidas pela sociedade cubana, ansiosa por propostas como estas.

A juventude cubana foi duramente tutelada nos anos de 1970. Os jovens tinham que manter uma conduta exemplar para poderem seguir as suas carreiras acadêmicas, qualquer sinal de desvio poderia significar o afastamento da universidade ou mesmo a impossibilidade de admissão nas instituições educacionais e culturais cubanas, segundo Octavio Zuaznavar: “Hacia 1980 existió un “slogan” que decía que ‘la Universidad es sólo para los revolucionarios’”. Dessa forma, quem não se enquadrava na chamada *Parametrización*⁶⁵ estabelecida no *Primer Congreso de Educación y Cultura* não tinha direito de se considerar revolucionário:

Imagínese alguno de ustedes que toda su vida la tuviera dirigida. Cuando te levantas a las nueve tienes que hacer esto hasta las cinco, y de cinco a siete vas hacer esto otro, de siete a nueve tal cosa y después te acuestas, si no te toca la guardia del comité. Desde que tú naces cantas en el “Kindergarten” “uno, dos tres, seremos como el Che” y todas esas cosas. Desde que naces estás en eso. Vas a la primaria y toda la educación es política; vas a la secundaria y la educación es política. A los catorce años te procesan, si tienes una “buena actitud” para la Juventud Comunista, después pasas al partido. Ese es el camino en que tu andas de una manera que ya trazaron (Almendros; Jiménez-Leal, 1984, p. 66-67).

⁶⁵ A *Parametrización* indica o momento após o Primeiro Congresso de Educação e Cultura de 1971 em que se estabeleceu um código “ético e moral” de natureza homofóbica a ser seguido. Os *parametrados* são as pessoas que sofreram perseguições e foram expulsos de seus empregos por serem homossexuais.

A citação é de Juan Abreu, outro integrante da *Geração Mariel* no exílio. O relato é um pouco do que foi a sua juventude em Havana. Ele percorreu todos os caminhos politicamente descritos inclusive filiou-se ao Partido Comunista Cubano, até que um dia foi detido pelas autoridades cubanas em uma das *redadas* que eram como se chamavam as “batidas” em locais públicos freqüentados pela juventude havaneira:

Resulta que, al contrario del resto del mundo, que tengo entendido que la gente más bien de izquierdas usaba el pelo largo, en Cuba era al revés, el que tenía el pelo largo era el americanizado. Entonces un día, yo salía del cine “Radiocentro” y estaban llevándose a la gente presa por eso. Yo miraba y oía: “Aquél, llévatelo!” Aquél, aquél llévatelo!” Ellos cuando te llevan preso no te dicen por qué. A mí me llevaron también. (...) Yo no merecía estar una semana preso por tener el pelo largo! (Almendros; Jiménez-Leal, 1984, p. 67 -68).

Juan Abreu, mesmo ao seguir todas as instruções para se incorporar à nova sociedade esqueceu-se de cortar os cabelos, o que o levou à prisão e ao estigma. Após ter sido preso já não podia voltar a ser o mesmo jovem revolucionário de outrora. A revolução cubana mantinha nos anos de 1970, após a *sovietização*, o mesmo empenho de moldar uma juventude revolucionária, o que demonstra empiricamente que esse paradigma, presente desde os primeiros anos da revolução, não desaparece após a queda dos chamados *estímulos morales* guevaristas revistos pela revolução e por Fidel Castro. As teses do *hombre novo* formuladas por Ernesto Che Guevara e principalmente a própria expressão passam a ser evitados na ilha, porque remetiam ao período de duras críticas à União Soviética e lembravam assim o denominado *guevarismo* que era mal visto pelos soviéticos e seus colaboradores do antigo PSP; estes, com a aproximação entre os dois países, passam a ocupar cargos estratégicos no governo de Cuba. Contudo, o projeto permaneceu em curso mesmo sem a denominação anterior.

A construção de uma juventude revolucionária e de uma nova visão de mundo, livre das “taras” do capitalismo com o seu modo de vida individualista e de suas perversões estéticas e morais, continuava na agenda revolucionária cubana. A busca por uma juventude revolucionária livre das influências norte-americanas do movimento hippie e do rock, e que se assemelhassem ao modelo da juventude combatente da *Sierra Maestra* era uma obsessão de Fidel Castro e de outros revolucionários. A repressão às roupas consideradas extravagantes (como os jeans, por exemplo) e aos cabelos longos era um dos mais notórios exemplos do controle comportamental. Vale lembrar, que os cabelos compridos e as longas

barbas foram símbolos da resistência revolucionária cubana e estiveram presentes na maioria dos seus líderes. Mas os revolucionários justificavam que naquele momento os rebeldes estavam em combate na selva contra a ditadura de Batista e não tinham sequer como tomar banho e se sacrificavam para a construção desse novo momento da ilha. A juventude, após a revolução, podia desfrutar da construção da nova sociedade socialista e passava a ter novos desafios. Dessa forma, já não mais caberia a rebeldia e sim a responsabilidade para com a revolução e com o socialismo.

O governo cubano não admitia a existência de um choque geracional e tudo estava restrito à luta de classes na ilha, levando à repressão da juventude rebelde cubana ao extremo. Não é possível deixar de mencionar que os conflitos geracionais estiveram muito presentes na segunda metade do século XX. As barricadas de Paris em 1968. As lutas estudantis contra a ditadura militar no Brasil, a Primavera de Praga na então Tchecoslováquia, as lutas pelos direitos civis e contra a guerra do Vietnã nos Estados Unidos da América, etc., são expressões dos conflitos entre gerações no final dos anos de 1960 e por toda a década de 1970. Recentemente, a obra *História dos Jovens* (LEVI, G.; SCHMITT, J.C., 1996) descreve, entre outros conflitos, o confronto entre a geração responsável pela revolução francesa e aquela que a sucedeu demonstrando que a rebeldia juvenil contra a ordem estabelecida é um confronto que extrapola o ideológico e, é antes de tudo, um problema cultural. Segundo Ortega y Gasset a juventude é uma condição que se restringe a apenas um determinado período da nossa existência e tem suas próprias nuances que merecem considerações específicas.

A *Geração Mariel* é um grupo de jovens escritores e artistas que foram tratados como contra-revolucionários por manterem condutas consideradas inapropriadas pela revolução cubana de 1959. As condições vivenciadas nos anos de 1960 e nos anos de 1970 por esta geração de jovens artistas e escritores foram experiências de resistência que, a partir da abertura do porto de Mariel e do exílio nos Estados Unidos da América, forjaram a representação Mariel de identidade. Por isso, foi necessário retroceder aos primórdios da revolução cubana para se compreender tanto o fenômeno Mariel como a formação da Geração Mariel em si, que trataremos a partir nos próximos capítulos.

Parte II – A identificação da condição Mariel

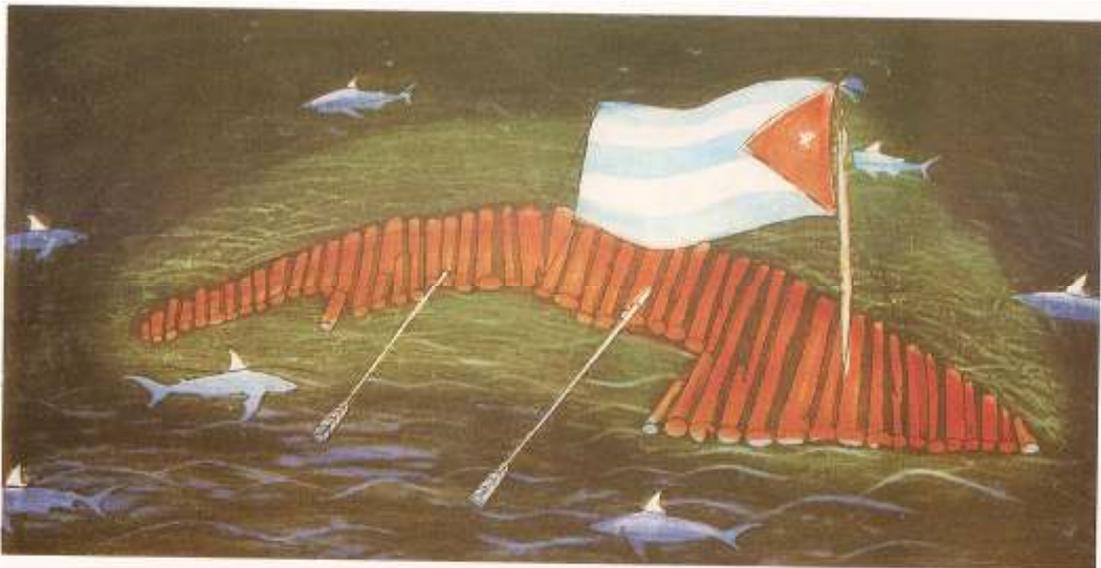


Figura 2 – La balsa – Sandra Ramos. Extraída de revista Encuentro de la Cultura Cubana, No. 16/17, primavera/ verano de 2000.

Capítulo I – O Porto

¿Qué piensa tener Cuba en el año 1980? Pues un ingreso per cápita de unos tres mil dólares, más que los Estados Unidos actualmente. Y si no nos creen, perfecto; aquí estamos para la competencia señores. Que se nos deje en paz, que nos dejen desarrollar y que dentro de veinte años vengamos todos de nuevo, a ver si el canto de sirena era el de la Cuba revolucionaria o era otro (Ernesto Che Guevara, 08/08/1961).

Introdução

Como vimos na primeira parte desta tese, o governo revolucionário cubano declarou, logo ao assumir o poder, que sua principal tarefa era a formação de uma nova juventude que seria no futuro a vanguarda da revolução. A proposta tinha como principal objetivo educar os jovens cubanos com uma nova visão de mundo que por sua vez visava corrigir os desvios ideológicos erguidos pela elite nacional cubana alinhada ao imperialismo dos Estados Unidos da América. Para os revolucionários, esse alinhamento teria sido o principal fator que impediu a autonomia da nação cubana após o fim da colonização espanhola em 1898, depois de trinta anos de guerra, o que como dissemos ressalta o notório caráter nacionalista da revolução e dos seus principais líderes.

A estratégia do governo revolucionário foi utilizar a educação, a comunicação de massas e os aparelhos disponíveis do Estado para a formação de um novo cidadão, preparado para os desafios da revolução cubana. Tratava-se de desmascarar a ideologia construída por décadas de dominação imperialista na ilha. O caminho proposto para tanto era o estabelecimento de uma nova conduta ideológica e moral adaptada à nova ordem que iniciava a sua trajetória.

Assim, o objetivo era redirecionar ideologicamente o imaginário popular da ilha. Iniciou-se então uma reeducação simbólica nas representações da nação cubana. O projeto tinha a necessidade de criar novos ícones e construir novos valores, porém, sem ameaçar o nacionalismo cubano e alguns de seus ícones formadores. Nesse sentido, diferentemente da revolução russa e da revolução chinesa, por exemplo, o governo cubano manteve a bandeira

e o hino nacional e reforçou a imagem de seus líderes nacionalistas, sobretudo José Martí. Tratava-se, assim, não de uma revolução na identidade nacional cubana, mas sim de uma nova interpretação oficial. A antropóloga Selma Sena comenta a capacidade das sociedades de reinterpretarem-se:

Como comunidade simbólica à nação se narra através de sua cultura nacional e essa cultura, ao produzir sentido sobre a nação, constrói a identidade nacional ou o sentimento de pertença. Entendido como uma estrutura narrativa o que as culturas nacionais narram são as diferentes maneiras de se imaginar a nação, algo assim como as diferentes versões do mito da nacionalidade (SENA, 2000, p. 76).

Como podemos ver na citação de Sena, as nações devem ser vistas como comunidades simbólicas que se narram por meio da cultura ao produzir seus significados que, por sua vez, estão constantemente sendo reinterpretados. O que a autora define apropriadamente como diferentes versões do mito da nacionalidade é o que Benedict Anderson definiu como comunidades imaginadas:

Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão (ANDERSON 1989, p. 15).

Na definição de Anderson podemos observar como a imagem de comunhão supera as contradições que existem, intrinsecamente, em cada nação e nos seus diversos governos e interpretações. Embora a nação cubana tenha passado por uma revolução na sua estrutura político-econômica de poder, o sentimento de comunhão existente na identidade nacional cubana permaneceu vivo. Isso se deve ao fato de não se transformar os laços culturais entranhados no interior de uma nação por meio de simples ações e decretos. Os símbolos e os mitos que representam a nação cubana permaneceram, mesmo que revestidos com uma nova ordem econômica e social. O que se poderia fazer era reinterpretar a história, os mitos, os símbolos nacionais o que foi feito desde os primeiros anos da revolução cubana de 1959.

ANDERSON (1989) e SENA (2000) aproximam-se ao recusarem uma definição mecanicista do conceito de nação. A opção dos autores é buscar na antropologia conceitos que favoreçam a análise das nacionalidades e de suas identidades. Os sentimentos de comunhão (ANDERSON, 1989) e de pertença (SENA, 2000) são alternativas às definições rígidas do conceito de identidade nacional, como a que foi proposta pelo governo

revolucionário cubano, na qual há apenas dois pólos claramente distintos: a elite cubana anterior à revolução, presa à ideologia imperialista-burguesa norte-americana, e a maioria da população, vista como o sujeito portador de uma identidade nacional cubana livre de preconceitos ideológicos de classe e do imperialismo norte-americano.

Após a revolução, Cuba passou por um momento de reconfiguração ideológica. Ao assumirem o poder, como foi visto, os líderes revolucionários iniciaram uma campanha de propaganda ideológica da revolução com o objetivo de iniciar uma nova tradição. Segundo Hobsbawm, as tradições são inventadas para dar um caráter justificativo a alguma coisa. Um dos objetivos desta invenção é justificar normas como se estas fossem algo natural para cada cultura. O mesmo autor alerta que, antes de se tornar uma tradição, há o período de criação, de demolição e de reestruturação da imagem do passado:

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente regularizadas por regras tácitas ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, 1997, p. 9).

Em Cuba houve, sem dúvida, um processo semelhante ao que Hobsbawm descreve acima. Não cabe aqui sistematizar esse tema. Para esboçar o caminho a seguir no trabalho que não podemos enfrentar neste momento, basta ver em conjunto as manifestações políticas que passaram a reunir milhões de pessoas em Havana comemorando efemérides como o Dia do Trabalhador, do assalto ao Cuartel Moncada, do triunfo da revolução, entre outras; as manifestações coletivas de entusiasmo associadas ao trabalho voluntário, e a construção de ícones como José Martí, o Che Guevara e o próprio Fidel Castro, chamado perpetuamente pela imprensa oficial e pelo próprio partido comunista cubano de *Comandante en Jefe de la revolución*. As frases pintadas por toda a ilha conclamavam a população a persistir na invenção dessa nova tradição ou desse homem novo.

A construção dessa nova *tradição inventada* pela revolução está na origem de uma dissidência na comunidade imaginada cubana que se exilou em Miami. Dentro dessa dissidência há pelo menos duas variantes: a comunidade exilada em Miami, em 1960, e aquela que se evadiu pelo porto de Mariel em 1980. A primeira rompeu de imediato com a revolução por razões políticas, econômicas e ideológicas, abandonando o país por não

aceitar os pressupostos revolucionários de 1959. Já a segunda dissidência teve origem em *espaços de experiência e horizontes de expectativa* distintos, pois foi composta, em sua maioria, por jovens oriundos das camadas populares. Estes haviam participado do processo de construção do novo projeto nacional cubano e conseguido acesso a uma educação formal, oportunidade que muitos provavelmente não teriam tido sem a revolução de 1959. Podemos constatar, sem muito esforço, que a maioria dos que saíram pelo porto de Mariel acreditou e participou do projeto revolucionário cubano em algum momento antes de optar pelo exílio.

Há alguns anos atrás, os sociólogos Norbert Elias e John L. Scotson publicaram uma obra significativa sobre o estudo das relações de poder na pequena comunidade inglesa de Winston Parva, nome fictício. A obra se intitulou: *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Anos depois, Norbert Elias afirmou que esse ensaio teórico sobre as relações entre “estabelecidos” e “outsiders” poderia ser “aplicada a toda uma gama de padrões mutáveis da desigualdade humana: relações entre classes, grupos étnicos, colonizadores e colonizados, homens e mulheres, pais e filhos, homossexuais e heterossexuais” (Elias & Scotson, 2000, p. 13). Podemos aproveitar a inspiração desta importante obra para analisar o Mariel como fenômeno e a contundência com que a sociedade cubana se dividiu e se enfrentou. Consideramos que o acontecido na ilha em 1980 foi a deflagração do enfrentamento entre dois grupos: “os revolucionários” e a “escoria”, ou utilizando os termos de Elias (2000) *os estabelecidos e os outsiders*. Explicaremos neste capítulo os diferenciais de poder, destes grupos enquanto transcorrem os episódios do chamado fenômeno Mariel.

Segundo Norbert Elias os estabelecidos são os grupos mais poderosos, que se vêem como pessoas ‘melhores’, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica compartilhada por todos os seus membros e que falta aos ‘outros’ os *outsiders* que se sentem “eles mesmos carentes de virtudes - julgando-se humanamente inferiores” (Elias & Scotson, 2000, p. 20). Devemos ressaltar que para os autores da referida obra, as relações entre *estabelecidos* e *outsiders* em Winston Parva extrapolavam os critérios da luta de classes, das disputas étnicas, religiosas, geracionais entre outras manifestações sócio-culturais. A comunidade pesquisada tinha a mesma origem social, eram todos da mesma origem étnica, manifestavam predominantemente a mesma orientação religiosa etc.

Contudo nada disso impediu a sua segmentação. O estigma se manifestava apenas em virtude de alguns moradores pertencerem à comunidade há várias gerações, os *estabelecidos*; enquanto os outros, os *outsiders*, teriam chegado à região há poucos anos. Norbert Elias defende que o estigma social não poderia ser compreendido apenas a partir de pressupostos psicológicos do inconsciente coletivo numa perspectiva extremamente individualizada:

Atualmente, há uma tendência a discutir o problema da estigmatização social como se ele fosse uma simples questão de pessoas que demonstram, individualmente, um desprezo acentuado por outros indivíduos. Um modo de conhecido de conceituar esse tipo de observação é classificá-la como preconceito. Entretanto, isso equivale a distinguir apenas no plano individual algo que não pode ser entendido sem que se o perceba, ao mesmo tempo, no nível do preconceito individual. Na atualidade, é comum não se distinguir a estigmatização grupal e o preconceito individual e não relacioná-los entre si (Elias & Scotson, 2000, p. 23).

Como se pode notar Norbert Elias questiona a possibilidade de compreensão do estigma preso a uma perspectiva completamente individualizada, a razão segundo ele deveríamos a noção do indivíduo separado do coletivo:

Devemos a Freud um grande avanço na compreensão dos processos coletivos ao longo dos quais ganham forma as instâncias de autocontrole do homem. O próprio Freud, entretanto, conceituou predominantemente suas concentrações de um modo que levou a crer que todo ser humano é uma unidade fechada em si mesma, um *homo clausus*. Ele reconheceu a capacidade especificamente humana de aprender e controlar e, até certo ponto, moldar os impulsos libidinais maleáveis nas experiências vividas dentro das normas grupais (...). Contudo, uma vez formadas, elas lhe pareceram funcionar sozinhas, independentemente dos outros processos grupais em que toda pessoa continua envolvida, desde a infância até a velhice (Elias & Scotson, 2000, p. 41-42).

Contudo para Norbert Elias tampouco se poderia partir de uma explicação inteiramente sócio-econômica como a distribuição dos meios de produção na luta de classes de uma determinada sociedade para se compreender o processo de estigma. Na opinião do autor, Marx havia contribuído muito com a sua teoria da luta de classes, contudo não se poderia definir toda a complexidade social a partir unicamente dessa relevante teoria:

Assim, Marx desvendou uma verdade importante ao apontar para a distribuição desigual dos meios de produção e, portanto, para a distribuição desigual dos meios necessários à satisfação das necessidades materiais humanas. Mas foi uma meia verdade (...) e até hoje a busca dos objetivos ‘econômicos’, por mais elástico e ambíguo que seja esse uso da palavra “econômico”, afigura-se a muitos a verdadeira aspiração fundamental

dos grupos humanos, diante da qual as outras parecem menos reais, seja qual for o sentido dado a esse termo (Elias & Scotson, 2000, p.34).

Norbert Elias, que foi médico psiquiatra e sociólogo, não aceitava as divisões entre essas duas ciências humanas. Em sua perspectiva não havia porque se erguer um muro cognitivo entre ambas. Sua tese é de que a sociedade é constituída de indivíduos⁶⁶ e por isso não seria possível uma separação entre a sociedade e os seus atores. Ambas faziam parte de um mesmo contexto e jamais poderiam ser compreendidas isoladamente. A análise específica do processo de estigmatização social recorrente em todas sociedades seria para Norbert Elias um importante campo de pesquisa para se ir além das percepções dicotômicas de indivíduo e sociedade; ele propunha as categorias de *estabelecidos* e *outsiders* como ferramentas metodológicas para se investigar as configurações de uma determinada sociedade.

Não pretendemos fazer uma análise das possibilidades de aplicação da teoria da configuração social de Norbert Elias, não é esse nosso objetivo aqui. Contudo, suas reflexões contribuíram muito para pensarmos a condição Mariel longe de “camisas de força” como certas construções teóricas colocadas a priori para adequar a realidade complexa a um teoria pronta e determinada, de princípios fechados. Há que se investigar o processo de estigmatização por meio de uma teoria inerente à sua própria lógica. As relações entre *estabelecidos* X *outsiders*, segundo Norbert Elias, devem ser compreendidas em sua própria dinâmica e não a partir de premissas supostamente mais relevantes. Por hora, devemos nos prender à cronologia dos acontecimentos e aos processos históricos que de forma quase incidental transformaram a primavera cubana de 1980 em uma crise internacional.

1.1- O Mariel como fenômeno

O ano de 1980 foi um momento crucial na história contemporânea cubana, pois a partir desse momento torna-se visível internacionalmente que a revolução cubana de 1959 já não tinha o mesmo apoio popular na ilha de outrora. A revolução, que se tornara um

⁶⁶ Ver Elias, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1994.

exemplo de resistência nacionalista para a América Latina, passava desde então a enfrentar sua primeira crise popular interna. Não pretendemos afirmar aqui que não houve conflitos entre segmentos da população e o governo revolucionário cubano, antes do fenômeno Mariel em 1980, como foi explicitado na primeira parte desta tese. A diferença estava na proporção e na visibilidade dos acontecimentos de abril daquele ano, que fizeram transbordar o que era há muito encoberto, ou pelo menos evitado: uma parcela da sociedade cubana que apoiara as transformações realizadas rompeu, de forma irreversível, naquele momento, com a revolução cubana iniciada em 1959, e com os seus dirigentes.

Isto não significa que a maioria da população estivesse descontente com a revolução no país, já que proporcionalmente os dissidentes constituíam uma parcela minoritária da sociedade cubana. Porém, tornou-se visível naquele momento que um segmento da sociedade cubana preferia abandonar a revolução e a nação a continuar vivendo sob o que chamavam “regime castrista”. Desde a migração histórica dos anos de 1960 não se ouvia de forma tão explícita protestos contra a política revolucionária implantada na ilha. O ano de 1980 foi o momento da “primeira onda” de dissidência política dentro da revolução, pois os que agora se denominavam dissidentes políticos haviam dado suporte às transformações político-sociais iniciadas em 1959 com a revolução e tinham-na defendido frente aos que partiam para Miami.

A crise abriu um novo precedente histórico, diferente daquela migração dos anos 1960, que foi vista e analisada como uma emigração político-ideológica. Os emigrados de 1960 saíram pouco depois da revolução e, em sua maioria, faziam parte da elite econômica cubana que não estava interessada em fazer de Cuba um país nacionalista e, menos ainda, socialista. O debate sobre o conflito entre o governo revolucionário cubano e esta migração era formulado a partir do prisma de uma elite reacionária que abandonara a sua pátria por não conseguir adaptar-se a nova ordem social estabelecida pela vanguarda revolucionária. Não se pode dizer o mesmo acerca da migração de 1980, já que os descontentes que pretendiam deixar o país e colocavam-se na condição de dissidentes políticos eram, em sua ampla maioria, jovens que haviam formado sua consciência social e política durante a revolução, e pertenciam quase todos às camadas populares. Ou seja, constituíam o grupo social que havia sido definido como o principal alvo da revolução de 1959. As duas levas

de emigração tiveram motivações e personagens completamente distintos o que inviabiliza, de saída, as tentativas de uma possível convergência explicativa entre elas.



Imagem 5- Extraída de The “other” boatlift: Camarioca, Cuba, 1965. Disponível em: www.uscg.mil/history/uscg/hist/camarioca1965.asp



Mariel 5 May 1980 – Cuban refugees arriving at pier at Truman Annex, NAS Key West

Imagem 6- Extraída de Mariel 05 may 1980- Cuban refugees arriving at pier at Truman Annex, Nas Key West. Disponível em: <http://cuban-exile.com/photo/mariel/mariel18sm.jpg>

Segundo o historiador cubano Jorge I. Domínguez, radicado na Inglaterra, a emigração dos anos 1980 fez subir a faixa etária do país, o que segundo ele comprova que a maioria dos emigrantes pelo porto de Mariel era composta por jovens. Mais importante ainda: até a onda migratória de Mariel, a quantidade de negros cubanos exilados em Miami era irrisória. Segundo Domínguez, a população negra havia conseguido conquistas sociais nos primeiros momentos da revolução por ser a parcela economicamente menos favorecida

da sociedade cubana. Já em 1980, havia entre os negros uma parcela de descontentes com os resultados da revolução, sobretudo entre a juventude na cidade de Havana. (DOMÍNGUEZ, 1998, p. 53).

O mesmo autor afirma ainda que um dos fatores que também contribuiu para a desilusão dos jovens urbanos negros com a revolução foi a frustração de suas expectativas com as conquistas advindas dela até então:

la ola de emigración que hubo en 1980 incluyó a negros de la ciudades en número comparable con su participación en la población urbana. El gobierno eliminó las pocas barreras jurídicas de discriminación racial que existían antes de la revolución, pero el efecto de la medida fue modesto. (DOMÍNGUEZ, 1998, p. 204).

Segundo ele, essas conquistas foram modestas, pois embora as condições de vida dos negros houvessem melhorado em geral, continuavam a apresentar índices muito inferiores aos dos brancos nos aspectos estruturais de qualidade de vida, tais como acesso a saneamento básico, moradia, empregos e representação política, entre outros. Buscando uma explicação para essa diferença, Domínguez acredita que ela esteja talvez na origem da revolução, pois a presença negra entre os líderes revolucionários era praticamente insignificante. O autor também critica a política racial cubana, que proibiu a continuidade das organizações negras:

Como el gobierno afirmaba que había resuelto el problema racial, argüir que éste persistía, aunque fuera de forma modificada, era un acto subversivo. El gobierno prohibió las asociaciones de intelectuales y políticos negros que existían antes de la revolución. Varios de los que insistieron en que seguía habiendo serios problemas raciales en la sociedad cubana, o asuntos intelectuales distintivos entre los afrocubanos, se exiliaron (DOMÍNGUEZ, 1998, p. 205).

Problemas graves como estes se mantiveram submersos até 1980. Trataremos, neste primeiro momento, de iluminar um pouco o cenário onde eclodiu a emigração pelo porto de Mariel em Havana. Para isso é importante que se tenha uma idéia de como se desenrolaram os acontecimentos do dia primeiro de abril de 1980. Quase casualmente, tais acontecimentos transformaram-se em um fenômeno capaz de levar à migração de mais de cento e vinte e cinco mil cidadãos cubanos para os Estados Unidos da América em pouco mais de noventa dias, em plena Guerra Fria.

1.2- Da invasão da embaixada do Peru até a abertura do porto de Mariel: o acirramento nas relações entre Cuba e os Estados Unidos.

Começemos com algumas perguntas objetivas: por que a invasão da embaixada do Peru por um pequeno grupo de pessoas desdobrou-se na saída de mais de 125.000 cubanos pelo porto de Mariel? Como os dirigentes e a população receberam e agiram ante a notícia dessa dissidência? Qual foi a explicação oficial para o fenômeno? Como a historiografia cubana o analisa? Vejamos, de forma sucinta, os acontecimentos da primavera cubana de 1980.

A crise inicia-se de maneira aparentemente ingênua, e ao desdobrar-se vai passo a passo tornando-se uma ameaça inesperada ao regime cubano. No dia primeiro de abril de 1980, seis cidadãos cubanos seqüestram um ônibus coletivo e invadem a embaixada do Peru em Havana, com o intuito de pedir asilo político. Durante o incidente, um dos soldados cubanos que faziam a guarda da embaixada peruana é morto pelos disparos de outro soldado, também responsável pela guarda – alguns testemunhos afirmam que, ao tentar disparar contra os invasores, o guarda assassinado foi surpreendido por outro soldado que o alvejou para impedir que ele disparasse contra civis desarmados. Em outros relatos este incidente é considerado um acidente por “fogo amigo” (LARZELERE, 1988). O governo cubano não se posiciona com respeito à origem do disparo. No editorial de *Granma* intitulado “La posición de Cuba”, também reproduzido na revista *Bohemia*, fez uma síntese dos fatos ocorridos na Embaixada do Peru. A versão publicada pela imprensa cubana afirma que o embaixador peruano Edgardo de Habish foi demitido pelo governo peruano, após ter trabalhado trinta e três anos no serviço diplomático, por não concordar em dar asilo aos refugiados (*Bohemia*, 11/04/1980). O texto afirma que a responsabilidade pelo ocorrido na embaixada e pela morte do soldado cubano devia-se à atitude da Embaixada do Peru que, após a invasão, não atendeu à solicitação do governo cubano de entregar os invasores às autoridades do país, sob a alegação de que a Embaixada era território peruano e, portanto caberia ao governo peruano a decisão de conceder ou não o asilo político ao grupo de refugiados:

La cancellería peruana ordenó que los delincuentes fuesen llevados de nuevo a la Embajada. Aquellos polvos trajeron estos lodos, y junto al lodo la sangre generosa y limpia del soldado cubano Ortiz Cabrera. Por qué esa

política absurda de conceder visa a los que penetren por la fuerza, sin justificación alguna y no a los que van pacíficamente a solicitarla? (*Bohemia*, 11/04/1980, p.51).

Diante do impasse, no dia 4 de abril de 1980, o governo cubano retirou a guarda oficial e declarou que, a partir daquele momento, a Embaixada do Peru passaria a ser responsável por quaisquer eventualidades que pudessem ocorrer. Essa decisão foi transmitida pelas rádios cubanas. O mesmo editorial cubano afirmou que,

Tal como se esperaba a las pocas horas del retiro de las postas cubanas cientos de elementos constituidos por delincuentes, lumpens, antisociales, vagos y parásitos en su inmensa mayoría se dieron cita en la Embajada del Peru. Al cabo de las 48 horas eran más de tres mil, procedentes fundamentalmente de la Ciudad de La Habana y las provincias occidentales del país. Algunos de estos elementos infortunadamente llevaron también familiares e incluso niños. (*Bohemia*, 11/04/1980, p.50).

No entanto, a estratégia do governo cubano não surtiu os efeitos esperados, pois a Embaixada do Peru não cedeu às pressões. Sem a proteção da guarda oficial, em dois dias a embaixada foi tomada por mais de 10 mil cidadãos cubanos⁶⁷, que também reivindicavam asilo político na qualidade de dissidentes do regime cubano.



Imagem 7- Extraída de Standing room only among the 10,800 refugees in the embassy. Disponível em: <http://latinamericanstudies.org/mariel-exodus.htm>

⁶⁷ Ver Pérez Stable, M. op. Citada, 1996.

No dia 6 de abril o governo cubano retomou a guarda da embaixada do Peru e inclusive passou a erguer barricadas nas ruas próximas a ela, com o intuito de impedir que mais cidadãos cubanos pudessem entrar e pedir asilo político. A situação, que já era preocupante, tomou proporções alarmantes. Fidel Castro passou a culpar a CIA e o governo dos Estados Unidos da América pela postura da embaixada peruana em Havana. (*Granma*, 04 de maio de 1980), o que prejudicou a primeira tentativa de distensão que ocorrera na conturbada relação entre os dois países vizinhos, desde os anos de 1960. A diplomacia cubana e norte-americana havia iniciado um processo de re-aproximação após a chegada do democrata Jimmy Carter à presidência dos Estados Unidos de América desde o mês de janeiro de 1977. Os primeiros acordos foram assinados sem muita demora:

Um foi sobre as fronteiras marítimas e pesca, em águas entendidas como de preferência econômica dos norte-americanos; outro, sobre a supressão dos vôos de espionagem – os SR 71 – sobre território cubano; ainda a revogação da proibição de viagens de cidadãos norte-americanos a Cuba e o estabelecimento de “escritórios de interesses” em ambos países, espécie de representação com intercâmbio de diplomatas, mas sem status de embaixada. (Furiati, 2001, p. 248).

Como resultado desses primeiros intercâmbios chegou a Havana um grupo de representantes da comunidade de cubanos no exílio e a partir daí se definiu um programa de reunificação entre familiares e foram postos em liberdade quase 3.000 presos políticos (Cf. Furiati, 2001, p. 252). Alguns autores (Pérez-Stable, 1996; Mesa-Lago, 1994) apontam que mesmo com as barreiras políticas existentes entre Cuba e os Estados Unidos da América (relativas à relação de Cuba com a URSS, a intervenção de Cuba nas guerras em Angola e Etiópia, a situação dos direitos humanos e dos presos políticos, etc), os anos que precederam o Mariel representam um intervalo em que muitos acreditavam num entendimento real entre os Estados Unidos da América e Cuba. Além do mais, o governo cubano e seu líder Fidel Castro vivenciavam um excelente momento pela participação no Movimento de Países Não Alinhados (NOAL ou MPNA) que teve um crescimento importante a partir de 1976 em Colombo, Sri Lanka, onde se reuniram 86 países. Posteriormente, no ano de 1979 se celebrou em Havana a VI Conferência dos Países Não Alinhados, participando 96 membros, e seu presidente era Fidel Castro que, como vimos no capítulo anterior, havia sido duramente contestado por seu alinhamento político com a União Soviética.

Talvez por essas razões, a imprensa cubana narrou os acontecimentos da embaixada do Peru com a tentativa de mostrar que Cuba não estava sozinha e que existia uma solidariedade internacional com a revolução cubana. Desse modo, a matéria do jornal conclui: “Parecía como si todas las voces se hubieran hecho una sola. Cuba no estaba sola”. (*Bohemia*, 18/04/1980, p.70). A esquerda mundial, segundo a imprensa oficial, continuava apoiando a Cuba, como mostra a seguinte imagem:

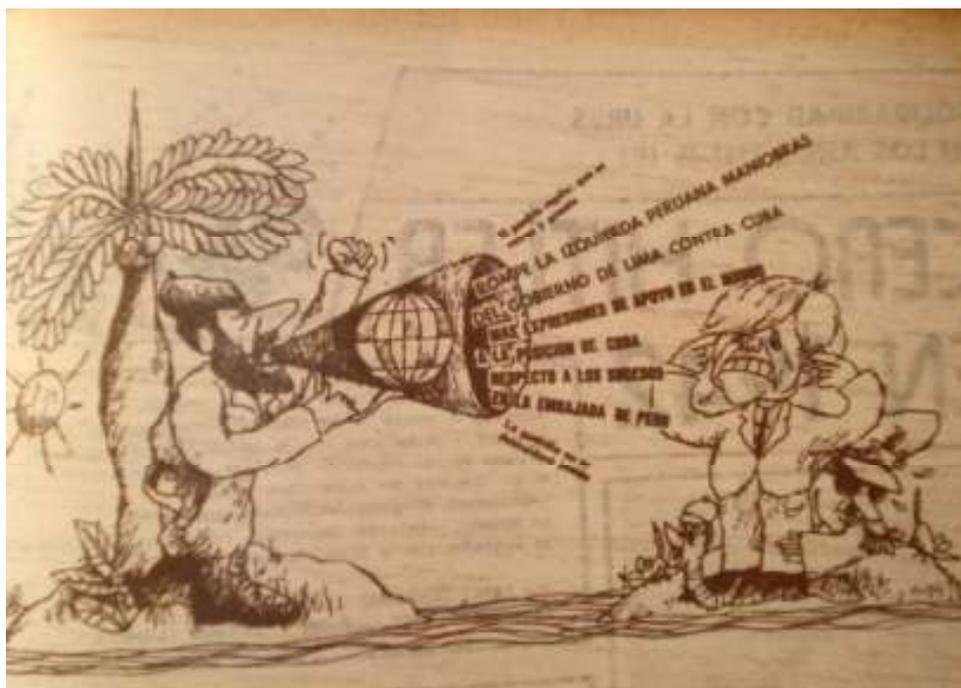


Imagem 8- Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, no.16, 18 de abril de 1980, p.61.

No dia 9 de abril os ministros das relações exteriores do Pacto Andino, numa reunião de emergência no Peru, trataram do problema dos refugiados e pediram ajuda de outros países para reassentá-los. O presidente dos EUA Jimmy Carter anunciou que aceitaria receber três mil e quinhentos cubanos da embaixada do Peru e ofereceu quatro milhões e duzentos e cinquenta mil dólares como ajuda aos refugiados.⁶⁸ O presidente da Costa Rica, Rodrigo Carazo, aceitou receber provisoriamente os refugiados. Mas após dois dias de vôos a São José o governo cubano suspendeu novas saídas.

⁶⁸ Cf. Larzelere, A. Castro's ploy – America's dilemma: the 1980 cuban boatlift. Washington, National Defense University Press, 1988.

Um dia após as manifestações de mais de um milhão de pessoas em Havana em apoio ao regime, Napoleón Vilaboa, um veterano combatente anticastrista de Playa Girón⁶⁹, organizou no dia 19 de abril uma frota de quarenta e duas embarcações para desde Miami buscar compatriotas, amigos e familiares. Em meio ao impasse internacional, o governo cubano, inesperadamente, decidiu abrir o porto de *Mariel* no dia 22 de abril de 1980, para que os dissidentes cubanos de Miami pudessem buscar não somente os refugiados da embaixada do Peru, mas todos os compatriotas dissidentes da revolução. A decisão do governo cubano surpreendeu a comunidade internacional, que já esperava um inevitável acirramento do conflito. Na revista *Bohemia* o governo declarou: “la posición de Cuba es inobjetable: absoluta libertad de emigración” (*Bohemia*, 2/05/1980, p.56).

A estratégia do governo cubano foi vista como um gesto de tolerância e de controle da situação interna e, desta vez, alcançou os objetivos planejados, ou seja, agradou à comunidade internacional ao transferir a crise para os Estados Unidos da América, que passaram a ter que receber milhares de dissidentes cubanos. Evidentemente, a postura do governo cubano não conseguiu convencer a todos os observadores internacionais. Carmelo Mesa-Lago, por exemplo, afirmou: "Castro, juiciosamente, les dejó salir y, en un par de ocasiones, abrió los puertos cubanos a un éxodo masivo". E, conclui: “A diferencia de Europa oriental, esta política de puertas relativamente abiertas sirvió como válvula de seguridad para el descontento y atemperó los impulsos de sublevación”. (Mesa-Lago, 1994, p. 184).

A ponderação de Carmelo Mesa-Lago mostra que por um lado, o regime cubano passou a imagem de ser mais aberto que a maioria das repúblicas socialistas daquele momento, o que facilitou a aceitação da opinião pública internacional e, por outro lado, Fidel Castro aproveitou a saída do Mariel como válvula de escape para os descontentes e ao mesmo tempo como estratégia de controle interno e reforço da unidade da nação “*frente a una nova ameaça do imperialismo*”.

Entretanto, o governo dos Estados Unidos da América, ao perceber que teria que receber uma imigração massiva, tentou impedi-la. Segundo a legislação norte-americana

⁶⁹ Ver entrevista dada por Napoleón Vilaboa a Edgardo Menéndez, publicada no jornal cubano-americano *Réplica* (21/05/1980). Disponível em: <http://www.latinamericanstudies.org/dialogue/vilaboa-5-21-80.pdf>.

vigente na época, todo cidadão cubano que tocasse o solo dos EUA poderia pedir o visto permanente, o que não acontecia com nenhum imigrante de outra nacionalidade; pelo contrário, qualquer outro imigrante, sobretudo latino-americano, que pisasse em solo norte-americano sem visto, seria certamente preso e deportado. O protecionismo aos dissidentes cubanos devia-se exclusivamente à Guerra Fria e à certeza de que poucos conseguiriam chegar aos Estados Unidos da América devido às restrições impostas por Cuba à emigração. Até então, todo cubano que conseguia chegar à Flórida era saudado como um herói que chegava ao paraíso vindo do inferno; dava entrevista nos canais de comunicação americanos e era logo amparado por várias instituições.

A comunidade cubana de Miami impulsionada pela possibilidade de rever seus familiares e amigos passou a patrocinar a travessia e só no dia 25 de abril cerca de 400 embarcações ancoraram no porto de *Mariel* para recolher os refugiados. Como podemos observar na fotografia publicada do porto de Mariel durante esses dias:



Imagem 9- Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, No.18, 02 de maio de 1980, p.55-56.

As embarcações saíram abarrotadas de cidadãos cubanos em direção aos Estados Unidos da América, mas não exatamente com as pessoas esperadas pela comunidade cubana de Miami. O governo cubano decidiu que a abertura do porto de Mariel serviria para a saída de todos os indesejáveis da revolução cubana. Para tanto, os supostos dissidentes

deveriam apresentar-se aos postos determinados para conseguir o visto de saída de Cuba. Com esta medida o governo cubano impediu que os exilados de Miami, que financiaram as travessias do estreito da Flórida, pudessem escolher a quem levar. Dessa forma, não foram poucos os que receberam por diversas vezes as embarcações repletas de exilados cubanos, dos quais não tinham o menor conhecimento, e ao final não conseguiram recolher quem realmente buscavam (Cf. Larzelere, 1988, p.134).

A revista *Bohemia*, tradicional revista semanal cubana, manteve durante a crise uma seção chamada *Noticias de Mariel*, que relatava os acontecimentos naquele porto. Eis uma pequena nota dessa seção (NOTICIAS, año 72, n. 17, 25 de abril de 1980, p. 45):

En la mañana del lunes salían del puerto del Mariel hacia Estados Unidos dos embarcaciones que, procedentes de la Florida, recogieron 48 elementos antisociales. Mientras tanto el departamento de estado yanqui hacia frenéticas declaraciones contra estos viajes a Cuba, amenazando con arrestar, confiscar, etc. Ahora empiezan a cosechar los frutos de su política de alentar las salidas ilegales de Cuba, incluido el secuestro de embarcaciones con sus tripulantes como rehenes. Ahora también se han convertido en nuestros guardafronteras. En dos palabras, le hemos retirado la custodia a la península de la Florida.

Como podemos notar nesta citação, o governo norte-americano tentou impedir o desembarque dos dissidentes que chegavam pelo porto de *Mariel* desde o início, mas isso não foi possível devido à legislação favorável à imigração cubana e à cobertura internacional. O presidente norte-americano Jimmy Carter inclusive declarou no dia 6 de maio de 1980 estado de emergência no Estado da Flórida, e a Casa Branca denunciou no dia 7 de junho que o governo cubano tinha exportado criminosos comuns retirados das prisões e enviados diretamente aos Estados Unidos da América.⁷⁰ Esse tipo de manobra evidentemente contribuiu para a marginalização de todos os que saíram pelo porto de Mariel. Contudo, o governo norte-americano não teve outra opção senão receber os exilados e suportar o escárnio das autoridades cubanas e a ironia da oposição interna republicana em meio à campanha eleitoral para a presidência do país. Esta acusava Jimmy Carter de ter sido o primeiro presidente norte-americano a procurar dialogar com Fidel Castro desde o acirramento das relações entre os dois países em 1960. Em Cuba a imagem de Jimmy Carter também não era poupada, como mostram as imagens da imprensa cubana:

⁷⁰ Ver GOTT, op. cit., 2006.



Imagem 10- Extraída da revista *Revolución y Cultura*, La Habana, No.95, julio de 1980, p. 61



Imagem 11- Extraída da revista *Revolución y Cultura*, La Habana, No.95, Julio de 1980, p.60.

Após os episódios do *Mariel*, qualquer cubano que pretendesse entrar na “América” passou a precisar obter, antes, um visto de entrada na embaixada dos Estados Unidos da América em seu passaporte. Isso, evidentemente, não era tarefa das mais fáceis e em muito dificultou a chamada terceira migração massiva de 1994, conhecida como a *crise dos balseiros*. Desta feita, as pessoas se atiravam ao mar em pequenas balsas, na desesperada tentativa de atravessar as 90 milhas que separam Havana da Flórida. Com exceção de poucos que atingiram o ambicionado objetivo, muitos foram os que naufragaram ou foram devorados por tubarões. Os demais foram recolhidos pela guarda costeira norte-americana e levados para a base de Guantánamo em Cuba. De lá, só saíram depois de uma verdadeira batalha diplomática, que terminou por dispersar milhares de dissidentes cubanos por vários países de todo o continente, já que o governo norte-americano se recusou categoricamente a acolher todos os dissidentes. Hoje, na legislação dos Estados Unidos da América há o limite estabelecido de 20 mil vistos para cidadãos cubanos por ano.

Ainda no dia 08 de maio de 1980, vinte e dois países e sete organizações internacionais se reuniram na Costa Rica para tratar a questão dos refugiados cubanos na embaixada do Peru e a crise do Mariel. Um artigo maliciosamente intitulado “Que Carazo se trae Carazo?”, na revista *Bohemia*, investiu contra o presidente da Costa Rica e questionou a reunião convocada por ele e realizada nesse país para decidir sobre os refugiados do Mariel. O artigo, que ocupou duas páginas da revista, conclui da seguinte maneira: “Aunque Cuba no participó de esa reunión, aquí van algunas ideas: por que Carazo no se ocupa de sus propios problemas, o mejor dicho de los problemas de su pueblo?” (*Bohemia*, 16/05/1980, p.49). A imagem insinua que a reunião foi presidida pelo presidente Carter, e designa o presidente Carazo como o interessado em repartir entre os representantes de quatro países – apenas o Peru, o Chile e os Estados Unidos são mais facilmente identificáveis – os indesejados dissidentes cubanos apontados na charge como *escória*:



Imagem 12- Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, no. 21- 23 de maio de 1980, p.73.

As imagens e as notícias do *Mariel* na imprensa cubana apontam como o governo cubano reagiu ante a decisão de alguns governos de receber os dissidentes. No editorial da revista *Bohemia* (18/05/1980, p.48), o presidente da Costa Rica Rodrigo Carazo é acusado de ter o seu relógio funcionando segundo a hora de Washington. Em outra charge a revista *Bohemia* mostra novamente o presidente Rodrigo Carazo como um cãozinho pouco ameaçador puxado pela coleira pelo presidente norte-americano Jimmy Carter:



Imagem 13- Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, No.20, 16 de maio de 1980, p.49

Tal como afirma MESA-LAGO (1994), o governo cubano surpreendeu a todos, já que a inteligência norte-americana não esperava que em menos de 159 dias aproximadamente 125 mil cubanos desembarcassem nas costas da Flórida. No dia 25 de setembro o governo cubano suspendeu a saída pelo porto de Mariel e em novembro o presidente norte-americano Jimmy Carter foi derrotado por Ronald Reagan. O historiador Richard Gott, a esse respeito aponta:

Após quatro meses, os Estados Unidos estavam fartos. As implicações políticas dessa migração em massa foram negativas para o governo Carter, que logo estaria tentando a reeleição. A chegada de cubanos já não se confinava mais apenas à Flórida. Os elementos “lumpens” e criminosos na migração foram distribuídos pelas prisões norte-americanas do Arkansas e Atlanta, e todo o país foi afetado. Uma nova série de negociações logo estava em curso e o êxodo foi finalmente interrompido em outubro. O episódio foi um desastre para Carter, e um fator que contribuiu na sua derrota para Ronald Reagan, nas eleições (GOTT, 2006, p. 301).

Assim, durante a maior parte da campanha eleitoral norte-americana, Jimmy Carter se viu em meio a uma crise internacional e teve ainda que se defender da chacota republicana por ter sido o primeiro presidente norte-americano que ensaiou

uma aproximação com Fidel Castro. Na imprensa cubana assim foi representada a derrota de Carter devido à sua intervenção no êxodo do Mariel:



Imagem 14 - Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, No. 18, 02 de maio de 1980, p.60.

A decisão do governo cubano também conseguiu atingir a comunidade cubana de Miami, seu opositor histórico, pois também a essa não interessava uma imigração massiva. Por fim, destruiu a duvidosa oferta de solidariedade dos Estados Unidos da América ao povo cubano, pois esse país teve que voltar atrás e rever suas leis para impedir o desembarque de outros milhares de refugiados cubanos em sua costa.

1.3- O discurso do governo cubano, as manifestações dos “estabelecidos” e a estigmatização dos *marielitos*.

Com a abertura do porto de *Mariel*, o governo cubano conseguiu afastar a crise política internacional por algum tempo. Mas, restava contornar os efeitos internos, visíveis desde a invasão da embaixada do Peru. Observemos a estratégia adotada pelo governo

cubano nos meios de comunicação controlados pelo Estado. Fidel Castro passou a definir a emigração massiva de 1980, na rede estatal de TV, em revistas e jornais, como resultado direto da complexa e conturbada relação entre Cuba e os Estados Unidos da América. Culpava o imperialismo norte-americano e o embargo econômico imposto por aquele país pelas distorções sociais e econômicas em Cuba:

El bloqueo imperialista en Cuba genera lumpen y, por tanto, emigración. La hostilidad sistemática y sostenida de Estados Unidos contra Cuba dificultando nuestro desarrollo económico y social genera lumpen y por tanto emigración. La política de terror imperialista contra Cuba genera terror, dificultades, lumpen y por tanto emigración. La explotación de Cuba durante casi 60 años por los monopolios imperialistas generó pobreza y subdesarrollo y por tanto, lumpen y emigración. La política contrarrevolucionaria yanqui contra Cuba estimula al lumpen y por tanto su emigración a Estados Unidos (CASTRO, 1980, p. 43-44).

O governo cubano não admitia, nem admite ainda hoje, que a emigração de 1980 fosse caracterizada como política e, muito menos, que os seus protagonistas representassem uma dissidência política. Para Fidel Castro, a emigração devia ser situada exclusivamente no plano econômico e como efeito direto e simples do bloqueio e do imperialismo dos Estados Unidos da América no continente.

O discurso oficial também procurou depreciar social, moral e mesmo intelectualmente os que emigravam, e enquadrá-los na categoria emigrado/lumpen, definindo-os como a *escória* da sociedade cubana. A esse respeito, Fidel Castro, em um editorial da Revista *Bohemia*, fez uma analogia entre a vida social e as funções biológicas do corpo humano:

De modo que no hay que preocuparse de que perdamos un poco de partes blandas. Nos quedamos con los músculos y con el hueso del pueblo. Con eso nos quedamos, con las partes duras. Son las partes duras de un pueblo las que son capaces de cualquier cosa. Y esas partes duras, que son muchas hay que respetarlas, porque tienen una fuerza impresionante, como se demostró en las batallas de masas de abril y de mayo. Nos quedamos sólo con el cerebro y con el corazón y los pies bien puestos sobre la tierra. Con las partes blandas cirugía plástica. Antes nos llevaban médicos, ingenieros, profesores, personal muy calificado. Ahora les tocó llevarse el lumpen. Esa es la realidad, a esos es que les han llenado la cabeza de ilusiones (CASTRO, 1980, p. 3).

Fidel Castro nesse artigo defende a depuração na ilha. O critério de valores é estabelecido, antes o imperialismo norte-americano levava os melhores profissionais da ilha. Após a revolução cubana de 1959 os únicos que ainda se iludiam pelo “sonho

americano” eram pessoas desqualificadas, sem profissão, que se deixavam enganar pelas propostas de riqueza da nação capitalista do norte. E, por isso, não representavam uma perda para o país. Dessa forma o que estava em curso na ilha não seria uma dissidência política e sim uma “cirurgia plástica” que extirpava os que não tinham consciência revolucionária ou função social. Neste sentido, o líder revolucionário se posicionou para lançar o estigma de um grupo “estabelecido”, representado no discurso como “partes duras” sobre outro, os “outsiders” representados como as “partes moles”. Essa operação foi assim tratada por Norbert Elias:

O grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua porção “pior” – de sua minoria anômica. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais “nômico” ou normativo – na melhoria de seus “melhores” membros. Essa distorção *pars pro toto*, em direções opostas, faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros; há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “bom” e o outro é “ruim” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 22-23).

Entretanto, Castro (1980) conclui o artigo com uma espécie de manifesto contra os que se deixavam *encher a cabeça de ilusões*. Embora o discurso seja político e, portanto, direcionado a um objetivo específico, devemos reconhecer que, ao tentar desqualificar os que emigravam para os Estados Unidos naquele momento, e ao optar por uma explicação econômica generalizante na qual os habitantes de um país pobre são seduzidos pelos sonhos de prosperidade propagados por um país rico, Fidel Castro acabou por diferenciar a emigração de 1980. Ora, quem poderia ser mais seduzido pelas ilusões de enriquecimento do que as camadas menos favorecidas de uma sociedade? Não é evidente que alguém muito bem posicionado numa sociedade esteja mais satisfeito do que um desempregado, por exemplo? Não seria um dever do Estado socialista estancar o crescimento do *lumpen*, essa camada alienada? Pelas estatísticas, os emigrados eram, em sua maioria, jovens que haviam crescido e se formado após 1959. Não seria responsabilidade também do governo cubano o surgimento desses milhares de *anti-sociais*? E a permanência do *lumpen* não era responsabilidade da revolução? Juan de Abreu, um dos integrantes da *Geração Mariel* comentou a esse respeito:

Qué más da que digan que se es prostituta u homosexual? Si en un país después de veinte años de revolución, de una política “ejemplar” con una política “exquisita”, según ellos, en pro del hombre, de la cultura, de “la gran moral socialista” y todas esas cosas, después de veinte años de un

régimen como ése, usted le da una pequeña abertura y por allí desfilan cien mil personas en menos de tres meses, y vamos a suponer que esas cien mil personas son delincuentes, bueno, la culpa es suya, señor! Yo tengo la edad de la revolución como los demás. Cuando yo nací, cuando nacieron todos estos muchachos, quien nos hizo delincuentes si somos delincuentes? Entonces usted tiene un sistema que hace delincuentes. Eso es elemental y el que no vea eso es porque está ciego. (Almendros; Jiménez-Leal, 1984, p. 70).

Mesmo sem a pretensão de emitir juízo de valor sobre os conteúdos dos argumentos feitos por Juan de Abreu, um fato não pode ser desconsiderado: uma parcela da sociedade cubana que devia, em tese, sentir-se contemplada com a revolução, estava descontente com os rumos que ela tomava. Durante o período em que eram divulgadas as declarações de Fidel Castro e de outras autoridades do governo pela imprensa cubana, foi definido que todo cidadão que pretendesse deixar o país devia apresentar-se às autoridades. Segundo o governo cubano, isso se dava por questões de segurança e para evitar transtornos. Mas há denúncias, por parte dos que passaram por essas triagens, de que muitos cidadãos não conseguiram a permissão e outros foram favorecidos por serem considerados “indesejáveis”, tais como prisioneiros comuns, homossexuais, prostitutas, deficientes mentais, entre outros. Em contrapartida, o governo impedia a saída de dissidentes políticos, artistas, intelectuais conceituados e profissionais considerados fundamentais, como médicos, engenheiros e dentistas.

A imprensa cubana também representou o êxodo do Mariel como uma questão de limpeza, as charges evidenciam como foi caracterizada a rota Mariel-Cayo Hueso. Inclusive, na própria revista *Bohemia* no editorial intitulado “Noticias de Mariel” apareceu um pequeno aviso convocando a um concurso de charges: “La Asamblea Provincial del Poder Popular de la Habana, en coordinación con la UNEAC y la UPEC, convoca a un concurso de caricatura para la creación de un personaje que identifique y simbolice la aspiración de una ciudad limpia, bella e higienizada” (*Bohemia*, año 72, No. 23, 06 de junio de 1980, p.49). A idéia de higienização mostra como foram tratados em Cuba os marielitos. Dessa forma, Norbert Elias (2000, p. 29) aponta:

Os grupos estabelecidos que dispõem de uma grande margem de poder tendem a vivenciar seus grupos outsiders não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas (as leis e normas dos estabelecidos), mas também como não sendo particularmente limpos.

Assim, o caricaturista René de la Nuez, criador da frase *la noria de la escoria* (*Revolución y Cultura*, No. 95/80, p. 58-59), representou numa charge a *noria*, espécie de canal utilizado para escoar a sujeira:



Imagem 15 - Extraída da revista *Revolución y Cultura*, n. 95/80- julio, 1980, p.60.

O governo cubano mostrou-se preocupado com a repercussão que os acontecimentos da embaixada do Peru poderiam causar na opinião pública internacional. Decidiu então mobilizar o país, por meio dos Comitês de Defesa da Revolução (CDR) que passaram a organizar, em cada quarteirão da ilha, as chamadas *Marchas del Pueblo Combatiente*. Assim, durante os meses de abril e maio de 1980, como foi divulgado pela imprensa cubana, uma grande parte da população apoiou as medidas do governo cubano com cartazes e discursos que acrescentavam ênfase ao desprezo pela *escória*. Com as *Marchas del Pueblo Combatiente* começou a acontecer uma verdadeira estigmatização de parte da sociedade cubana, a chamada “escória”, mas não se pode ver tais manifestações

como um simples caso de preconceito. Segundo Norbert Elias, só é possível a estigmatização social causar efeito se houver um desequilíbrio nas relações de poder. O autor alerta: “Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (Elias & Scotson, 2000, p.23). Como mostram as imagens a seguir:

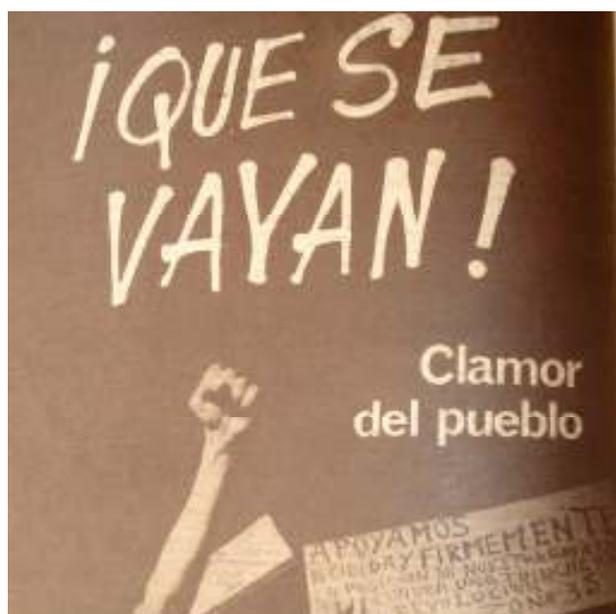


Imagem 16 - Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, No. 16, 18 de abril de 1980, p.59.

A imprensa cubana deu uma cobertura completa aos episódios do Mariel. Fidel Castro escrevia mensagens cotidianamente que eram publicados nos jornais *Granma*, *Juventud Rebelde*, e na revista de maior circulação nacional, *Bohemia*. Num dos editoriais desta última revista, Fidel Castro, com o intuito de mostrar de que lado estava o poder, afirmou a necessidade de o povo de Cuba defender a pátria e saudou as manifestações nas praças:

Yo diría que esta es una batalla que se ha librado hoy en defensa de la integridad de nuestra patria. La sola presencia de ustedes, en esta plaza es una batalla, y una importante batalla en defensa de la integridad y la seguridad de Cuba porque lo peligroso es que el enemigo se confunda, lo

perigoso es que el enemigo se engañe (Castro, *Bohemia*, año 72, 23/05/1980, p.3).



Imagem 17 - Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, No. 16, 18 de abril de 1980, p.60.

Em Cuba, as *Marchas del Pueblo Combatiente* serviram para mostrar uma auto-imagem coesa dos “revolucionários” ou do “povo” que saíram as ruas a defender a pátria contra os “inimigos” da revolução. Um dos cartunistas mais populares de Cuba nesses anos, autor das charges mais conhecidas sobre o Mariel, foi como já foi dito, René de la Nuez, que criou a personagem do miliciano que enfrenta o imperialismo, como mostramos a seguir,



Imagem 18- Extraída da revista *Bohemia*, año 72, No.18, 02 de maio de 1980, p.9.

Varias reportagens são reproduzidas no ano de 1980 em jornais e revistas cubanas, felicitando o povo de Cuba. Os jornalistas cubanos descreveram a situação como se o país vivesse uma grande festa coletiva, as pessoas dançam na rua e mostram-se felizes com a nova tarefa cumprida: “Los amplificadores difunden aires marciales de marchas revolucionarias. Aquí y allá rompen los pasos de conga, coreando el ¡Que se vayan! Los niños cabalgan sobre los hombros de los padres agitando banderitas cubanas y sonriendo felices”. (Fulvio Fuentes, *Bohemia*, 25/04/1980, p.49). As imagens que ilustram o artigo comprovam como a revista *Bohemia* representou o espírito das marchas:



Imagem 19- Extraída da revista *Bohemia*, año 72, n. 17, 25 de abril de 1980, p.48-49.

Desse modo podemos afirmar que as marchas expressavam a unidade, a coesão dos “estabelecidos” frente ao outro grupo. Norbert Elias (2000, p. 22) aponta como esse elemento é precisamente o diferencial de poder dos dois grupos:

Um grupo tem um índice de coesão mais alto do que o outro e essa integração diferencial contribui substancialmente para seu excedente de poder; sua maior coesão permite que esse grupo reserve para seus membros as posições sociais com potencial de poder mais elevado e de outro tipo, o que vem reforçar sua coesão, e excluir dessas posições os membros dos outros grupos – o que constitui, essencialmente, o que se pretende dizer ao falar de uma figuração estabelecidos-outsiders.

Assim, a imprensa cubana nos meses de abril e maio descreveu e narrou os desdobramentos dos acontecimentos da embaixada do Peru e reforçou o poder “del pueblo que está con Fidel y la revolución” e, com um tom apologético e festivo, celebrou os protagonistas das marchas. Fuentes prossegue:

El gracejo y la imaginación criolla encuentran amplio campo para manifestarse en las consignas y pancartas. Los letreros y sus ilustraciones, unas veces artísticamente dibujados y otras en trazos irregulares sobre un cartón cualquiera parecen danzar en el aire. El buen humor nacional juega con las rimas y asonancias. (*Bohemia*, 25/04/1980, p.49)



Imagem 20 - Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, n. 17, 25/04/1980, p.56.

É importante assinalar que esse nível de coesão mostrado nas chamadas *Marchas del Pueblo Combatiente* só era possível graças ao controle social que exerceram os Comitês de Defesa da Revolução (CDR).

Além das *Marchas del Pueblo Combatiente*, outras manifestações organizadas pelos CDRs foram os chamados *Actos de Repudio*, organizados diariamente em frente às casas dos que se decidiam a abandonar a ilha. Esses *actos de repudio* consistiram em reuniões de vizinhos, das quais participavam também as escolas próximas. A multidão se reunia à frente das casas do dissidente gritando todo tipo de impropérios e alguns manifestantes chegaram por vezes a realizar agressões físicas. Felix Hernández (ex-guia turístico de Cubatur) comenta em seu depoimento, no documentário *Conducta Impropia*, sobre os *actos de repudio* que vivenciou antes de sair de Cuba pelo Mariel:

En La Habana antes de salir nos hicieron los llamados actos de repudio. Prácticamente nos destruyeron la casa, nos lincharon moralmente. Fue horroroso, verdaderamente horroroso (...) Así estuvimos cerrados en la casa unos dieciséis días. Pusieron altavoces, pusieron los carteles más insultantes que uno pueda imaginarse en la fachada. Y hasta cortaban la luz y el agua... Era un paisaje común en los días del Mariel: usted pasaba por la calle y de

pronto encontraba una casa que tenía las cosas más groseras pintadas en la fachada y la pobre gente no podía salir, porque si salían le caían a pedradas: una cosa sencillamente bárbara (Almendros, Jiménez-Leal, 1984, p.168).

Essa passagem de Felix Hernández nos mostra a violência física e moral exercida pelos manifestantes dos Actos de Repudio. A seguir a imagem comprova os cartazes que penduravam nas casas dos que pretendiam sair pelo Mariel,



Imagem 21- Extraída de Houses left cubans who sought refuge in the Peruvian Embassy. Extraída de Center for Cuban Studies. In Larzelere, A. p.21

Embora não tenhamos acesso a documentos oficiais que comprovem a forma pejorativa das triagens por parte do governo cubano, alguns depoimentos, memórias e autobiografias precisam ser levadas em consideração (ALMENDROS, JIMÉNEZ-LEAL, 1984; ARENAS, 1992; IBARRA, 2000). Primeiramente, a pessoa devia dirigir-se a um escritório policial, o que por si só já era um inconveniente. Posteriormente, devia preencher um formulário no qual tinha que explicar por que desejava sair de Cuba, o que também não era tarefa das mais fáceis, pois automaticamente significava tornar-se inimigo da revolução

e do Estado. Depois, havia a alternativa de admitir problemas de conduta moral, que tinha como intuito esvaziar o debate político e levá-lo para a esfera comportamental, além de comprovar o discurso oficial estabelecido por Fidel Castro. Por fim, quem garantiria a esse candidato ao exílio que ele o conseguiria? E se, em vez disso, ele encontrasse o cárcere com a alegação, por exemplo, de haver denúncias de espionagem contra ele, quem provaria o contrário? Certamente várias pessoas não se dirigiram às autoridades cubanas por temerem um desses fatores. Como consequência, os que conseguiam a permissão de sair pelo porto de Mariel eram considerados socialmente desqualificados como, por exemplo, homossexuais, delinquentes, doentes mentais, prostitutas, alcoviteiros, entre outras categorias consideradas negativas pela sociedade cubana. Dessa forma, oficialmente a saída estava necessariamente condicionada a um comportamento desviante. As autoridades cubanas referiam-se a essas pessoas como escória, anti-sociais, lumpen, etc. O discurso oficial foi incorporado pela imprensa cubana que variava a terminologia, mas não o conteúdo. Como podemos perceber na charge abaixo:



Imagem 22 - Extraída da revista *Bohemia*, año 72, n. 25, 20/06/1980, p. 78.

Na charge, o presidente dos Estados Unidos da América Jimmy Carter, num evento de sua campanha pela reeleição, dança com uma ratazana num palco chamado “ESCORIA DANCING”. A charge mostra Jimmy Carter lamentando-se porque lhe havia tocado dançar com a mais feia, o que remetia ao discurso de Fidel Castro: antes, as ilusões norte-americanas levavam ao exílio os melhores profissionais de Cuba. Contudo agora somente restava a ele “dançar” com as mais feias, com a escória da sociedade cubana. A ratazana está relacionada à sujeira dos esgotos, à náusea. Eram os ratos que agora saíam em direção à Flórida.

O discurso oficial procurava criar um estigma para depreciar o caráter dos que rompiam com a revolução cubana. Não obstante a diferença ideológica, esse discurso encontrou ressonância do outro lado do Estreito da Flórida, junto ao Governo dos Estados Unidos da América e a uma parte da sociedade norte-americana, que sempre denunciava o governo cubano por violação dos direitos humanos, e que acompanhava agora com preocupação a chegada de milhares de *marielitos*:

En toda la nación habían aparecido grupos de ciudadanos, por medio de la prensa escrita y radial, así como en todas las pantallas de los televisores portando armas largas y otros tipos de armamento para defender “sus hogares amenazados por los terribles marielitos”. La repetición constante en todos los medios noticiosos enfatizaban la brutal y discriminatoria, frase: The Marielitos are coming! The Marielitos are coming! (PEREZ VIDAL, 1988, p.)

O governo dos Estados Unidos da América e grande parte da imprensa desse país e da sua sociedade civil passaram a denunciar o governo cubano por facilitar a saída de setores ‘indesejáveis’ de Cuba. As charges e fotografias na imprensa cubana explicitavam o caráter de saneamento que significava a abertura do porto de Mariel. Na charge seguinte, por exemplo, o personagem central que desembarca na Flórida carrega ostensivamente um pé-de-cabra, instrumento clássico de trabalho dos arrombadores.



Imagem 23 – Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, n.18, 02 de maio de 1980, p.70.

Desse modo, ocorreu uma aproximação entre os discursos de inimigos tão acirrados. Os cidadãos cubanos pertencentes ao lumpem, ou à escória, ou a qualquer outra rotulação pejorativa, não eram considerados bem-vindos aos Estados Unidos da América e tampouco significavam uma perda em Cuba; mas sim, um estorvo a ser repellido por todos. A convergência de preconceitos sociais, sexuais, raciais superava o fator ideológico. O que definimos como *condição Mariel* é o processo de estigmatização ao qual os dissidentes cubanos exilados de 1980 foram submetidos: tanto em Havana quanto em Miami, seja pelo governo cubano ou norte-americano, pela comunidade cubana de Miami, ou pela população de Havana.

O conceito de estigma foi elaborado por GOFFMAN (1988), e diz respeito a atributo ou atributos depreciativos de um indivíduo relativamente ao ambiente e às relações sociais por ele partilhadas. Para esse autor, o estigma em si mesmo não é nem honroso nem desonroso, pois o estigma de uns pode confirmar a normalidade de outros. O estigma só se torna depreciativo em determinados contextos e redes de relações sociais. Essas considerações de Goffman, bem como as já mencionadas de Norbert Elias, aplicam-se ao fenômeno Mariel, que foi oficialmente descrito como um êxodo de indivíduos moralmente desqualificados e, conseqüentemente, inabilitados para uma aceitação social plena.

a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de ser nelas encontradas (GOFFMAN 1988, p. 11-12).

E ainda:

Acreditamos que alguém com estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida (ibidem, p.15).

Além das notícias nos jornais e revistas cubanas, o noticiário do ICAIC, dirigido por Santiago Alvarez, gravou várias cenas dos acontecimentos na embaixada do Peru em Havana. Imagens desses noticiários, comentadas pela revista *Bohemia*, são indícios do processo de construção do estigma dos *marielitos*, mostrados como se fossem animais selvagens:

Ante nuestros ojos desfilan, a ritmo de 24 x segundo, rostros patibularios, “guaposos”⁷¹, afeminados, crápulas de todo tipo. Vemos también como impera allí la ley del más fuerte: las patadas a sus iguales de un lumpen por hacerse de una ración de comida [...] (E. Valper, “El noticiero de la embajada” in revista *Bohemia*, año 72, n. 20, 16/05/1980, p.26).

Dessa forma os *marielitos* foram vistos como inumanos, Elias (2000, p.29) mostra no seu estudo que os grupos outsiders são “comumente tidos como sujos e quase inumanos”. Por sua vez, o jornal *Granma*, utilizou palavras com o intuito de inferiorizá-los. Assim, o principal jornal cubano, utilizou com freqüência os termos escória, lumpen, anti-sociales, gusanos (vermes), delincuentes, afeminados, etc. Nesse sentido, o estudo de Elias assinalou como o uso desses termos degrada e danifica ao grupo outsiders:

Com freqüência, os próprios nomes dos grupos que estão numa situação de outsiders trazem em si, até mesmo para os ouvidos de seus membros, implicações de inferioridade e desonra. A estigmatização, portanto, pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder. Embora sejam necessárias outras fontes de superioridade de forças para manter a capacidade de estigmatizar, esta última, por si só, é uma arma nada insignificante nas tensões e conflitos ligados ao equilíbrio de poder (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 27).

⁷¹ *Guaposo*, na fala popular cubana, significa marginal.

Até mesmo o próprio Primeiro-Ministro Fidel Castro empregou sem maiores constrangimentos os termos que pretenderam desmoralizar os que se evadiam de Cuba. Nesse contexto, os dissidentes eram vistos como um grupo de pessoas problemáticas, com dificuldades de socialização. O discurso oficial procurava construir um estigma para depreciar o caráter dos que rompiam com a revolução cubana.

O estigma pelo qual foram rotulados os dissidentes cubanos também foi registrado em diversos depoimentos. Muitos salientaram que a permissão para sair de Cuba estava condicionada a um ato de confissão moral, cujo objetivo era amenizar os efeitos da crise interna, ou seja, negar a existência de uma oposição política em Cuba, e também justificar a aversão declarada do governo cubano e do “povo” contra os “marielitos”. Em acordo com isso, Norbert Elias relata que:

A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante aos que compõem o grupo outsiders (...) Isso ilustra muito vividamente a operação e a função das crenças do establishment a respeito de seus grupos outsiders: o estigma social que seus membros atribuem ao grupo dos outsiders transforma-se em sua imaginação, num estigma material – é coisificado (Elias & Scotson, 2000, p.35).

Percebemos novamente que a relação entre estabelecidos e outsiders toma vida e será explicada a partir de uma justificativa específica em cada sociedade e em cada momento histórico desta. Pode variar do sobrenatural ao científico – eugenia – e do natural ao ideológico. O que importa é criar uma justificação que exima os estabelecidos e culpe os outsiders. A variação encontra elementos específicos em cada cultura. É na cultura que se sedimentam e programam-se os estigmas de cada sociedade. O governo cubano e parte da sociedade que criaram o estigma social dos marielitos transferiram para eles a culpa. Nessa lógica são eles os que se declaravam como “lumpens”, “homossexuais”, “delinquentes”, “escória”, etc.

Alguns depoimentos também mostram como muitas pessoas que não pretendiam entrar na Embaixada do Peru ou passar pela triagem do governo cubano mesmo assim foram enviadas aos Estados Unidos da América simplesmente por manifestar as “condições necessárias” para saída, como relata no depoimento Caracol:

¿Saliste por el Mariel? ¿Te metiste en la Embajada del Perú?

Caracol: No. Yo iba a llevar comida y refrescos a una amistad que estaba allí y me cogieron antes de llegar. Me llevaron a la prisión, donde estuve como quince días... Me acuerdo de que, como a las cuatro y media de la madrugada, casi a las cinco, el general de la prisión nos sacó a todos nosotros y explicó que habían pasado una ley que, obligatoriamente, toda la gente que había estado alrededor de la Embajada tenía que irse para Estados Unidos (...) Yo me decía: Allá yo no conozco a nadie, ir solo, que será de mí? No entiendo el idioma. Entonces yo grité: No, yo no me quiero ir, yo no me quiero ir. Entonces un guardia que me llamaba Fifi, a cada rato pasaba y me decía: Fifi, vete, que esto se va a poner malo para ustedes” (Almendros; Jiménez Leal, 1984, p.57-58).

Caracol aparece como um membro “outsider”, duas características sobressaíram no depoimento: a primeira, ele não respeita as normas estabelecidas pelo governo e a segunda ele não pertence a um grupo coeso, ele não tem poder nem sequer para permanecer no seu país.

A rotulação e a rejeição dos marielitos em Cuba danificaram a auto-imagem deles. A socióloga Mireya Robles, que saiu de Cuba em 1957 e trabalhou no Fort Chaffe durante 1980 como servidora social, observou como funciona o estigma social: “el homosexual que yo conocí en Fort Chaffe se llamaba a si mismo un hombre con “un defecto”, con “una debilidad”, se auto-criticaba e se autorrebajaba” (Almendros; Jimenez Leal, 1984, p.51). Sobre essa questão novamente Norbert Elias esclarece:

Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último, e com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (Elias & Scotson, 2000, p.24).

Sob essa perspectiva, o objetivo do governo cubano era chamar a atenção da sociedade cubana para a impossibilidade de adaptação daqueles grupos estigmatizados ao modelo mais justo de sociedade proposto pela revolução. Contudo, os dissidentes que não se encaixavam na categoria de *lumpen*, tal como foi definida pelo governo cubano, com receio de não passar pela triagem, encontraram como alternativa desesperadora fingir o que não eram:

Recuerdo las tragicomedias de mujeriegos haciéndose pasar por maricones, de madres de familia simulando ser tortilleras o putas, de personas honradas que presentaban a la policía papeles falsos donde se hacía constar actos insólitos de delincuencia, historiales abyectos,

fechorías. Esto también es Cuba. La violencia mezclada con la farsa. (VICTORIA, 1998, p. 134).

Foi neste cenário político de intenso conflito que milhares de cidadãos cubanos alcançaram a fuga tão almejada. Em cada pequena embarcação saíam dezenas de “anti-sociais” e, ao largo, centenas de cubanos proferiam palavras de ordem. Eram multidões organizadas pelo Partido Comunista Cubano, pelos CDRs e pela imprensa oficial, com o objetivo de protestar contra aqueles que, por interesses pessoais e/ou morais, fugiam da ilha e de suas responsabilidades com a construção do socialismo e da pátria. Como podemos ver na seguinte fotografia, a maioria da população parece ter acompanhado com entusiasmo o ponto de vista das autoridades e dos meios de comunicação da ilha.



Imagem 24 - Extraída da revista *Bohemia*, año 72, No. 16, 18 de abril de 1980, p.62.

As manifestações e os atos de repúdio no porto de Mariel constrangiam familiares e amigos que iam despedir-se dos dissidentes, que estavam temerosos com a possibilidade de não mais rever os que se iam, e apreensivos com a multidão. Havia manifestantes, segundo muitos relatos, que não se conformavam somente em atacá-los verbalmente, senão que também tentavam alvejá-los com as mais variadas espécies de

objetos. As ameaças e ofensas também passaram uma imagem do perigo que constituíam os que rompiam com a revolução. Eles haviam se tornado um grupo “outsider” ao não respeitar as normas da ilha revolucionária e enfrentavam a coação do governo cubano e da sociedade que o apoiava. A esse respeito, Norbert Elias, elucida:

Os outsiders são vistos –coletiva ou individualmente- como anômicos. O contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. Eles põem em risco as defesas profundamente arraigadas do grupo estabelecido contra o desrespeito às normas e tabus coletivos, de cuja observância dependem o status de cada um dos seus semelhantes no grupo estabelecido e seu respeito próprio, seu orgulho e sua identidade como membro do grupo superior. Entre os já estabelecidos, cerrar fileiras certamente tem a função social de preservar a superioridade de poder do grupo (Elias & Scotson, 2000, p.26).

Desde que os “revolucionários” fecharam as fileiras para “limpar a casa” preservando sua superioridade, os “gusanos” pouco tinham a salvar. As embarcações nas quais viajaram estavam em sua maioria em condições inaceitáveis e a quantidade de pessoas por barco era no mínimo preocupante. Os emigrantes levavam consigo somente um punhado de roupas surradas e a esperança de começar uma nova vida no exílio. A maioria não conhecia ninguém nos Estados Unidos da América, não trazia consigo qualquer moeda e tampouco falava inglês. Contudo, nem mesmo essas adversidades eram consideradas relevantes.

Acreditavam que não eram os primeiros escapados de Cuba e da revolução de 1959 e que em Miami se encontravam milhares de outros cubanos que, como eles, também haviam feito a travessia e, certamente, estariam dispostos a apoiá-los. O que os protagonistas desse enredo não sabiam, é que carregavam consigo algo do qual seria muito difícil se desvencilhar: o estigma.

Capítulo II - A travessia

El Mariel fue un disparo. Un tiro que retumbó a lo largo de una isla pasiva, maniatada, empapada del sudor de consignas (Carlos Victoria, revista Encuentro, 1998)

5.1- A “recepção” dos marielitos nos Estados Unidos de América

Após a travessia do Estreito da Flórida e das 90 milhas que separam o porto de Mariel, em Havana, do porto de Cayo Hueso em Miami, os dissidentes políticos cubanos, munidos apenas das roupas que traziam no corpo e de um cartão de identificação que pouco dizia sobre eles mesmos, foram acolhidos pelas autoridades norte-americanas no porto de Cayo Hueso acompanhadas por militares armados. Caracol, pseudônimo de um homossexual cubano, narra a chegada a Miami:

Yo iba en un barco muy bien, pero nada más a llegar aquí sentí una mala impresión y me asusté. Pensé: “Ay! Fidel tenía razón!” Cuando llegué a Cayo Hueso y vi a los guardias americanos que nos estaban cuidando – en ese momento yo no sabía que nos estaban cuidando – cuando los vi me impresioné y dije: ¡Ay! Fidel tenía razón, es una isla y nos van a matar. Pero no (Almendros; Jiménez Leal, 1984, p.58).

Como afirmou Caracol em seu depoimento os agora chamados *marielitos* foram detidos logo ao desembarcar e a presença dos militares amedrontou aos recém-chegados. O médico cubano-americano Angel Pérez Vidal descreve que quando trabalhava no Centro de Orientação da Família Hispânica da Universidade de Miami, foi convocado com urgência para organizar, juntamente com outros profissionais do Centro, uma equipe que seria responsável pela observação da saúde mental de todos os jovens menores de idade que haviam chegado via Mariel sem acompanhantes, e que estavam dispersos em vários pontos do país. Pérez Vidal confirma, o depoimento de Caracol:

Al llegar a Fort Chaffee mi primera impresión fue totalmente negativa. (...) Pude observar que había varias tiendas de campaña, en las cuales estaban situadas guarniciones de soldados armados, lo que a pesar de mis limitados conocimientos militares, me hacían pensar que estaban em pie de guerra y listos para el ataque al primer signo de peligro. Tenían los cascos puestos, rifles con bayoneta calada y toda una serie de artefactos que usualmente se observan en los soldados que están en estado de alerta de guerra. Todos lucían listos para atacar al enemigo. (Pérez Vidal, 1988, p.19).

Os denominados *entrantes* foram detidos e isolados logo ao chegar para realizar alguns esclarecimentos. As perguntas incluíam por que haviam deixado o seu país, se haviam sido acusados de algum crime em Cuba, entre outros. Após o preenchimento do relatório, os exilados eram enviados a abrigos improvisados, tais como estádios de esporte e acampamentos militares espalhados não só na Flórida como em outros estados norte-americanos. Desse modo, o governo dos Estados Unidos de América criou acampamentos militares em vários estados, para numa situação idêntica àquela que tinham deixado, alojar aos marielitos e ter tempo de “estudiarlos, catalogarlos, diagnosticarlos” para logo saber que se fazia com eles (Cf. Pérez Vidal, 1988, p.17). Assim, surgiram os Acampamentos de Fort Chaffee no estado de Arkansas; o de Indiantown Gap no estado da Pensilvânia; e o de Fort MacCoy no estado de Wisconsin.

A justificativa do governo dos Estados Unidos da América era que antes de dar o visto permanente aos exilados seria necessário elucidar quem eram os dissidentes cubanos, o que pretendiam ao se exilar no país e por quais razões o faziam. Outro motivo apresentado era que o governo estudava uma forma de controlar e favorecer a integração dos recém-chegados à sociedade norte-americana.⁷² Para tanto, alguns familiares de exilados, principalmente em Miami, passaram a responsabilizar-se por eles, o que acelerou a liberação de alguns refugiados. Contudo eram poucos os que tinham familiares nos Estados Unidos da América. Alguns deles eram ligados a igrejas protestantes norte-americanas que assumiam a responsabilidade para com os seus fiéis cubanos que foram aos poucos liberados. Outros, muito poucos, conheciam cidadãos norte-americanos ou eram conhecidos nos Estados Unidos da América por seu trabalho e quando tinham uma proposta de emprego lhes era permitido sair quase imediatamente desses alojamentos. Mas a maioria não tinha nenhuma dessas vantagens e passou meses nos acampamentos à espera de que se

⁷² Ver Pedraza, Silvia. *Political Disaffection in Cuba's Revolution and Exodus*. New York, Cambridge University Press, 2007.

decidiesen o seu futuro em improvisados acampamentos militares para refugiados. O médico cubano Angel Pérez-Vidal, comenta o que viu logo que chegou aos acampamentos militares:

Eran lugares bastantes inhóspitos para esos seres humanos, que no conocían el idioma ni las costumbres del lugar en que se encontraban. Lo único que tal vez era familiar para ellos, constituía la realidad de que habían salido de un inmenso campo de concentración, que era el lugar de la anterior residencia, para ir a pernoctar o residir en un campamento militar en cual nada les era familiar o amable y todo era completamente desconocido (Pérez-Vidal, 1988, p. 17-18).



Imagem 01- Refugiados cubanos em Miami. Extraída de Mariel 10 May 1980 – Cuban refugees await processing at Trumbo Point NAS. Disponível em: <http://cuban-exile.com/photo/mariel/mariel28sm.jpg>

Por outra parte, os marielitos que tinham familiares ou conhecidos, após saírem dos acampamentos militares também tiveram que se preparar para inserir-se nessa nova sociedade. O escritor Ismael Lorenzo pertencente à Geração Mariel, relata a sua saída do acampamento militar Fort Chaffe e a sua chegada em Miami,

A la salida del concourse me esperaba mi cuñado. Me despedí de la muchacha con que había estado hablando durante el viaje. Miré las luces del aeropuerto, los gigantescos parqueos, ahora era realmente que empezaba mi vida en tierras americanas. Veinte años de vicisitudes y horror habían cambiado muchas de mis valoraciones. Las grandes casonas, los carros del año y los alardes ya no eran parte

de mi cultura cubana. Las bases para el no entendimiento estaban echadas (Lorenzo, Ismael, Fort Chafee, revista *Término*, Ohio, primavera de 1984, p.7).

Mas, o maior problema enfrentado pelos recém-imigrados não era a condição insólita em que chegavam a Miami, e sim o estigma construído pelo governo cubano, observado no capítulo anterior, e de imediato absorvido nos Estados Unidos da América, inclusive pela comunidade cubana de Miami que havia patrocinado a chegada de todos ao novo país. A estigmatização dos marielitos por parte da comunidade cubana estabelecida é evidenciada em vários momentos. Segundo Perez-Vidal, o desprezo pelos marielitos era expresso abertamente por parte da comunidade cubana e norte-americana. No entanto, eles aceitavam trabalhar nos acampamentos recebendo altos salários,

Los ciudadanos que residían en el pueblo cercano a Fort Chafee, demostraban un fuerte sentimiento de repulsa y desprecio hacia todos los refugiados, aunque al mismo tiempo, aceptaban trabajar con muy altos salarios dentro de la base militar, sirviendo a la población de la cual expresaban sus críticas en forma abierta y despiadada (Pérez-Vidal, 1988, p.23).

Deve-se ressaltar que o médico Pérez-Vidal é um típico representante da comunidade cubano-americana de Miami e, no entanto, não compartilha das representações de recusa aos marielitos. Desta forma é evidente que se deve evitar generalizações; quando a Geração Mariel critica a comunidade de Miami, isso não quer dizer que todos os cubanos estabelecidos em Miami tivessem as mesmas representações do Mariel, e sim, que havia uma maioria de cubanos em Miami (que não era nada silenciosa) que os discriminava. Assim, quando nós apresentamos aqui alguma generalização relativa à comunidade cubana de Miami, devem-se fazer as mesmas ressalvas, tanto quanto relativamente aos cubanos que defendiam a revolução cubana e não compartilhavam das mesmas representações dos que se evadiam de Cuba. Nem todos que preferiam continuar em Cuba e defender a sua revolução estavam necessariamente relacionados ao processo de estigmatização sofrido pelos marielitos na ilha. Contudo, mesmo levando em conta essas ressalvas, isso não impediu que em Cuba os dissidentes fossem majoritariamente designados

como escória e anti-sociais, e que nos Estados Unidos da América passassem a ter como marca a alcunha de “marielitos”, impressa nos jornais e difundida em Miami e por todo o país.

Como todo segmento estigmatizado, os recém chegados vindos pelo porto de Mariel passaram a serem responsabilizados por tudo o que não correspondia às expectativas dos habitantes de Miami. Desta forma, se havia um aumento de furtos, devia-se a eles; aumentava o desemprego, a culpa era dos “marielitos”; se o salário da construção civil diminuía, a culpa, evidentemente, era deles. As queixas se acumulavam. Para toda a sociedade, a cidade de Miami já não era a mesma após a chegada de aproximadamente 125 mil “marielitos”⁷³. Neste sentido, o jornal miamense *El Nuevo Herald* expressa num dos seus artigos esse mal-estar:

Tres años después de llegar a la Florida, los cubanos venidos por el Mariel siguen cometiendo delitos, llenando las agendas de los tribunales, y hacinando las cárceles del condado, en una cuantía desproporcionada con su número, según los archivos de la policía (Starita, Joe. Mariel: alta tasa de criminalidad, *El nuevo Herald*, Miami, Flórida, 24 de abril de 1983, p.4).

O próprio artigo conclui que: “Según funcionarios de la cárcel del condado de Dade, los cubanos del Mariel han dado lugar a que los hispanos sean ahora el grupo étnico mas frecuentemente arrestado em Dade” (Starita, Joe, *ibidem*).

É necessário enfim não esquecer que a situação dos considerados “entrantes cubanos” provenientes do Mariel foi muito difícil, assim como, as relações entre Cuba e os Estados Unidos da América entre 1980 e 1984. Finalmente em 14 de dezembro de 1984, durante a administração de Ronald Reagan, os governos cubano e norte-americano assinam o “Acuerdo de normalización de las relaciones migratórias” onde Cuba se comprometia a aceitar de volta 2.746 cidadãos cubanos chamados de “excludables” vindos pelo Mariel⁷⁴. Nesse mesmo ano de 1984 o governo norte-americano abriu a possibilidade a todos aqueles que entraram pelo Mariel para que se candidatassem para a obtenção da residência

⁷³ Ver a extensa seqüência de matérias publicadas no jornal *Miami Herald*, especialmente entre maio e dezembro de 1980.

⁷⁴ Os chamados “excludables” ou “excluibles” são aqueles marielitos que foram qualificados como inadmissíveis por parte do governo norte-americano por terem cometido algum tipo de crime, ou por apresentarem algum tipo de doença mental. Também entre aqueles considerados *excluibles* estava uma minoria que se inscreveu voluntariamente para retornar a Cuba. O tema foi tratado num documentário intitulado *Miami- Havana* dirigido por Estela Bravo, co-produção Cuba/UK/US, 1994, duração 52 minutos.

permanente nos EUA. A atitude de desconfiança dos marielitos com relação à sua legalização no novo país levou ao jornal *El Miami Herald*, em janeiro de 1985, a realizar uma campanha para que os “cubanos entrantes” procurassem o INS (Servicio de Inmigración y Naturalización). Assim, em 20 de janeiro de 1985, o artigo intitulado “Miles de entrantes del Mariel siguen sin llenar la inscripción” apresenta alguns elementos para analisar a situação dos marielitos quando aponta: “Temerosos aparentemente de la posibilidad de deportación más de la mitad de los 100,000 cubanos venidos por el Mariel que residen en el Sur de la Florida no se han inscrito para hacerse residentes permanentes en Estados Unidos”. (Santiago, Fabiola. Miles de entrantes del Mariel siguen sin llenar inscripción, *El Nuevo Herald*, Miami, Flórida, 20 de janeiro de 1985, p.1).

A questão da deportação dos cubanos entrantes do Mariel, chamados “excludables”, e a proporção que o debate alcançou na mídia induziram uma grande parte dos “entrantes” cubanos que tinham uma situação precária a não procurar as agências. Desse modo, o coordenador do Programa de Serviços de Imigração e Naturalização (INS), Mariano Faget Jr, declarou no referido jornal: “No entiendo porque gente que deseaba tanto la residencia no está haciendo nada. Debe ser porque sencillamente no confían en nosotros”. (Santiago, Fabiola. Miles de entrantes del Mariel siguen sin llenar inscripción, *El Nuevo Herald*, Miami, Flórida, 20 de janeiro de 1985, p.1). Na própria matéria do jornal a redatora apresenta também os motivos dos marielitos:

Pero en Miami, los refugiados del Mariel dicen que las señales que reciben del INS son confusas. Al mismo tiempo que se les exhorta a ir a inscribirse, algunos reciben cartas del INS donde se les dice que se presenten a las audiencias inmigratorias para su posible deportación (Santiago, Fabiola. *ibidem*).

A estigmatização dos marielitos nos EUA levou, por outra parte, a Fundación Nacional de Ciencias de Miami a financiar uma pesquisa comparativa entre a situação dos marielitos e dos haitianos que entraram no mesmo ano de 1980 e se radicaram na Flórida. A pesquisa realizada por Alejandro Portes, Juan Clark e Alex Stepick revelou que 75 % dos 514 marielitos entrevistados afirmaram que os cubanos que chegaram antes de 1980 discriminavam os refugiados do Mariel de uma maneira geral. E 52 % dos marielitos entrevistados expressaram ter sido discriminados por outros cubanos. O estudo indica que os marielitos receberam um tratamento negativo por parte de seus compatriotas devido aos

estereótipos desfavoráveis. Como resultado desta situação, muitos marielitos se encontravam na pobreza, com dificuldades para encontrar emprego ou sem empregos e recebendo salários geralmente mais baixos que outros cubanos. O estudo também revelou que uma das razões da situação econômica precária dos refugiados do Mariel era que só 3 % deles tinham familiares esperando-os; e no caso dos haitianos, a situação era pior: só 1,5%.⁷⁵

Os refugiados do porto de Mariel também eram vistos pelos exilados de 1960 como o resultado do regime comunista de Fidel Castro que, segundo eles, em 20 anos havia destruído os valores mais sólidos da sociedade cubana. A comunidade cubano-norte-americana alegava não conseguir reconhecer os jovens “entrantes” devido à perda quase total dos valores sociais vigentes antes da revolução. Para essa comunidade, tudo fazia parte da estratégia política de Fidel Castro, que teria permitido a saída dos setores indesejáveis com o objetivo de constrangê-la. Denunciou-se até mesmo a infiltração de agentes da inteligência cubana entre os dissidentes que desembarcavam em Miami, aproveitando o ensejo para espionar as atividades políticas da comunidade, sobretudo em Miami, local em que a maioria dos “marielitos” escolheu para viver no exílio.

A paranóia coletiva é um fenômeno muito comum em comunidades de exilados políticos, que compartilham o sentimento de viver constantemente vigiados e observados. (BANSART, 2000). Não podemos esquecer que em 1980 ainda se vivenciava a atmosfera da Guerra Fria e sua exploração comercial por parte da imprensa sensacionalista e da indústria do entretenimento (como filmes e livros sobre espionagem), além da inegável existência e presença de instituições como a KGB, a CIA e também o chamado *Órgano de la Seguridad del Estado Cubano*. A verdade é que o momento histórico propiciava a desconfiança, bem como favorecia o temor coletivo. Ao mesmo tempo, não se pode desconsiderar a hipótese de que em meio aos milhares de refugiados estivessem realmente infiltrados alguns integrantes da inteligência cubana. Tudo isto, obviamente, não justifica o estigma com que foram marcados todos os exilados que chegaram pelo porto de Mariel em 1980.

⁷⁵ C.f. Portes, Alejandro; Stepick, A; Clark, Juan. *Three years later: the adaptation process of 1980 (Mariel) Cuban and Haitian refugees in south Florida*. Miami, Latin American and Caribbean Center, Florida International University, 1985.

Quanto à ausência de valores sociais nessa nova camada de dissidentes, denunciada pela comunidade cubana de Miami, ela está certamente relacionada ao próprio espaço de experiência e ao horizonte de expectativa dos autodenominados cubano-norte-americanos. Ora, como é notório, esta comunidade se constituíra em sua ampla maioria pela elite e classe média alta da sociedade cubana que saiu de Cuba em várias ondas migratórias nos anos de 1959, 1960, 1962, 1965 e 1971⁷⁶. Sendo assim, a memória da elite cubano-americana reforçada pelas associações e bairros recriados em Miami remontava ao glamour das experiências da ilha dos anos 50, repleta do esplendor de um dos mais sofisticados balneários do mundo com seus hotéis, cassinos, grandes propriedades rurais e praias. Era dessa ilha que os cubanos de Miami sentiam saudade, um tempo ancorado no passado que eles procuravam recuperar a todo custo. No entanto, o jornal *El Nuevo Herald* difundiu num artigo intitulado “Discriminan cubanos a los del Mariel, dice estudio” a pesquisa realizada pelos investigadores Alejandro Portes da Universidade Johns Hopkins; Juan Clark do Miami –Dade Community College e Alex Stepick da Universidade Internacional da Flórida, que evidencia que os cubanos do Mariel eram comparáveis aos cubanos chegados em 1970,

Lejos de ser “escoria”, los inmigrantes del Mariel de 1980 son comparables a los inmigrantes cubanos de principios de los años 70 en cuanto a sus orígenes urbanos, sus conocimientos del inglés, sus conocimientos técnicos y su nivel escolar, señala el estudio (Córdoba, José de. Discriminan cubanos a los de Mariel, *El Nuevo Herald*, Miami, 04 de outubro de 1985, p.1).

As semelhanças e diferenças da comunidade cubana nos Estados Unidos da América tem sido tema de vários estudos.⁷⁷ Por outra parte, a elite cubana de Miami, como dizia em seus discursos, acreditava lutar pela liberdade do povo cubano. Mas, quando pensava nesse povo, recordava alguns familiares e amigos que, por uma razão ou outra, haviam permanecido em Cuba. Era por eles que a comunidade de Miami lutava. Os primeiros exilados queriam relembrar sua infância e juventude

⁷⁶ Ver Miguel González –Pando. Development stages of the “cuban exile country”. CTP, Cuba Transition Project, Institute for Cuban & Cuban-American Studies. University of Miami, Miami, Florida, August 2004, p.50-65; Silvia Pedraza: Cuba’s refugees: manifold migrations. CTP, Cuba Transition Project, Institute for Cuban & Cuban-American Studies University of Miami, Miami, Flórida, 1995, p. 311-329.

⁷⁷ Ver Hamm, Mark S. *The abandoned ones: the imprisonment and uprising of the Mariel boat people*. Boston, Northeastern University Press, 1995.

com aqueles que haviam compartilhado as mesmas experiências. Assim como pretendiam reaver os seus bens expropriados pela revolução, também buscavam retomar a ilha que sempre havia lhes pertencido. A antiga identidade nacional cubana havia sido construída por eles e para eles. A nação cubana sempre fora, a exemplo de outras nações latino-americanas, um projeto excludente, no qual apenas a elite e as camadas médias urbanas eram as únicas beneficiadas pela cidadania. Os primeiros exilados de Miami constituíam a extensão maior deste segmento da sociedade cubana e se prendiam à antiga comunidade imaginada cubana que eles haviam inventado.

Era esta comunidade que constantemente planejava e pressionava o governo dos Estados Unidos da América para uma intervenção militar na ilha, tendo participado ativamente da fracassada tentativa de invasão militar da Baía dos Porcos em 1961. A comunidade cubana foi, inclusive, acusada de estar envolvida no atentado ao presidente John Kennedy que se recusara a investir numa outra tentativa de invasão a Cuba após o fracasso em 1961. No exílio, ela havia conquistado o incrível feito de se inserir na elite da cidade de Miami, devido à influência econômica de seus membros: personalidades políticas, artísticas, intelectuais e, sobretudo, empresariais, como o presidente da Coca-Cola que era provavelmente a maior companhia da Flórida e uma das maiores do mundo.

Por outro lado, a aceitação da comunidade cubana em Miami foi favorecida pela conjuntura histórica que levou o governo dos Estados Unidos da América e a sociedade norte-americana a acolher os dissidentes políticos cubanos de 1960 como heróis que se recusavam a pertencer a um regime de tendência comunista. Mesmo que na época, o governo cubano não tivesse ainda oficialmente assumido o regime comunista. Além disto, historicamente, esses dissidentes eram os parceiros da política econômica dos Estados Unidos da América na ilha.

Estes fatores permitiram um papel destacado da comunidade cubana em Miami e a diferenciava de outras comunidades exiladas latino-americanas, tais como as de porto-riquenhos, mexicanos, dominicanos etc. Desta forma, a defesa do povo cubano que a comunidade reivindicava para si, por meio de inúmeras entidades não-

governamentais de caráter político e anticomunista, não incluía exatamente os negros, os homossexuais, as prostitutas, os prisioneiros comuns e os camponeses semi-analfabetos, entre outros⁷⁸. A presença deste segmento de cubanos recém-chegados aos Estados Unidos da América e, sobretudo em Miami, não lhes agradava. Principalmente devido ao impacto causado na mídia local que poderia coibir seu projeto de ascensão na sociedade norte-americana e deixá-los marginalizado como qualquer outra comunidade de imigrantes latino-americanos. O temor da comunidade cubana de Miami era que, após anos de exílio, passassem a serem vistos generalizadamente como “chicanos” como são denominados os imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos da América.

O remake do filme *Scarface* ou *Caracortada* (em espanhol) de 1983, dirigido por Brian de Palma, é um exemplo do temor que dominava a maioria da comunidade cubana de Miami. O filme traz como protagonista um jovem cubano, ignorante e marginal, que chega a Miami pelo porto de Mariel em 1980 e em pouco tempo se transforma num dos maiores traficantes de drogas dos Estados Unidos da América. O filme, evidentemente, ataca a imagem da comunidade que havia conseguido pouco antes eleger um cubano-norte-americano como prefeito de Miami e que sempre procurou caracterizar-se como uma rede de exilados políticos, inimigos do comunismo e aliados do governo norte-americano. Não pretendiam, assim, estar envolvidos com um amontoado de imigrantes pobres e marginais. O escritor cubano Iván de la Nuez comenta o conflito entre os exilados tradicionais e os integrantes da *Geração Mariel*:

Con el exilio tradicional las cosas no fueron mejores. El éxodo del Mariel les puso delante la otra realidad de un país también negro, pagano, homosexual, iconoclasta y plebeyo. Les situó frente a un espejo terrible que la comunidad cubana de Miami había olvidado o querido olvidar (NUEZ, 1998, p. 107).

A comunidade cubana exilada, especificamente a que chegara nos anos de 1960 não se recordava mais da situação social das camadas populares de Cuba de seu tempo. Não se lembrava da pobreza da maioria da população, do trabalho mal remunerado nos engenhos de cana, da corrupção política, do analfabetismo, da prostituição de adolescentes, da

⁷⁸ Ver Dominguez, J. (1998).

concentração de terras, da alta taxa de mortalidade infantil, entre outras insanidades sociais para cuja construção a elite cubana exilada em Miami contribuíra. A memória é seletiva e guarda os momentos que vivenciamos com maior intensidade, que pretendemos relembrar e/ou que nos são convenientes. Ou seja, a memória também está relacionada aos nossos projetos que, por sua vez, representam nossas expectativas, além, é claro, de estar vinculada às nossas experiências de vida, sejam elas pessoais ou coletivas. Assim, nos é difícil remontar algo que não vivenciamos; da mesma forma que nos é impossível apagar o vivenciado. (THOMPSON, 1997). A comunidade cubana tradicional de Miami recorda-se de uma Cuba nostálgicamente perfeita. Por outro lado, não se recorda de aspectos inaceitáveis da ilha de seu tempo, pois não vivenciou estas experiências e nem as tinha entre suas expectativas. Portanto, era uma memória recortada em que partes indesejáveis haviam sido deletadas. Os membros da comunidade preferiam guardar em suas memórias seletivas a Cuba idealizada do tempo em que foram ou julgaram terem sido felizes.

Os setores marginalizados na sociedade cubana, evidentemente, não foram gerados após a revolução de 1959; nem sequer houve uma expansão deste segmento social e sim uma significativa redução, embora não tão acentuada a ponto de eliminá-la, como durante anos quiseram fazer parecer a propaganda revolucionária cubana e os seus inúmeros colaboradores pelo mundo. O governo revolucionário cubano, até 1980, não admitia que ainda houvesse, por exemplo, prostituição em Cuba e insinuava a quase extinção da criminalidade. A tese oficial era que a nação socialista estava eliminando sistematicamente os problemas sociais herdados do capitalismo e do colonialismo. Mesmo assim é necessário admitir-se que a inquietação com as condições das camadas sociais marginalizadas nunca foi assumida na história cubana por qualquer governo anterior à revolução de 1959, como é comum na América Latina (IBARRA, 2000). Mas, mesmo após a revolução e suas inegáveis conquistas sociais, este setor não deixou de estar posicionado à margem da sociedade cubana, como visto na primeira parte desta tese.

O exílio em Miami havia encoberto as contradições da identidade nacional cubana que foi exposta pela revolução de 1959. Desta forma, os 20 anos e algumas milhas que os separavam ocultaram as diferenças políticas que levaram ao triunfo da revolução de 1959. Contudo, inegavelmente, continuavam sendo todos cubanos, e mais conectados com ela do que a comunidade de Miami o desejava, pois a identidade nacional cubana e toda a

experiência cultural que esta representa é algo que ultrapassa as barreiras político-ideológicas. Estas, no entanto, não podem ser suprimidas e delimitadas com a objetividade mecânica que algumas teorias excessivamente holísticas procuraram imprimir às identidades. Para Norbert Elias (1994), as sociedades não podem ser vistas como se fossem sedimentadas por cimento. Assim, a identidade cubana impregnava os objetivos antagônicos entre a comunidade cubana de Miami, os “marielitos” e os que apoiavam a revolução cubana.

O que constrangia a maioria da comunidade cubana de Miami numa eventual aproximação com os “marielitos” era a possibilidade de perderem o papel destacado já conseguido junto à sociedade norte-americana, na qual procuravam se inserir havia 20 anos, como já foi dito. Assim, Norbert Elias chamou a essa atitude da comunidade estabelecida de “medo de poluição” (2000, p.26). Ela quer mostrar, por uma parte, sua superioridade, e por isso faz com que prevaleça um nome que impregne a sua distinção: “comunidade cubano-americana”; e, por outra, sente necessidade de afastar-se daqueles que podem fazer com que seus privilégios acabem. Durante todo esse tempo de exílio os cubano-americanos, como eles gostavam de ser chamados, tentavam se afastar dos novos cubanos que chegaram pelo Mariel, bem como também das outras comunidades de latino-americanos da Flórida e dos Estados Unidos da América. Procuravam demonstrar que eram exilados políticos, e não simples imigrantes latino-americanos em busca de trabalho para subsistir. Ora, eles teriam chegado ali a convite do governo dos Estados Unidos da América, porque ambos lutavam contra um inimigo comum: o comunismo. Esta era uma situação diferente das outras comunidades latino-americanas que, na maioria dos casos, entravam no país clandestinamente em busca de qualquer tipo de trabalho para a sua sobrevivência. A comunidade cubana, ao contrário, havia levado todos os seus recursos financeiros e investira na Flórida. Eles geravam empregos e não pretendiam carregar o estigma de “chicanos” e tão pouco o de “marielitos”.

2.2- A “Geração Mariel” e a alternativa Mariel de identidade

Ao observar o grupo de escritores cubanos que se auto-identificou como a “Geração Mariel”, me deparei com um grupo que forja sua a sua identidade a partir do estigma de *Marielitos*, que era o qualificativo dado em Miami a todos os que partiram pelo porto de Mariel nos primeiros dias de abril de 1980. *Marielitos* é até hoje usado na Florida como um termo depreciativo para a comunidade de imigrantes latinos – em princípio eram somente os cubanos, mas com o decorrer do tempo o conceito foi-se alargando. A “Geração Mariel” parte justamente desse estigma para se diferenciar de todos demais cubanos; sejam os que davam suporte ao governo revolucionário cubano na ilha ou a chamada migração histórica de 1960, estabelecida em Miami.

Outro ponto que é preciso ressaltar diz respeito à memória coletiva e à identidade social. Michael Pollak (1992) parte da a idéia de memória coletiva proposta por Maurice Halbwachs que seria estabelecida de forma afetiva: a nação em sua opinião seria a forma mais acabada de grupo, e a memória nacional a forma mais completa de uma memória coletiva. Pollak também resalta que Halbwachs insinua não apenas a seletividade da memória, mas também a existência de um processo de “negociação” entre a memória coletiva e as memórias individuais. Segundo Pollak, a memória estaria em constantes disputas no seu processo de elaboração, no qual o passado seria trabalhado, organizado e por fim construído.

As disputas pela memória coletiva é um ponto crucial para o que propomos, pois acreditamos que o grupo que compõe a autodenominada “Geração Mariel” tem como principal projeto a disputa pela memória de sua juventude em Cuba. Trata assim de confrontar suas memórias individuais com a versão oficial do governo cubano, questionando-a ao reivindicar sua versão do passado recente da ilha. Segundo Pollak, as memórias subterrâneas esperam um momento oportuno para submergir:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigos, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante (POLLAK, 1989, p.5).

Pollak, como podemos ver, trabalha as memórias subterrâneas como um contraponto da memória oficial que, em sua opinião, seria mais do que a posição de um estado dominador sobre uma sociedade civil imponente. A construção de uma hegemonia por parte da maioria sobre uma minoria seria mais freqüente. As relações entre estabelecidos e outsiders também sugerem a mesma possibilidade de atrito. O que Pollak (1989) nos coloca de novo é a necessidade dos grupos minoritários de resistir à memória oficial e lutar pelas suas memórias individuais para, no momento oportuno, construir a memória do grupo minoritário a partir das experiências e expectativas dos indivíduos que não se sentem representados pela memória oficial da maioria. Trata-se, enfim, da luta pela história de suas vidas.

A revolução cubana foi um momento de reorganização da história nacional e, por conseqüência, da memória coletiva dos cubanos. O comando revolucionário se encarrega da tarefa e a faz com um amplo apoio popular que constrói uma hegemonia incontestável nos primeiros anos da revolução. A força desta hegemonia é que constrói o que Pollak define como memória coletiva, e que condiciona a posição marginal e silenciosa dos indivíduos que compõem a memória subterrânea:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p.8).

Em Cuba a revolução propôs taxativamente uma nova reorganização da memória coletiva e da história nacional. O grupo que compõe a “Geração Mariel” é um dos grupos que reivindicaram o direito de contrapor à memória oficial cubana em 1980. A crise da embaixada do Peru e seus desdobramentos foi o ensejo para a reorganização das memórias individuais dos que partiram para Miami. A memória subterrânea dos que integram a “Geração Mariel” passa a ser referência crucial para a reavaliação da memória coletiva e da própria identidade dos que vivenciaram a primeira geração formada pela revolução. Na opinião de Pollak (1992) a memória é um dos elementos que formam o sentimento de identidade:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de

identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem em si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p.205).

Pollak (1992), como podemos notar, demonstra como a identidade está associada à memória; e no caso da *Geração Mariel* isto fica evidenciado. O grupo de escritores, artistas e exilados que o compõe considera-se diferente dos dois grupos majoritários da identidade política cubana: os revolucionários de 1959 e a ordem anterior a esta radicada em Miami. A busca pela diferenciação frente a esses dois pólos antagônicos da cultura política cubana é o principal elemento formador do grupo. A necessidade de se diferenciar foi construída pela rejeição dos que se evadiam pelo porto de Mariel, estigmatizados como escória, e transformados no outro lado do estreito em marielitos. Em Cuba, estes dissidentes foram majoritariamente vistos como indivíduos desprovidos de compromissos sociais com a sua pátria e a com a defesa da revolução cubana por preferirem se exilar no império norte-americano. Já em Miami, passaram a serem vistos com desconfiança por grande parte da comunidade cubana estabelecida. Os mais de 125.000 cubanos que chegam a Miami em 1980 não encontram, na maioria dos casos, simpatia dos estabelecidos.

A rejeição enfrentada pelos que imigram em 1980, tanto em Cuba quanto em Miami, leva uma parcela a rediscutir a sua identidade. A conjuntura de desterro e rejeição é o combustível para que a Geração Mariel se identifique e se justifique enquanto grupo. O instrumento para a reordenação no exílio foi principalmente a *revista Mariel de arte y literatura*. O grupo pretende, desta forma, organizar a memória subterrânea dos que chegaram em Miami em 1980.

A memória foi o campo de batalha em que o grupo decidiu enfrentar o estigma e os traumas proporcionados pela experiência vivenciada na ilha e no exílio. Na luta para reorganizar a memória subterrânea e transformá-la em uma memória coletiva e para combater tanto a memória oficial cubana como a da comunidade cubana de Miami, a *Geração Mariel*, passo a passo, também constrói uma nova identidade compartilhada pelo sentimento de experiências e expectativas comuns. Segundo Pollak (1992) o sentimento de coerência é fundamental tanto para a memória coletiva quanto para a identidade:

De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentido de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.205).

Entre os milhares de dissidentes cubanos que saíram pelo porto de Mariel na primavera cubana de 1980 havia vários escritores e artistas que se conheciam desde Cuba. O período de 1980 a 1983 foi o momento em que cada um desses personagens tentou, de forma individual, superar esses entraves. A falta de apoio da comunidade estabelecida e a dificuldade de relacionamento desses jovens intelectuais e artistas com ela os levaram a dispersar-se pelos Estados Unidos da América à procura de trabalho e de melhores perspectivas do que aquelas encontradas na Flórida. A tentativa de se organizar e de expressar suas idéias fez surgir revistas realizadas por marielitos em vários estados norte-americanos. Inclusive, essas revistas mantiveram um vínculo estreito; além de intercambiar artigos elas divulgavam umas as outras⁷⁹. Desse modo, o editorial da revista *Término* aponta:

El asilo masivo en la Embajada del Perú en la primavera de 1980 (las primaveras no suelen ser propicias al totalitarismo) y el subsecuente éxodo por el Mariel vinieron a ser la mala hora de la jerarquía cubana. La aparición de las revistas Linden Lane (New Jersey), Término (Ohio), Unveiling Cuba (New York), La oveja negra (California) y Mariel (Florida) son evidencia irrefutable de un marginalismo cultural que ha sobrevivido (y aún sobrevive) en la isla a las consecutivas oleadas represivas. Todas comienzan a aparecer alrededor de 1982, todas dirigidas por intelectuales emigrados después de enero de 1980, todas con sus características distintivas y su sello peculiar, con sus páginas abiertas no sólo a lo mejor de la literatura cubana, sino también a lo mejor de Latinoamérica y los Estados Unidos (Ecay, Roberto Madrigal; Ballagas, Manuel F. Editorial, revista *Término*, Primavera- Spring, 1983, publicación trimestral, Ohio, p.3).

Os intelectuais e artistas cubanos que chegaram na primavera de 1980 a Miami passaram a se encontrar e a buscar alternativas para retomar as suas vidas e os seus ofícios.

⁷⁹ Tivemos acesso à coleção microfilmada das revistas *Término* (Ohio), *Unveiling Cuba* (Nova York) e *Mariel* (Flórida) e é visível o relacionamento e camaradagem entre elas. As três revistas fazem parte da mesma coleção intitulada *Culture in Cuba* (P0909). As revistas *Término* e *Unveiling Cuba* são bilíngües; a revista *Mariel* circulava só em espanhol. As três revistas têm como peculiaridade a participação de vários artistas gráficos e escritores como, por exemplo, Jaime Bellechasse e Reinaldo Arenas que se destacam dentre outros. Reinaldo Arenas também participa do Comitê Editorial das revistas *Unveiling Cuba* e *Mariel*. Nesta última, também faz parte do Conselho Diretor.

Porém, eles se depararam com novos obstáculos para alcançar seus objetivos, não só artísticos e literários, como também os de sobrevivência, o que não era novidade para eles. O escritor Reinaldo Arenas, um dos líderes da *Geração Mariel* e o único que já era conhecido, tanto em Cuba como internacionalmente pelo sucesso de duas novelas publicadas no exterior, descreveu assim as dificuldades de adaptação à cidade de Miami e, principalmente, o conflito com a comunidade cubana lá estabelecida:

Desde luego, lo que quería decirme era que tenía que convertirme en todo un hombrecito machista. La típica tradición machista cubana en Miami ha logrado una especie de erupción verdaderamente alarmante. Yo no quise estar mucho tiempo en aquel lugar, que era como estar en la caricatura de Cuba; de lo peor de Cuba: el dime que te diré, el chanchullo, la envidia. No soportaba tampoco la catadura de un paisaje que no tenía ni siquiera la belleza insular; era como una especie de fantasma de la Isla; una península arenosa e infecta tratando de convertirse en el sueño para un millón de exiliados de tener una isla tropical, aérea y bañada por el mar y la brisa. En Miami el sentido práctico, la avidez por el dinero y el miedo a morirse de hambre, han sustituido a la vida y, sobre todo, al placer, a la aventura, a la irreverencia (ARENAS, 1992, p. 313).

Reinaldo Arenas não conseguiu adaptar-se ao estilo de vida que a comunidade de Miami impunha aos cubanos recém-imigrados. Ele deixa evidente, na passagem, que sua homossexualidade foi desde logo vista com preconceito e que em muitos aspectos culturais Miami o fez lembrar o pior de Cuba; mas, contudo, havia uma grande diferença! Ele podia deixá-la a qualquer momento e foi o que ele fez. Reinaldo Arenas foi para Nova York, para onde também foram os escritores René Cifuentes e Reinaldo García. O escritor Roberto Valero mudou-se para Washington. Já outros escritores e artistas permaneceram em Miami, como o dramaturgo Juan de Abreu e os escritores Carlos Victoria e Luis de la Paz. Não obstante, estavam tão distantes da comunidade cubana de Miami quanto os que se foram.

A *Geração Mariel* existia anteriormente ao próprio fenômeno Mariel, na forma de resistência, ainda que sem esta denominação e com objetivos diferenciados, ou pelo menos não delimitados. Contudo, a resistência de seus futuros integrantes a adaptar-se ao modelo proposto pelos revolucionários cubanos, e a facilidade com que se reuniram nos Estados Unidos da América, corroboram a hipótese de que havia uma oposição interna à revolução dentro da intelectualidade cubana, principalmente junto àqueles que foram afastados da UNEAC por razões políticas ou morais (especialmente por homossexualismo). O grupo de exilados cubano que passou a autodenominar-se “Geração Mariel” foi constituído a partir

do conflito político-social e ideológico que envolveu a nação cubana após a revolução de 1959. Estes exilados representariam uma dissidência do projeto revolucionário cubano, refratária ao projeto de construção do homem novo, e duramente visada com a radicalização das leis estabelecidas no Primeiro Congresso de Educação e Cultura de 1971.

A formação da *Geração Mariel* nos Estados Unidos da América deveu-se às relações que seus integrantes mantinham ainda na ilha e às experiências vivenciadas e expectativas frustradas, seja na revolução, seja no exílio, onde esperavam ser compreendidos e não marginalizados como ocorreu. A desilusão dos integrantes da “Geração Mariel” não era direcionada apenas à comunidade cubana de Miami, que como dito anteriormente, era anticomunista, em sua maioria de direita, e alinhada internamente ao Partido Republicano dos Estados Unidos da América. O grupo também entrou em conflito com a maior parte da esquerda norte-americana, que não dava crédito às denúncias de violações dos direitos humanos cometidas pelo governo revolucionário cubano, que o grupo insistia em chamar de ditadura castrista.

Dessa forma, a “Geração Mariel” criou uma revista-manifesto intitulada *revista Mariel de Arte y Literatural*. No conselho diretor da revista participaram Juan Abreu, Reinaldo Arenas e Reinaldo García Ramos. E no conselho de editores Juan Abreu, Reinaldo Arenas, René Cifuentes, Luis de la Paz, Reinaldo García Ramos, Roberto Valero e Carlos Victoria. A *revista Mariel de Arte y Literatura* contou com o apoio da antropóloga cubana Lydia Cabrera. Além disto, muitos artistas plásticos cubanos colaboraram com a revista: Zilia Sánchez, Jorge Camacho, Gladys Triana, Héctor Nieblas, Mijares, Juan Boza, Emilio Sánchez, Lydia Rubio, Gilberto Ruiz, Cárdenas, Ernesto Briel, Jesus Selgas, Ramón Alejandro, Gustavo Ojeda e Jaime Bellechasse (Cf. *Mariel de Arte y Literatura*, año II, No.8, invierno de 1985).

No lançamento da revista *Mariel de Arte y Literatura* em Nova York na primavera de 1983, foi convidado o escritor e professor Carlos Ripoll, que falou sobre as várias gerações de intelectuais cubanos e ofereceu ao público presente a proposta dos escritores e artistas *Mariel*, chamando a atenção aos elementos que devem conservar aqueles que desejam formar uma nova geração. A apresentação foi publicada no segundo número da revista e aponta algumas questões que os próprios escritores da *Geração Mariel* vão tentar esclarecer ao longo dos dois anos em que a revista é publicada:

¿Qué es una generación? Quien primero lo definió en términos modernos fue François Mentré, en 1920, al decir que el fenómeno surge por la “mentalidad particular” de unos individuos que se sienten ligados por una “comunidad de puntos de partida, de creencias y deseos”. Con estas observaciones se podría intentar un análisis de ciclo que ahora comienza, y ver cuales pueden ser sus características. Lo primero a que debe sentirse obligada una generación es a conservar su identidad, a dejarse llevar por lo más genuino de quienes la forman. Esta de 1983, los que llegan más o menos alrededor del éxodo del Mariel, por haberse desarrollado en un medio que les imponía un programa estético y de conducta en el que no intervinieron sus miembros, esa particularmente necesita de esa honradez. (...) Se ha de producir lo permanente porque el oficio de una generación es seleccionar e insistir en los contornos únicos de su imagen del mundo. Solamente el tiempo podrá darle el nombre definitivo a la generación de 1983, pero ahora no me parece un error llamarla del Mariel (Ripoll, Carlos. La generación del Mariel, año I, No.2, verano de 1983, p.29-30).

A resposta às questões lançadas na apresentação não tardou a chegar. O escritor Jesús J. Barquet, numa carta dirigida à revista *Mariel de Arte y Literatura* desde New Orleans em janeiro de 1984, assim argüi:

Es probable sí que un poco precipitadamente hayamos corrido a auto-definirnos, a recortar esa imagen virtual que tenemos de nosotros mismos pero ha sido para ganar en coherencia, en perspectiva coral, en destino literario, en resistencia contra el tiempo y el enemigo común, quien prefiere vernos dispersos, separados, inclasificables y por tanto desnaturalizados para más fácilmente derrotarnos. Porque nuestra autodenominación no fue nunca un proyecto teórico-especulativo sino una forma concreta de combatir una falsa imagen. La generación del Mariel aunque aun en ciernes su “peculiar perfil”, muestra ya orgullosa su “unidad” y sus “irradiaciones históricas” (Barquet, J. Sección Cartas, revista *Mariel de Arte y Literatura*, año I, No.4, invierno de 1984, p.25).

Dessa forma, Barquet esclarece que a idéia de unidade dos escritores e artistas que saíram pelo Mariel foi mais para apagar uma “falsa imagem”. Nesse sentido, a “Geração Mariel” toma forma de luta social como sugerem as considerações do sociólogo Axel Honneth (2003, p.257): “trata-se do processo prático no qual experiências individuais de desrespeito são interpretadas como experiências cruciais típicas de um grupo inteiro, de forma que elas podem influir, como motivos diretores da ação, na exigência coletiva por relações ampliadas de reconhecimento”.

As experiências de desrespeito e violações dos direitos humanos vivenciadas pela Geração Mariel tanto em Cuba como nos Estados Unidos da América levaram o grupo a se unir para sobreviver e serem reconhecidos. Segundo Axel Honneth,

Na vergonha social viemos a conhecer o sentimento moral em que se expressa aquela diminuição do auto-respeito que acompanha de modo típico a tolerância passiva do rebaixamento e da ofensa; se um semelhante estado de inibição da ação é superado agora praticamente pelo engajamento na resistência comum, abre-se assim para o indivíduo uma forma de manifestação com base na qual ele pode convencer-se indiretamente do valor moral ou social de si próprio: no reconhecimento antecipado de uma comunidade de comunicação futura para as capacidades que ele revela atualmente, ele encontra respeito social como a pessoa a quem continua sendo negado todo reconhecimento sob as condições existentes. Nesse aspecto, o engajamento individual na luta política restitui ao indivíduo um pouco de seu auto-respeito perdido, visto que ele demonstra em público exatamente a propriedade cujo desrespeito é experienciado como uma vexação. Naturalmente, aqui se acrescenta ainda, com um efeito reforçativo, a experiência de reconhecimento que a solidariedade no interior do grupo político propicia, fazendo os membros alcançar uma espécie de estima mútua (Honneth, 2003, p.259-260).

Talvez por essa razão, a “Geração Mariel” constituída basicamente por escritores, não defenda nenhuma orientação estético-literária generalizante. Jesús J. Barquet, ao procurar estabelecer um parâmetro intraliterário, comenta:

En términos estrictamente literarios, la propia denominación de ‘generación del Mariel’ resulta problemática y dudosa para muchos, por cuanto no responde a factores propiamente intraliterarios sino más bien a factores extra-literarios. En lo intraliterario, no creo posible detectar ninguna orientación estilística que sea común a todos: los caracteriza ‘la diferenciación’, afirma Valero (‘La generación’). Si bien en terreno semántico son detectables las huellas, más o menos evidentes, de un abordaje crítico a veces altisonante y abiertamente antioficialista de la realidad cubana posterior a 1959 (abordaje que hacia a muchos de estos autores impublicables dentro de la Isla), las formas literarias escogidas por cada autor para expresar ese descontento e irreverencia ante a cualquier autoridad se caracterizan por su eclecticismo y carácter antiprogramático (BARQUET, 1998, p. 110-111).

A citação de Barquet é fundamental, pois comprova uma das hipóteses iniciais desta investigação: a de que o grupo procurou construir uma identidade a partir das experiências e expectativas em Cuba e no exílio e que também lutou incansavelmente pelo reconhecimento social.

A luta pelo reconhecimento social foi manifestado várias vezes na revista *Mariel de Arte y Literatura*, em 1984, por exemplo, em um número destinado a discutir a homossexualidade em Cuba. No editorial intitulado: *Hablemos Claro*, os editores explicam suas posições relativas à temática,

Hace algunos meses, ante la inminente aparición en las pantallas del documental *Conducta Impropia* realizado por Néstor Almendros y Orlando Jiménez-Leal, algunos elementos liberales e izquierdistas norteamericanos (tanto favorables a Castro como menos sumisos) comenzaron a elaborar ideas y actitudes acerca de un tema sobre el que muchos de ellos no habían querido ni siquiera pensar antes: la persecución de las minorías bajo el régimen castrista, y en particular el tratamiento discriminatorio y opresivo que oficialmente se les da hoy en Cuba a los homosexuales (*Hablemos Claro*, revista *Mariel de Arte y Literatura*, primavera de 1984, Miami, p.9).

O editorial *Hablemos Claro* converte-se numa resposta ao texto “The Easy Convenience of Cuban Homophobia” das autoras Ruby Rich e Lourdes Arguelles publicadas na revista *The New York Native*, publicação gay de Manhattan, em outubro de 1983. Nesse número a revista preparou um dossiê dedicado aos “Gay Latins” e seus problemas. O tema principal foi o da homofobia cubana e nela apareceram, após o texto mencionado acima das autoras norte-americana e cubana, textos de Reinaldo Arenas e René Cifuentes. A polêmica levantada suscitou respostas de intelectuais cubanos e de ativistas do movimento gay norte-americano. A revista *Native* publicou as cartas dos cubanos Ana Maria Simó e Reinaldo García Ramos e dos norte-americanos Scott Tucker e Allen Young (Cf. revista *Mariel de Arte y Literatura*, primavera de 1984, p.9). A revista *Mariel de Arte y Literatura* ao retomar a discussão um ano mais tarde e rebate as principais questões levantadas pelas autoras Ruby Rich e Lourdes Arguelles, e publica novamente a polêmica, com exceção do trabalho das autoras (por elas não terem autorizado a publicação na revista *Mariel*)⁸⁰. Assim, o editorial responde: “es sintomático que estas autoras se sientan en el deber de hablar de los cubanos, pero no a los cubanos” (grifo do texto) (*Hablemos claro*, revista *Mariel de Arte y Literatura*, primavera de 1984, año II, No.5, p.9).

⁸⁰ A revista *Mariel de Arte y Literatura*, primavera de 1984, año 2, No. 5, realiza un dossiê com a temática *Los cubanos y el homosexualismo*. Vários textos se destacam entre eles: *Leyes cubanas contra el homosexualismo*, p.8; *Hablemos Claro*, p.9-10; Carta de Scott Tucker a *The New York Native*, p. 11; Cifuentes, René. *Los parámetros del paraíso*, p.12; Möller, Haidy G., *Los homosexuales en la Cuba actual*, p.13; Retrato de um cubano gay em Miami, entrevista de Ana Maria Simó a Alex Oyanguren, p.14-15.

A revista *Mariel de Arte y Literatura* enfatiza no seu editorial três pontos que Ruby Rich e Lourdes Arguelles utilizaram como argumentos para afirmar que a perseguição dos homossexuais por Castro não procede “entirely from homophobia” senão que obedece a:

1- a que los homosexuales cubanos no pudieron generar un movimiento de reafirmación y liberación en 1959-1960; 2- a que los homosexuales cubanos participaban masivamente en la prostitución, el tráfico de drogas y el juego que se practicaba en la Habana previo a 1959 y 3- que la atmósfera de histeria paranoide provocada por Playa Girón forzó al gobierno cubano a tomar medidas muy extremas contra sus posible enemigos internos (*Hablemos Claro*, revista *Mariel de Arte y Literatura*, primavera de 1984, año II, No.5, p.9).

São numerosas as questões levantadas no editorial *Hablemos Claro*; contudo, podemos resumir algumas delas. O conselho diretor da revista *Mariel de Arte y Literatura* nesse editorial apresentou algumas respostas às alegações das autoras Ruby Rich e Lourdes Arguelles. Em síntese, criticam as autoras por responsabilizar os homossexuais cubanos pela “homofobia castrista”. Ressaltando que, embora a homofobia seja um fenômeno cultural de Cuba e que de fato não tenha sido inventada pelo “castrismo”, e desta forma seja uma característica da cultura cubana. A sua institucionalização e a politização da homofobia são próprias deste sistema, a tal ponto que a sociedade cubana atual é inimaginável sem essa particularidade (*Hablemos Claro*, revista *Mariel de Arte y Literatura*, primavera de 1984, año II, No.5, p.9). Por outra parte, o artigo de Rich/Arguelles, segundo aponta o editorial, comete o mesmo erro de outros jornalistas e intelectuais norte-americanos, “analizar etnocentricamente los problemas de los países latinoamericanos segun patrones creados en Estados Unidos” (*Hablemos Claro*, revista *Mariel de Arte y Literatura*, primavera de 1984, año II, No.5, p.9).

O editorial *Hablemos Claro* assegura que acusar os homossexuais cubanos de não se organizarem num movimento político-social e de não terem produzido líderes entre 1959 e 1960 é anti-histórico, já que,

Cuba y los Estados Unidos no son idénticos ni la cultura ni las condiciones de aquellos años permitían tales empresas de definición de grupo: eran los años que precisamente la coherencia del apoyo a la revolución era más fuerte. Había sí, un fermento que hubiese dado lugar a un movimiento de ese tipo a mediados de los años 60 de no haberse iniciado enseguida la represión gubernamental o al menos el viraje muy temprano hacia el

conservadurismo (Hablemos Claro, revista *Mariel de Arte y Literatura*, primavera de 1984, año II, No.5, p.10).

O editorial ainda adverte que a tese de Rich/Arguelles “gay life was privatized (for the rich) or commodified in prostitution (for the poor)” é “alarmante”:

Que Rich/Arguelles insinúen a estas alturas que la homosexualidad es un rasgo de clase y que los pobres solo “caen” en ella por interés en el dinero. Resulta igualmente ridículo (y reaccionario) que establezcan una ecuación ineludible entre pobreza y prostitución. Es cierto que la homosexualidad estaba en Cuba anterior al 59, “privatizada” (o sea, en el closet) exactamente igual que en los Estados Unidos dicho sea de paso en esa época (Hablemos Claro, revista *Mariel de Arte y Literatura*, primavera de 1984, año II, No.5, p.10).

A controvérsia entre os editores da revista *Mariel de Arte y Literatura* e Ruby Rich e Lourdes Arguelles termina quando o editorial esclarece que enquanto as autoras preferem que não se discuta o tema da homofobia cubana devido a: “charges and countercharges of cuban homophobia play into a dirty political war”, o editorial enfatiza:

Debemos decir que, por el contrario, el mejor favor que se puede hacer a los homosexuales norteamericanos que han caído en un estado de auto-complacencia pese a las fuerzas que los amenazan, es ventilar el asunto. Rich/Arguelles se contradicen pues antes dijeron que las Umaps terminaron debido a la presión externa. ¿No creen Ruby Rich y Lourdes Arguelles que la discusión ahora podría mejorar la situación, ya que tienen tanta fe en el “Máximo Líder”? (Hablemos Claro, revista *Mariel de Arte y Literatura*, primavera de 1984, año II, No.5, p.10).

A esquerda ocidental, e não só a dos Estados Unidos da América, não admitia, como foi demonstrado na polémica entre Ruby Rich e a revista *Mariel de Arte y Literatura*, salvo poucas exceções, manifestações contra a revolução cubana naquele momento. Até mesmo os críticos de esquerda ao regime cubano e à União Soviética acreditavam que se manifestar em 1980 contra a revolução cubana seria o mesmo que apoiar os Estados Unidos da América e sua agressiva política internacional presidida pelo conservador Ronald Reagan, principalmente na América Latina; ou ainda, apoiar as ditaduras militares que recobriam quase toda a região. Desta forma, o mundo ainda vivia a dicotomia da Guerra Fria: ou se era a favor da revolução cubana, ou se era a favor do imperialismo norte-americano. Naquele momento histórico específico, o horizonte de expectativa da

comunidade internacional estava aprisionado a esta dicotomia, por certo reducionista, mas historicamente construída.

A *Geração Mariel*, juntamente com a sua revista *Mariel de Arte y Literatura*, são a manifestação, tanto da opressão e do estigma que vivenciaram em Cuba, quanto do estigma que ainda viviam no exílio, principalmente junto à comunidade cubana de Miami. A proposta de identidade Geração Mariel foi uma alternativa encontrada para se diferenciarem dos demais projetos cubanos em curso. BARQUET (1998) afirma não encontrar razões e características de um movimento literário propriamente dito. O que há de comum entre os autores da revista é a manifestação do descontentamento frente aos preconceitos manifestados na cultura cubana em Cuba e no exílio, que conseguiu unir os seus discursos por meio da rejeição a algumas características discriminatórias. No exílio, a Geração Mariel descobriu que não eram aceitos nem pela esquerda nem pela direita da sociedade cubana, mas sim considerados um grupo estigmatizado, do qual todos procuravam se afastar. A consciência dessa revelação é o que fez os representantes do grupo se unirem na luta pelo reconhecimento de suas trajetórias de vida, narradas agora por eles próprios. Longe das alternativas existentes, que os viam como um estorvo social entre os dois adversários políticos históricos que se acusavam um ao outro pela constrangedora existência deles.

A falta de suporte e a rejeição caracterizada pelo uso do termo “marielitos”, conotativo de preconceitos sexuais e de classe levam a “Geração Mariel” a um confronto com a própria cultura cubana e suas tendências sexistas e excludentes comuns na cultura política da América Latina.⁸¹

A revolução de 1959 foi bem recebida pelas camadas populares, das quais advinham os integrantes do grupo, em sua maioria. O distanciamento dessas pessoas da revolução deu-se pelo autoritarismo e preconceito do comando revolucionário, quando este optou pela radicalização de um modelo para a juventude cubana que, como vimos no cap. 1 desta tese, esteve presente desde os primeiros anos da revolução.

Uma das características mais marcantes da “Geração Mariel” era que muitos de seus integrantes se assumiam como homossexuais. Em Cuba, os dirigentes revolucionários viam o homossexualismo, como foi visto anteriormente, como uma conduta anti-social,

⁸¹ Ver Revista *Mariel de Arte y Literatura*. New York, 1983-1985.

uma anomalia que devia ser repreendida e sanada. Muitos integrantes do grupo estiveram nos campos de recuperação social da UMAP, até seu fechamento em 1968 e, depois, nas granjas do Estado cubano, destinado à recuperação de jovens com desvio ideológico ou moral e para sua reabilitação social. Outros, com menos sorte, estiveram presos em presídios comuns, acusados de corrupção de menores, entre outras possibilidades de condenação jurídica de um homossexual ao cárcere. Entre estes, encontrava-se Reinaldo Arenas, que denunciou o governo cubano por ter simulado um processo político para condená-lo, sendo que, na verdade, o único crime que havia cometido era o de ser homossexual em Cuba e criticar o governo. ARENAS (1992) afirmou que tanto dentro do PCC como da administração havia homossexuais que, evidentemente, não declaravam sua opção sexual publicamente, mas o eram notoriamente, inclusive com envolvimento em escândalos, e que tais fatos eram constantemente abafados pelo próprio partido e pela imprensa cubana. Segundo ele, o problema não era ser homossexual e sim de manifestar publicamente essa condição vista pela revolução como inapropriada.

A falta de liberdade de expressão era outra denúncia do grupo, pois vários de seus representantes caíram em desgraça na ilha por terem escrito algo que foi visto pelos dirigentes como propaganda contra-revolucionária. Depois disto, foram impedidos de publicar novamente, além de perderem seus empregos de origem. Desta forma um jornalista ou um escritor era demitido por emitir opiniões divergentes de algum pressuposto revolucionário e não era mais admitido em sua profissão e passava, então, a sobreviver de um trabalho que não suportava realizar ou simplesmente ficava desempregado e passaram a sobreviver de forma precária. Esta última opção foi a escolha da maioria dos integrantes da futura “Geração Mariel”.

Não foram somente os escritores que tiveram problemas desta natureza. Havia também professores, artistas, militares, políticos, entre tantas outras profissões. Enfim, ou se estava de acordo com os pressupostos dos dirigentes da revolução ou contra eles. Na ilha, não havia possibilidade de oposição interna ou qualquer alternativa. Os futuros integrantes da “Geração Mariel” fizeram a sua opção: passaram a ser contra. A opção levou-os a condição de dissidentes do regime. Na ilha, viviam em constante isolamento. Amigos e colegas de profissão haviam se afastado por orientação do Partido Comunista de Cuba, ou de seus superiores no trabalho, ou

simplesmente por prudência. No exílio passam a conviver com o isolamento causado pelo desterro da imigração que era ampliado pelas divergências políticas com os norte-americanos de esquerda e de direita e pela maioria da comunidade cubana de Miami. Carlos Victoria, um dos representantes do grupo, comenta a esse respeito:

En el exilio en Estados Unidos hemos sido, para usar un término en inglés, unos *outsiders*. Nuestra insatisfacción no nos ha permitido sumarnos a ningún movimiento político, a pesar de que casi todos odiamos el régimen de Cuba. Y esta misma insatisfacción, que entre otras formas se filtra en nuestros textos al poner en evidencia las faltas, no sólo de allá, sino también de aquí, nos ha vuelto sospechosos a los ojos de la gente que más debía tomarnos en cuenta: nuestros propios compatriotas en un país que nunca será el nuestro, a pesar de que muchos llevamos en los pasaportes el engañoso sello de ciudadanos norte-americanos (VICTORIA, 1998, p. 133).

Essa citação nos permite conceber a situação do grupo no exílio como a de náufragos. Não haviam conseguido adaptar-se à sociedade norte-americana e não poderiam retornar à ilha, como alguns desesperados, poucos na verdade, propuseram ao governo cubano. A resposta que obtiveram foi que não eram mais cidadãos cubanos e que, se retornassem, poderiam responder a crimes, tais como o de propaganda contrarrevolucionária, o que impedia o retorno dos refugiados até mesmo como turistas. Restavam, como disse VICTORIA (1998), os compatriotas, ou seja, a comunidade cubana exilada. Mas, esta também se recusou a estender as mãos a estes náufragos da sociedade cubana, restando-lhes como alternativa apenas refugiarem-se em si mesmos, o que fizeram assumindo a identidade que lhes era permitida sem causar constrangimento a ninguém: a de *marielitos*.

Eram cubanos de nascimento que haviam se alimentado dessa cultura durante a maior parte de suas vidas, até que, carregados por uma tormenta, chegaram ao outro lado do Estreito da Flórida, ou “al norte del infierno”, como foi denominado por Miguel Correa em livro homônimo, renascendo neste novo mundo não somente como cubanos, mas antes de tudo como uma “Geração Mariel”, construída a partir das experiências comuns e do isolamento na Ilha. Vejamos como Miguel Correa define a identidade do grupo:

La misma palabra ‘Mariel’ explica nuestra procedencia: escapados de Cuba. Los artistas que integran esta generación son los que, de una forma u otra, ‘formó’ la dictadura comunista de Fidel Castro en veintitantos años de histeria y represión. Creo que no ha existido un grupo generacional con un marco histórico tan extremadamente uniforme, tan idéntico, como el

nuestro. Las mismas rejas que estrenó René Ariza, las conocieron Valero y Arenas. La misma represión sin salida, el mismo ciclo de persecuciones y arrestos, los mismos interrogatorios infernales. Las purgas y los trabajos forzados los conocimos todos en el mismo país y casi hasta a la misma hora. Las mismas amenazas, el chantaje comunista (el más cruel de todos los tiempos modernos) y el acoso físico los sufrimos todos a la vez. Es que hasta nuestros sufrimientos, nuestros sueños y alegrías son tan similares que talmente parece que salimos todos de la misma madre. Y es eso realmente. Salimos todos de la madre (mejor dicho, del coño de la madre) de la opresión y del dominio absoluto de un hombre (CORREA, 1983, p. 31).

O autor deixa claro que a identidade do grupo está nas experiências e expectativas comuns compartilhadas na ilha por seus futuros integrantes. A narrativa de Correa é um exemplo claro da viabilidade da meta-história como campo de conhecimento histórico. Em um parágrafo, encontra-se a semântica dos tempos históricos defendida por KOSELLECK (1993), pois nele o passado, o presente e o futuro se encontram no processo de construção da identidade Mariel.

Todos los testimonios se responsabilizan de como se elaboran experiencias del pasado en una situación concreta y como expectativas, esperanzas o pronóstico se discuten en el futuro. (...) La hipótesis es que en la determinación de la diferencia entre el pasado y el futuro o, dicho antropológicamente, entre experiencia y expectativa se puede concebir algo así como el tiempo histórico (KOSELLECK, 1993, p. 15).

Nos Estados Unidos da América, o grupo tomou consciência de que não estava inserido em nenhum dos dois grandes projetos nacionais cubanos: seja o da revolução em curso na ilha desde 1959 ou o dos compatriotas emigrados anteriormente em Miami. Foi a partir dessas considerações que o grupo procurou uma identidade no exílio, um porto solidário em que poderiam encontrar o que ainda não havia conseguido em nenhum outro lugar, o reconhecimento social. Mas quem poderia compreendê-los? A resposta encontrada pelo grupo foi que somente os cubanos que haviam chegado ao exílio pelo porto de Mariel, e que haviam compartilhado as mesmas experiências de humilhação e de estigma por eles passados, teriam capacidade para compreendê-los. Em 1981, quando a *Revista Mariel de Arte y Literatura* talvez não fosse ainda sequer um projeto, Reinaldo Arenas afirmou em um artigo: “La generación del Mariel es la generación de exiliados cubanos que padecieron veinte años de dictadura.” (ARENAS, 1981, p.11)

Arenas escreveu este artigo em 1981, o que demonstra que a revista foi mais um instrumento de afirmação da construção da identidade Mariel do que uma proposta estética-

literária. O que fica claro é que a identidade “Geração Mariel” surgiu antes da revista, e que está não foi apenas um projeto editorial. Em 1983, a revista já encontrava colaboradores e também já tinha um pequeno público especializado que conhecia a proposta, por ter lido um ou outro artigo do grupo, como o de Arenas.

Outra questão importante no texto de Arenas é a afirmação de que a “Geração Mariel” é a geração de exilados cubanos que passou 20 anos sob uma ditadura, o que, antes de tudo, a diferencia da comunidade cubana de Miami. Este dado comprova a tese de CORREA (1983, p. 31) de que o grupo tem como principal vetor de identidade as experiências que foram obrigados a compartilhar na ilha. Mas há uma diferenciação entre estas duas citações. Enquanto ARENAS (1981) engloba todos os que saíram pelo porto de Mariel, CORREA (1983) refere-se apenas ao grupo de escritores e artistas que mantinham contato entre si, e que formam o grupo, ou seja, um determinado espaço de experiência e um certo horizonte de expectativa muito mais restritos. Qual das duas citações é mais fiel ao projeto de identidade da “Geração Mariel”? A resposta perpassa as duas alternativas.

A “Geração Mariel” foi constituída por um grupo de artistas e principalmente escritores cubanos, dissidentes da revolução, que saiu da ilha em 1980 pelo porto de Mariel. O principal objetivo do grupo, reagindo às frustrações no exílio, foi construir a revista *Mariel de Arte y Literatura* que surgiu como uma forma de denúncia do estigma imposto a toda uma geração de cubanos, seja na ilha, ou no exílio. No primeiro editorial assim eles afirmam, “La revista Mariel, que en este primer número ha sido totalmente financiada por quienes llegamos hace tres años a Norteamérica sin un centavo tendrá en primer lugar la finalidad de servir de vehículo a los escritores, artistas de la Generación del Mariel” (Editorial, revista *Mariel de Arte y Literatura*, año 1, No.1, primavera de 1983, p.2).

A revista foi um manifesto para a definição do seu projeto de identidade. Por outro lado, uma grande parte dos que colaboravam com a revista e eram considerados, além de se considerarem integrantes da Geração Mariel, jamais acreditou que a “revista-manifesto” pudesse passar de um projeto literário alternativo, como tantos outros existentes, e escreviam mais para expressar o que há muito havia sido reprimido, do que pelo sonho de formar uma nova consciência social, por menor que fosse. O editorial do primeiro número da revista *Mariel de Arte y Literatura* esclarece,

No hemos venido al exilio en esquemas de bienestar, o a detenernos en anécdotas pueriles o en chismorreos de salón; hemos venido a realizar

nuestra obra. La persecución diaria y la miseria moral y física sufrida en Cuba nos enseñaron muy bien cuales son las cosas esenciales que nos salvarán de la desesperanza y del silencio, y cuales serán tragadas por la intrascendencia o utilizadas sagazmente por nuestro enemigo (Editorial, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año I, No.1, primavera de 1983, p.2).

Mas as divergências não foram externadas durante os anos em que a revista foi editada. Os que eram céticos diante das pretensões do projeto da revista e do próprio grupo ao qual eles também pertenciam não contrariavam os demais, e tampouco iniciaram uma polêmica a esse respeito, enquanto a revista existiu. A revista *Mariel de Arte y Literatura* e os seus representantes preferiam enfrentar adversários comuns a polemizarem consigo mesmo quanto a uma definição rígida sobre o que seria a Geração Mariel. De certa forma eles estavam mais convencidos do que não eram.

Como já foi visto, o grupo se autodenominou “Geração Mariel” ainda em 1980 e a maioria de seus integrantes se conhecia em Cuba há anos, desde uma época em que o nome Mariel pouco lhes dizia. A proposta de identidade Mariel evidentemente não teve como objetivo excluir a identidade nacional cubana. Tratava-se de elaborar uma nova narrativa que conciliaria a identidade cubana, mas que se diferenciaria de outras narrativas cubanas então existentes no interior dessa identidade cultural ao qual o grupo pertencia, já que, como observa Cristian Méier, não se deve falar em identidade apenas no singular, mas simultaneamente no plural,

Em outras palavras: não existe apenas a ‘identidade-eu’, mas também a ‘identidade-nós’. Cada um de nós vive não apenas na primeira pessoa do singular, mas, ao mesmo tempo, na primeira pessoa do plural. (...) Somos, por um lado, um ‘eu’ e, por outro, partes de diferentes ‘nós’ e essas pertenças se mesclam em nossa consciência, podendo, inclusive, sob determinadas circunstâncias, levar a conflitos de uma com a outra (MEIER, 1989, p. 331).

Cristian Méier trabalha com a coexistência de identidades distintas num mesmo indivíduo, como se pode observar na citação. A Geração Mariel conviveu com algo semelhante ao que descreve Méier, seus representantes possuíam a identidade nacional cubana. Mas após os episódios da primavera de 1980, a cidadania cubana lhes foi retirada junto com todos os seus emblemas contemporâneos tais como: o passaporte e a carteira de identificação, etc. Além de terem sofrido fortes protestos coletivos de repúdio antes de deixar a ilha. O estranhamento e a rejeição da maioria dos cubanos de Miami que eram

adversários do regime cubano vigente, e as manifestações de estigma por parte dos cidadãos-norte-americanos pioraram o sentimento de desterro e de não pertença. Porém, mesmo assim, continuavam a se sentir cubanos. Não é possível apagar da memória toda as expressões de uma cultura que se vivenciou desde a infância. Seus valores e suas expressões como a língua, costumes e formas de entretenimento etc. O que realmente se pode fazer é o que fez a “Geração Mariel”: declarar sua indignação e se afastar do projeto ou dos projetos nacionais. Mas a identidade cultural cubana com todas as suas formas de manifestação, continua presente em cada indivíduo desterrado do grupo, ainda que à sua própria revelia.

Outro ponto que deve ser considerado a respeito da identidade nacional, é que ela não pode ser vista como uma fonte mecânica de coesão, mas sim como um campo de tensões, onde vários segmentos têm projetos e objetivos distintos e procuram, por todos os meios, torná-los hegemônico. A complexidade da vida moderna amplia a dificuldade de compreensão e coerência destes projetos de identidades que se confrontam dentro de cada grupo social e mesmo de cada indivíduo. Stuart Hall comenta a respeito:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2001, p. 13).

Acreditamos nessa polissemia de significados, pois é realmente impossível pensar que exista uma identidade capaz de aglutinar toda a complexidade de uma sociedade em torno de si sem gerar as suas próprias contradições. O grupo que estamos analisando aqui não deixou de pertencer à identidade nacional cubana e a tudo que a envolve, somente por abraçar a identidade Mariel, mesmo que alguns dos seus membros assim o tenham desejado. Sempre existiram segmentos excluídos da representação simbólica que denominamos identidade nacional ou, pelo menos, subordinados numa situação periférica. O que ocorreu com o grupo Mariel foi a inclusão de uma nova identidade, contudo, sem a eliminação da identidade nacional cubana, embora tenha sido estabelecida uma nova fronteira que, provavelmente, culminou, ou, culminará, em uma nova proposta de representação da “cubanidade”.

Por isso, hoje cresce cada vez mais o interesse por correntes de pensamento que buscam interpretar, ou mesmo desconstruir, os processos de construção simbólico-cultural que, por vezes, são utilizados como justificativa dos mais variados projetos holísticos e que, não raro, sufocam os grupos não hegemônicos inseridos como atores coadjuvantes nestes projetos.

O grupo autodenominado “Geração Mariel” tomou consciência de sua condição marginal dentro da sociedade cubana e decidiu lutar contra essa condição no exílio. Como dito anteriormente, o grupo tomou consciência de não estar inserido, nem no projeto de nação idealizada pela cúpula da revolução, nem tampouco no projeto de retorno da comunidade cubana de Miami.

A “Geração Mariel” descobriu que carregaria sempre o seu estigma, ou melhor, os seus estigmas, indiferentemente de qual dos dois projetos nacionais viesse a prevalecer no futuro. O caminho encontrado pelo grupo foi fugir da dicotomia histórica entre o governo revolucionário cubano e a comunidade cubana de Miami e apresentar seu próprio projeto, ou seja, a alternativa Mariel de identidade como seu projeto de reconhecimento social. A revista *Mariel de Arte y Literatura* seria encarregada de difundir esse projeto, como indica após completar um ano o editorial intitulado “Más que un episodio Mariel”,

Si hace cuatro años, el éxodo del Mariel nos hizo ver en el nombre de ese puerto la plasmación en un solo vocablo de todas nuestras esperanzas de supervivencia, queremos ahora que el nombre de nuestra revista retenga para otras su vibración liberadora (Más que un episodio Mariel, revista *Mariel de Arte y Literatura*, año II, No.5, primavera de 1984, p.2).

A força liberadora que a revista prega nos faz acreditar que a Geração Mariel estava em meio à luta pelo reconhecimento de uma identidade própria e de sua auto-imagem.

2.3- A revista *Mariel de Arte y Literatura* e a sua comunidade de leitores

Colocado o objetivo do grupo, tem-se algumas questões a solucionar. Como a “Geração Mariel” poderia unir todos os milhares de refugiados cubanos de 1980 em torno de um novo projeto de reconhecimento? O que os unia além da condição marginal em que

viveram em Cuba e no exílio nos Estados Unidos da América? Como atingir a esta comunidade de leitores? E, finalmente: o grupo teve êxito no desafio de aglutinar milhares de refugiados cubanos em torno de sua proposta de identidade? As respostas para estas questões passam pela revista *Mariel de Arte y Literatura*. Vejamos como o grupo se apresenta aos leitores em seu primeiro número:

Rechazamos cualquier teoría política o literaria que pueda coartar la libre experimentación, el desenfado, la crítica y la imaginación, requisitos fundamentales para toda obra de arte. Un arte doctrinal es lo opuesto a la verdadera creación (Editorial, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año I, No.1, primavera de 1983, p. 2).

A revista era uma espécie de front de batalha criado pelo grupo para alcançar seus objetivos. A Geração Mariel pretendia lutar com suas próprias armas, a narrativa, contra a sua condição marginal imposta na cultura cubana. E também criticar e se posicionar com respeito aos valores da arte numa sociedade como a cubana e noutra como a norte-americana; neste sentido, o editorial da revista *Mariel de Arte y Literatura* declara:

También bajo el capitalismo muchos escritores caen en la trampa, o en la tentación, de convertir su obra en una mercancía que les permita vivir holgadamente. De creadores pasan al plano de productores. De ahí los peligros muy evidentes que conspiran en la actualidad contra la verdadera obra de arte: el mercantilismo de la creación en Occidente, y el burocratismo de la llamada cultura en los países comunistas, donde el artista o es un funcionario del sistema, o un delincuente al cual se silencia, encarcela, fusila o expulsa ((Editorial, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año I, No.1, primavera de 1983, p.2).

Desta forma os editores da revista *Mariel de Arte y Literatura* reafirmavam a necessidade, o caráter e existência da arte como sua principal forma de expressão. Uma arte sem amarras,

No existe un arte mercantil, como no hay un arte doctrinario. La literatura no es ni siquiera un oficio; es un sacrificio y una fatalidad, un placer y una maldición. Toda obra de arte es un desafío, y por lo tanto, implícita o explícitamente, es una manifestación y un canto de libertad (Editorial, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año I, No.1, primavera de 1983, p.2).

Desse modo, a revista como possibilidade de expressão para que esses escritores e artistas, dado que a maioria deles quase não havia conseguido publicar em Cuba, principalmente por razões políticas e, ou de conduta, e não lograram, tampouco em sua maioria, publicar em Miami. Isto se devia não só à barreira do idioma, mas principalmente

por não terem conseguido agradar à comunidade cubana da cidade, a qual detinha uma grande influência sobre o que merecia ou não ser publicado, devido a seu poder político-econômico, já que era essa comunidade que subsidiava as revistas e os livros publicados por cubanos em espanhol. Não havia muitas opções fora de Miami para um escritor cubano sem renome, principalmente se ele só escrevesse em espanhol e não dominasse fluentemente o inglês, como era o caso da maioria em 1983. Os poucos que conseguiam publicar sem o apoio da comunidade o faziam na maioria das vezes com seus próprios recursos e, quase sempre, em edições muito limitadas, em todos os sentidos imagináveis. No primeiro editorial da revista *Mariel* essas condições foram assim expressas:

No han sido suficientes tres años para que toda la verdad de Mariel salga a la luz, pero han bastado para permitir que un grupo de creadores que abandonamos Cuba en aquella ocasión hayamos consagrado nuestros esfuerzos y escasos ahorros a la creación de esta revista (editorial, revista *Mariel de Arte y Literatura*, año I, No.1, primavera de 1983, p.2).

A revista *Mariel de Arte y Literatura* não teve alternativa, e também foi inteiramente patrocinada por seus colaboradores e poucos simpatizantes. Durante os dois anos de sua existência, com seus oito volumes, a publicação só pôde ser feita graças à tenacidade dos representantes do grupo, que a mantiveram sem qualquer apoio oficial, como descreveu Reinaldo Arenas:

Se decidió fundar con todos aquellos marielitos la revista Mariel. Aquella revista se hizo debajo de una mata de pino cuando yo fui a visitar a Juan en Miami; no teníamos, desde luego, ningún local ni la menor idea de cómo hacer una revista; tampoco teníamos un centavo. La asesora literaria de la revista fue, sin embargo, Lydia Cabrera, quien se brindó de manera entusiasta a ayudarnos. La revista tenía que ser costeadada por nosotros mismos, que teníamos que imponernos una cuota y pagarla rigurosamente. Nunca contamos con ninguna ayuda oficial. Era como el renacimiento de aquella revista que llamamos *Ah, la marea* y que hacíamos clandestinamente en el parque Lenin. Todos estábamos casi en la miseria, pero sacrificamos el poco dinero que ganábamos para crear aquella revista; fue para nosotros un gran acontecimiento. (ARENAS, 1992, p. 319).

A revista significava a única possibilidade de expressão que os representantes do grupo poderiam ter naquele momento, ainda que à custa do sacrifício pessoal de seus integrantes. Publicar representava para os escritores exilados da “Geração Mariel” a realização de um antigo sonho pessoal. Na citação acima, ARENAS (1992) refere-se a uma outra revista em que ele e alguns integrantes do grupo pretenderam escrever

clandestinamente em Cuba. Embora esta revista não tenha passado de um projeto, já que esta jamais foi distribuída em Havana, nem mesmo de forma clandestina, isto comprova que o grupo, ou parte importante dele, não se encontrou apenas no exílio, mas que já tinha contatos e afinidades na ilha. Se eles ainda não haviam escrito uma revista como a *Mariel de arte y literatura*, foi unicamente pela falta de liberdade de expressão em Cuba.

No que diz respeito à estrutura, a revista *Mariel de Arte y Literatura* era formada por varias seções. A primeira era chamada de “Confluências” ou “homenagens” aos intelectuais cubanos vivos ou não, que tivessem permanecido em Cuba ou no exílio. Segundo os próprios editores,

En esta sección nos esforzamos por rescatar obras poco conocidas en nuestra cultura, o que hayan sido deformadas o silenciadas por la burocracia del castrismo. Si los artistas que las crearon han dejado de existir, sus obras confluyen hacia nosotros, para que nos iluminemos con su esplendor. Cada obra será seguida de un ensayo que intentará contribuir a su correcta apreciación (Confluencias, revista *Mariel de Arte y Literatura*, año I, No.1, primavera de 1983, p.18).

A primeira seção de “Confluencias” da revista *Mariel de Arte y Literatura* foi dedicada a Lezama Lima, sendo apresentado um texto desconhecido do autor, que foi um dos mais conceituados escritores cubanos do século XX, e conviveu com alguns dos representantes da “Geração Mariel” desde o período da revolução até a sua morte em 1976. O artigo de Lezama Lima foi seguido de um ensaio de Reinaldo Arenas intitulado *El reino de la imagen* com o intuito de discutir as idéias do escritor cubano. (Cf. Confluencias, Lezama Lima, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año I, No.1, primavera de 1983, p. 18-20). A prática de homenagear expressões da literatura cubana e internacional foi quase uma regra nos números subseqüentes.

Na segunda seção de “Confluencias” foi homenageado o escritor cubano Virgilio Piñera. Foi publicado seu poema *La Isla en peso* acompanhado de um ensaio de Reinaldo Arenas intitulado *La isla en peso con todas sus cucarachas* (Cf. Confluencias, Virgilio Piñera, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año I, No.2, verano de 1983, p. 17-21). Na terceira seção de Confluencias foi apresentado um escritor cubano que mora no exílio chamado Labrador Ruiz, sendo sua obra discutida pelo ensaio *La narrativa de Labrador Ruiz*, de Elio Alba Buffil (Cf. Confluencias, Labrador Ruiz, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año I, No.3, otoño de 1983, p. 18-20). Na quarta seção de Confluencias foi

apresentado um texto desconhecido do escritor Carlos Montenegro e os comentários de Marcia Morgado num trabalho intitulado *No muy lejos del mar*. (Cf. *Confluencias*, Carlos Montenegro, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año I, No.4, invierno de 1984, p. 18-20). Na quinta seção de *Confluencias* foi homenageado o poeta cubano do século XIX José Manuel Póveda, seguido do ensaio de Reinaldo Garcia Ramos intitulado *Poveda, nuestro aspirante a maldito* (Cf. *Confluencias*, José Manuel Poveda, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año II, No.5, primavera de 1984, p. 18-20). A sexta seção de *Confluencias* foi dedicada a vários poetas e escritores cubanos, dentre eles José María Heredia, Juan Clemente Zenea e Gertrudes Gómez de Avellaneda; o ensaio crítico foi realizado por Reinaldo Arenas e se intitulou *Desgarramiento y fatalidad en la poesia cubana* (Cf. *Confluencias*, José María Heredia, Juan Clemente Zenea y Gertrudes Gómez de Avellaneda, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año II, No.6, verano de 1984, p. 20-23). A sétima seção de *Confluencias* foi dedicada a Gastón Baquero. E o ensaio de apresentação se intitula “*Notas para una posible lectura de Gastón Baquero*”, apresentado por Pio Serrano (Cf. *Confluencias*, Gastón Baquero, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año II, No.7, otoño de 1984, p. 18-20). O último número da revista *Mariel de Arte y Literatura* foi uma homenagem de principio ao fim, em todas suas seções, ao poeta, político e escritor cubano José Martí. (Cf. José Martí, revista *Mariel de Arte y Literatura*, Año II, No.8, invierno de 1985, p. 1-28).

A revista não só rendia homenagens, mas por diversas vezes também criticava e ironizava autores cubanos consagrados dentro e fora da ilha, numa dialética de aproximação e repúdio à cultura cubana. A revista sempre alternou textos de crítica literária, ensaios sobre a literatura cubana, reproduções obras de artistas plásticos pertencentes ao grupo e textos políticos nos quais os alvos eram ora a comunidade cubana de Miami, ora a esquerda norte-americana e, sobretudo, o governo cubano e Fidel Castro. Ainda no primeiro volume da revista pode-se observar outro manifesto político do grupo:

Estamos contra el colonialismo y por la verdadera liberación de los pueblos, estamos por la libertad y el desarrollo de la humanidad, por eso estamos contra Fidel Castro y contra cualquier tipo de dictadura, venga de donde venga. No podemos admitir la ideología de muchos intelectuales que defienden "sus pobres" pero tienen sus esclavos. Desafiamos a los defensores y apañadores del castrismo a que nos rebatan un sólo punto de los que aquí enumeramos. Los desafiamos a vivir en Cuba, pero con las mismas restricciones, leyes y humillaciones que padece allí nuestro pueblo.

Basta ya de hipocresía bien remunerada. No se puede ser antifascista y amparar los campos de concentración, la represión y el crimen (ARENAS, 1983, p.4).

A passagem é uma crítica áspera às esquerdas norte-americanas e latino-americanas que os acusavam de reacionários por terem migrado de Cuba para os Estados Unidos da América. Apesar de ter como principal alvo o governo cubano, a revista se diferenciava das demais revistas elaboradas por imigrantes e refugiados políticos cubanos no exílio, que quase sempre manifestavam apoio quase irrestrito à comunidade de Miami e ao país que os acolheu. A revista *Mariel de Arte y Literatura* era crítica a quase todos que a cercavam e manteve-se independente de qualquer instituição até a desistência dos seus membros de continuar a publicá-la, dois anos após o seu lançamento.

A *Geração Mariel* teve como objetivo combater a todos os que os rejeitaram e os perseguiram, além de discutir os estigmas que lhes foram impostos, como o homossexualismo visto como uma anomalia na sociedade cubana em geral. As críticas à sociedade cubana não se limitavam ao seu governo e a Fidel Castro, já que a maioria da população da ilha em 1980 apoiara incondicionalmente a revolução e seus líderes e, como não poderia ser diferente, compartilhava os mesmos preconceitos que estavam impregnados na cultura cubana antes da própria revolução. Deve-se fazer a ressalva de que muitas pessoas não protestavam temendo represálias. Mas, com efeito, em 1980 o governo tinha uma alta popularidade e contava com a cumplicidade da maioria da população cubana. A Marcha del Pueblo Combatiente em Havana contra os que saíam pelo porto de Mariel, os protestos por toda cidade e os atos de repúdio no porto expressaram o apoio da maioria da sociedade cubana à revolução e ao seu governo em 1980.

O caráter conservador da sociedade cubana no que se refere ao que convencionalmente se chama de “minorias”, e que não é característica apenas da cultura local, favoreceu a aceitação do discurso oficial cubano durante o fenômeno Mariel. Este, aliás, é um dos motivos pelos quais esse discurso encontrou tanta ressonância na comunidade cubana de Miami. A resistência ao discurso e à sua ressonância através do Atlântico é também a razão pela qual o grupo tinha como proposta uma identidade que fosse comum a todos os que tivessem passado pela experiência de discriminação, bem como de afastamento de outros segmentos da sociedade cubana, tanto na ilha quanto no exílio.

O ato de abandonar o país em que nasceram, na qualidade de dissidentes de uma revolução socialista, não foi uma tarefa fácil. Eles não tinham simplesmente abandonado o sonho revolucionário. Eles haviam pedido asilo político justamente à maior potência capitalista do mundo e que, historicamente, sempre foi vista como o maior inimigo da independência cubana e da autonomia latino-americana. Carlos Victoria comenta o drama psicológico pelo qual ele passara naqueles anos:

Me habían dicho durante tanto tiempo que yo no valiera nada, que al negar aquello que llamaban la patria o el socialismo o la revolución (o cualquiera de esos tantos nombres) yo negaba mi propia condición humana, mi dignidad, mi talento creador, que a la larga comencé a creer que nada valía nada, ni esos nombres ni esa isla ni yo. (...) Y en ese instante retumbó el disparo. Ver a Cuba metida en esa fiebre, donde se desataron los instintos más bajos (el vejar y golpear a un compatriota porque decide abandonar su tierra), ver por la primera vez la posibilidad de una fuga de una vida que se pareciera a lo que vagamente yo entendía por vida, me despertó un instinto que tenía por muerto. El instinto del cambio (VICTORIA, 1998, p. 133).

Como descreve o autor, abandonar a pátria, a revolução socialista, a família e os amigos que não compartilhavam das mesmas opções políticas causou muitos conflitos psicológicos nestes indivíduos. Todo ato de exílio político traz consigo o conflito de adaptação a um novo país e aos sistemas de valores de outra cultura, o que leva a um processo de auto-afirmação. A Geração Mariel precisava justificar as razões que os levaram a abandonar a ilha e a sua revolução. Necessitavam denunciar as condições em que haviam vivido em Cuba e em que viviam nos Estados Unidos América, e conchamar aos demais “marielitos” a juntar-se a eles para construir uma nova comunidade a partir das experiências e frustrações comuns, seja na ilha, seja no exílio, pois embora o grupo fosse composto de intelectuais e artistas isso não quer dizer que não desejassem atingir a uma comunidade leitora mais ampla.

Durante os anos de 1980 não havia possibilidade de fugir da dicotomia Cuba socialista *versus* Estados Unidos de América capitalista e, mesmo hoje, ainda predomina em muitos esta forma de pensamento. Todos deviam se posicionar a favor de um e, conseqüentemente, contra o outro. Como já mencionado, a “Geração Mariel” tinha uma proposta divergente que era encontrar uma alternativa que não estivesse alinhada a nenhum destes pólos políticos hegemônicos da cultura política cubana, e que pudesse divergir de quem quer que fosse como princípio. Mas, em 1980 não havia muitas condições de se

acreditar em uma alternativa à fórmula dicotômica gerada historicamente pelos conflitos da Guerra Fria com seus blocos ambivalentes.

García Ramos, um dos representantes do grupo, escreveu um artigo no primeiro volume da revista *Mariel de Arte y Literatura* criticando o professor norte-americano Seymour Menton e o seu livro *Narrativas de la Revolución cubana* por ter classificado indiscriminadamente todos os escritores cubanos no exílio como anti-revolucionários. Em seu artigo, ele discorre sobre o conceito de revolução:

Tengo la obligación de aclararle que ese vocablo hace caer sobre los escritores cubanos del exilio una especie de aversión o alergia al concepto de revolución en todas sus amplísimas aplicaciones, que pueden ser artísticas, científicas, personales, metafísicas, tanto como históricas y políticas. Y los escritores cubanos del exilio, por la sencilla razón de que muchos, muchísimos de ellos son verdaderos creadores de una alta sensibilidad, serán siempre partidarios de los cambios, de las renovaciones, de las revoluciones verdaderas y enriquecedoras del ser humano en su definición más universal. Por qué no decir, sencillamente, que estos escritores son ‘no castristas’, o si se quiere, ‘anticastristas’? Me niego a aceptar que Fidel Castro posea los derechos exclusivos sobre la palabra ‘revolución’, y que esa revolución suya posea los derechos exclusivos sobre la palabra ‘narrativas’ (RAMOS 1983, p.27).

O autor, como podemos observar, escreveu diretamente a Seymour Menton criticando a polarização referida anteriormente e afirmando a possibilidade de outras possibilidades de interpretação do conceito de revolução do que a proposta por Menton. Segundo García Ramos o conceito de revolução não podia ser aprisionado a um caso específico: os que eram a favor do governo cubano seriam revolucionários, os que divergiam seriam reacionários. García Ramos alegou que alguém pode julgar-se revolucionário e não concordar com os encaminhamentos da revolução cubana e pode, inclusive, discutir o caráter revolucionário ou não dela. A revista *Mariel de Arte y Literatura* denunciava o que considerava avaliações mecanicistas dos simpatizantes estrangeiros que circulavam na ilha, mas não penetravam em seu cotidiano, e que se contentavam com visitas oficiais nas quais era mostrado apenas um lado da ilha. No entanto, deve-se ressaltar que não raro os próprios integrantes do grupo se contradiziam quando se referiam à revolução cubana, usando expressões tais como “castrismo”, como García Ramos utiliza em seu artigo. Alguns textos publicados por integrantes do grupo parecem sugerir que não havia na ilha uma multidão de adeptos das idéias de Fidel Castro, e que ele próprio não seria mais um representante da cultura revolucionária cubana, mas sim

uma espécie de demônio que teria se apoderado dos que ali viviam. Outros autores do grupo teciam essas considerações culturais com muita propriedade, mas esta foi outra divergência jamais se tornou um debate feito pela Geração Mariel. Como todo grupo que procura sedimentar uma nova identidade, uma nova comunhão evitava-se a polêmica interna e concentrava-se em demarcar os adversários.

As polêmicas envolvendo o grupo e seus antagonistas foram uma das marcas do grupo. Os desafetos cresciam de forma desproporcional ao número de leitores da *Revista Mariel de Arte y Literatura*, que nunca teve uma grande tiragem, embora tivesse como principal objetivo reunir milhares de pessoas em um projeto de identidade comum. De fato, o que conseguiam a cada número era novos opositores ferrenhos. O grupo priorizava claramente uma comunidade de leitores específica e não se importava em atingir outros leitores com os quais não se identificava. A luta pelo reconhecimento feita pela geração Mariel teve várias formas, na tentativa de construção da identidade Mariel pelo grupo. Uma das principais era a denúncia da distância que havia entre eles e os outros segmentos da sociedade cubana. Desta forma a luta pela alternativa Mariel de identidade se estabelecia na demarcação de diferenças e nas denúncias de opressão e preconceito sofridos por esta geração de cubanos.

A revista *Mariel de Arte y Literatura* trazia duas seções, as quais tinham o objetivo de fazer a aproximação entre o grupo de escritores e a sua comunidade de leitores. A revista visava a todos que passaram por experiências semelhantes, como pode ser visto nesta citação de um dos seus representantes:

La imperiosa necesidad de expresarse es la que lleva a este grupo de escritores, una vez creada la revista Mariel, a incluir en ella las secciones de 'Experiencias' y 'Urgencias'. En 'Experiencias' los editores de la revista invitan a los lectores, sean escritores profesionales o no, a enviarles crónicas, memorias o materiales autobiográficos que revelen hechos notables de vida diaria cubana o de los cubanos en cualquier época, pero preferiblemente vivencias sufridas bajo la dominación de Fidel Castro o experiencias que esclarezcan la evolución de nuestra cultura' (Mariel 1.1:27). Y en 'Urgencias', se señala que tendrán cabida allí los comentarios, ironías o cólera que los acontecimientos más recientes y heterodoxos despierten en nuestros editores. Aquí está lo que no podemos dejar de decir, de la manera que nos dé la gana de decirlo (BARQUET, 1998, p. 113).

Barquet, como podemos ver, demonstra que a revista teve, desde o seu primeiro volume, como meta a interação entre a sua comunidade leitora a que se dirigiam e o grupo

de escritores que a compunham. Percebe-se também que a comunidade leitora a quem a revista se direcionava era formada por aqueles que haviam sofrido alguma forma de repressão na ilha por parte do regime cubano, que eles definiam como uma ditadura. Desta forma a revista procura alcançar uma comunidade leitora específica e que essa ultrapassava a fronteira inteiramente voltada para o debate estético-literário feito por um grupo de escritores e artista. A *Geração Mariel* estava em busca de sua comunidade leitora e está representava uma parcela significativa dos milhares de marielitos que haviam vivido as mesmas experiências e que viviam as mesmas urgências, daí o espaço reservado aos seus leitores poderem se manifestar e de certa forma se identificar com o projeto do grupo.

A seção Experiências era o espaço criado para fazer emergir as experiências comuns e, ao mesmo tempo, denunciar ao mundo as violações que se cometiam em Cuba contra os direitos humanos. A seção de Urgências visava, sobretudo, denunciar a condição marginal em que os imigrados saídos pelo porto de Mariel se encontravam nos Estados Unidos da América e, principalmente, em Miami, onde a maioria vivia. Além disso, dava apoio aos intelectuais e artistas cubanos que continuavam na ilha e que, na opinião do grupo, continuavam a viver sob a repressão do governo cubano.

Nos últimos dois números aparece também uma nova seção intitulada *Carta de los lectores* que pretende estabelecer um novo elo entre a *Geração Mariel* com a sua comunidade leitora. Acreditamos que essa seção surgiu, após mais de um ano de funcionamento da revista, para possibilitar que leitores não pertencentes aos círculos intelectuais se comunicassem diretamente com eles. Os editores expressaram o objetivo dessa nova seção, “Una publicación periódica subsiste en gran parte gracias al contacto con sus lectores. Una parte primordial de ese contacto tiene que ser el diálogo” (revista *Mariel de Arte y Literatura*, Ano II, verano de 1984, p.28).

Desta forma a revista sempre se preocupou em atingir uma comunidade leitora específica. Mas, se o grupo teve esta preocupação, por que a revista se esgotou em apenas oito volumes e em um período de tempo não mais longo do que dois anos? A resposta estava no horizonte de expectativa da sua comunidade leitora, muitos não compreendiam o que desejava a revista e esses escritores. O que não quer dizer que a revista não tenha atingido uma comunidade leitora específica por meio de seu projeto editorial. Numa das

cartas recebidas o leitor manifesta a mesma tensão vivenciada pelo grupo e as poucas possibilidades de resistir nesse contexto:

Como cubano he experimentado muchas frustraciones al tratar de explicar a los norteamericanos la situación en que se vive en Cuba, y sobre todo el terror. Eso para ellos es prácticamente incomprensible, y las más de las veces no me creen, piensan que exagero o que fui un burgués (Carta de los lectores, revista *Mariel de Arte y Literatura*, año II, No.6, Verano de 1984, p.28).

Como podemos notar o leitor relata que os norte-americanos, provavelmente de esquerda, parecem não acreditar quando ele relata suas experiências em Cuba. O que demonstra a identificação desse leitor com as propostas do grupo. Desta forma, não é que a revista não tenha atingido a uma comunidade de leitores específica, e sim, que ela não conseguiu um número suficiente de leitores capazes de manter sua sobrevivência. Mas, por que a revista não atingiu uma grande comunidade de leitores que poderia manter sua edição? Segundo o crítico literário Hans Robert Jauss e a sua “Teoria da recepção”, a falta de harmonia entre uma obra literária e a comunidade de leitores à qual ela se dirige pode-se dar por “un cambio de horizonte debido a la negación de experiencias familiares o por la toma de consciencia expresada por primera vez” (JAUSS, 2000, p.166).

Para JAUSS (2000), a tomada de consciência não pode ser vista como algo instantâneo. Não é porque a “Geração Mariel” estivesse a se dirigir realmente a uma comunidade leitora específica e a utilizar representações e imagens que ambos compartilhavam e conheciam, devido a experiências em comum, que esta comunidade leitora devia, de imediato, inserir-se na proposta do grupo. Era uma novidade que a maioria dos possíveis leitores não esperava e que, no mínimo, demoraria a ser digerida. Os que se exilaram pelo Porto de Mariel evidentemente não podem ser vistos de forma homogênea. Não se deve desprezar que muitos marielitos eram preconceituosos e que acreditavam ser uma revista especificamente homossexual. De toda forma, havia por outro lado uma parcela muito maior de marielitos que a revista poderia ter alcançado, mesmo com todas essas dificuldades, e porque não os alcançou?

JAUSS acredita que, na literatura, um movimento ou uma obra podem não ser compreendidos em uma determinada época devido à distância entre o horizonte de expectativas da comunidade leitora e a dos produtores do discurso. Desta forma, embora os refugiados denominados “marielitos” tenham tido experiências semelhantes quanto ao

estigma e à repressão na ilha, não tinham todos, no entanto, uma expectativa semelhante quanto ao futuro no exílio. A maioria pretendia trabalhar arduamente e conseguir uma boa estrutura financeira. O que é quase via de regra expectativa de qualquer imigrante.

El horizonte de expectativas de la literatura se distingue del de la práctica de la vida por el hecho de que no sólo conserva experiencias hechas, sino que anticipa también la posibilidad irrealizada, ensancha el campo limitado del comportamiento social hacia nuevos deseos, aspiraciones y objetivos y con ellos abre camino a la experiencia futura. (JAUSS, 2000, p. 188)

Na variedade de caminhos desta experiência futura é que se encontram os descaminhos de uma proposta como a de uma “Geração Mariel”, pois seguramente havia entre estes refugiados naquele momento novos desejos, aspirações e objetivos que não cabiam no projeto de futuro anunciado pela revista *Mariel de Arte y Literatura*.

Como dissemos a “Geração Mariel” foi em busca de uma identidade que a diferenciasse dos demais cubanos, fossem os que viviam na ilha, fossem os que viviam no exílio. Tinha o objetivo de protestar contra os preconceitos de dois projetos nacionais excludentes; o da revolução cubana de 1959 que predominava na ilha, e o anterior, representado pela comunidade cubana de Miami que pretendia restaurar a ordem na ilha. A consciência de que ambos os projetos pretendiam mantê-los em uma condição marginal foi o impulso para procurar uma nova identidade que pudesse representá-los. Mas, por que eles não alcançaram o resultado esperado? A resposta passa pelo horizonte de expectativa dos outros milhares de refugiados a quem a revista *Mariel de Arte y Literatura* se dirigia naquele momento.

O sucesso editorial que alguns representantes da Geração Mariel alcançaram após a queda do muro de Berlin e o fim da guerra fria também é explicado pelo câmbio do horizonte de expectativa quanto à revolução cubana. Em pouco mais de dez anos muitos dos integrantes da Geração Mariel se tornam expressivos, não somente na literatura cubana do exílio, como se tornam sucesso editorial em várias partes do mundo, como foi o caso de Reinaldo Arenas que, além do sucesso póstumo de suas obras, teve a sua autobiografia, *Antes que anochesca*, filmada nos EUA e difundida em todo mundo.

A maioria dos milhares de cubanos que atravessaram o Estreito da Flórida em 1980 não estava disposta a enfrentar a tudo e a todos neste processo de auto-afirmação e de luta por um reconhecimento; pelo menos, não naquele momento. Eram dissidentes políticos

do regime comunista; a maioria vivia em Miami, onde trabalhava arduamente para reerguer suas vidas, e não tinha tempo para ficar a ler revistas e, muito menos, de procurar construir uma nova identidade coletiva.

No último número da revista *Mariel de Arte y Literatura* em 1985, no editorial intitulado: “La última página” os editores manifestaram que os objetivos iniciais da revista haviam sido cumpridos e que eles demonstraram que se podia fazer uma revista literária e dinâmica no exílio. E concluem: “creemos que con esto hemos contribuído a modificar la errónea imagen que el castrismo quiso proyectar sobre los refugiados llegados a Estados Unidos durante el éxodo del Mariel” (Cf. La última página, revista *Mariel de Arte y Literatura*, ano II, No.8 invierno de 1985).

Acreditamos, no entanto, que as dificuldades em convencer a comunidade leitora a quem se dirigiam durante a década de 1980, juntamente com a falta de suporte financeiro para manter a revista, foram os principais motivos responsáveis pela fugacidade da existência da revista *Mariel de Arte y Literatura*, em apenas dois anos e por oito volumes. Contudo, o fim da revista não significou o fim do sonho de construção da identidade da *Geração Mariel*, e de reconhecimento dos seus autores junto aos exilados nos Estados Unidos da América ou mesmo junto a um público mais amplo, como será visto no próximo capítulo.

Capítulo III - O Naufrágio

Dado que a cultura é uma estratégia para sobreviver num território, o exílio também é um território e a cultura é política, no sentido de despertar um ethos. Qual é o território, então, a partir do qual penso os dizeres fora de lugar? Será, por acaso, outro tipo de fora de lugar? O do exílio, ou de uma territorialidade onde o dizer se busca em outros semelhantes? O de estar fora de lugar ao reconhecer os interstícios do exílio, forçados ou voluntários?

(Walter Mignolo)

A revista *Mariel de Arte y Literatura*, que começou a ser publicada em 1983, interrompeu suas atividades em 1985, após apenas oito edições. Os fatores que prejudicaram a continuidade de sua existência, como foi visto no capítulo anterior, foram a falta de suporte financeiro para a sua manutenção e a dificuldade em penetrar na comunidade leitora à qual ela, a priori, se dirigia, ou seja, os milhares de refugiados cubanos saídos pelo porto de Mariel. Contudo, o grupo formador da revista não se dispersou com o encerramento desta atividade e manteve sua obstinada batalha contra o governo cubano, a comunidade cubana de Miami e a esquerda ocidental, principalmente a latino-americana e a norte-americana.

A proposta alternativa de identidade Mariel também não foi esquecida com a interrupção da revista. A partir de 1985, os representantes do grupo passaram a realizar projetos individuais, tais como novelas, romances, poemas e crônicas, nos quais as diretrizes e temáticas continuaram fiéis ao compromisso do grupo com a identidade da *Geração Mariel*.

No presente capítulo são analisadas três obras de três dos mais importantes representantes da Geração Mariel. A primeira a ser vista é *Al Norte del Infierno*, de Miguel Correa, publicado em 1983, quando a revista *Mariel de Arte y Literatura* ainda era publicada. A segunda obra é *Boarding Home* de Guillermo Rosales que foi publicada dois

anos após receber o prêmio Letras de Oro de 1986/87 em Miami (ROSALES, 1987)⁸². E por fim analisaremos a novela *O Porteiro* de Reinaldo Arenas. A escolha destas obras deve-se, sobretudo, ao fato de terem tido uma grande ressonância no exílio junto à *Geração Mariel*. Nossa intenção foi buscar o sentimento de pertença do grupo em três de seus principais autores. Desta forma, pretende-se estabelecer uma conexão entre esses autores e suas obras para que se possa compreender o que era realmente vital para a construção do sentimento de pertença e de identidade da *Geração Mariel* ao longo da década de 1980 nos Estados Unidos da América.

3.1- *Al norte del infierno*

Al Norte del Infierno de Miguel Correa foi uma das primeiras obras publicadas pela Geração Mariel (1983) e, talvez seja a mais complexa devido a sua proposta não convencional de literatura. Nesta obra a caracterização enquanto ao gênero literário: romance, novela, poema, crônica, ensaio, etc é impossível de ser delimitada. Na verdade o objetivo do autor era misturar essas alternativas na sua narrativa. Reinaldo Arenas no prefácio de *Al Norte del Infierno* comenta esse aspecto da obra:

Al Norte del Infierno, de Miguel Correa, posee esa rara cualidad de hacer que mientras lo leemos olvidemos que estamos leyendo un libro. La inminente autenticidad de sus personajes, su lenguaje, su mundo, sus gritos, van más allá de la esmerada crónica o del brillante ejercicio literario, el libro construye un universo donde la barbarie y lo absurdo forman parte de la vida cotidiana; son esa vida. El lenguaje es desasido y agresivo, rítmico y delirante, coloquial y filosófico; poético siempre. Acosados y desnudos, los personajes – o el personaje – no tienen otra canción que entonar que su propia miseria; la palabra constituye aquí la única salvación, la única arma, la suprema rebeldía (ARENAS apud Correa, 2007, p.11-12).

Como podemos ver Reinaldo Arenas adverte ao leitor do caráter não convencional da narrativa de Miguel Correa e, ao mesmo tempo, reafirma a sua qualidade e o seu compromisso com os debates propostos pela Geração Mariel. O que se nota nos protestos como “no tienen otras canciones a entonar que su propia miseria; la palabra contituye aquí

⁸² Segundo Juan Carlos Castellón, no texto intitulado *Miami: exilio y literatura II*, o prêmio Letras de Oro não trouxe sucesso a Guillermo Rosales. *Boarding Home* só foi publicada dois anos após ter recebido o prêmio quando os leitores não mais se lembravam do autor e da obra premiada. A obra teve uma primeira tiragem de só 500 exemplares.

la única salvación, la única arma, la suprema rebeldía”. Com efeito Reinaldo Arenas se refere à característica mais notória do grupo: a palavra como única possibilidade de afirmação. A Geração Mariel era, antes de tudo, um grupo de jovens escritores cubanos que, por não estarem inseridos nos padrões estabelecidos pela revolução cubana, foram impedidos de realizar o seu principal objetivo de vida: escrever. A maioria deles, como Reinaldo Arenas, Guillermo Rosales e Miguel Correa se conheceram e estabeleceram uma afetividade coletiva forjada pelas suas experiências e expectativas ainda na ilha. A frustração por não poder publicar e ter que constantemente estar a desfazer ou a esconder o que haviam escrito era uma característica em comum. A criação literária desses jovens escritores se resumia em lerem uns para os outros os seus projetos e feitos literários às escondidas.

Como já dissemos no capítulo anterior, a *Geração Mariel* não corresponde a fatores “intra-literários” e estéticos e sim à necessidade de narrar suas histórias de vida e denunciar a sua insólita condição de “outsiders”. São essas necessidades, ampliadas à luta pelo reconhecimento social, que sedimentaram o grupo. Desta forma a necessidade da narrativa foi o ponto aglutinador do grupo e *Al Norte del Infierno* de Miguel Correa não foge a esta regra.

Na narrativa de *Al norte del Infierno* surgem vários personagens anônimos que aparecem e desaparecem de capítulo em capítulo e, que por sua vez podem ser substituídos por outros personagens, por um discurso político, um poema, uma crônica etc. A obra de Miguel Correa nos parece um amontoado de estilhaços que por sua vez seguem várias direções, mas que no final atingem o mesmo alvo. Os estilhaços são as palavras, que seriam as suas únicas armas, como afirmou Reinaldo Arenas. O primeiro desses estilhaços é um discurso ocorrido em Havana no tradicional aniversário ao assalto ao quartel de Moncada em 26 de Julho. O “discurso-capítulo” que inicia o livro é intitulado Discurs - s-o-s e inicia-se assim: “Hoy (aplausos) conmemoramos un aniversario más (aplausos) del (aplausos prolongados) asalto al Cuartel Moncada (aplausos incesantes, jadeos, sibildos, chirritos metálicos)” Correa (2007, p.4).

O discurso é uma alusão aos famosos pronunciamentos por horas de Fidel Castro, durante as celebrações de datas comemorativas da revolução, nas manifestações na praça da

revolução. Mas com o decorrer da peça retórica o autor passa a demonstrar um outro lado dessas celebrações:

Y así también honramos a nuestros mártires, elevando nuestra base económica (levantan al fondo una enorme pancarta que dice “seremos como el Che”) deteriorada por una secuela de gobernantes entreguistas (el molote frente a los baños públicos ha tomado dimensiones masivas). Conocemos nuestras deficiencias (el molote ha sacado de los baños públicos a un joven de la raza negra) y luchamos por erradicarlas, porque si no luchamos por erradicar esas deficiencias de hoy (el joven negro es trasladado en hombros por toda la Plaza) no llegaremos jamás a la sociedad comunista a la que aspiramos (el joven negro está siendo apaleado en medio de la plaza) y a la que sin duda llegaremos en un futuro no muy lejano (gritos del joven negro que está siendo apaleado). Y no crean los imperialistas (¡ni matándolo paga este cabrón lo que ha hecho!, se oye) que nos van a intimidar con sus campanitas contra la revolución (¡maricón!) porque la revolución es ahora más fuerte (¡ni meándolo paga!) y más internacionalista (...) (Correa, 2007, p.7)

Aos poucos, como podemos notar, a narrativa do discurso passa a sofrer interferência da multidão que o acompanha, e se dispersa em meio a diversos acontecimentos simultâneos. A prisão de um “jovem negro” é um desses acontecimentos. Miguel Correa nos parece demonstrar que o discurso combatente revolucionário já não conseguia mais prender a multidão como no início dos anos de 1960 na ilha. A retórica soa em descompasso com a realidade de 1980 (ano em que ocorre o êxodo Mariel e que se passa à obra), principalmente junto à juventude e à parcela de seus rebeldes representantes que não conseguem se estabelecer nos parâmetros revolucionários cubanos, e que para o autor não era nada irrisório. O jovem negro seria um deles? O que ele fazia de perverso nos banheiros públicos durante o discurso? Procurava por uma aventura homossexual? Provavelmente. Mas o que se tem certeza é que se tratava algo que não era permitido na ilha, como grande parte do público afirma “¡ni matándolo paga este cabrón lo que ha hecho!”. Seria essa parcela do público a mesma que aplaudia com entusiasmo o discurso? Seriam eles os estabelecidos pela revolução, que exigiam que a nova geração mantivesse os mesmos compromissos assumidos a partir 1959? A proposta de Miguel Correa é, com efeito, demonstrar a dissonância vivida pela sociedade cubana em 1980. Os conflitos em *Al Norte del Infierno* procuram enfatizar a insanidade social, na visão do autor, vivenciada em 1980 em Cuba e que foram expostas durante o fenômeno Mariel.

O discurso continua e a cada momento surgem mais acontecimentos que dispersam a concentração da multidão. A praça em sua periferia lembra uma feira ao ar livre e em nada nos remete a seus célebres momentos históricos de resistência dos anos de 1960. Miguel Correa termina o seu primeiro capítulo de *Al Norte del Infierno* assim:

Ya has hablado demasiado (llega la policía) (¡y más luminosa! grita) (¡y más lubricada! grita) (la conducen hasta la perseguidora) (¡y más emborricada! grita) (un desorden general reina en la Plaza) (¡y más pintorreteada! se oye desde lejos). (la plaza empieza a quedarse vacía (Correa, 2007, p. 8).

Dessa forma, Miguel Correa inicia o seu livro e, desde logo demarca a principal proposta de sua obra: A ilha vive um caos que beira uma espécie de loucura coletiva. O livro, que foi escrito em 1983 no auge da revista *Mariel de Arte y Literatura* se tornou uma espécie de manifesto do grupo e apontou sua artilharia pesada mais contra o governo cubano do que a comunidade de Miami e a insólita situação no exílio dos marielitos. Embora não poupe a ninguém, Miguel Correa se dedicou a discorrer sobre as relações vivenciadas na ilha, antes do exílio. O principal motivo dessa característica de *Al Norte del Infierno* se deve ao livro ter sido publicado ainda em 1983 e, sendo assim mais próximo dos acontecimentos de 1980 do que as outras obras que aqui serão analisadas.

Uma das narrativas recorrentes ao longo de *Al Norte del Infierno* se refere à relação entre uma mãe e seu filho que tem problemas para se adaptar aos parâmetros da revolução. A mãe se sente penalizada por não saber como ajudar o filho:

Y yo torpe; sin darme cuenta de las cosas.
Soñando con tener un quinqué de camiseta.
Y no quise hacer negocios con los de allá arriba.
Y yo ciega, viendo a oscuras.
Creyendo que con Ofelia era bastante.
Y es que Ofelia no es más que una sencilla presidenta
de comité, encargada de un caserío allá en el pueblo, de
vigilar diez casas y de llevar extraños papeleos.
A Ofelia también la vigilan.
O la vigilan más que a nosotros.
Y a la persona encargada de vigilar a Ofelia
también la vigilan.
Y a esta otra persona también.
y a la otra
y a la otra
y a la de más allá también (Correa, 2007, p.23).

Como podemos perceber a mãe anônima está angustiada e se arrepende de não ter estabelecido relações políticas em Cuba agora que o seu filho está sendo perseguido. Ela se repreende por ter vivido sua vida e imaginado que manter boas relações com Ofelia, a “presidenta” do seu CDR (Comitê de Defesa da Revolução) seria o bastante. Contudo, ela percebe que acima da Ofelia havia muitos outros, que por sua vez também eram vigiados. Ela não compreende os mecanismos e se censura por não se ter envolvido nesse processo burocrático que era agora sua única esperança para salvar o filho. A mãe consternada culpa sua ignorância e falta de visão dos acontecimentos durante o tempo em que poderia ter feito algo:

Y sin saber del mundo
nosotros aquí.
Y acostándonos apenas oscurece
nosotros aquí.
Y pariendo vejigos todos los años
nosotros aquí.
Y pariendo vejigos machos
nosotros aquí.
Y ésa ha sido la desgracia mayor que nos ha caído.
Porque si nosotros no hubiéramos tenidos hijos
varones, no hubiéramos necesitado ningún contacto.
Por eso las mujeres de aquí abortan tanto, por
temor a que el hijo les salga varón. Porque eso significa
ya, desde el momento que nacen, una de las cacerías más
horrorosas (Correa, 2007, p.24).

Nessa passagem Miguel Correa utiliza a personagem para discorrer sobre as propostas do “homem novo” estabelecido pela revolução cubana. A alternativa machista desse homem novo revolucionário, para o autor, leva os jovens do sexo masculino que não se enquadram no perfil a se tornarem o principal alvo da repressão por parte do governo cubano. Os que não se enquadram na vanguarda revolucionária poderiam no futuro tornar os combatentes de uma contra-revolução; e desta forma era necessário vigiá-los, corrigi-los, etc. As jovens, mesmo que não se enquadrassem no perfil revolucionário, eram menos perseguidas, pois estas eram consideradas uma ameaça menor. No livro *Conduta impropia*, Heberto Padilla diz que as lésbicas eram menos estigmatizadas em Cuba, porque culturalmente era vista sua homossexualidade como menos ofensiva.

A personagem continua sua narrativa expondo a rebeldia do filho que também não pretendia cooperar ao seguir seus conselhos e caminhava a passos largos para o abismo.

Mas qual o crime que cometia esse filho varão que tanto o ameaça? Vejamos como sua mãe descreve os seus delitos:

Y míralo ahora.
Y míralo ahora
Lo han detenido
Y lo sacaron de los estudios
Y ahora seguro que lo coge el servicio militar.
Porque a él lo vienen fichando desde hace mucho tiempo.
Y yo se lo decía.
Y yo moliendo harina y diciéndoselo. Y yo restregando y
diciéndoselo. Y el inocente soñando en vida. Y yo;
deja esas boberías. Y él; qué quieres que haga, que
en todas partes la gente hace estas cosas y son normales.
Y yo; deja eso, qué te importa a ti lo que
dicen o hacen esos viejos en otras partes,
que eso aquí a nadie le interesa, que el viejo
no va a venir a salvarte cuando te
aprietan el nudo.
Y él; déjame en paz, déjame quieto ya,
que lo que yo quiero es escribir.
Y yo; ay, hijo, deja eso, deja esas escribideras,
que a nada bueno conducen. Déjales, que
aquí en esta casa nadie ha escrito nada ni ha
oído nada, ni ha soñado con ver ningún país
y aquí estamos todos vivitos; no nos ha
pasado nada. Yo estoy como si hubiera
acabado de llegar de todos los países.
Y el; si me siguen jodiendo me voy del país,
cállate y déjame en paz.
Y yo; ay, hijo, el que por su gusto muere que
el cielo le cepa a gloria (Correa, 2007, p.26).

A mãe declama poeticamente suas angustias e apreensões com o filho; por que ele mantinha esse comportamento desafiante? Para que escrever? O conflito de gerações se torna evidente na narrativa. O personagem que representa o filho (anônimo) pede à mãe deixá-lo viver a sua vida, reivindica o direito por seu destino. O debate remete a uma luta comum entre pais e filhos. A mãe diz que em sua casa ninguém nunca havia escrito nada, ouvido nada, nem sonhado em ver país algum e, por isto, todos haviam vivido com segurança. O filho, por sua vez, retruca ao afirmar que nada do que ele tem feito é desonesto e tampouco era do interesse de quem quer que fosse. A mãe e filho lutam por coisas distintas: o filho quer expressar o que sente por meio de sua narrativa literária e a mãe, por sua vez, se dedica a apagar os seus escritos para salvá-lo,

Y él cada día más revuelto en escribideras y en lecturas infinitas. En esta casa nadie lee ni el periódico y él escribiendo y leyendo a dos manos. Y yo atajando. Y yo quemándole todo lo que pudiera comprometerlo. Y él invitando gente a la casa para leerles cosas. Y a todo el que llegaba, él, “una estrofa, una estrofa”. Y les leía un mamotreto que nadie entendía. (...) Y desde allá lo sentía como él se embalaba y yo rezando que acabara rápido; y él, pá,pá,pá,pá,pá,pá,pá,pá,pá,pá, lee y lee, y yo afuera rezando que acabara ya y velándolo a ver dónde guardaba aquellos panfletos para quemárselos (Correa, 2007, p.27).

O debate entre os personagens demonstra tratar-se de uma família camponesa pobre e parece referir-se à própria família do autor que, inclusive, dedica a obra à sua mãe. Miguel Correa parece lutar pela narrativa da sua trajetória de vida e de sua geração – dos que vivenciaram os mesmos espaços de experiências e horizontes de expectativas na ilha durante a juventude após a revolução de 1959 – luta por contar o seu lado da história, e esse é o ponto articulador da *Geração Mariel* e da sua luta pelo reconhecimento social.

Miguel Correa segue sua narrativa sem se preocupar com uma ordem precisa entre as histórias que se entrecruzam. As personagens surgem, desaparecem e pouco depois ressurgem. Nenhuma delas tem seus nomes anunciados. A mensagem do autor parece ser que todas as histórias seguem um fluxo inerente aos objetivos de suas personagens. As suas vidas não lhes pertencem e tão pouco o seu destino:

Estábamos así, poniendo todo nuestro empeño en el turrón, viendo cómo dejaba de ser melaza para convertirse en turrón. Estábamos así, formando parte del turrón, cuando de repente y en medio de todo, si sin dar tiempo a desmayarnos, nos llegó el telegrama. Al principio no entendimos nada. No asociamos el mensaje con ningún hecho real (Correa, 2007, p. 40).

Como podemos perceber, de um capítulo a outro surgem novas narrativas, novas personagens anônimas que deixam quem lê sem conseguir entender de quem seria a enunciação. Nesse capítulo intitulado “Un telegrama” Miguel Correa não se preocupa em esclarecer ao leitor, como de costume, quem seriam as personagens, onde elas se encontravam ou qualquer coisa a esse respeito. A sua mensagem parece ser que não havia vida individual em Cuba, naquele momento, nem poderia haver em suas trajetórias de vida uma coerência lógica capaz de dar coesão a qualquer espécie de fundamento. Tudo seria um absurdo, como a participação de Cuba e dos cubanos nas guerras na África:

Nos alcanzaban las emanaciones del telegrama tirado sobre un asiento. El olor del dulce se mezclaba con aquella información: debíamos partir, en breves horas, rumbo a África. No sé quién decía el telegrama que reclamaba nuestra ayuda. Para África en unas horas. Raros momentos que tiene la

vida. Para el África (...) A ratos, mientras meneaba aquel maldito turrón, me parecía mejor dejar el dulce como estaba, sin terminar, ir al África un momento, matar al que había que matar o que me mataran, pero rápido, en un segundo, y regresar a terminarlo luego. Porque ya el dulce no tenía sentido. Y menos sentido, evitar lo que decía el telegrama. Sentarnos no tenía sentido, ni pararnos, ni dar un brinco, ni probar el turrón endurecido, ni tirarlo por el caño. Ya nosotros mismos no teníamos sentido, ni el telegrama siquiera. Tampoco ya la idea irreversible de marchar al África tenía ningún sentido. Porque nos dimos cuenta de que el turrón, además de ser turrón, es un pasatiempo; de que la reconquista del África también lo es; de que la vida misma es un impulso tremendo para pasar el tiempo y a la vez resistirlo (Correa, 2007, p. 40- 41).

A falta de sentido é o cenário predominante de *Al Norte del Infierno*. Tudo parece estar desmoronando e a impotência é angustiante. Em um outro estilhaço (capítulo) inicia-se com um pequeno poema no qual podemos notar o temor de não se perceber o que é real ou não:

Ahora estoy soñando.
Ahora todo sí que es feo.
Ahora todo es más feo que si estuviera despierto,
porque despierto las cosas no ocurren tan aprisa.
Y en este sueño que vengo soñando ahora, las cosas
pasan juntas, en un ramplán. Y cuando estoy
despierto las cosas van pasando por etapas.
Por eso estoy loco por despertarme (Correa, 2007, p. 46).

Nesse poema Miguel Correa sugere que nem mesmo em sonho se poderia escapar do controle social ao qual a juventude cubana estava submetida. Não era possível sequer sonhar, pois não se poderia confiar nem mesmo nos próprios sonhos:

Porque uno no puede despertarse de los sueños cuando uno lo desea, sino cuando los sueños lo desean. Y mañana, después que me despierte, tener que ir para esa unidad militar. ¡Qué fastidio! Pero por ahora voy subido en este camión soñando. ¿Será así realmente el servicio militar? Hemos llegado tras catorce horas de viaje sin respirar. Pero no hemos llegado a ninguna casa, ni a ciudad alguna siquiera: estamos en un campo de caña. Nos dan machetes muy afilados para cortarla. Yo no sé cortar caña. ¡Qué sueño éste tan terrible! Y tengo que cortar seiscientos arrobas. Ay, yo no puedo. Y el sol que hace en este campo, en este sueño, en estos matorrales. Ay, y la cantidad de hierba que tiene, y la cantidad de caña. Ay, que me despierte, no resisto el sueño de hoy. Ay, despiértame, Señor (Correa, 2007, 47-48).

Nessa passagem Miguel Correa faz uma alusão aos sonhos revolucionários na qual, como vimos na primeira parte da tese, o trabalho coletivo “voluntário” ou corretivo tinha o papel de moldar a nova geração revolucionária. A personagem desse capítulo diz

simplesmente não conseguir viver este sonho e ao mesmo tempo não poder despertar. Não havia fuga para os sonhos revolucionários da ilha.

Não temos o objetivo de analisar todos as personagens nem tão pouco cada capítulo de *Al Norte del Infierno* que conta com 24 pequenos capítulos. No entanto, não foi possível evitar a análise de um grande número destes por se tratarem de um apanhado das teses que foram defendidas pela Geração Mariel. Em um outro capítulo intitulado *Una mujer decente* Miguel Correa utiliza-se da personagem da mãe desesperada que aproveita a abertura do porto de Mariel para solicitar a sua saída e da sua família para Miami num dos postos encarregados para se fazer a solicitação:

Sí, sí, teniente, anótelos como se lo estoy diciendo: en nuestra familia todos somos homosexuales. ¡Lo homosexual que todos somos! Yo misma soy una tortillera empedernida. Pero de las cosas que yo soy, teniente, tortillera es la más leve. He ejercido la prostitución ya por dos décadas. Qué me dice, ¿eh? Y soy proxeneta. La más proxeneta de la ciudad soy yo. Ay, sí, yo, la proxeneta. (...) Y mi esposo es un caso lastimoso. Estamos casados por cubrir nuestra verdadera identidad, pero en el fondo lo que somos es eso, basura, basura homosexual. Lo mejor que usted hace es deshacerse de nosotros. Si yo fuera el presidente de este país, ya los hubiera mandado a todos para allá, para el Norte, para infectar aún más esa sociedad decadente (Correa, 2007, p.84).

A personagem como podemos ver se acusa a si mesma e à sua família de serem parte da *basura*, do lixo social; recorre a tudo que é considerado socialmente pejorativo para que sua família consiga deixar a ilha. O desespero da personagem parece estar relacionado com a desintegração familiar, já que o filho quer a todo custo ir-se e talvez jamais possa retornar a vê-lo. A alternativa encontrada foi a saída de todos e para tanto acusa toda a sua família de ser “anti-social”:

Anótelos todo, teniente. Cuatro somos nosotros; dos niños y dos mayores. ¿Ya cogió los números del Carné de Identidad? Y no crea que los niños no son tan malos, porque son los peores. (...) ¿Más, verdad, teniente? Si, más. No trabajo. Me ha cogido la ley de la vagancia, la de la extravagancia, la ley de la peligrosidad y algunas otras leyes. Yo creo, teniente, que usted va a confundir los delitos que nosotros tenemos en el núcleo familiar (Correa, 2007, p. 86).

A obstinação da personagem não tem medidas. Ela não pode permitir que a família se desintegre e tenta de tudo para impedi-lo:

Ya me siento mejor. ¿Lo ha anotado todo, verdad que sí, teniente? Ayúdenos, que lo vamos a invitar comerse un puerco. Sí, sí, ya está invitado. Mañana mismo. Y le voy a dejar todos los tarecos que nosotros

tenemos, que ya son muchos. Y todo el dinero que tenemos ahorrado será suyo, teniente. ¿Firmó la carta, verdad? Gracias, teniente. Mil gracias. Hombres y tenientes como usted son los que el pueblo necesita. Gracias. Cada vez que pueda le voy a mandar cosas desde allá afuera. Se lo prometo. El lechón se lo vamos a regalar y si usted quiere se lo lleva para su casa y se lo come allá. (...) Pase mañana por la casa. A la hora que usted llegue ya le tendremos la mudada recogida. Esto, entre usted y yo. Nadie lo va a saber. Yo soy una mujer decente (Correa, 2007, p.87-88).

A mulher decente é mais uma narrativa em que Miguel Correa procura demonstrar os absurdos das propostas do governo cubano, pois para conseguir o visto de saída era preciso convencer os responsáveis pela triagem de que não seriam úteis ao país. Por sua vez na enunciação a personagem ao mesmo tempo em que coloca a si e a sua família como pessoas inapropriadas, pede ao tenente que não duvide dela, pois ela era uma mulher decente. O autor pretende que o leitor compreenda que os paradoxos propostos demonstram a insanidade social vivenciada na ilha que, em sua opinião, leva todos à beira da loucura. A fuga da ilha, desta forma, era a luta pela própria sanidade mental:

Salían de todas las casas, a todas horas, con jabbitas, sin jabbitas, con diecisiete pesos y el Carné de Identidad, con un pan con bisté debajo del brazo, con un lapicero soviético. Todos salían, y se iban. Sin una llave para abrir ningún hogar, sin una colchoneta para recostarse, sin otra muda de ropa siquiera. Se iban del país y eso era lo bastante para abandonarlo lo más rápido posible, antes de que el país de partida se arrepintiera de dejarlos ir y antes de que el de llegada se arrepintiera de recibirlos. ¡Qué horror estar a merced de los países! (Correa, 2007, p. 94).

Miguel Correa demonstra nesse capítulo chamado *Como se fueron*, a condição insólita da travessia do estreito da Flórida, não levavam nada e tão pouco tinham algo concreto do outro lado do mar, mas então por que se iam? A resposta de Miguel Correa (2007, p.94) é simples: “Se iban del país y eso era lo bastante para abandonarlo lo más rápido posible”. Desta forma a saída significava uma luta pela sanidade mental para os que não puderam adaptar-se aos paradigmas propostos pelos revolucionários após 1959.

No capítulo seguinte que se intitula: *Como llegaron*, vejamos como o autor o descreve: “Sin preguntar dónde se dormía, ni dónde se comía, y sucio y agotado de tan largo viaje, se acercó a aquella casa y pidió a la señora que lo dejara pasar al baño a ponerse un pouco de talco” (Correa, 2007, p. 98). O capítulo foi sintetizado pelo autor nesse único parágrafo.

Para Miguel Correa, após tudo o que haviam vivenciado em seu país natal os marielitos já não exigiam nada do país rumo ao qual eles migravam, ou seja, *Al Norte del Infierno*. O que realmente importava para esses refugiados era estar longe da ilha. Miguel Correa dedica poucas páginas ao exílio nos Estados Unidos da América, contudo não deixa de evidenciar os atritos enfrentados pelos marielitos:

| | | |
|------|--|------|
| Nada | porque ya nos han discriminado infinidad | Nada |
| Nada | de veces y ya lo que hacemos es discriminar | Nada |
| Nada | nosotros. ¿Quiere ver como la discrimina- | Nada |
| Nada | mos toda aqui mismo, sin que usted se dé | Nada |
| Nada | ni cuenta? Ni le tememos a su perrito chulo, | Nada |
| Nada | porque ya nos han mordido todas las fie- | Nada |
| Nada | ras. ¿Quiere ver como le arañamos todo su | Nada |
| Nada | perrito chulo, se lo mordemos y se lo ahoga- | Nada |
| Nada | mos en el mar? Ni nos va a importar que nos | Nada |
| Nada | diga fucking you, porque ya nos han dicho | Nada |
| Nada | de todo, no sólo con palabras sino también | Nada |
| Nada | con palos, y lo hemos resistido. ¿Quiere | Nada |
| Nada | ver cómo le decimos hasta del mal que va a | Nada |
| Nada | morir y la ofendemos y le damos un golpe | Nada |
| Nada | mal dado en la cara? ¿Quiere ver? ¿Quiere | Nada |
| Nada | ver que no nos importa decirle de donde | Nada |
| Nada | venimos? Pues para su conocimiento y para | Nada |
| Nada | el conocimiento de todo el que le pregunte | Nada |
| Nada | nosotros vinimos por Mariel. Y no me diga | Nada |
| Nada | usted que no sabe qué cosa es el Mariel, | Nada |
| Nada | porque eso lo sabe todo el mundo. Y no se | Nada |
| Nada | asuste que nosotros no le vamos a jorobar | Nada |
| Nada | el brazo. Pero no trate de escapar ahora | Nada |
| Nada | que se lo dijimos, porque entonces si se | Nada |
| Nada | lo jorobamos. Pues si, del Mariel somos; del | Nada |
| Nada | mismo Mariel. Y no somos nosotros solos. | Nada |
| Nada | Y los que quedan, que están al venir para | Nada |
| Nada | acá, aunque a usted no le guste, Y somos | Nada |
| Nada | del Mosquito. Y llegamos en botes. Y estu- | Nada |
| Nada | vimos en campos para refugiados. Y no | Nada |
| Nada | hablamos el idioma de ustedes. Y tenemos | Nada |
| Nada | el status pending. Y no nos gustan las | Nada |
| Nada | comidas de ustedes. Y no nos vamos a ir. | Nada |

(Correa, 2007, p.108-109).

Nesse poema Miguel Correa faz um manifesto em defesa da Geração Mariel, nele a principal diretriz é a afirmação da diferença dos que vieram pelo porto de Mariel: “porque entonces sí, del Mariel, somos; del mismo Mariel. Y no somos nosotros solos”; ao mesmo tempo, a tenacidade desses imigrantes durante toda a travessia. O poema descreve por

meio de imagens que reafirmam a insólita condição que os marielitos vivenciaram na ilha e na qual permaneciam ainda nos Estados Unidos da América, com o intuito de demonstrar que nada mais poderia intimidá-los.

Dessa forma, não seria a rejeição e o estigma enfrentados no exílio um obstáculo intransponível para os marielitos, que tiveram que superar coisas piores durante toda as suas trajetórias de vida. Nada que a eles fizessem conseguiriam expulsá-los, nada poderia ser pior do que haviam vivenciado em Cuba. Enfim, para o autor os marielitos estavam dispostos a enfrentar tudo para viver “*Al Norte del Infierno*”. Assim, Miguel Correa defende a força dos marielitos, na sua visão eles eram, antes de tudo, sobreviventes e estavam preparados para enfrentar o exílio.

Em outro capítulo do livro Miguel Correa retoma o conflito entre mãe e filho, agora, no exílio. A distância da ilha não aproxima a ambos. Eles continuam a estar separados por espaços de experiências e horizontes de expectativas distantes. Não se compreendem e vivenciam exílios distintos:

Con éste no te ajuntes: ayer lo vieron con un pájaro. Y antier lo vieron con dos. La semana pasada lo vieron con más de cien pájaros. Dicen que la semana anterior a la pasada, lo vieron del brazo con todos los pájaros del mundo. Ay, Jesucristo, un muchacho que allá no se ajuntaba con nadie, que uno lo miraba y salía huyendo para el platanal, de lo guajiro que era. Y no ha hecho más que llegar a este país, y ahora es él el que va a los platanales a sacar a cuanto pájaro haya en ellos. Y se ha vuelto tan pájaro-tan-pájaro-tan pájaro, que ya a mí a lo que se me parece es a una codorniz. Ay, Jesús, si el padre lo viera. Si lo viera como se junta con los pájaros de aquí como si él fuera de aquí también, y como chilla y relincha y cómo estornuda, como si ya hiciera cien años que vive aquí. Hace tan sólo unos meses que llegó a este país y ya habla el idioma de aquí y los idiomas de los pájaros. Y yo cada día hablando menos. Y yo cada día más torpe. Y cada día que pasa, yo más atrasada. Y él, ¡míralo! del brazo con los pájaros, del brazo por las calles, del brazo con su fauna. Y progresando y todo. Y hasta sale en los periódicos. Y escribe discursos que nadie entiende (Correa, 2007, p. 120).

Como podemos perceber a narrativa da mãe é de perplexidade. Ela não entende como o filho se transformou radicalmente em tão pouco tempo no exílio. Ela afirma que em Cuba o filho era introvertido já no exílio tornou-se popular e está irreconhecível. Na narrativa se faz uma alusão direta à homossexualidade do filho (*Pájaro*, em Cuba, é uma expressão coloquial e pejorativa para se rotular os homossexuais masculinos) ela se sente perdida e não entende o “progresso do filho”. Embora ela também tenha atravessado o estreito da Flórida não o fez em busca das mesmas expectativas de seu filho. O que havia

feito era segui-lo, zelar por ele e agora não sabia o que fazer já que ele não precisava mais dela. Ademais ela não conseguia se adaptar ao novo cotidiano:

Yo misma estaba loca por venir para acá, sin otro propósito que el de convertirme en pescadora. Me atrae el mar, los barcos, cierto tipo de pescado. Y aquí estoy igualita a como estaba allá o peor, porque allá yo iba a la playa, me metía en ella. Y aquí yo creo que ni playas hay. Y trabajo como una mula y siempre debo algo. Y me voy de una factoría y caigo en otra. Y ni veo lo que me rodea. Y no tengo vecinos. Y en esta casa metida todo el tiempo. O sea, que yo también he sido transformada por este país, aunque no me convertí en pescadora sino más bien en un pescado. Y el pájaro, dichoso y risueño. Y yo, muerta en vida. Y él diciéndole a todo el mundo que es un pájaro. Y ya lo dice como si fuera su nombre, como una presentación (Correa, 2007, p. 121-122).

Na passagem acima a mãe diz que também teve suas expectativas, mas diferentemente do filho, elas não se realizaram, pelo contrário, foram completamente frustradas. Miguel Correa demonstra que nem todos os marielitos tinham as mesmas representações ao desembarcarem em Cayo Hueso. *A Geração Mariel*, em sua opinião, não poderia representar a todos os marielitos, como alguns integrantes do grupo defendiam, e sim a uma geração específica. O que em nossa opinião poderia ser definido como aqueles que vivenciaram os mesmos espaços de experiências e horizontes de expectativas na ilha e no exílio, porque nem todos os coetâneos cubanos compartilhavam as mesmas representações da *Geração Mariel*; ao contrário, como vimos nos capítulos anteriores, estes eram em 1980 uma parcela minoritária em Cuba.

O anonimato das personagens (mãe e filho) durante toda obra causa dúvidas ao leitor: seriam essas personagens sempre as mesmas? Ou eram apenas crônicas do conflito representado pela distância entre pais e filhos após o triunfo da revolução? Havia necessariamente uma seqüência entre essas passagens? Ou seriam cenas de conflitos distintos que se assemelhavam pela recorrência e “universalidade” dos embates entre gerações? Não seria a narrativa a própria trajetória de vida do autor? Acreditamos que as respostas se complementam. Sendo assim, seriam um pouco de cada e nenhuma absolutamente. Os capítulos são fragmentos ou estilhaços, como dissemos anteriormente, e ao nosso ver Miguel Correa teve como proposta estética demonstrar a insanidade, em sua opinião, do projeto revolucionário. A loucura, os sonhos e o desespero se confrontam com os objetivos da revolução. O que resta são os estilhaços de vida que atingem a todos. Os

personagens são o alvo e ao mesmo tempo os projéteis de um mundo à deriva. Enfim a revolução, para o autor, havia se tornado uma engrenagem que não poupava ninguém:

Tranquiliza las nubes, Señor. Déjalos que lleguen y nos calmen las tripas. Estos invasores traen de todo; no son como los invasores anteriores, que uno tenía que darles hasta las terneras recién nacidas para que nos hiciera el favor de invadirnos. ¡Qué ganas tengo de que me acaben de invadir y de que me pidan que hable! “Hable, me dirán ellos, díganos quiénes son los comunistas”. Y yo primero me resistiré para que ellos vean que yo si sé quiénes son los comunistas de aquí. (...) Ay, dios mío, dentro de unas horas puede que esa invasión entre en este pueblo miserable. Dentro de unas horas me quitaré la blusa y saldré desnuda a recibirlos. Dentro de unas horas (Correa, 2007, p. 132-133).

Nessa citação retirada do capítulo “Hable-me van a decir ellos” Miguel Correa deixa o exílio nos Estados Unidos da América e retorna à ilha, por meio da enunciação de uma nova personagem. O autor procura demonstrar que a partida de milhares de “anti-sociais” pelo porto de Mariel não estancou a desilusão em Cuba, Havia uma multidão silenciosa que aguardava com ansiedade uma nova invasão como tantas outras ocorridas na história da ilha. A trajetória de Cuba, na opinião de Miguel Correa, era marcada por invasões que impunham a sua lógica pela força a uma população que se acostumara a essas transformações abruptas - a única forma de transformação social no país - e sempre as esperava, pois sabiam que mais cedo ou mais tarde uma nova invasão interromperia a realidade existente:

La gente también teme a esta invasión nueva, porque todas las invasiones que han entrado a este pueblo han hecho lo mismo: arrasar. Yo me acuerdo cuando esta invasión, que hoy gobierna esto, triunfó. Había acabado hasta con las hortalizas. Pero todos creíamos que luego vendrían sus frutos. Y vinieron sus frutos después. Eran éstos, unos frutos muy amargos (Correa, 2007, p. 133).

Como podemos notar a invasão a que Miguel Correa se remete não é uma invasão estrangeira e física simplesmente, mas sim uma invasão do cotidiano na ilha. A revolução cubana havia sido também uma dessas invasões, com a diferença de ter causado uma grande expectativa, mas, a exemplo das interferências estrangeiras e das ditaduras durante o século XX, como as de Machado e Batista, havia mudado de forma brusca o cotidiano da ilha. Os cubanos haviam desta forma se acostumado a essa dura realidade e muitos, como o narrador, aguardavam com ansiedade uma “nova invasão”, pois era essa a única forma

possível de mudança conhecida na ilha. A personagem anônima aguarda pela invasão, mas ao mesmo tempo não faz nada para conquistá-la, prefere esperar o seu fluxo:

Pues aquí voy a esperar yo a esa invasión que se acerca por Manguitos. Y los voy a seguir hasta la capital. Y voy a ir hablando hasta la capital. Y voy a decir hasta lo que no me pregunten. Y les voy a pedir un par de zapatos, que me hacen tanta falta. Y ellos me van a decir: “¿Usted no era una de las que más enardecidamente aplaudía en la plaza?” Y yo les voy a contestar: “Si, yo era una de las que más enardecidamente aplaudía. ¿Y no saben ustedes que aquí quien más aplaude es quien más desesperado está?” Y ellos van a preguntar: ¿Y no era usted una de las que más horas voluntarias tenía para ayudar al régimen depuesto?” Y yo les voy a contestar: “Miren, ustedes no saben nada de nosotros. Yo trabajaba como una mula para que me permitieran entrar a una universidad, para que me dejaran ser algo, para poder ganarme la confianza de ellos, para que me dejaran ir al extranjero, para asilarme en cualquier sitio, para sobrevivir. ¿O es que no saben ustedes que aquí ir al extranjero es un privilegio casi monárquico? (Correa, 2007, p. 133-134).

A personagem, como vimos representa, para o autor, o senso comum da juventude cubana que, mesmo sem concordar com as medidas do governo cubano, não as confronta. Miguel Correa defende que a maioria da juventude cubana prefere sobreviver na revolução a criticá-la e que aguarda que novas mudanças aconteçam sem, contudo ir de encontro ao regime. A maioria não pretende tornar-se outsiders na ilha: prefere cumprir as suas tarefas revolucionárias e viver da forma que foi definida. Desta forma, muitos dos estabelecidos, principalmente junto à juventude cubana, não o faziam em nome da revolução, e sim em nome de suas conveniências para sobreviver, tal como em outros regimes políticos. A personagem continua seu discurso imaginário:

Miren, los que estamos aquí dentro hemos hecho más que todos ustedes porque hemos resistido. Y resistir significa delatar, cooperar, aplaudir, humillar, y humillarnos, vejar y ser vejados, aterrorizar a los demás e ir en busca de nuestra dosis de miedo. No me digan que yo no he hecho nada. Y decir a todo “que sí”, cuando todo por dentro dice que no, ¿qué es? (Correa, 2007, p. 135).

A personagem como vimos se mantém em meio à dicotomia da realidade e os seus devaneios; o cotidiano que exige uma forte disciplina para sobreviver. E os sonhos de uma mudança de rota que lhe garanta aspirações das mais simples como um novo par de sapatos, e das mais complexas como uma nova ordem social. Miguel Correa sugeriu que o apoio à revolução cubana e a seus líderes em 1980, principalmente junto à juventude, era menos ideológico do que se imaginava. Para o autor a maioria dos estabelecidos e dos melhores

modelos de homem novo seriam apenas exemplos de jovens disciplinados que na maioria dos casos não estavam interessados em outra coisa do que na sua própria conveniência e no seu próprio futuro na ilha.

No penúltimo capítulo do livro e o último aqui observado, Miguel Correa critica o projeto revolucionário de construção do homem novo cubano; o capítulo é intitulado “Receta para la fabricación del “hombre nuevo”:

Ingredientes:
1 hombre joven entero
2 libretas de abastecimiento
1 pantalón caqui al año
1 par de zapatos plásticos (al año)
¼ de pan (al día)
1 ley de peligrosidad y/o de vagancia
y/o de extravagância
mítines relámpago
1 CDR
organizaciones de masas
el periódico *Granma*
películas rusas (búlgaras o checas)
trabajo voluntario
1 serviço militar obligatorio
1 líder máximo
1 segundo líder máximo
1 radio VEF
actitud crítica y autocrítica
asistencia a los plenos políticos
1 bote (Correa, 2007, p.138).

Como podemos perceber, Miguel Correa não acredita na ideologia do homem novo cubano: para ele, estes eram os primeiros a buscar uma fuga e o governo cubano sabia disso. Os que tinham problemas na juventude jamais conseguiriam visto para uma viagem ao exterior e, portanto não podiam pedir asilo político. A ameaça era justamente junto aos que se adaptavam e ocupavam espaços na nova sociedade, era uma parcela desses quem contraditoriamente tinha até então se evadido da ilha e da revolução pelos meios legais. Os jovens outsiders não eram uma ameaça, pois eles já eram marcados pelo estigma e jamais alcançavam lugar algum. Nunca conseguiriam visto para visitar outro país. Desta forma, os que até então tinham pedido asilo político no exterior eram justamente uma parcela dos principais exemplos de homens novos que haviam alcançado as posições almejadas na sociedade cubana ao se estabelecerem com muita disciplina nos pressupostos

revolucionários. Os marielitos, ao contrário, só se foram devido a um incidente histórico que acabou por levá-los em uma tormenta para: *Al Norte del Infierno*.

3.2. *Boarding Home*

O romance *Boarding Home*, de Guillermo Rosales, é considerado uma das principais obras escritas sobre o exílio cubano em Miami (ROSALES, 1987). O romance é o relato de um personagem chamado William Figueras, um cubano recém-chegado a Miami. William é recebido como um herói pelos seus familiares que, embora não o conheçam, tinham grandes expectativas em relação a ele. Mas, quando percebem que William não era exatamente o que esperavam, estes mesmos parentes se afastam e não mais o procuram. O protagonista do romance narra a decepção que causou em sua família, como pode ser visto abaixo:

Aquí me esperaban unos parientes que nada sabían de mi vida, y que después de veinte años de separación ya ni me conocían. Creyeron que llegaría un futuro triunfador, un futuro comerciante, un futuro playboy; un futuro padre de familia que tendría una futura casa llena de hijos, y que iría los fines de semana a la playa y correría buenos carros y vestiría ropas de marca Jean Marc y Pierre Cardin; y lo que apareció en el Aeropuerto el día de mi llegada fue un tipo enloquecido, casi sin dientes, flaco y asustado, al que hubo que ingresar ese mismo día en una sala psiquiátrica porque miraba con recelo a toda la familia y en vez de abrazarlos y besarlos los insultó. (ROSALES, 1987, p.10).

A frustração é tão grande que somente uma tia chamada Clotilde continua a se sentir responsável por William. Contudo, a dificuldade de adaptação do parente, aliada a uma incipiente loucura manifestada pela capacidade de ouvir vozes e ver coisas que ninguém mais podia, mina a resistência de Clotilde. Após levar o sobrinho a vários psiquiatras, ela decide interná-lo num abrigo sustentado pelo Estado norte-americano. Estes abrigos são, no romance, uma espécie de pequenos manicômios, onde se depositam os destituídos da capacidade de adaptação à sociedade que não têm para onde ir. Embora não fossem oficialmente considerados doentes mentais, nem tampouco os seus hóspedes estivessem lá obrigados juridicamente, os abrigos, ou *Boarding Home*, são relatados como uma espécie de limiar da cidadania, no qual os que lá se hospedavam dificilmente se recuperavam. Abaixo podemos ver como o descreve William no seu primeiro dia de hóspede:

La casa decía por fuera “Boarding Home”, pero yo sabía que sería mi tumba. Era uno de esos refugios marginales a donde va la gente desajustada por la vida. Locos en su mayoría. Aunque, a veces, hay también viejos dejados por sus familias para que mueran en soledad y no le jodan la vida de los triunfadores. (ROSALES, 1987, p. 7)

Rosales, como podemos notar, faz referência ao mundo dos desajustados e àquele dos triunfantes, entre os quais existia uma espécie de muro intransponível. Esta idéia é recorrente em todo o romance. William, a exemplo da “Geração Mariel”, fazia parte de uma geração de fracassados que, após vinte anos de repressão, chegaram a Miami cheios de traumas, o que, por sua vez, os impediu de escalar o muro do triunfo. Eram pessoas já chegavam minadas e não mais podiam adaptar-se a nenhum lugar. Enfim, eram os fracassados, as presas dos triunfantes, as vítimas do sistema de poder e da cultura dominante, seja em Cuba, seja em Miami. Era o combate entre os que detêm e/ou compartilham o poder e os que insistiam em não se subordinar a ele, ou ainda que já não podiam adaptar-se a ele. *Boarding Home* era o limiar onde William procurava se equilibrar sem sucesso, como mostra a continuação de sua narrativa:

He estado ingresado en más de tres salas de locos desde que estoy aquí, en la ciudad de Miami, a donde llegué hace seis meses huyendo de la cultura, la música, la literatura, la televisión, los eventos deportivos, la historia y la filosofía de la isla de Cuba. No soy un exilado político. Soy un exilado total. A veces pienso que si hubiera nacido en Brasil, España, Venezuela, o Escandinavia, hubiera salido huyendo también de sus calles, puertos y praderas. (ROSALES, 1987, p. 7)

Embora William não tivesse saído pelo porto de Mariel, pertencia ao mundo dos desajustados. Rosales não se prende ao fenômeno *Mariel* ao estabelecer a dicotomia entre dois mundos distintos, o dos triunfantes e o dos fracassados, nos quais os *espacios de experiencia e horizontes de expectativas* dos indivíduos são mais importantes do que a nacionalidade ou a opção ideológica. Por isso, o personagem William se sentia tão distante de todos e com a impressão de não pertencer a qualquer lugar, como um *exilado total*, característica dos que se encontram à margem de qualquer sociedade.

Rosales procura fazer um retrato fiel do exílio que ele encontrou em Miami. O romance e a sua vida particular convergem. As personagens que William encontra ao longo da sua narrativa parecem ter sido extraídas da memória e do cotidiano do autor.

O romance traz alguns encontros inusitados de William com algumas personagens caricatas hospedadas na *Boarding Home*, como é o caso de Ilda, uma senhora que havia

imigrado em 1960 e que acaba sendo abandonada pela família na velhice, como podemos ver abaixo:

La miro. Viste relativamente bien en comparación como viste la gente del boarding home. Su cuerpo, aunque viejo, está limpio y huele remotamente a agua de colonia. Ella es una de las que han sabido exigir sus derechos, y reclama al señor Curbelo todos los meses los treinta y ocho pesos que le corresponden. Fue una burguesa, allá en Cuba, en los años en que yo era un joven comunista. Ahora el comunista y la burguesa están en el mismo lugar. El mismo puesto que les asignó la historia; el boarding home. (ROSALES, 1987, p. 29)

Embora Ilda houvesse saído de Cuba há mais de vinte anos, e não fosse oriunda das camadas populares, passa a engrossar as estatísticas dos desabrigados na sua velhice. Ela, a burguesa, e o jovem de classe média, William, de 38 anos, passam a compartilhar o mesmo espaço de experiência e a ter o mesmo sonho de espera, ou seja, deixar *Boarding Home*.

Rosales construiu um cenário repleto de excluídos, no qual a “Geração Mariel” é apenas uma parcela de milhões de pessoas que, inevitavelmente, passam pelas engrenagens de um sistema de poder que tritura a todos os que não querem ou não podem adaptar-se às suas estruturas. *Boarding Home* está repleta de desajustados, homossexuais, velhos abandonados, alcoólatras e doentes mentais. Dentre eles há vários *marielitos*, mas há também uma minoria que sequer é cubana, como é o caso do personagem Loise, um psicopata norte-americano. Contudo, todos que lá se encontram têm algo em comum, ou seja, nenhum deles consegue mais se adaptar à sociedade norte-americana.

William recebe apenas uma visita amiúde. Trata-se de um negro que havia saído pelo porto de Mariel. William refere-se a ele como “el Negro”, sem jamais citar o seu nome. Selecionamos uma passagem em que “el Negro” o visita; embora a citação pareça extensa, trata-se de um diálogo cujo sentido ficaria truncado e poderia perder-se caso fosse reduzido:

¿Qué hay de nuevo? – pregunto ansiosamente al Negro. Él es mi contacto con la sociedad. Él va a reuniones de cubanos intelectuales, conversa de política, lee los periódicos, mira la televisión, y luego, a cada una o dos semanas, viene a verme para transmitirme la esencia de sus correrías por el mundo.

- Todo igual – dice el Negro – Todo igual...bueno! – dice de pronto. Truman Capote murió.

- Lo sé.

- Pues nada más - dice el Negro - saca un periódico Mariel, editado por jóvenes cubanos en el exilio.

- Ahí hay un poema mío - dice el Negro- en la página seis.

Busco en la página seis. Es un poema que se llama Siempre hay luz en los ojos del diablo. Me recuerda a Saint John Perse. Se lo digo. Le hagala.
 - Me recuerda a Lluvias – digo.
 - A mi también- dice el Negro.
 - Luego me mira. Estudia mi ropa, mis zapatos, mi pelo sucio y revuelto. Mueve la cabeza desaprobando.
 - Tu, Willy – dice – dice entonces – deberías cuidarte más.
 - Estoy muy destruido, ¿tu?
 -Aún no – dice – pero trata de no caer más.
 -Me cuidaré – digo.
 El Negro me da una palmada en la rodilla. Comprendo que ya se va. Saca una cajetilla de Marlboro a medio consumir y me la entrega. Luego saca un dólar y también me lo da.
 - Es todo lo que tengo - dice.
 - Lo sé.
 Salimos del auto. Un loco viene a pedirnos un cigarro. El Negro se lo da.
 - Adiós, doctor Zhivago – me dice sonriendo. Vuelve la espalda y se va.
 (ROSALES, 1987, p. 31-32)

O diálogo entre “el Negro” e William é muito esclarecedor, porque revela algumas diferenças entre Rosales e os demais representantes da “Geração Mariel”. Como podemos ver, William, o protagonista do romance, não chega a Miami vindo pelo porto de Mariel, a exemplo do que ocorreu com o autor. Contudo, tanto Rosales quanto seu personagem foram contemporâneos ao fenômeno Mariel, que em *Boarding Home* é apresentado de forma discreta e até secundária, o que o diferencia de outros autores do grupo, para os quais o fenômeno Mariel é sempre o foco principal. William tinha parentesco com famílias relativamente bem-sucedidas em Miami e o “marielito” chamado de “el Negro” era o retrato do estigma; até William, outro fracassado, se referia a ele como o negro que havia fugido pelo porto de Mariel.

Apesar de William não pertencer à elite cubana como Ilda, também não era oriundo das camadas marginalizadas. Ambos faziam parte de uma minoria cubana que estava inserida socialmente, antes e após a revolução. O fato de terem caído em desgraça é resultado do desvio e/ou da recusa de uma conduta moral estabelecida. Desta forma, foram rejeitados ou rejeitaram. Não se adaptam assim aos pressupostos estabelecidos seja em Cuba, seja no exílio. Se Ilda era representante da elite econômica cubana, William, por sua vez, era um autêntico representante das camadas médias urbanas. Já “el Negro” pertencia a uma outra esfera, aquela dos que eram estigmatizados desde sua origem. Seriam estes os autênticos “marielitos”? Guillermo Rosales parece estabelecer uma diferenciação entre ele e os Marielitos que jamais haviam participado do poder na ilha. Um seguimento no qual era

predominantemente constituído por “guajiros”*, negros, “maricones”**, desdentados, ladrões, favelados, entre tantos outros excluídos. Esses não acreditavam haver perdido o paraíso tropical socialista, mas sim fugido da violência social marcada pelo estigma. Desta forma Guillermo Rosales não se define como um marielito e sim um dos jovens de classe media que sonharam com a revolução e foram destruídos em meio a sua grande marcha.

O romance prossegue com a narração de William a respeito do cotidiano da casa até que ingressa uma nova personagem, Francis, uma cubana exilada que chega à *Boarding Home* bastante perturbada emocionalmente. A exemplo de William, ela ouve vozes que não consegue distinguir e também é abandonada pela família. William se enamora por Francis e eles iniciam um romance marcado pela luta para reconstruir suas vidas. Ambos estão desamparados e passam a se apoiar um no outro. A solidariedade existente entre eles passa a ser uma nova esperança para enfrentar os pesadelos do passado e superar as adversidades do presente para, desta forma, poderem voltar a sonhar com um futuro.

A relação entre William e Francis significa, no romance, uma interrupção na loucura e na violência humana de uma sociedade que não tolera indivíduos desajustados como eles. O casal passa a falar sobre suas experiências na juventude, sobre a ilha e a Revolução. A seguir uma dessas passagens:

Mi cielo – dice -¿Fuiste comunista alguna vez?

- Sí.

- Yo también.

Callamos. Luego dice:

-Al principio.

Recuesto la cabeza en la columna y canto en voz baja un himno de los primeros años de la revolución:

“Somos las brigadas Conrado Benítez. Somos la vanguardia de la revolución”

Ella lo completa:

“Con el libro en alto, cumplimos una meta. Llevar a toda Cuba la alfabetización...”

Nos echamos a reír

Yo enseñé a leer a cinco campesinos – confiesa.

- ¿Sí? ¿Dónde?

- En la Sierra Maestra – dice – En un lugar que llamamos El Roble.

- Yo estaba cerca – digo - Yo estaba enseñando a otros campesinos en la Plata. Tres montañas después.

- ¿Cuánto hace de eso, mi cielo?

Cierro los ojos.

* Termo que corresponde aos “caipiras” no Brasil.

** Termo que designa os homossexuais.

- Veintidós... veintitrés años – digo.
- Nadie entiende esta historia – dice ella – Yo se la cuento al psiquiatra y sólo me da pastillas de etrafón forte. Veintitrés años mi cielo?
Me mira con ojos cansados.
-Yo creo que estoy vacía – dice.
- Yo también.
La tomo de las manos y nos ponemos de pie. Un auto negro, convertible, pasa frente a nosotros. Un adolescente miamiense saca su cabeza por la ventanilla y nos grita
- ¡Escoria!
Le enseño el dedo más largo de mi mano. Luego aprieto la mano de Francis y empezamos a caminar de nuevo en dirección al boarding home. Tengo hambre. Quisiera comerme, al menos, una empanada de carne. Pero no hay un centavo (ROSALES, 1987, p. 64-65).

William e Francis sabem que seus dramas pessoais são incompreensíveis para a maioria das pessoas que estão à sua volta. A ninguém interessa esta história, a não ser aos que a vivenciaram e aos que compartilharam circunstâncias semelhantes. Ambos acreditaram na Revolução e se decepcionaram; ambos imaginaram que podiam reconstruir suas vidas no exílio e novamente fracassaram. Contudo, havia uma nova esperança de salvação. Começaram a planejar um novo exílio, uma nova fuga. Porém, agora teriam um ao outro e poderiam enfrentar com mais força as vozes que os atormentavam e o pessimismo destrutivo que os paralisava.

William convence Francis a um novo recomeço e propõe que deixem *Boarding Home*. Francis se entusiasma com a possibilidade de morarem juntos e pede para trazer seu filho, que vive com sua mãe em New Jersey, o que William aceita sem resistência e com entusiasmo. O plano de William era simples: esperariam o final do mês, quando recebiam o cheque do seguro social ao qual ambos tinham direito e que era utilizado para pagar suas permanências na *Boarding Home*. Desta forma, alugariam uma pequena casa em um bairro pobre chamado *Little Havana*, onde a maioria dos 125 mil “marielitos” morava, e logo procurariam empregos para poder se sustentar. Mas, após alguns minutos de entusiasmo, Francis perde os sentidos e ao despertar está tomada pelo pânico que a atormenta, como vemos a seguir:

- Francis... Francis! – digo, levantándola del suelo.
- ¿Qué te pasa?
- Le doy algunas palmadas en la cara. Lentamente vuelve en sí.

-Es la ilusión mi cielo...la ilusión! – dice.
 Me abraza fuerte. La miro. Sus labios, sus mejillas, su rostro, todo tiembla de una manera intensa. Comienza a llorar.
 No resultará – dice - . – No resultará.
 - ¿Por qué?
 - Porque estoy loca. Necesito tomarme todos los días cuatro pastillas de etrafón forte.
 - Yo te las daré.
 -Oigo voces – dice -. Me parece que todo el mundo habla de mi.
 - Yo también – digo -. Al carajo las voces!
 La engarzo por la cintura. Lentamente comenzamos a caminar hacia el boarding home. Un auto moderno pasa junto a nosotros. Un sujeto de barbita rala y gafas ahumadas saca la cabeza por la ventanilla y me grita:
 - Bótala, chico!
 Avanzamos. Mientras lo hacemos, voy planeando los pasos que daré.
 (ROSALES, 1987, p. 93).

Francis teme um novo fracasso, mas é convencida por William a seguir lutando e eles passam a planejar a saída de *Boarding Home* ao final do mês. Tudo parecia conspirar a favor do casal; William encontra uma casa dentro de suas possibilidades e, no dia em que o cheque do seguro social chega pelo correio, ele se dirige ao senhor Curbelo, um cubano rico responsável pelo estabelecimento. Após certa resistência, Curbelo entrega-lhe seu cheque, mas quando William pede o cheque de Francis, ele se recusa terminantemente a entregá-lo, alegando que ela está doente e que fora confiada por sua mãe aos cuidados dele. Após ter esgotado todos os seus argumentos, William arranca o cheque das mãos de Curbelo e foge com Francis. Como era de se esperar, o casal é facilmente recolhido pela polícia. Francis é reconduzida para “Boarding Home” sob os cuidados de Curbelo e William, fora de si, é conduzido a um hospital psiquiátrico.

No hospital, William consegue convencer o psiquiatra responsável por ele de que não está louco. Embora reconheça que ouve vozes, diz que desde que conhecera Francis já não mais as ouvia. Após uma semana, o Dr. Paredes decide levar William pessoalmente para falar com Curbelo, na tentativa de conseguir a liberação de Francis. Mas, William tem outra decepção. Francis havia sido levada por sua família e ninguém sabe de seu paradeiro. William, já sem resistência, capitula. Vejamos um trecho do desfecho do romance:

-¿Ya lo sabes todo?
 -Ya lo sé – respondo
 -No se moleste más por mí. No
 Hay nada que hacer.
 - Lo siento – dice Paredes.

- Muchacho... – dice entonces, el señor Curbelo -. Puedes quedarte aquí si así lo deseas. Tomate tus pastillas. Descansa. Mujeres sobran en esta vida. Desde el comedor me llega la voz de la mulata Caridad anunciando la comida. Los locos salen en tumulto hacia allí. Curbelo se levanta y me empuja suavemente por los hombros.
- Ve – dice -. Come. En ningún lugar de este mundo estarás mejor que aquí. Bajo la cabeza. Salgo, detrás de los locos, hacia el comedor (ROSALES, 1987, p. 93).

Neste momento, William já é um homem completamente domado. Na citação acima, quando Curbelo diz a ele que em lugar nenhum estaria melhor do que em *Boarding Home*, tem-se o mesmo discurso que William escutara desde Cuba e constantemente ouvia no exílio. Não havia fuga possível, não havia exílio possível. Ele era um exilado total. William termina seu relato como se fosse uma carta de despedida:

¡Boarding Home! ¡Boarding Home! Ya hace tres años que vivo en este boarding home. Castaño, el Viejo centenario que quiere morir constantemente, sigue gritando y apestando a orina. Ilda, la gran dama venida a menos, continúa soñando que sus hijos de Massachusetts vendrán un día a rescatarla. Eddy, el loco versado en política internacional, sigue pendiente de los noticieros de televisión y pidiendo a gritos una tercera guerra mundial. Reyes, el viejo tuerto, continua supurando humor por su ojo de vidrio. Arsenio sigue mandando. Curbelo prosigue viviendo su vida de burgués con el dinero que nos saca. (ROSALES, 1987, p. 93-94)

Assim, se encerra o romance de Rosales. Embora o autor não tenha vivido em “Boarding Home” que, evidentemente, é um local fictício, existem centenas de estabelecimentos como este em Miami, conhecidos como “house”. Rosales viveu por anos efetivamente nesses estabelecimentos o que sem dúvida comprova a forte carga autobiográfica no romance. O protagonista William e o autor são muito semelhantes, assim como são suas trajetórias. Como visto, William chega em Miami pelo aeroporto internacional de Miami e é recepcionado por familiares que não o aceitam. O mesmo ocorreu com Rosales. William pretendia ser escritor, assim como Rosales. Enfim, ambos se confundem e é difícil estabelecer o que é ficção e o que são efetivas experiências vividas pelo autor. Segundo a crítica literária porto-riquenha Ileana Piñeda Pérez, os autores caribenhos desterrados buscam a sua pátria a partir de si mesmos (PÉREZ, 2000).

Em *Boarding Home* fica claro que Rosales não se sente pertencente ao grupo como os demais. Mas não porque não fosse homossexual, ou porque não houvesse desembarcado em Cayo Hueso, vindo do porto de Mariel como a maioria dos integrantes do grupo.

Rosales era favorável à maioria das propostas da *Geração Mariel* e sempre foi um colaborador da revista. Contudo, ele não era mais um idealista e não conseguia acreditar na construção de uma identidade capaz de abarcar os sentimentos de toda uma geração de desterrados. Ele havia acreditado na revolução cubana e, após a frustração que esta lhe trouxe, já não podia acreditar em mais nenhum projeto libertário. Era um homem alquebrado e desiludido; trazia consigo uma amargura que culminou com seu suicídio em 1993.

Em vários depoimentos de integrantes da *Geração Mariel* sobre Guillermo Rosales estão repletos de elogios a respeito de seu caráter e das suas qualidades como escritor, mas todos afirmam ter sido ele uma pessoa fechada e amargurada (ABREU, 1998).

Em *Boarding Home*, o autor não traz à tona nenhuma proposta com relação à construção de uma identidade Mariel e tampouco trabalha com o sentimento de pertença que supostamente une os seus representantes. No romance, o protagonista William termina solitário, louco e desamparado, o que demonstra o pessimismo do autor para com o futuro dos exilados de sua geração. Rosales, a nosso ver, se tornou no exílio mais que um integrante da Geração Mariel em um exilado de qualquer esperança.

3.3 - O Porteiro

A obra *O Porteiro*, de Reinaldo Arenas, foi escrita entre 1984 e 1986 e publicada apenas em 1990 (ARENAS, 1995). Sendo assim, essa novela foi redigida na mesma época de *Boarding Home* de ROSALES (1987), ou seja, pouco após o encerramento das atividades da Revista Mariel de Arte y Literatura. Essa novela também tem como tema o exílio nos Estados Unidos da América; porém, em vez de ter Miami como cenário, Arenas utiliza Nova York, cidade em que ele se radicou.

Arenas inicia sua novela apresentando o protagonista Juan, que há dez anos havia deixado a Ilha em um bote pelo porto de Mariel, então com apenas 17 anos. Passados dez anos, o jovem imigrante cubano ainda não se adaptou ao exílio e está a morrer de tristeza. A novela é narrada na primeira pessoa do plural, por integrantes da comunidade cubana de Miami, que haviam sido designados para acompanhar e relatar a trajetória deste refugiado

cubano. O interesse por Juan é justificado pelo seu caráter excêntrico, como pode ser visto abaixo:

Mas este testemunho tem como objeto um caso excepcional. É a história de alguém que, diferentemente de nós, não pôde (ou não quis) se adaptar a este mundo prático; ao contrário, explorou caminhos absurdos e desesperados e, o que é pior, quis levar por esses caminhos todos aqueles a quem conhecia... Permitam-nos esclarecer que, primeiro, não constituímos (felizmente) um grêmio de escritores e portanto não temos que obedecer a suas leis; segundo, que nosso personagem, ao pertencer à nossa comunidade, faz parte também de nós mesmos, e terceiro que fomos nós quem lhe abrimos as portas deste novo mundo e quem, em todos os momentos, estivemos dispostos a 'lhe dar a mão', como se diz lá, no lugar de onde fugimos. (ARENAS, 1995, p. 13).

Arenas procurou narrar sua novela tomando como cenário a comunidade cubana de Miami para, com ironia, demonstrar os preconceitos ali existentes sobre os novos exilados cubanos. Na citação acima é possível notar algumas afirmações, tais como “pertencer à nossa comunidade”, “nós que lhe abrimos as portas”, “em todos os momentos estivemos dispostos a ‘lhe dar a mão’”. Outro ponto é o caráter paternalista e arrogante da comunidade para com os novos imigrantes cubanos. Os narradores revelam as representações da comunidade cubana a respeito do mundo em que viviam e ao qual acreditavam pertencer; mundo este que era, ou pelo menos deveria ser, capitalista, liberal, conservador, católico, machista e paternalista. Abaixo temos outro trecho da novela em que Arenas utiliza-se deste recurso:

Naturalmente, tivemos que encontrar novos empregos para ele várias vezes. Foi camareiro em um bar, encarregado de limpeza dos banheiros de um hospital para refugiados haitianos, passador de roupa em uma fábrica do midtown de Nova York, bilheteiro em um cinema da Rua 42... Que queriam vocês? Que lhe oferecêssemos nossas piscinas? Que assim por sua linda cara... sim por sua linda cara lhe abrissemos as portas de nossas residências em Coral Gables, que lhe entregássemos nosso carro do ano para que conquistasse nossas filhas que com tanto esmero educamos, e que o deixássemos, enfim, viver a doce vida sem antes conhecer o preço que neste mundo se tem que pagar por cada lufada de ar? Isso sim que não. (ARENAS, 1995, p. 14)

Como pode ser visto, Arenas faz uma caricatura do pensamento conservador da elite da sociedade cubana para identificar a comunidade dos exilados históricos de Miami, que na opinião do autor ultrapassava as fronteiras da Flórida. Desta forma, na novela, a comunidade cubana agiria como uma espécie de “Estado Paralelo” que por meio de seu

serviço secreto monitorava, por temor, os refugiados cubanos que imigravam para os Estados Unidos da América.

Após os diversos empregos pelos quais Juan passou sem conseguir adaptar-se, a comunidade conseguiu para ele uma vaga de porteiro em um luxuoso edifício residencial de Manhattan. Segundo os narradores, não havia trabalho menos problemático, já que a tarefa restringia-se a abrir e fechar portas e saudar respeitosamente os moradores. Contudo, é neste emprego que se inicia a trama da novela. Ao contrário dos demais trabalhos que havia tentado antes, Juan adaptou-se ao de porteiro, mas não por afinidade, e sim por uma razão mais nobre. Juan acreditava que, ao exercer esta função, estaria mais próximo dos moradores e poderia, assim, ajudá-los a abrir outras portas. Em sua aparente insanidade, o protagonista julgava ser o escolhido para encaminhar as pessoas a atravessar a porta da “verdadeira felicidade”. Embora Juan confessasse que não sabia de que forma poderia fazê-lo, ele estava convicto de que era o responsável por esta tarefa.

Arenas passa a narrar por meio dos escritores da comunidade cubana a fantástica trajetória de Juan, o porteiro que acreditava ser uma espécie de profeta. A novela é uma obra calcada no realismo fantástico, na qual as personagens são os próprios moradores do edifício que, por sua vez, representam caricaturas da sociedade norte-americana e dos seus absurdos. O porteiro, por meio de uma dedicação imensurável, se aproximava dos moradores com o intuito de ajudá-los a encontrar a porta para a “verdadeira felicidade”. Mas, os moradores do prédio não o ouviam e somente exploravam sua boa vontade para que ele realizasse algumas tarefas que não estavam no seu contrato de trabalho, sem que ele sequer conseguisse expressar o seu objetivo.

A novela traz personagens fantásticos, como John Lockpez, um equatoriano naturalizado norte-americano, pastor da igreja do Amor a Cristo Mediante o Contato Amistoso e Incessante; Brenda Hill, uma solteirona de meia idade alcoólatra e libertina; Mary Avilés, filha de importantes representantes da comunidade cubana de Miami que só pensa em se matar; Stephen Warren, o milionário da cobertura do edifício; Cassandra Levinson, professora de ciências políticas da Universidade de Colúmbia e militante do Partido Comunista Norte-Americano; o senhor Pietri, chamado de super, por ser o síndico do prédio; a senhora Scarlett Reynolds, atriz aposentada e avarenta; o professor Walter Skirius, um cientista de renome que era revoltado com a fragilidade do corpo humano e

desejava inventar acessórios que substituíssem alguns itens do modelo original. Essas são algumas entre outras não menos fantásticas personagens.

A primeira parte da novela é marcada pela tentativa de aproximação de Juan junto aos moradores do edifício. Contudo, o protagonista não consegue falar da porta com ninguém. Arenas utiliza-se do realismo fantástico para demonstrar que todos falavam consigo mesmos. O Dr. Skirius, por exemplo, não ouvia Juan porque estava interessado em convencê-lo a trocar seu obsoleto braço humano por um novo de aço que ele próprio havia desenvolvido e que seria mais útil para alguém que passava os dias a abrir portas. Já o pastor John Lockpez só pensava em convertê-lo à sua igreja e sua doutrina não convencional, que consistia basicamente em apalpar tudo furtiva e apaixonadamente no intuito de captar as radiações existentes, sem nenhum tipo de discriminação, fossem objetos inanimados ou não. A atriz aposentada, Scarlett Reynolds, era uma avarenta que tinha como animal doméstico um cachorro de pano por ser menos oneroso, e só se aproximava do porteiro para conseguir algumas moedas. Embora nunca conseguisse falar sobre a teoria da porta com ninguém, Juan mantinha-se obstinado e resistia ao mundo mágico à sua volta.

Arenas só foge à regra com um morador: a cientista política Cassandra Levinson, pois embora ela também procurasse convencer o porteiro, os seus argumentos não eram fantásticos e sim bastante racionais, como pode-se observar:

Sim, porque Cassandra Levinson, além de ser integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos – direito que não se coloca em discussão – e professora de ciências políticas da Universidade de Colúmbia, com honorários de oitenta mil dólares anuais, era um instrumento direto e fanático do ditador cubano e se impusera como tarefa filosófica e como dever moral e até ‘humano’ convencer nosso porteiro (que havia vivido dezessete anos de humilhação sob o sistema comunista e que havia saído de lá fugido em um bote) de que aquilo que deixara para trás era nada menos que o paraíso. (ARENAS, 1995, p. 67).

O autor provavelmente utiliza-se deste recurso para convencer os leitores de que a defesa política feita pela esquerda norte-americana ao regime cubano é, por si só, absurda.

Abaixo podemos ver como ele conduz o diálogo entre Juan e Levinson:

- Você não se dá conta – insistiu – do quão miserável é sua vida, abrindo a porta a gente que o despreza e o considera inferior?...
- Também abro a porta para a senhora – respondeu o porteiro -, e não creio que me despreze. E se eles me desprezam, eu os aprecio; além disso, quero ajudá-los. E quero abrir-lhes não esta porta, mas outras portas...

- Puro idealismo burguês! – protestou Cassandra Levinson. – A única ajuda que pode dar à humanidade é incorporar-se à luta de classes até conseguirmos a vitória dos trabalhadores.

- Sou um trabalhador e venho de um lugar onde, segundo a senhora, se ganhou esta batalha.

- Você está fazendo confusão. Lá os inimigos do sistema encheram sua cabeça de bobagens.

- Lá, a única coisa que os inimigos do sistema podem encher são as prisões. A Liberdade...

- Não me fale de liberdade! – protestou ofendida a senhora Levinson. – Você não sabe o que significa esta palavra!

- Se não soubesse, como poderia me explicar que a senhora e eu possamos manter impunemente esta conversa – contestou amavelmente nosso porteiro, tentando se despedir, alegando que havia deixado a portaria abandonada.” (ARENAS 1995, p. 69-70).

Como vemos, o autor não utiliza neste diálogo os artifícios estéticos do realismo fantástico que caracteriza o resto da novela. Ele prefere escarnecer de forma direta a esquerda norte-americana por meio da professora Levinson, o que não ocorre com nenhum outro personagem e em nenhum outro momento da novela, o que causa um impacto no leitor. O uso proposital da forma discursiva direta singulariza esse capítulo pois, ao abrir mão das metáforas e ironias presentes nos capítulos anteriores, o autor mostra como seria insólita a defesa do regime cubano pela esquerda norte-americana.

Na novela, o porteiro era um refugiado que chegara aos Estados Unidos da América pelo porto de Mariel e, após dez anos de exílio, estava preste a morrer de tristeza, até que encontrou no novo emprego de porteiro um sentido para sua existência: ajudar a humanidade a encontrar uma porta para a salvação de sua vida medíocre e mesquinha. Mas, o porteiro se desilude quando não consegue impedir Mary Avilés, da qual estava enamorado, de tentar o suicídio mais uma vez. A morte de Avilés, aliada às frustradas tentativas de aproximação dos demais moradores, devolvem-no ao estágio de tristeza e desilusão anterior.

No final da primeira parte da novela, o porteiro encontra-se no centro da Times Square, em meio às comemorações do Ano Novo. O lugar e o momento são propícios ao sentimento de euforia que milhares de pessoas estão compartilhando. Mas, Juan se sente alheio a tudo e a todos, pois não pertence àquele lugar. Times Square nada representa para ele. Não se sente um integrante daquela multidão que se aglomera na praça. A euforia das pessoas reflete-se nele como melancolia e solidão. Antes mesmo do início do Ano Novo,

Juan decide retornar ao edifício. Ao chegar à porta do prédio em que trabalha, explodem as comemorações, com todos os seus artefatos sonoros e visuais. Neste instante, Juan toma consciência do que realmente significa no edifício, como pode ser visto abaixo:

Juan teve quase a aterradora certeza de ser não um salvador mas um palhaço, um laçao daquela engrenagem ridícula. O mais baixo dos laçaios! Compelido a repetir gestos pomposos, frases e até logos supostamente gentis a todas aquelas pessoas que, como podiam se dar o luxo de pagar um porteiro, caminhavam com os narizes empinados... E ali mesmo, junto à grande porta de vidro, o porteiro tirou o uniforme, tirou as luvas e o chapéu e, vestindo a roupa que guardava no armário que lhe era destinado, decidiu neste mesmo instante, tomado de uma fantástica lucidez ou uma absoluta loucura, abandonar não só aquele edifício, não só aquela cidade, mas, como Mary Avilés, o universo completo (ARENAS, 1995, p. 134-135).

Após este momento de alucinação, Juan faz uma avaliação da sua experiência de vida e nota que sempre teve um papel secundário no desenrolar dos acontecimentos. Não pode mais continuar a ser levado pela correnteza e já não acredita na possibilidade de uma nova fuga. Ao relembrar tudo que passara desde Cuba, e tudo que alcançara até então, ele conclui que não há outro caminho, não há porta a ser alcançada e, desta forma, ele reafirma intimamente sua decisão:

Desaparecerei de maneira decisiva e pelo menos não serei mais um nessa engrenagem mecânica que não vai a parte alguma... Atrás, havia deixado um mundo ao qual não quero regressar nem recordar. E, sem dúvida, esta outra realidade era também para ele um mundo que precisava modificar para que se tornasse habitável. E se era certo que não podia mais tolerar o que havia deixado (embora apesar de tudo tampouco esquecesse), também era certo que não podia permanecer na realidade que havia encontrado. (ARENAS, 1995, p. 135).

A citação demonstra uma das principais teses da *Geração Mariel*: a incapacidade de se inserir tanto no projeto cubano da ilha, quanto no projeto cubano-americano de Miami, o que caracteriza o sentimento de não pertença do grupo. O porteiro, para o autor, é um típico representante dessa *Geração Mariel*, sempre em busca de uma nova fuga, à procura de uma porta. Contudo, Juan já não acredita encontrar a porta e, inclusive, prepara-se para abandonar aquele mundo que tanto o maltratara. A sua vida seria seu último sacrifício. Porém, ao entrar no elevador do edifício ele se depara com uma voz feminina a saudá-lo. Mesmo sem haver nenhuma pessoa no recinto, Juan procura a autora da façanha. Para sua surpresa, a voz é de Cleópatra, uma cadela egípcia do milionário senhor Stephen Warren. Abaixo podemos observar este inusitado diálogo:

- Boa Noite – disse nesse momento uma voz feminina vinda do elevador. – Boa noite – voltou a repetir a voz sempre em inglês com sotaque britânico, agora em um tom mais alto, não restando a Juan alternativa a não ser voltar-se e saudar.

Mas na porta aberta do elevador não havia ninguém. Quem estava ali era Cleópatra, a famosa cadela egípcia de propriedade dos Warren. O animal, avançando sempre com grande parcimônia, aproximou-se do porteiro e outra vez, em inglês impecável, lhe deu boa-noite. E como Juan permanecesse estupefato, a cadela acrescentou:

- Espero que não se surpreenda de saber que falo, pois me sentiria verdadeiramente ofendida.

- Não, não, claro. De maneira alguma – disse o porteiro ainda mais confuso.

- Bem – prosseguiu Cleópatra. – Não temos muito tempo agora. Escapei do apartamento aproveitando a confusão de fim de ano, mas de um momento para outro começarão a me procurar – aqui a distinta cadela apontou com os olhos para o alto -, motivo pelo qual nossa conversa tem que ser muito breve. Ouvi suas palavras e seus gritos. Eles – Cleópatra voltou para o teto – por sorte nada ouviram... Escute-me: eu e um grupo de amigos precisamos falar com você. É importante. Tudo está acertado para que possamos nos encontrar amanhã pela manhã às dez no porão...

Rapidamente, sem perder a solenidade, Cleópatra entrou no elevador e desapareceu. (ARENAS, 1995, p. 135-136).

Arenas encerra a primeira parte da sua novela com a introdução deste fenômeno fantástico. A segunda parte é caracterizada pelas reuniões do porteiro com Cleópatra e os demais animais pertencentes aos moradores do prédio. Na primeira reunião conduzida por Cleópatra, Juan percebe do que se trata. Ela diz que há muito tempo eles estavam observando o comportamento do porteiro em relação aos moradores do prédio e notaram sua dedicação para com eles, embora nenhum deles houvesse se mostrado interessado por ele e, inclusive, já tivessem decidido demiti-lo. Cleópatra continua sua explanação afirmando que, ao contrário do tratamento dispensado aos humanos, o porteiro jamais se preocupara com a existência dos animais do prédio, os quais viviam sob a dominação daqueles com os quais ele tanto se preocupava. Por fim, Cleópatra propõe um acordo ao porteiro:

Nossa proposta é a seguinte – prosseguiu a cadela egípcia, dirigindo-se ao porteiro. – Primeiro, que você nos escute; Segundo, que medite; finalmente, que se una a nós.

A essas palavras de Cleópatra, o porão se encheu de grunhidos, miados, piados e latidos de aprovação.

Uma vez de acordo – continuou Cleópatra, acima da barafunda -, tentaremos encontrar uma solução ou, como você mesmo disse, uma saída ou uma porta. Uma porta para você e para nós. Não para eles, os moradores, que dela não necessitam, porque sequer percebem que estão presos. (ARENAS, 1995, p. 147).

A partir deste ponto, Reinaldo Arenas, por meio da narrativa da comunidade cubana de Miami, descreve os diálogos entre vários animais e o Porteiro. Trata-se de uma espécie de manifesto aos exilados do porto de Mariel que eram vistos nos Estados Unidos da América e em Cuba como a escória da sociedade cubana. Os marielitos são metaforicamente representados por esses animais. Para o autor, os moradores eram a comunidade histórica cubana, à esquerda norte americana, milionários norte-americanos e todos aqueles que, mesmo não tendo inventado aquele mundo, adaptaram-se a ele e o admiravam. Por isso, não conseguiam entender a angústia de Juan, que era a mesma de milhares de novos refugiados que jamais poderiam adaptar-se a este modelo pronto e acabado, e também não podiam retornar à ilha, de onde haviam escapado após as desilusões de uma revolução social. Eram estes “marielitos” metaforizados em animais que ansiavam por uma nova fuga, por uma outra porta. Na novela, somente os animais do prédio deram ouvidos ao porteiro. Para Reinaldo Arenas, somente a nova comunidade exilada, a *Geração Mariel*, poderia entender os significados da proposta Mariel de identidade e sua busca por uma alternativa de existência e a busca por uma porta, uma nova fuga.

As reuniões no porão eram sessões, onde cada um dos animais do prédio separadamente narrava sua trajetória de vida e dava sua opinião a respeito do caminho que deviam tomar para alcançar a porta. A narrativa continua a ser feita pelos agentes da comunidade cubana de Miami que inclusive não se mostram tão surpresos com a conspiração da fauna, eles como monitoravam tudo nunca eram completamente surpreendidos. Reinaldo Arenas que foi um dos fundadores da *Revista Mariel de Arte y Literatura*, parece descrever na novela as seções da revista que dedicava seu espaço para que os refugiados do porto de Mariel, escritores ou não, narrassem suas experiências na ilha e as suas urgências no exílio, como descrito no capítulo anterior.

Arenas inspirou-se nos refugiados do porto de Mariel, que ele conhecera no exílio, para criar estereótipos desses animais. Desta forma, ele procura, figurativamente, analisar as experiências, os temores e as esperanças da “Geração Mariel” no exílio. Esta *Geração Mariel*, para ele, não se restringia aos escritores que lançaram a revista, mas referia-se a todos os que atravessaram o Estreito da Flórida em pequenas embarcações saídas do porto de Mariel, bem como a todos os refugiados que, mesmo não tendo saído pelo porto de Mariel, passaram pelas mesmas experiências e desilusões na ilha e compartilharam a dura

realidade do exílio nos Estados Unidos da América. Este foi o caso de Guillermo Rosales e Heriberto Padilla que, mesmo tendo saído pelo aeroporto internacional de Miami em 1980, participaram do grupo e de sua revista.

É inviável analisar aqui todos os depoimentos dos fantásticos personagens desta novela, mas passemos à observação de certos trechos de alguns deles, iniciando pela pomba-trocaz:

Sem dúvida, é a fuga o que vou colocar em questão, eu, que desde que vivo esta situação não penso senão nela... O tempo e o cativo me fizeram perder a destreza em todos os meus músculos, a leveza para voar, a visão aguda, a astúcia para driblar a escopeta ou a armadilha e talvez até a persistência para procurar sozinha o meu próprio sustento. Vocês também perderam essas coisas, ou coisas semelhantes, embora talvez não queiram reconhecer isso... Também me pergunto se por acaso poderíamos viver lá de onde há tanto tempo partimos. Aqui temos certas comodidades e até uma certa segurança, não nos falta comida e, em geral, podemos dizer que ninguém virá nos matar. (ARENAS, 1995, p.154)

A pomba quer alçar novos vôos, mas não tem certeza de consegui-lo. O autor faz alusão aos refugiados que, após muita coragem, conseguiram fugir da ilha, mas que já estão tão calejados pela luta que não conseguem reunir as forças necessárias para uma nova fuga e, mesmo infelizes, deixam-se envelhecer em segurança no exílio, embora isso não signifique a renúncia de seus princípios. Porém, faltava-lhes força para uma nova aventura, um novo combate, uma nova fuga.

Outro personagem marcante da novela é o coelho, que em seu depoimento diz que tudo se resumia à construção de buracos para impedir a ação dos predadores, como podemos ver abaixo:

Vejam suas cidades: buracos que o medo incessante multiplica. Buracos com marcas e alarmes, com armadilhas, polícias e porteiros. Nosso porteiro é um porteiro de buracos. Nosso porteiro é o porteiro do medo. Se não houvesse medo, para que teria que existir o porteiro. (...) Não sabem vocês como se faz um buraco? Se não sabem, estão perdidos. Porque se somente contam com o medo e não com o buraco, então sim não têm escapatória... Na realidade, creio que mesmo com o buraco não temos escapatórias... Mas façamos os buracos. Começemos a fazer buracos, buracos, buracos! Agora mesmo!

Aqui o coelho, sem deixar de tremer, quis fazer uma demonstração prática de como fazer um buraco, mas seus dentes e suas unhas bateram no cimento do chão. O coelho deu um grito de espanto.

-Vêem – disse, a ponto de morrer de um colapso -, estamos metidos em uma armadilha. Isto não é mais que uma jaula. Estamos presos! Que medo! (...) Então o coelho, dominado pelo pânico, começou a gritar que o matassem,

que se retratava por tudo o que tinha dito, que não levassem em conta aquelas palavras para nada, que era um mentiroso e que faria qualquer coisa em troca de que, de um momento para o outro não lhe cortassem a cabeça, e o deixassem sair dali imediatamente. (ARENAS, 1995, p. 189-190)

O coelho é usado pelo autor para representar os refugiados que, após as prisões, as torturas psicológicas e as perseguições sofridas em Cuba, tornaram-se indivíduos paranóicos e depressivos que não conseguiam mais controlar suas emoções ou nem mesmo conduzir suas vidas. São mutilados da coragem necessária para uma vida constituída cotidianamente de combates. Arenas refere-se claramente a casos como o de Padilla que, depois da prisão e da retratação pública, jamais pôde ser a mesma pessoa nem tampouco o mesmo poeta que fora outrora. No capítulo “El ‘caso’ Padilla” de seu livro *Antes que anochezca*, ele afirmou que Padilla jamais voltou a ser mesma pessoa depois da retratação pública.

Outro personagem aqui selecionado é o macaco que, diferentemente da pomba e do coelho, não desabafa, mas aproveita a sua vez para fazer um discurso. Ele defende a tese de que a vida seria um jogo que deve ser jogado com humor e com o objetivo único da diversão em si, sentido que a humanidade perdeu e que, para o macaco, devia ser por eles valorizado como a única forma de encontrar a porta. Vejamos parte do seu discurso:

Só somos autênticos se mudamos constantemente. Caminhemos em quatro patas, em uma, em duas, e em nenhuma. Corramos! Saltemos! Voemos! Arrastemo-nos! Nossa verdadeira identidade é uma fantasia incessante, uma piada infinita. O solene é a tumba. Desconfiemos das caras sérias, elas têm uma máscara que por ser usada há tanto tempo, grudou no rosto. Aí está outra diferença entre nós e o homem. Nós não temos máscaras, somos. Eles, para ser, têm que viver em perpétua batalha para mostrar que são. Nesse jogo, que é a vida, eles sempre perdem, porque estão contaminados pela hipocrisia. Infringiram as regras do grande carnaval. Já não cometem travessuras, mas mesquinhas. Não são joviais, nunca o foram, são criminosos e, o que é pior, desmancha-prazeres e cretinos e, o que é ainda muito pior, solenes e esnobes (ARENAS, 1995, p.197).

Arenas valoriza na citação acima a idéia do prazer, da diversão, da sexualidade, de um sarcasmo sem limites e sem contra-indicações. Os indivíduos devem ter não somente o direito de serem eles mesmos, como também de manifestarem-se livres dos preconceitos sociais aos quais estão constantemente submetidos. Arenas usa o macaco como seu porta-voz, esse discurso é uma convocação à revolução pelo prazer, pela carnavalesco. Ele parece convocar a todos os marielitos a se libertarem de toda hipocrisia.

Não dispomos de tempo e espaço para analisar todos os testemunhos das personagens da novela. O macaco, o coelho e a pomba são apenas três exemplos que decidimos priorizar. O que deve ser ressaltado é que todos os animais que viviam dentro do prédio são metáforas de tipos de refugiados políticos cubanos saídos pelo porto de Mariel. O autor pretende demonstrar que estes refugiados, a exemplo dos animais da novela, estão condenados a viver num ambiente estranho e hostil à sua natureza.

As reuniões no porão são interrompidas quando o macaco concluía o seu discurso. Os animais, entusiasmados pelas suas palavras e gestos obscenos, juntam-se a ele em algazarra, o que alarma todos os moradores do prédio e culmina com a internação do porteiro no hospital psiquiátrico municipal de Nova York. Ele é acusado de, entre outras peripécias, perturbar animais. No hospital, os psiquiatras ficam interessados no caso do paciente que acredita poder comunicar-se com os animais e que pode produzir vários sons simultâneos. Financiados pelo milionário Stephen Warren, proprietário de Cleópatra, a cadela líder do grupo, os médicos começam a fazer várias experiências utilizando vozes de animais gravadas, vídeos, filmadoras, enfim, tudo que supostamente precisassem para desvendar as manifestações de uma raríssima doença recém-descoberta e denominada por eles ventriloquismo magnético. O senhor Warren era o único que não estava certo se Juan era louco ou se realmente conseguia se comunicar com os animais.

Enquanto os especialistas procuram uma razão para sua demência, o porteiro passa horas ouvindo gravações de animais, como se estivesse num verdadeiro zoológico, do qual ele próprio faz parte. Em meio a essa atmosfera, o solitário Juan faz uma viagem de regresso ao seu passado, como pode ser visto abaixo:

Assim, Juan voltava ao passado. E o que encontrava? Encontrava-se a si mesmo, mais magro e jovem, tentando entrar na casa de seus pais, cuja porta havia sido fechada por dentro com a tranca, pois nesse dia, depois de mil artimanhas e riscos, seu pai conseguira carne de porco e Juan, o filho, estava excluído do jantar. Agarrado à porta, junto à fechadura, ele ouvia o pai e a mãe mastigarem com verdadeira paixão. Teria que esperar o fim da refeição para poder se esticar no sofá da sala e dormir... Só restavam as ruas vigiadas, o risco de aventurar-se por elas, sendo jovem e além disso com o cabelo comprido – o cabelo que, num gesto de inconsciente rebeldia, se negava a cortar... (ARENAS, 1995, p. 204).

O autor conduz seu protagonista de volta à adolescência em Havana com o objetivo de desconstruir a imagem de que o socialismo houvesse transformado os cubanos

em cidadãos solidários e livres da mesquinha humana. Na citação acima, Arenas parece pretender sustentar que a ditadura de Fidel Castro somente reforçou o distanciamento entre as pessoas, inclusive dentro das próprias famílias. Ele utiliza como exemplo a repressão do governo cubano, que em 1980 ainda considerava oficialmente como conduta imprópria o uso de cabelos compridos por jovens do sexo masculino. Juan continua seu retorno às suas memórias em busca da sua juventude, que para o autor não é passado, pois segundo ele vivemos sempre presos a ele, como podemos ver a seguir:

Antes, antes, no passado que é para nós sempre presente, pôde ver-se, agora um menino, querendo dormir entre as pernas da mãe, bem dentro, bem dentro, enquanto ela batia nele... Mais adiante, mais adiante, mais adiante, nessa época, nesse passado que para nós não existe, já que queiramos ou não vivemos sempre nele, Juan se vê caminhando enfurecido pelas praias vigiadas de seu país, averiguando, tentando medrosamente averiguar como cruzar o mar, e já se via num globo gigantesco e azul (armado sobre o terraço do prédio coletivo em que vivia), subindo ao céu para sempre, para sempre. Para sempre fugindo daquele lugar onde toda sua infância e adolescência, sua vida, não haviam sido mais que uma tentativa frustrada de ser acolhido por algo que não fosse o campo de trabalho, o serviço militar obrigatório, a reunião, a concentração pública, o encontro oficial e inapelável para que ele entregasse a única coisa que possuía e que de nenhuma maneira poderia desfrutar, sua efêmera – e precisamente por isso maravilhosa – juventude. (ARENAS, 1995, p. 205).

Juan está preso ao seu passado porque este jamais pôde ser apagado. O passado, o presente e as suas expectativas quanto ao futuro são partes indivisíveis dele mesmo. A memória, com efeito, não pode ser vista como um simples passado morto ou um fantasma do que se é hoje. Ela é companheira das horas mais insólitas e, por vezes, conduz as atitudes das pessoas no presente, as quais, por sua vez, interferem diretamente em seu futuro. Nesta passagem, o autor, conscientemente ou não, aproxima-se da meta-história. A partir do retorno imaginário de Juan à sua conturbada juventude em Cuba, o autor interpreta as angústias e traumas que acompanham o porteiro no presente. Suas expectativas quanto ao futuro também estão relacionadas ao seu passado e ao seu presente. Como ele mesmo diz: “o passado que, para nós, é sempre presente”.

A adolescência de Juan, como vimos, é problemática e rebelde, o que não é incomum nesta fase da vida. O que distingue Juan de outros jovens é o fato de ele ir de encontro a uma das mais românticas e propagadas revoluções da história ocidental recente. Reinaldo Arenas pretende contradizer o governo cubano e a esquerda ocidental

demonstrando a trajetória de vida de um *marielito*, no intuito de desconstruir a imagem oficial de dissidência contra-revolucionária. Juan é um adolescente pobre que tem problemas familiares e opta pela rebeldia expressada nos cabelos longos e na crítica ao modelo político vigente em seu país. Modelo este que impõe à juventude um código de conduta extremamente restrito, com o seu serviço militar obrigatório de três anos, a proibição da entrada em determinadas praias do país destinadas exclusivamente ao turismo, a condenação moral do homossexualismo, a restrição política à difusão de obras literárias não conformistas e de ritmos musicais como o rock, além da condenação à recuperação em campos de trabalhos forçados daqueles jovens que insistem em manifestar a sua má conduta. Na visão do autor, resta à juventude apenas o mar e o céu como expectativas de fuga da ilha, que é considerada por vários estrangeiros mal informados um paraíso social. A seguir pode-se ver como Juan expressa o desespero de não poder sair de Cuba:

eu grito no meio do mar, no campo de trabalho, debaixo d'água, caminhando pelo calçadão à beira-mar, sob as árvores ou no meio do trânsito, dentro do trem ou sob a neve ou sob uma palmeira e sobre a areia, quarenta dias e quarenta noites, abrindo e fechando a porta, eu procuro a saída. Então já veremos, já veremos cavalos e elefantes, já veremos céus e corredores, fontes borbulhantes, trepadeiras e desertos, e um caranguejo na lua... (ARENAS, 1995, p. 205-206).

Esta passagem pode ser lida como o poema de um desesperado que luta com todas as suas forças para se evadir de um ambiente hostil à sua natureza, assim como ocorre com os animais domesticados da novela. Juan é um animal enjaulado percorrendo a ilha em busca de uma porta, que por certo se abriu com o fenômeno Mariel; com ele saíram milhares de jovens, de animais enjaulados, uma geração desesperada, a *Geração Mariel*, que após dez anos de exílio nos Estados Unidos já não podia mais seguir vivendo naquele país e tampouco retornar à sua origem. Só restava a esta geração a busca incessante por uma nova porta.

Com o tempo, os psiquiatras se desinteressam pela pesquisa sobre a doença do porteiro. A dedicação dos médicos vai cedendo à medida que o interesse do senhor Warren pelo caso diminui. A situação de Juan se complica e ele está para ser transferido para um hospital-prisão. Os advogados da comunidade cubana entram em ação, mas não podem fazer muito, já que o porteiro insiste em dizer que havia falado com os animais, ou pior, que eles é que haviam falado com ele. Os narradores afirmam que a comunidade já não pode

fazer mais nada para salvar o porteiro, porque não cairia bem a uma comunidade tão influente como a deles defender uma pessoa que julga poder falar com animais, ainda que eles soubessem ser esta a verdade, como pode ser observado na citação abaixo:

Imaginem o prefeito de Miami (um cubano de destaque), ou o de Hialeah (outro cubano proeminente), ou o presidente da Coca-Cola (certamente um cubano), ou o presidente da Universidade Internacional da Flórida (outro cubano), ou o diretor da Editorial Playor (também cubano), ou outras personalidades tão respeitáveis como as mencionadas assinando um documento em favor da alta do hospital de um jovem que afirmava ter ouvido uma mosca falar. E sem dúvida, não apenas ele havia escutado, mas nós também! (ARENAS, 1995, p. 216-217).

O porteiro está condenado à sua própria sorte quando o bando de Cleópatra põe-se em ação e o resgata do hospital psiquiátrico antes que ele fosse transferido. Após o resgate, Cleópatra convence Juan e os integrantes do bando que uma nova fuga se fazia necessária:

Como nós sabemos o que queremos, o que precisamos é consegui-lo. Cada um de vocês, além da grande vontade de fugir, aspira a algo diferente, ou pelo menos não exatamente igual ao que o outro quer. É impossível, então, encontrar um lugar onde se possa viver em relativa harmonia? Não acredito. Se caminharmos rumo ao oeste encontraremos o mar e, andando na direção sul, por toda a costa, encontraremos algum dia uma grande montanha. Em sua base, sob o mar, viverão os peixes, entre as árvores ficaram tranqüilos a pomba e os demais pássaros; haverá, naturalmente, algum lago ou arroio ou lagoa para a tartaruga, pedras quentes para a serpente, terras para os que desejarem cavar, montes para os que quiserem miar ou saltar e, no alto, haverá neve e o urso poderá construir sua residência (ARENAS, 1995, p. 220-221).

O grupo aceita a deliberação de Cleópatra e marcha em direção ao mar à procura da montanha. No caminho, o grupo vai recebendo novos adeptos que também desejam encontrar a “porta”. A caravana chega ao seu destino, na costa do Pacífico, depois de 49 dias de viagem. Após alcançar seu objetivo, Cleópatra comunica sua decisão de partir e convence o porteiro a assumir o seu lugar como líder do grupo. Embora Juan e os demais integrantes do grupo insistam que a líder deve continuar com eles, Cleópatra desaparece para sempre e o grupo continua em seu paraíso desconhecido pelo mundo.

Arenas conclui sua novela defendendo a tese de que uma nova fuga é possível, como também o é a convivência entre os diferentes refugiados do porto de Mariel em torno de uma causa, pois para ele, a porta de saída que eles tanto almejam está na união desses exilados. Enfim, seu ponto de vista era que a construção da identidade da “Geração Mariel” seria a única esperança para esses exilados, os quais estavam destinados a um papel

secundário, tanto em Cuba quanto no exílio. Arenas publicou este livro poucos meses antes de sua morte, em 1990, já bastante debilitado pela AIDS e com absoluta certeza de não estar presente caso sua geração encontrasse a “porta”. Provavelmente Arenas se auto-representou como Cleópatra que conduziu a diáspora dos animais sabendo que jamais poderia viver no destino sonhado, como Moisés, conduzindo os judeus pelo deserto à procura da terra prometida.

Como podemos perceber nas três obras aqui observadas ao mesmo tempo em que elas trazem semelhanças em suas narrativas, principalmente quanto às dificuldades encontradas nas suas experiências vivenciadas; seja em Cuba, quando por motivos semelhantes suas personagens se tornam (assim como os autores) outsiders da proposta revolucionária do homem novo e da nova sociedade; seja no exílio, quando não conseguem se adaptar ao “american way of life”, nem tampouco serem aceitos pela maioria da comunidade cubana estabelecida em Miami. Contudo, encontramos também diferenças, principalmente nos horizontes de expectativas dos autores.

Miguel Correa em tom agressivo afirma que nada poderia ser pior do que as experiências vividas em Cuba, e que a *Geração Mariel*, formada em sua opinião pelos escritores e artistas cubanos que iniciavam uma nova trajetória no exílio a partir de 1980 nos Estados Unidos da América, havia sido forjada pela resistência e estava preparada para enfrentar quaisquer adversidades. Guillermo Rosales, por sua vez, a via como uma geração alquebrada, irremediavelmente perdida. Por fim, Reinaldo Arenas em um tom messiânico propõe a junção de todos os marielitos, escritores ou não, em busca de uma nova forma de representação social e de identidade. Os marielitos deviam se apoiar em sua experiência de vida e urgências do presente para pavimentar um novo futuro que, inevitavelmente devia enfrentar os projetos nacionais e de identidade dos dois pólos hegemônicos em conflito constante na cultura política cubana: os revolucionários em Cuba e a representada pela hegemonia da comunidade cubana de Miami.

Podemos falar desta forma que o que sedimentava a *Geração Mariel* eram as experiências comuns compartilhadas na afirmação de suas diferenças frente a outras representações identitárias cubanas. Desse modo, o grupo, por meio de sua existência fugaz, não teve tempo de consolidar completamente um projeto coerente de identidade Mariel na qual as expectativas de futuro certamente teriam que ser cedo ou tarde contrapostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda hoje o tema que aqui acabamos de apresentar é polêmico e carregado de conotações ideológicas, muitas delas inevitáveis, já que cada pesquisador que se debruça sobre o tema possui uma posição ideológica formada sobre a revolução cubana e o mundo no qual vivemos. O que se deve evitar é que esta opção ideológica se torne asfixiante a ponto de desacreditar a pesquisa, o que esperamos ter conseguido atingir em alguma medida.

Nosso objetivo principal foi compreender a proposta de construção da identidade Mariel por um grupo de escritores e artistas cubanos que se autodenominaram no exílio nos Estados Unidos da América como a Geração Mariel. Para isso, foi necessário estudar as obras literárias desta Geração (em específico as três selecionadas) e a revista-manifesto *Mariel de Arte y Literatura*. A partir da constatação de que a unidade do grupo se deu por fatores extra-literários, revisamos a documentação relativa aos anos de 1960 e 1970 em Cuba com o objetivo de ressaltar o modelo de formação do **homem novo** proposto pelo comando revolucionário nesses anos e a posterior sovietação antes da saída de milhares de cubanos pelo Mariel. Também enfatizamos no estudo do fenômeno Mariel que ele não ficou restrito aos acontecimentos de 1980 em Havana, senão que ele se re-significou nos Estados Unidos da América com a chegada de milhares de *marielitos*. Procuramos mostrar, por uma parte, como a imprensa cubana e de Miami representaram o fenômeno Mariel a partir de charges, fotografias, discursos, entrevistas, reportagens. E, por outra parte, fizemos uma análise seletiva de obras literárias representativas da literatura, também chamada *marielita*, e da revista *Mariel de Arte y Literatura*, com o intuito de expor como os integrantes desse grupo reagiram no exílio aos acontecimentos vivenciados.

Outra preocupação que tivemos foi fugir de um dos maiores problemas quando se estuda a experiência revolucionária cubana, a bi-polarização entre Cuba e os Estados Unidos da América. Não podemos ver os problemas internos de uma nação exclusivamente a partir de suas relações com outra, porque neste caso isso

implicaria, no mínimo, uma total falta de autonomia política da nação cubana em relação à norte-americana. Não pretendemos com esta afirmação evitar ou contornar os problemas políticos que cercam estes dois países vizinhos. O que afirmamos é que essa relação não pode explicar cada movimento interno cubano numa teoria de causa e efeito que, além de simplista, significaria que quaisquer acertos e erros se devessem exclusivamente à hegemonia norte-americana, o que, de fato, é infundado, como o prova a própria revolução cubana e a sua longevidade.

O nosso objeto de estudo, *A Condição Mariel*, é antes de tudo, um fenômeno com raízes na cultura cubana e é explicado pelas lutas internas em Cuba nos anos que se seguiram à revolução, o que, evidentemente, não exclui os Estados Unidos da América, mas o coloca em seu devido lugar, ou seja, ocupando um papel secundário na explicação dos atritos que colocam parte da juventude cubana em oposição ao governo revolucionário de seu país, sobretudo, no início da década de 1970.

Como observamos ao longo desta tese, a principal tarefa do governo revolucionário, a partir de 1961, foi a de se preocupar com a construção de uma nova sociedade e, sobretudo de um **homem novo** capaz de dar sentido à perpetuação da revolução. Tentamos indicar até que ponto a intenção de construir uma juventude revolucionária nos moldes exigidos pelo comando revolucionário cubano serviu como estopim para a deflagração do êxodo do Mariel. A nosso ver, a formação da juventude por meio da ética do trabalho foi o paradigma da revolução cubana na década de 1960. Foi precisamente em torno desse paradigma que a Geração Mariel teceu suas principais críticas, revelando o caráter repressivo utilizado pelo regime para converter o jovem cubano num revolucionário.

A ansiedade por transformar a ilha e por mudar o presente levou a revolução a enfrentar algumas tradições da sociedade cubana e a tentar impor uma nova moral. As religiões, a boemia, a prostituição e a homossexualidade passam a serem encarados como sintomas de decadência de um passado indesejado. O novo código ético e moral implantado pelo governo e a crença redentora na re-educação moral por meio do trabalho levaram nos anos 60 à criação das Umaps. Posteriormente, após o caso Padilla e o Congresso de Educação e Cultura de 1971, acentua-se o controle comportamental por meio de leis (de extravagância, de vagância, etc.) que

aumentaram a repressão ao homossexualismo em Cuba. Essa temática é uma das principais questões que a Geração Mariel vai re-discutir no exílio, tanto na revista *Mariel de arte y literatura* como em duas das obras analisadas nesta tese, *O Porteiro* de Reinaldo Arenas e *Al norte del infierno* de Miguel Correa.

Dessa forma, a Geração Mariel foi vista aqui como um grupo político-literário que almejou construir uma nova identidade a partir do desterro nos Estados Unidos da América. Assim, a consolidação do grupo se deu especialmente a partir das discussões em torno da criação de um projeto que os unificasse. Daí surge o despertar da consciência de não-pertença. Acreditamos ter demonstrado ao longo desta tese que a situação vivenciada pelo grupo, tanto em Cuba como nos Estados Unidos, fez deles uns *outsiders*, e é precisamente desde essa condição que eles escreveram e se manifestavam.

Na primeira parte da tese vimos que um dos primeiros e principais projetos do comando revolucionário foi à tentativa de “desconstruir” o sistema de valores pré-existentes na sociedade cubana e fazer uma nova configuração social que pudesse afastar a ideologia capitalista das novas gerações da recém criada nação socialista. Contudo, não foi simples estabelecer uma fronteira entre o novo e o velho sistema de valores. O que demonstra que quase sempre o novo já nasce velho. A alternativa de redirecionar o imaginário coletivo da ilha por meio de uma espécie de cirurgia depurativa demonstrou os limites culturais contra os quais o regime cubano esbarrou ao tentar modificar algumas tradições e práticas culturais. Nem a sociedade cubana se transformou dentro das dimensões propostas pelo comando revolucionário, e tampouco a própria direção da revolução estava imune ao tradicional sistema de valores que ela pretendia fazer desaparecer. O tratamento dispensado à homossexualidade, à rebeldia comportamental juvenil, aos intelectuais descontentes e à liberdade de expressão, etc., mostrou suas próprias raízes, muito semelhantes à antiga tradição ibérica e cristã da ilha.

Na segunda parte, evidenciamos como um incidente histórico, a invasão da Embaixada do Peru, desencadeou uma das maiores evasões do bloco socialista em direção ao centro do capitalismo em plena guerra fria. Após os meses em que se deu a travessia do canal da Flórida, ocorreu uma outra surpresa: pela primeira vez após a

revolução de 1959, o governo cubano e a comunidade exilada em Miami convergiram numa mesma opinião, ou seja, na convicção de que os homossexuais, doentes mentais, prostitutas, jovens cabeludos, alcoólatras, entre outras formas de “desajuste social” que representavam os dissidentes que haviam deixado a ilha pelo porto de Mariel, envergonhavam a nação e a cultura cubana. Os cubanos que saíram pelo Mariel em meio a ritos coletivos de repúdio, chamados de escória, anti-sociais e *gusanos*, passaram instantaneamente a ser estigmatizados em Miami como *marielitos*. Atravessaram a fronteira da guerra fria, mas carregaram consigo as marcas indeléveis do estigma.

A Geração Mariel no desterro nos Estados Unidos da América passou a desafiar o papel que lhe era destinado tanto na ilha quanto no exílio. A saída foi construir uma alternativa de identidade que desafiasse os projetos políticos hegemônicos existentes na “cubanidade”. A fórmula encontrada foi a publicação da revista *Mariel de Arte y Literatura*, por meio do qual o grupo passou a questionar a experiência socialista na ilha, a postura da esquerda latino-americana e norte-americana que, em 1980, apoiava o governo cubano irrestritamente, e a comunidade cubana de Miami por causa do seu machismo, conservadorismo e integração ao *American Way of Life*.

A “Geração Mariel” empreendeu não só uma tentativa de construção de uma identidade a partir da diferença, mas também a luta pela história de suas próprias vidas. Uma história na qual eles passavam a ser os protagonistas de suas trajetórias de vida e não mais seriam apenas números estatísticos como o eram para a historiografia oficial cubana e para os cubanólogos, ambas, na época, interpretações de cunho economicista e que tratavam quase via de regra o êxodo pelo Mariel em função da crise econômica que afetou a ilha com a crise do petróleo nos anos 1970 e, ou do embargo econômico imposto pelos Estados Unidos da América. As divergências se davam apenas no campo ideológico, entre os que defendiam o governo cubano e os que o criticavam.

A historiografia oficial cubana comodamente preferia não trabalhar com fenômenos recentes; os historiadores cubanos de Miami recusaram-se a analisá-los. Mesmo hoje, o fenômeno Mariel é uma lacuna na historiografia cubana. Embora não

se possa dizer o mesmo com relação à historiografia cubana realizada nos Estados Unidos da América, que tem aumentado consideravelmente o seu interesse pela literatura dos exilados cubanos.

A opção teórica de interpretar o fenômeno Mariel a partir da narrativa dos integrantes da Geração Mariel nos levou à utilização da meta-história de Koselleck como nosso principal suporte. A perspectiva hermenêutica dessa teoria em muito favoreceu nosso trabalho, pois pudemos nos concentrar na visão do grupo sobre os acontecimentos que marcaram suas vidas sem questionar se a interpretação do grupo era equivocada ou não. O que pretendíamos era, a partir do horizonte de expectativa e espaço de experiência destes indivíduos, analisar o processo de construção da identidade Mariel, sem supervalorizar ou desvalorizar esta opção.

O diálogo com a literatura por meio das obras de alguns dos componentes do grupo foi uma experiência notável, pois pudemos ver até que ponto o exílio causa seqüelas naqueles que, por circunstâncias históricas específicas, perdem a possibilidade de retorno às suas origens. A memória, nestes casos, não é apenas mais um instrumento capaz de colocar à prova ou de falsear detalhes confusos ou esquecidos do passado. A memória, para os representantes da “Geração Mariel”, era a única fonte de sentido. Eles não acreditavam na história oficial cubana e tampouco em qualquer narrativa histórica do exterior referente ao seu país e à sua realidade social, a qual, na opinião deles, somente os que lá haviam nascido e crescido conheciam. A opinião de consenso destes escritores e artistas era que ou se escrevia em defesa da revolução ou se escrevia em defesa da comunidade cubana de Miami, ou seja, não havia nada imparcial quando o assunto era Cuba. A Geração Mariel não se sentia representada pelas narrativas que pouco lhes dizia sobre o que eles haviam vivenciado.

O grupo literário Geração Mariel, ao descrever sua história de vida, por certo não interpretou os acontecimentos de maneira completamente imparcial. Sabemos que a memória é sempre seletiva e parcial, e que o grupo analisou a história de Cuba tendo a si mesmo como protagonista e, evidentemente, utilizando a interpretação dos acontecimentos a seu favor. A narrativa da Geração Mariel é também, como vimos, uma luta pelo reconhecimento social. Contudo, não se pode, com esse argumento,

rejeitar a narrativa da “Geração Mariel”. O grupo tem o direito de narrar sua própria versão, de defender seus argumentos e de tecer sua narrativa histórica. O que não se pode confundir com a verdade dos fatos! Se existe a possibilidade de nos aproximarmos de uma objetividade histórica de forma científica, é bem provável que possamos encontrá-la por meio de diversas narrativas e não em apenas uma, supostamente mais verdadeira.

Os integrantes da Geração Mariel passaram a vivenciar uma nova realidade que em pouco tempo se manifestou com os contornos de uma identidade, o que, evidentemente, não implica uma proposta de substituição da identidade cubana, mas uma re-significação desta. Não eram mais simplesmente cubanos e tampouco apenas cubanos exilados. Não pretendiam serem confundidos com a próspera comunidade cubana de Miami. Eles eram os cubanos da “Geração Mariel” e necessitavam construir uma justificativa ideológica para esta identidade. Segundo RICOEUR (1977, p. 68) a ideologia expressa, antes de tudo, a necessidade de um grupo social, de se conferir uma imagem de si mesmo, de representar-se, no sentido teatral do termo, de representar e encenar. Desta forma, a “Geração Mariel”, ao iniciar o processo de construção de sua identidade, passou a construir sua versão da história, suas justificativas e suas expectativas, aquilo que constituía a ideologia do grupo.

O exílio é recorrente não só em Cuba ou no Caribe, como em muitas outras partes do mundo. Expressá-lo na literatura também não é incomum. O que torna especial o fenômeno Mariel é a rejeição destes exilados pela sua própria comunidade. A rejeição dos próprios compatriotas é algo incomum no que se refere a comunidades de exilados políticos, que na maioria dos casos lutam para trazer o maior número possível de compatriotas para viver no exílio. A comunidade cubana de Miami efetivamente procurava trazer os dissidentes para os Estados Unidos da América e, inclusive, ela mesma custeou as embarcações que recolheram os refugiados do porto de Mariel. A rejeição e estigmatização a desses novos refugiados cubanos deu-se, exclusivamente, ao fato de eles não corresponderem às expectativas dos que já se encontravam em Miami.

Devemos ressaltar que a proposta dessa investigação não foi condenar à experiência revolucionária cubana, que teve êxitos sociais inegáveis. Mas ao mesmo

tempo não podemos deixar de apontar suas ambigüidades e equívocos. O que seria antes de tudo uma ofensa à própria dialética marxista. Por um lado, acreditamos que, somente ao explorar os equívocos e contradições da experiência cubana, é que se poderá evitar que estes se reproduzam em novas alternativas de transformação social. Por outro lado, sem crítica, a alternativa cubana jamais se oxigenará; o que, com efeito, é o mesmo que condená-la mais cedo ou mais tarde ao retorno do que era antes da revolução de 1959. O que não acreditamos que seja uma alternativa aos problemas que narramos ao longo deste trabalho. Desta forma, não acreditamos que a esquerda deva evitar criticar pressupostos que ela condena, apenas por se tratar de Cuba, e tampouco explicar tudo como consequência do bloqueio norte-americano. Não é por ser condescendente com a revolução cubana que os seus equívocos desaparecerão. Acreditamos que se deve estudar qualquer sociedade e a sua estrutura de poder, e que essa é uma tarefa que jamais deve ser interrompida em nome de qualquer argumento ideológico. Defendemos a representação do intelectual proposta por Edward Said: um *outsider* que deve sempre ter autonomia para questionar o poder estabelecido em qualquer configuração social e política.

Para finalizar, é preciso ressaltar que o grupo de escritores que constituiu a “Geração Mariel” procurou construir uma identidade que estivesse mais próxima da sua condição marginal e da sua história de vida. Portanto, esta identidade é também uma forma de protesto contra um modelo de história que limita a participação dos indivíduos na construção de suas próprias histórias de vida.

Referências

ABREU, Juan. La pasión de Ruby Rich. **Revista Mariel** de arte y literatura, Nova York; Miami, Año II, No.6, verano de 1984, p. 34-35.

----- Pequeño elogio de la escoria. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**, Madrid, n. 8/9, p.135-139, primavera/verano, 1998.

ALBERTO, E. **Informe contra mi mismo**. Madrid: Editora Santillana, 1997.

ALMENDROS, N; JIMÉNEZ-LEAL, O. **Conducta Impropia**. Madrid, Editorial Playor, 1984.

ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

----- **Imagined Communities**. Londres: Verso, 1983.

ARENAS, R. La generación del Mariel. **Noticias de Arte**, Miami, año 6, n. 11, p. 2, 1981.

----- La isla en peso con todas sus cucarachas. **Revista Mariel de Arte y Literatura**, Nova York ; Miami, año 1, v. 2, p.20-24, 1983.

----- La generación del Mariel. **Revista Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami Año 2, v. 6, p.34-35, 1984.

----- **Antes que anochezca**. Barcelona: Tusquets, 1992.

----- **O Porteiro**. Tradução de Silvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, 1995.

----- Desgarramiento y fatalidad en la poesía cubana, Confluencias, José María Heredia, Juan Clemente Zenea y Gertrudes Gómez de Avellaneda, **revista Mariel** de Arte y Literatura, Nova York; Miami, Año II, No.6, verano de 1984, p. 22-23.

----- Con el oleaje en la mirada. In **Al norte del infierno**, Nueva York, Artimaña Libros, 2007, p. XI- XIII.

BANSART, A. et al. ed. . **Memoria, nostalgia y exilio**. Caracas: Aveca, 2000. 107 p.

BARQUET, J. Sección Cartas, **revista Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, año I, No.4, invierno de 1984, p.25

BARQUET, J. La generación del Mariel. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid, No. 8/9, primavera/verano de 1998, p. 110-125.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e historia da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOTO, Carlota. **A Escola do homem novo**: entre o iluminismo e revolução francesa. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

BOURDIEU, P. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

BUFFIL, Elio Alba. *La narrativa de Labrador Ruiz*, **revista Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año I, No.3, otoño de 1983, p. 20.

CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

CARTA de los lectores, **revista Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año II, verano de 1984, p.28

CARTA de Scott Tucker a *The New York Native*, **revista Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año II, No.5, primavera de 1984, p. 11.

CASTAÑEDA, Jorge. **A utopia desarmada**: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latinoamericana. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTILLÓN, Juan Carlos. *Miami: exílio y literatura II*. Disponível em: <http://www.Penultimosdias.com/2006/09/01/Miami-exilio-y-literatura-ii/>

CASTRO, F. Editorial, revista **Bohemia**, año 72, N° 28, 11 de julio de 1980. Pp.03.

----- Editorial. Revista **Bohemia**, La Habana, año 72, No. 28, 11 julio de 1980, p.03.

----- **Hoy somos un pueblo entero conquistando el porvenir**. México: Siglo XXI editores, (tercera edición), 1976.

----- **Análisis histórico de la revolución cubana**. La Habana, Editora Política, 1982.

----- **En marcha victoriosa hacia el futuro**. La Habana: Editora Política, 1988.

----- **Presente y Futuro de Cuba**. La Habana: Oficina de publicaciones del Consejo de Estado, 1991.

----- **Rectificación**. Sobre el proceso de rectificación en Cuba. La Habana: Editora Política, 1990.

----- **Un país dueño de sus destinos**. La Habana: Editora Política, 1990.

----- Cuando la política de un Estado poderoso carece de principios y sus gobiernos carecen de moral. revista **Bohemia**, año 72, N° 17, 25 de abril de 1980, pp. 48-49.

----- Discurso de clausura del Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura, 30 de abril de 1971. Disponible en: www.cuba.cu/gobierno/discursos/1971

----- **A história me absolverá**. São Paulo, editora Alfa-Omega, 1986.

----- Discurso 5 de março de 1960. Disponible en: www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960.

----- **1961a**, Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la república, 16 de abril de 1961. Disponible en: <http://cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160461e.html>.

----- **1961b**, Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz como conclusión de las reuniones con los intelectuales cubanos, efectuados en la Biblioteca Nacional el 16, 23 y 30 de junio de 1961. Disponible en <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f300661e.html>.

----- Periódico **Granma**, La Habana, 14 de abril de 1966, p. 3.

CIFUENTES, René. Los parámetros del paraíso, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año II, No.5, primavera de 1984, p.12.

CRESPO, Francisco Julio: **Bandidismo en el Escambray 1960-1965**. La Habana, Editorial Ciencias Sociales, 1986.

COLINA, José de la. Perfil Heberto Padilla, revista **Letras Libres**, Madrid, 2000, p.90-92.

CONFLUENCIAS, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año I, No.1, primavera de 1983, p.18

CONFLUENCIAS LEZAMA LIMA, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año I, No.1, primavera de 1983, p. 18-20

CONFLUENCIAS VIRGILIO PIÑERA, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año I, No.2, verano de 1983, p. 17-21.

CONFLUENCIAS LABRADOR RUIZ, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año I, No.3, otoño de 1983, p. 18-20.

CONFLUENCIAS CARLOS MONTENEGRO, **revista Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año I, No.4, invierno de 1984, p. 18-20.

CONFLUENCIAS JOSÉ MANUEL PÓVEDA, **revista Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año II, No.5, primavera de 1984, p. 18-20.

CONFLUENCIAS JOSÉ MARIA HEREDIA, JUAN CLEMENTE ZENEA y GERTRUDES GÓMEZ DE AVELLANEDA, **revista Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año II, No.6, verano de 1984, p. 20-23.

CONFLUENCIAS GASTÓN BAQUERO, **revista Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año II, No.7, otoño de 1984, p. 18-20.

CONVENCIÓN sobre la eliminación de todas las formas de discriminación contra la mujer, artículo 6. Disponible em: www.mujeres.cubaweb.cu/cedaw/texto/03.html.

CÓRDOBA, José de. Discriminan cubanos a los de Mariel, **El Nuevo Herald**, Miami, 04 de outubro de 1985, p.1.

CORREA, M. Generación del Mariel. In: **Festival de las Artes/3er. Aniversario del Mariel. Cuba: pintores y escritores en el exilio**. Miami: Ediciones Miami, p.30-31, 1983.

-----, **Al norte del infierno**. Nueva York, Editorial Artimaña Libros, 3ª. Edición, 2007.

DECLARACIÓN DE LA UNEAC. [Comité Director de la Unión de Escritores y Artistas de Cuba] 15 de noviembre de 1968. Disponible em www.literatura.us/padilla/uneac.html. 2007-julho.

DIAZ, Manuel Martinez. Intrahistoria abreviada Del caso Padilla. www.literatura.us/padilla/diaz.html. 2007

DÍAZ, M. M. El caso Padilla: crimen y castigo. Revista **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madrid, n. 4/5, p.88-97, primavera/verano, 1997.

DICTAMEN del Jurado del Concurso de la Uneac, 1968. [Cohen, J.M; Calvo, César; Lezama Lima, José; Tallet, José Z.; Diaz Martinez, Manuel]. Disponible em www.literatura.us/padilla/dictamen.html. 2007-julho.

DOCUMENTARIO, **Miami - Havana** dirigido por Estela Bravo, co-produção Cuba/UK/US, 1994, duração 52 minutos.

DOMINGUEZ, Jorge I. **Cuba: order and revolution**. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

----- Cuba 1959-1990. In: BETHEL, L., ed. **História de América Latina, México y el Caribe desde 1930**. Barcelona: Editorial Crítica Grijalbo Mondadori, tomo 13, p.145-227, 1998.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

ECAY, Roberto Madrigal; BALLAGAS, Manuel F. Editorial, revista **Término**, Primavera-Spring, 1983, publicación trimestral, Ohio, p.3

ECHARRY, Alfredo. “Los chicos del cuarto mundo”. **Juventud Rebelde**, 10/10/1968, p.3-4.

EDITORIAL, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, año 1, No.1, primavera de 1983, p.2

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ENCINOSA, Enrique C. **Cuba en Guerra**. Historia de la oposición anti-castrista 1959-1993. Miami, Cuban American Studies, 1994.

ENTREVISTA DE Napoleón Vilaboa a Edgardo Menéndez, publicada no jornal cubano-americano *Réplica* (21/05/1980). Disponível em: <http://www.latinamericanstudies.org/dialogue/vilaboa-5-21-80.pdf>.

FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao socialismo**: a revolução cubana. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1981.

FUENTES, Fulvio. Marcha de la combatividad. Revista **Bohemia**, 25/04/1980, p. 48-50.

FURIATI, C. **Fidel Castro – uma biografia consentida**. Tomo II. Do subversivo ao estadista. Rio de Janeiro, editora Revan, 2001.

GARCIA-PÉREZ, Gladys Marel. **Insurrección y Revolución 1952-1959**. Havana, Unión, 2006.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1988.

GONZÁLEZ-PANDO, Miguel. Development stages of the “cuban exile country”. **CTp**, Cuba Transition Project, Intitute for Cuban & Cuban-American Studies. University of Miami, Miami, Florida, August 2004, p.50-65.

GOTT, Richard. **Cuba, uma nova história**. Rio de Janeiro, Zahar ed., 2006.

GUEVARA, Ernesto Che. El hombre nuevo. In **Fuentes de la Cultura Latinoamericana**. (Leopoldo Zea, org.). México, D.F, editorial Fondo de Cultura Econômica, 1993, p.319-334.

GUEVARA, Ernesto Che. Discurso 08/08/1961 In **Escritos y discursos**. La Habana, ediciones políticas, 1977.

HABLEMOS CLARO, **revista Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año II, No.5, primavera de 1984, Miami, p.9.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5ª edição. –Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HAMM, Mark S. **The abandoned ones: the imprisonmet and uprising of the Mariel boat people**. Boston, Northeastern University Press, 1995.

HAY QUE HERVIRLOS. revista **Mella**, La Habana, 07 de junho de 1965, p.

HEMINGWAY, E. **O velho e o Mar**. Rio de Janeiro; São Paulo: O Globo, 2003.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

HOMENAJE A JOSÉ MARTÍ, **revista Mariel de Arte y Literatura**, Año II, No.8, invierno de 1985, p. 1-28.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed.34, 2003.

IBARRA, I. **Cultura y poder en Cuba (1980-1990)**. Memorias, experiencias y silencios de la revolución. 2000. 297 p. Tesis Doctoral, Universidad Complutense, Madrid.

JAUSS, H. R. **La historia de la literatura como provocación**. Barcelona: Península, 2000.

KAROL, K.S; POMERANS, A.J. **Guerrillas in Power: the course of the cuban revolution**. New York, Hardcover, Hill & Wang, 1970.

KOHAN, Nestor. “La revolución bolchevique en el Río de la Plata”, 04 de novembro de 2007. Disponível em: www.boltxe.info/berria/?p=7286.

KOSELLECK, R. **Futuro pasado**: para una semántica de los tiempos históricos. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

LA GRAN batalla del estudiantado, revista **Mella**, La Habana, 31/05/1965, p.

LAFARGUE, P. **O Direito à Preguiça**. São Paulo: Claridade, 2003.

LA POSICIÓN de Cuba, revista **Bohemia**, La Habana, 11 de abril de 1980, p. 51-52.

LA ÚLTIMA página, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año II, No.8, invierno de 1985.

LARZELERE, A. **Castro's ploy** – America's dilemma: the 1980 cuban boatlif. Washington, National Defense University Press, 1988.

LEI No 3 del Ejército Rebelde de 1958. La Habana, Ed. Lex, 1959.

LEVI, G.; SCHMITT, J.C. **História dos jovens**. Da antiguidade à era moderna. Volume I. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

----- . **História dos jovens**. A época contemporânea. Volume II. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

LEYES cubanas contra el homosexualismo, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Nova York, Año II, No.5, primavera de 1984, p.8.

LORENZO, Ismael, Fort Chafee, revista **Término**, Ohio, primavera de 1984, p.7.

LÖWY, Michael (org.) **O marxismo na América Latina**: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006 (2ª.edição ampliada), 585 p.

LÖWY, Michel. **El pensamiento de Che Guevara**. México, Siglo Veintiuno, 1987

----- . **O pensamento de Che Guevara**. São Paulo, editora Expressão Popular, 2003.

MARX and Engels Through the Eyes of Their Contemporaries. Progress Publishers, 1972. Disponível no site <http://www.marxists.org/archive/lafargue/1890/xx/marx.htm>

MARX, K. **Manuscritos econômico- filosóficos** e outros textos escolhidos. São Paulo, editora Abril Cultural, 1978.

MATOS, O. Prefácio. **O direito à Preguiça**. São Paulo: Claridade, 2003.

MAO JÚNIOR, J. R. **A revolução cubana e a questão nacional (1868-1963)**. São Paulo: Ed. do Autor, 2007.

MÁS QUE UM EPISÓDIO Mariel, revista **Mariel de Arte y Literatura**, año II, No.5, primavera de 1984, p.2

MEIER, C. Sobre o conceito de identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 10 , p. 329-347, jun./dez., 1989.

MESA-LAGO, C. **Breve historia económica de la Cuba socialista**: política, resultados y perspectivas. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

----- **Dialéctica de la Revolución Cubana**: del idealismo carismático al pragmatismo institucionalista. Madrid: Editorial Playor, 1979.

MIGNOLO, Walter. Decires fuera de lugar: sujetos dicentes, roles sociales y formas de inscripción. **Revista de Crítica Literária Latinoamericana**. Lima/Berkeley, n. 41, p. 9-31, 1995.

MISKULIN, Silvia Cezar. **Cultura e Política em Cuba**: os debates em Lunes de la revolución. Dissertação de Mestrado, Usp, 2000.

----- Os intelectuais cubanos e a política cultural da revolução (1961-1975). Programa de pós-graduação em História Social da USP, 2005.

----- A política cultural no início da Revolução Cubana: o caso do suplemento cultural Lunes de Revolución. Disponível em: <http://www.revistaoutubro.com.br/edições/06/out6-07.pdf>. p. 77-90.

MÖLLER, Haidy G., Los homosexuales en la Cuba actual, **revista Mariel de arte y literatura**, Nova York; Miami, Año II, primavera de 1984, p.13.

MONSIVÁIS, C. La Revolución Cubana: los años del consenso. Revista Encuentro de la Cultura Cubana, Madrid, n. 16/17, p. 74-80, primavera/verano, 2000.

MORGADO, Márcia, No muy lejos del mar, Confluencias, Carlos Montenegro, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Año I, No.4, invierno de 1984, p.20.

NOTICIAS del Mariel. Revista **Bohemia**, La Habana, año 72, n. 17, 25 abr., p. 45, 1980.

NUESTRA Opinión, revista Alma Mater, La Habana,

NUEZ, Iván de la. Mariel en el extremo de la cultura. Revista **Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid, No. 8/9, primavera/verano de 1998, p. 105-109.

NUÑEZ JIMÉNEZ, A. **En Marcha con Fidel**. La Habana, Letras Cubanas, 1982.

PACTO DE CARACAS, 20 de Julio 1958. Disponível em:
<http://www.newsgroups.derkeiler.com/archive/soc/soc.culture.cuba>. Acesso em: 12 de dezembro de 2008.

PADILLA, Heberto. Fuera Del Juego. Disponível em www.literatura.us/padilla/fuera.html. 2007

PADILLA, H. El escritor y el exilio. Revista **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madrid, n. 19, p.5-9, invierno, 2000/2001.

PATTERSON, E. La revolución de Fuera del Juego. Revista **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madrid, n. 19, p. 21-40, invierno, 2000/2001.

PAZ, Juan Valdés. **Procesos agrários em Cuba, 1959-1995**. Havana, Editorial Ciencias Sociales, 1997.

PEDRAZA, Silvia. **Political Disaffection in Cuba's Revolution and Exodus**. New York, Cambridge University Press, 2007.

------. Cuba's refugees: manifold migrations. **CTP**, Cuba Transition Project, Intitute for Cuban & Cuban-American Studies University of Miami, Miami, Flórida, 1995, p. 311-329.

PÉREZ, Eugenio Suárez. "Campana de Alfabetización 1961. Una batalla verdaderamente épica." Disponível em:
www.bohemia.cu/2006/12/05/historia/alfabetización.html.

PIÑERA, Ileana Pérez. La pequeña Habana: la narrativa cubana y la construcción de patria en el exilio. In: BANSART, A. Et al. ed. **Memoria, nostalgia y exilio**. Caracas: Aveca, 2000. p. 69-79.

PÉREZ JUNIOR, Louis A. **Ser cubano: identidad, nacionalidad y cultura**. La Habana, Editorial Ciencias Sociales, 2006.

PÉREZ –STABLE, M. **La revolución cubana: orígenes, desarrollo y legado**. Madrid, editorial Colibri, 1993.

PÉREZ VIDAL, A. **Muchas Gracias...Marielitos. Siete años después**. Miami, ediciones Universal, 1988.

PESAVENTO, S.J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 5, n.29, p.9 -27, 1997.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. Revista **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, No.10, 1992, p.200- 212.

----- Memória, esquecimento, silêncio. Revista **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, No.3, 1989, p.3-15.

PONCE, Aníbal. **Educación y lucha de clases**. Havana, Imprenta Nacional de Cuba- Ministerio de Educación, 1961.

----- **Humanismo burgués y humanismo proletario** (prólogo de Juan Marinello). Havana, Imprenta Nacional de Cuba, Ministerio de Educación, 1962.

PORTES, Alejandro; STEPICK, A; CLARK, Juan. **Three years later: the adaptation process of 1980** (Mariel) Cuban and haitian refugees in south Florida. Miami, Latin American and Caribbean Center, Florida International University, 1985.

¿Que Carazo se trae Carazo? Revista **Bohemia**, La Habana, 16 de maio de 1980, p.48-49.

RAMOS, Reinaldo Garcia. Póveda, nuestro aspirante a maldito, *Confluencias*, José Manuel Poveda, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Año II, No.5, primavera de 1984, p. 20.

RAMOS, R. G. Los narradores perseguidos. Revista **Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, año 1, v. 2, p.27-28, 1983.

RETRATO de um cubano gay em Miami, entrevista de Ana Maria Simó a Alex Oyanguren, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, Año II, No.5, primavera de 1984, p.14-15.

RICOEUR, P. **Interpretação e ideologías**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papyrus Editora, Tomo 3, 1997.

RIPOLL, Carlos. La generación del Mariel, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Nova York; Miami, año I, No.2, verano de 1983, p.29-30.

RITTER, Arch R.M. “Estrategias de movilización y recursos humanos en Cuba revolucionaria” In **Cuadernos de Economía**, Instituto de Economía da Potificia Universidad Católica de Chile, vol.11, 1974, p.

RIVERO, R. Heberto Padilla: tiempo al tiempo. Revista **Encuentro de la Cultura Cubana**, Madrid, n. 19, p.19-21, invierno, 2000/2001.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. **Letra con filo**. La Habana, editorial Ciencias Sociales, 1983.

RODRÍGUEZ CRUZ, J. Carlos. **Hombres del Escambray**. La Habana, Editorial Capitán San Luis, 1990.

ROJAS, Rafael. “Anatomia do entusiasmo: cultura e revolução em Cuba (1959-1971)” in **Tempo Social**, vol. 19, no 1, São Paulo, 2007.

ROS, Enrique. **La Umap: el gulag castrista**. Miami, ediciones Universal, 2004.

ROSALES, Guillermo. **Boarding Home**. – Miami, Ed. Universal, 1984.

SAID, E. **Representações do intelectual**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Fabiola. Miles de entrantes del Mariel siguen sin llenar inscripción, **El Nuevo Herald**, Miami, Flórida, 20 de janeiro de 1985, p.1

SARTRE, J.P. **Sartre no Brasil – A conferencia de Araraquara**. São Paulo, editora Unesp, 2005.

SENA, C. S. **Os dois Brasis: um estudo do dualismo nas interpretações do Brasil**. 2000. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.

SERRANO, Pio. Notas para una posible lectura de Gastón Baquero, *Confluencias*, Gastón Baquero, revista **Mariel de Arte y Literatura**, Año II, No.7, otoño de 1984, p. 20.

STARITA, Joe. Mariel: alta tasa de criminalidad, **El nuevo Herald**, Miami, Flórida, 24 de abril de 1983, p.4

SUÁREZ AMADOR, José. **La lucha contra bandidos en Cuba**. La Habana, Editorial Letras Cubanas, 1981.

SZULC, T. **Fidel: um retrato crítico**. São Paulo: Best Seller, 1987.

THOMPSON, A. Reconpondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História 15**, São Paulo, n. 15, p.51-85. Editora PUC-SP, 1997.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditações do Quixote**. São Paulo, Iberoamericana, 1967.

VALDÉS, 2005

VALERO, R. La generación del Mariel. Revista **Término**, Miami, año 2, v. 5, p.14-16, 1983.

VALPER, E. “El noticiero de la embajada” in revista **Bohemia**, La Habana, Año 72, n. 20, 16/05/1980, p.

VARGAS LLOSA, Mario. **Dicionário Amoroso da América Latina**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.

VIDA y Milagros de Florito Volandero, 1965

VICTORIA, Carlos. Fragmentos del Mariel. Revista **Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid, No. 8/9, primavera/verano de 1998, p. 133-135.

VILLAÇA, Mariana Martins. **O Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)**. Programa de pós-graduação em História Social da USP, 2006.

WASHINGTON mantém silêncio estrito sobre a sabotagem ao navio francês. Disponível em: [http:// www.granmai.cubasi.cu/portugues/2006/marzo/mier15/12lacoubre-p.html](http://www.granmai.cubasi.cu/portugues/2006/marzo/mier15/12lacoubre-p.html).